



CEC 2014

Congresso de Extensão e Cultura
memória e muitos tempos

Anais do evento



Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
Ubirajara Buddin Cruz – CRB 10/901

C749a Congresso de Extensão e Cultura da UFPel (1. : 8-12 set
2014 : Pelotas)

Anais do...: memórias e muitos tempos [recurso eletrônico] /
1. Congresso de Extensão e Cultura da UFPel ; org. Francisca
Ferreira Michelin, João Fernando Igansi Nunes, Denise Mar-
cos Bussoletti. – Pelotas: Ed. da UFPel, 2015. 810p. : il.

Modo de acesso: <wp.ufpel.edu.br/congressoextensao>

ISSN: 2359-6686

1.Extensão. 2.Cultura. 3.Universidade. I.Michelin, Francisca
Ferreira. II.Nunes, João Fernando Igansi. III.Bussoletti, Deni-
se Marcos. IV.Título.

CDD: 378.175



Congresso de Extensão e Cultura
memória e muitos tempos

Prof. Mauro Augusto Burkert Del Pino

Profª. Denise Marcos Bussoletti

Comitê Executivo

Prof. Adalberto dos Santos Júnior

Prof. Carlos Alberto Oliveira da Silva

Profª. Celina Maria Britto Correa

Profª. Denise Marcos Bussoletti

Prof. Evandro Piva

Profª. Francisca Ferreira Michelin

Prof. José Everton da Silva Rozzini

Profª. Márcia Alves da Silva

Profª. Nôris Mara Martins Pacheco Leal

Coordenadores

Joice Soares

Secretária do CEC

Maria Jandira Salum

Taís Ulrich Fonseca

Mateus Schmeckel Mota

Thayse Pereira Siqueira

Claudia de Oliveira Farias

Camila da Silva Corrêa

Gabriela Bacelo Heidrich

Glauco Roberto Munsberg dos Santos

Isadora Peixoto Pickersgill

Juliana Caroline da Silva

Luis Renato Macedo Sanches

Priscilla Santana do Espírito Santo

Renan Bandeira Curi Halal

Thiago das Neves Lopes

William Lobato

Vinícius Camargo Zientarski

Comissão Organizadora

Prof. João Fernando Igansi Nunes

Diretor de Arte

PET Artes Visuais

Identidade visual do CEC 2014

Pedro Pazitto Galhardi

Designer Gráfico e Editorial do CEC 2014

Aline Alvarez

Designer Digital do CEC 2014

Tuany Borges

Editoração Eletrônica dos Anais do CEC 2015



CEC 2014

Congresso de Extensão e Cultura
memória e muitos tempos

Comitê de apoio

Adienez Nobre Parada Castro
André Maragno
Andreia Santos Peixoto
Andressa Da Rocha Bastos
Andressa Pedreira Fraga
Bárbara Ponzilacqua Silva
Bianca Lemons
Bruna Madruga Pires
Camila Beatriz Bonatto
Camila Cardoso Neves
Carla Simone Da Silva Mota
Carolina Da Motta Tavares
Carolina Ortiz Machado
Chayane De Souza Vianna
Claudio Puccinelli Pickersgill Filho
Cristina Campos
Cristina Vilela Acosta
Daniel Krolow Retzlaff
Daniele Bonow Robledo
Daniele Vitor Barboza
Darlan Radtke Bergmann
Ediléia Strelow Leal
Eliana Menezes De Souza
Elizenda Roschildt
Elliott Centeno
Emily Costa Silveira
Gabriela Gonzalez Peronti
Gabriela Soares Waichel
Gentil Siqueira
Glauco Roberto Munsberg
Ildaiane Pintanela Vergara
Isabela Mazzini
Isadora Augusta Da Silveira
Izadora Peixoto Pickersgill
Jana Paim
Jessica Oliveira De Souza
João Pedro Rodrigues Da Conceição

Juane Leivas Oliveira
Juliana Balota Gomes
Juliana Caroline Da Silva
Juliana Silva Ribeiro
Kelen Daiane Ferreira Escalante
Kelly Karine Maldaner
Kethelyn Giulian Pedebos Oliveira
Kevin Borges Garcia
Kevin Veloso Almeida Lorgani
Larissa Baladam
Leticia Da Silva Souza
Leticia Ribeiro
Lieni Fredo Herreira
Luis Henrique Porto Oliveira
Maibi Da Silva Macedo
Luísa Martins Miler
Maitê Lemes Curtinaz
Manuella Dos Santos Garcia Vanti Carvalho
Maraisa Carine Born
Maria Cristina Pedrozo
Mariane Da Silva Bélem
Mariane Fernandes Safons
Marilene Brum Bohner
Marili Gomes Pedrozo
Marisa Peres Leonetti
Martha Alves
Matheus Neiverth
Melissa Quatrin
Midiã Reichow Dos Santos
Milena Oliveira Do Espírito Santo
Milena Vaz Da Silva
Monaliza Da Costa
Muriel Hammes Afonso
Niziéli Cazarotto Barbosa
Pablo Daniel Campos López
Paloma Heine Quintas
Pâmela Tanasovich Rosa Souza
Paula Renata Carniel Quevedo
Priscila Silveira Dos Santos
Rafael De Moura Pernas
Rafael Gonçalves Da Silveira
Rafael Teixeira Chaves
Rafaella Coi Araújo
Raíra Pereira Velasques
Reginaldo Dias Porto
Rochele Valente Moura
Rodrigo Fernandes Dos Santos
Silvio César Silva
Suelen Farias Pereira
Tássia Maria Konzen
Tatiane Müller
Ticiane Pinto Garcia
Vanessa Conrado
Vanessa Corrêa
Verônica Mendes Borges Barbosa
Wagner Roveder
Yuri Zivago Yung Grillo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO, 9

ÁREAS, 19

COMUNICAÇÃO, 21

CULTURA, 63

DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA, 219

EDUCAÇÃO, 225

MEIO AMBIENTE, 405

SAÚDE, 467

TECNOLOGIA E PRODUÇÃO, 723

TRABALHO, 783



● APRESENTAÇÃO, 9





Memória e muitos tempos

O que foi
e
o que é
como se sempre fosse
no campo sem fronteira
e na fronteira sem limites

Aldyr Garcia Schlee

Ao adotar como tema do I Congresso de Extensão e Cultura “a memória e seus muitos tempos” a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura busca alcançar a emoção verdadeira que nos faz celebrar os 45 anos da UFPel como um excepcional acontecimento. Esta é a matriz da identidade deste evento, não somente como um desejo de encontro com cada gesto e cada ação que fizeram parte da nossa história, mas também como uma celebração ativa de nossos rastros, como cintilações instigantes na direção de um outro tempo que também é o futuro.

Cabe a extensão universitária o exercício da memória como expressão daquilo que foi, daquilo que é, como se sempre fosse. A realização deste I Congresso de Extensão e Cultura se revela assim como um marco sintetizador de nossas raízes e horizontes.

Que os próximos anos traduzam tempos e realidades onde a universidade, e a extensão pela sua missão e compromisso, cada vez mais contribuam na construção de laços com a sociedade e com a produção de valores e conhecimentos incansavelmente inseridos na paisagem de uma fronteira sem limites. Resta ainda desejar que a leitura das próximas páginas propicie ao leitor a experiência, pelas linhas e entrelinhas, de tudo isto. Boa leitura!

Profa. Dra. Denise Marcos Bussoletti
*Pró-Reitora de Extensão e Cultura
Universidade Federal de Pelotas*

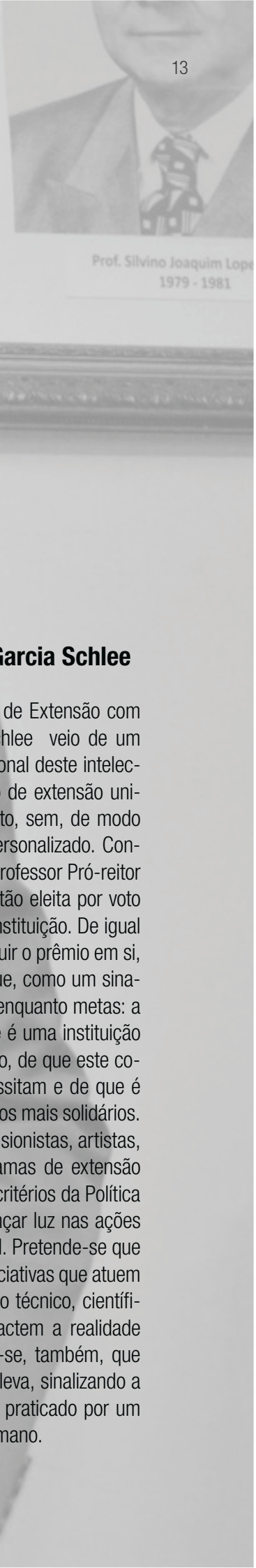
Profª. Gilda Maciel

Aldyr Garcia Schlee (Jaguarão/RS, 1934)

Escritor, jornalista, tradutor, desenhista, foi professor da Universidade Federal de Pelotas, onde atuou como Pró-Reitor de Extensão e Cultura no período de 1989 a 1992. Também como docente atuou na UFRGS e PUCRS. Doutor em Ciências Humanas com graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela UFRGS, é um intelectual com expressiva trajetória em pesquisa. Como escritor, sua obra é reconhecida pela intensa e premiada produção literária. Recebeu o prêmio da Bienal Nestlé de Literatura Brasileira por duas vezes e cinco vezes o Prêmio Açorianos de Literatura, entre outros. Como jornalista, igualmente sua trajetória foi intensa: redator e planejador gráfico do jornal Última Hora, criou o jornal Gazeta Pelotense, ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo em 1963 e foi fundador da Faculdade de Jornalismo da UCPel, tendo sido expulso durante a ditadura militar no Brasil, quando foi preso e respondeu a processos por subversão. Como desenhista, seu grande destaque foi a criação do uniforme verde e amarelo da seleção brasileira de futebol, que venceu o concurso promovido pelo jornal carioca Correio da Manhã em 1953 e, após, oficializado pela Confederação Brasileira de Desportos tornando-se conhecido como a Camisa Canarinho.



Prof. Victalino Trindade
1974 - 1977

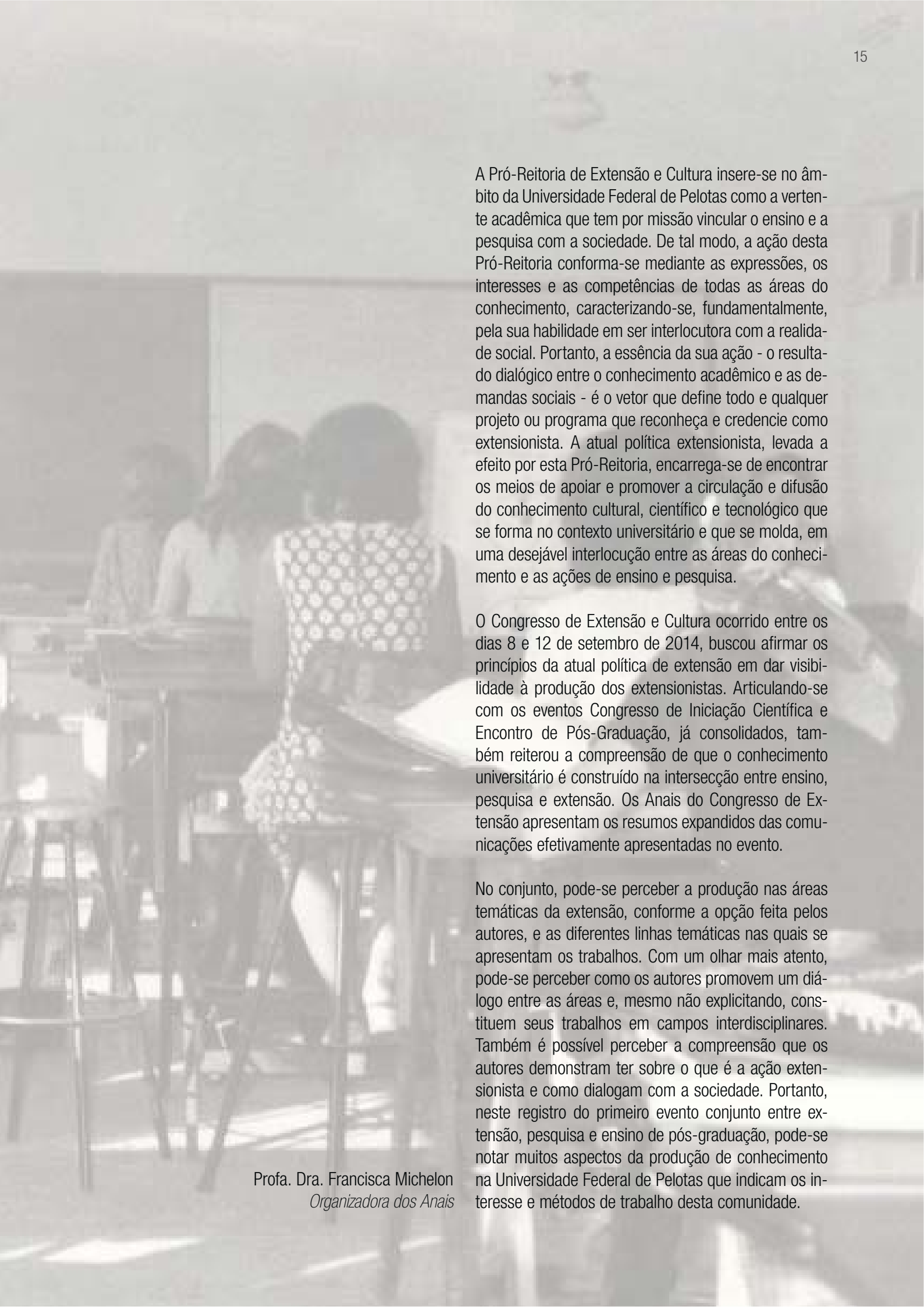


Prof. Silvino Joaquim Lages
1979 - 1981

Prêmio de Extensão Aldyr Garcia Schlee

A inspiração para instituir o Prêmio de Extensão com o nome do literato Aldyr Garcia Schlee veio de um contexto no qual a trajetória profissional deste intelectual ilumina a grandeza do conceito de extensão universitária que se tem neste momento, sem, de modo algum, fazer dele genérico e despersonalizado. Contribuiu para a escolha ter sido este professor Pró-reitor de Extensão durante a primeira gestão eleita por voto da comunidade universitária nesta instituição. De igual natureza é a motivação que fez instituir o prêmio em si, entendendo-o para além do destaque, como um sinalizador dos valores que se desejam enquanto metas: a compreensão de que a universidade é uma instituição que produz conhecimento necessário, de que este conhecimento é de todos que o necessitam e de que é um meio para que se chegue a tempos mais solidários. Portanto, mais do que premiar extensionistas, artistas, agentes culturais, projetos e programas de extensão que sejam significativos dentro dos critérios da Política Nacional de Extensão, deseja-se lançar luz nas ações que tenham impacto cultural e social. Pretende-se que este prêmio realce ideias, obras e iniciativas que atuem como extrovertores do conhecimento técnico, científico, cultural e artístico ou que impactem a realidade estética, simbólica e social. Deseja-se, também, que faça jus, este prêmio, ao nome que leva, sinalizando a força do excelente intelecto quando praticado por um coração movido pela atenção ao humano.



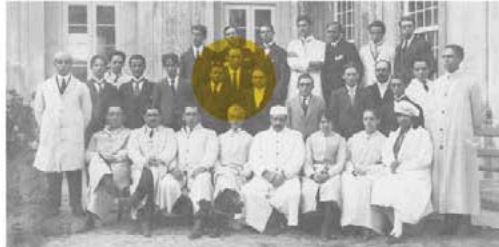


A Pró-Reitoria de Extensão e Cultura insere-se no âmbito da Universidade Federal de Pelotas como a vertente acadêmica que tem por missão vincular o ensino e a pesquisa com a sociedade. De tal modo, a ação desta Pró-Reitoria conforma-se mediante as expressões, os interesses e as competências de todas as áreas do conhecimento, caracterizando-se, fundamentalmente, pela sua habilidade em ser interlocutora com a realidade social. Portanto, a essência da sua ação - o resultado dialógico entre o conhecimento acadêmico e as demandas sociais - é o vetor que define todo e qualquer projeto ou programa que reconheça e credencie como extensionista. A atual política extensionista, levada a efeito por esta Pró-Reitoria, encarrega-se de encontrar os meios de apoiar e promover a circulação e difusão do conhecimento cultural, científico e tecnológico que se forma no contexto universitário e que se molda, em uma desejável interlocução entre as áreas do conhecimento e as ações de ensino e pesquisa.

O Congresso de Extensão e Cultura ocorrido entre os dias 8 e 12 de setembro de 2014, buscou afirmar os princípios da atual política de extensão em dar visibilidade à produção dos extensionistas. Articulando-se com os eventos Congresso de Iniciação Científica e Encontro de Pós-Graduação, já consolidados, também reiterou a compreensão de que o conhecimento universitário é construído na intersecção entre ensino, pesquisa e extensão. Os Anais do Congresso de Extensão apresentam os resumos expandidos das comunicações efetivamente apresentadas no evento.

No conjunto, pode-se perceber a produção nas áreas temáticas da extensão, conforme a opção feita pelos autores, e as diferentes linhas temáticas nas quais se apresentam os trabalhos. Com um olhar mais atento, pode-se perceber como os autores promovem um diálogo entre as áreas e, mesmo não explicitando, constituem seus trabalhos em campos interdisciplinares. Também é possível perceber a compreensão que os autores demonstram ter sobre o que é a ação extensionista e como dialogam com a sociedade. Portanto, neste registro do primeiro evento conjunto entre extensão, pesquisa e ensino de pós-graduação, pode-se notar muitos aspectos da produção de conhecimento na Universidade Federal de Pelotas que indicam os interesses e métodos de trabalho desta comunidade.

Profa. Dra. Francisca Michelon
Organizadora dos Anais



do Todo para a Parte - da Parte para o Todo

A memória, prática do sujeito interfaceado entre a essência do Eu “je” legado por Edmond Couchot (2004) e o seu coletivo, está para o compartilhamento latente de outros tempos e assim, de muitas memórias tais como as que se manifestam nesses traços gráficos. Como profere Guattari (2001), os rastros habitam as máquinas sistêmicas e são desejosos de quem os operam em escrita e leitura.

CEC escreve-se com o tipo Bebas Neue Regular. Extremamente geométrica, atribui caráter de precisão pela simetria e regularidade. A partir da tipografia Simplifica somada a Bree Serif, ambas na variação regular, enunciam-se as características retóricas de uma escrita clara, limpa e graciosa que dão forma ao lettering. Seus pesos/contrastes dividem a leitura caracterizando evento e temática.

Como exegese sígnica de um sistema de ordem própria e categorias específicas, a sintaxe visual do primeiro Congresso de Extensão e Cultura apresenta esta configuração gestáltica: o todo não é a soma das partes, seus resultados nascem das relações complexas que se estabelecem entre si. A partir da fotografia museificada, desvela cenas de trabalho, convivência social e contextos de produção coletiva que formatam vetores para uma narrativa de valores técnicos e de afetos. Afetos de quem recorda, afetos de quem conhece e assim, reconhece o imaginado mundo do passado. São como janelas evoluídas do quadro da pintura, fendas para outros tempos, expandindo os limites do espaço vivido para as experiências compartilhadas. Projeção que sugere orbita, sua identidade visual é composição de narrativa fílmica: carece do tempo percorrido para a leitura aleatória entre os espaços que pulsam seus próprios contextos. CEC - memórias e outros tempos é representado aqui como fluxos sem ordem externa, que são acionados e devem ser lidos.

Prof. Dr. João Fernando Igansi Nunes
Coordenador do projeto de Identidade Visual



● ÁREAS, 19

- COMUNICAÇÃO, 21
- CULTURA, 63
- DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA, 219
- EDUCAÇÃO, 225
- MEIO AMBIENTE, 405
- SAÚDE, 467
 - TECNOLOGIA E PRODUÇÃO, 723
 - TRABALHO, 783



● ÁREAS, 19



● SAÚDE, 467



A EXPERIÊNCIA ACADÊMICA NA ORGANIZAÇÃO DE EMPENHOS PARA PREGÕES

GOVEIA, Fernanda Machado

Acadêmica do Curso de Odontologia/UFPel, bolsista

MASCHIO, Denise Faccio

Acadêmica do Curso de Odontologia/UFPel, bolsista

CASTILHOS, Eduardo Dickie

Professor da Unidade de Saúde Bucal Coletiva do Departamento de Odontologia Social e Preventiva/UFPel, colaborador

BIGHETTI, Tania Izabel

Professora da Unidade Saúde Bucal Coletiva do Departamento de Odontologia Social e Preventiva/UFPel, coordenadora

Nas compras públicas brasileiras, os leilões reversos têm sido utilizados nas licitações de bens e serviços, através da modalidade “Pregão Eletrônico”, do Portal Comprasnet, tendo alcançado resultados positivos em termos de agilidade, transparência e redução de custos. Apesar dos bons resultados com a utilização dos pregões, o caráter unidimensional que os rege, restringindo a negociação à variável preço, representa uma subutilização de todo o seu potencial. Ocorre que, na maioria das vezes, uma negociação envolve a consideração de outros atributos, tais como a qualidade dos produtos e serviços, o prazo de entrega, as formas de pagamento, a garantia e a assistência técnica. Como resultado prático, os pregões eletrônicos têm sido utilizados, preferencialmente, nos processos de aquisição de bens e serviços. Para aquisições que envolvam maior valor agregado, outras formas de licitação têm sido utilizadas (MENEZES et al., 2007).

O pregão eletrônico é uma forma de realização licitatória que apresenta regras básicas do pregão presencial, com procedimentos específicos, caracterizando-se especialmente pela ausência da “presença física” do pregoeiro e dos demais licitantes. Nele, toda interação é feita por meio de sistema eletrônico de comunicação pela internet, possuindo como importante atributo a agilidade aos processos licitatórios, minimizando custos para a Administração Pública; estando cada vez mais consolidado como principal forma de contratação do Governo Federal. Seu uso e aplicabilidade proporcionaram, desde o início, impacto nas contratações governamentais; representado em grandes vantagens aos entes públicos, notadamente em virtude de suas características de celeridade, desburocratização, economia, ampla divulgação e publicidade e eficiência na contratação (FONSÊCA, 2014).

A Unidade de Saúde Bucal Coletiva da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pelotas (FO-UFPel) foi contemplada com recursos financeiros pelo Programa de Extensão Universitária (PROEXT 2014) com o projeto “Planejando, Desenvolvendo e Avaliando Ações em uma comunidade” (PLADECOM). Tal projeto encontra-se cadastrado no Sistema de Informação de Extensão (SiEx) da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPel com número de registro 52.182. 014 e conta com o envolvimento de dois docentes, quatro profis-

sionais de saúde do município de Pelotas/RS e vinte acadêmicos, sendo seis bolsistas.

No ano de 2014, iniciou-se o processo de compra dos materiais permanentes e de consumo para a execução do projeto. Para tal, a coordenação do projeto designou duas bolsistas para organizarem o empenho para o pregão eletrônico.

O objetivo deste trabalho é descrever a metodologia utilizada pelas bolsistas para esta organização, bem como os resultados principais e experiências acumuladas.

Metodologia

O processo burocrático dos empenhos do PROEXT 2013 para o Projeto PLADECOM foi realizado por duas alunas do 7º e 9º semestres da FO-UFPeL.

Foi recebida uma lista de compras onde constavam inicialmente 49 itens para o empenho, divididos em materiais permanentes e de consumo, havendo disponível o recurso no valor de R\$ 50.000,00, divididos em R\$ 9.000,00 para material de consumo e R\$ 17.000,00 para material permanente, sendo o restante do recurso dividido entre seis bolsistas cadastrados no projeto.

Foi realizada consulta aos códigos e descrição dos materiais no site Comprasnet, sendo selecionado o código segundo a descrição do material mais adequada ao produto que se desejava adquirir.

Em seguida, foram feitos orçamentos separando os itens por local de compra em 11 grupos, sendo sete grupos de material permanente, constando oito itens e quatro grupos de material de consumo constando 36 itens, a quantidade dos materiais foi alterada durante o processo para se adequar aos preços dos fornecedores consultados e ao recurso disponível, resultando, portanto, num total final de 44 itens. Tais orçamentos foram realizados em estabelecimentos comerciais e também via internet, respeitando as regras para tal.

Após a realização dos orçamentos, foi feita a tabela de médias, onde constam os orçamentos realizados com os respectivos valores unitários e totais, a quantidade de itens que serão adquiridos, e o cálculo final da média dos três orçamentos. Tendo a tabela de médias com a média final, foi feito o termo de referência, para cada grupo de itens, preenchendo-o com os códigos correspondentes e demais requisitos, conforme o modelo disponível no site da UFPeL, bem como contendo as assinaturas da coordenadora do projeto e da diretora do curso de Odontologia da UFPeL, seguindo

pelo preenchimento dos “condoc”.

Após todos os documentos prontos foi preenchida a lista de verificação para posterior checagem do servidor responsável constando o SIAPE e assinatura do mesmo. Finalizado este processo, o recurso remanescente foi utilizado para empenho segundo o modelo de pregão já existente.

Resultados

Em qualquer organização, o setor de compras constitui um componente importante para o alcance dos objetivos institucionais. Em organizações públicas, o foco é a transparência das relações e o emprego dos recursos para a satisfação da sociedade. Assim, percebe-se que na governabilidade de um país deverão ser preservados valores que garantam a eficiência e a eficácia na utilização dos bens públicos da sociedade. Para isso, a administração pública vê-se obrigada a utilizar um alto grau de formalismo nas suas relações para aquisições de bens e contratações de serviços (FARIA et al., 2010).

Considerando a grande demanda de solicitações dos empenhos, os pedidos citados neste trabalho ainda aguardam realização do pregão, com exceção de dois itens que já foram adquiridos e aguarda-se entrega. Está sendo feito o acompanhamento semanal através do site da UFPeL por meio dos “condocs” referentes a cada empenho. Da mesma forma o recurso remanescente não utilizado nos pregões já existentes aguarda abertura de novos pregões para ser utilizado.

Conclusão

A necessidade de aquisição dos materiais para o projeto PLADECOM/PROEXT 2014, possibilitou a descrição da metodologia utilizada no processo burocrático de aquisição dos materiais para execução do projeto através dos empenhos. Do total de itens solicitados, apenas dois foram adquiridos, porém nenhum havia sido recebido até a data de elaboração deste resumo.

Dessa forma, conclui-se que é fundamentalmente necessária a criação de um manual que esclareça e facilite a realização do protocolo solicitado. Neste sentido, a partir da experiência acumulada neste trabalho sugere-se a criação deste manual com vistas a tornar mais simples o entendimento do processo para outros membros da comunidade acadêmica que futuramente se envolvam em tais atividades.

Referências

FARIA, E. R.; FERREIRA, M. A. M.; SANTOS, L. M.; SILVEIRA, S. F. R. Fatores determinantes na variação dos produtos contratados por pregão eletrônico. RAP, v. 44, n. 6, p. 1405-28, 2010.

MENEZES, R. A. SILVA, R. B.; LINHARES, A. Leilões eletrônicos reversos multiatributo: uma abordagem de decisão multicritério aplicada às compras públicas brasileiras. RAC, v. 11, n. 3, p. 11-33, 2007.

FONSÊCA, M. A. R. Pregão eletrônico: uma análise de sua evolução histórico-legislativa e das inovações decorrentes do Decreto nº 5.450/2005. Disponível em <http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/19827-19828-1-PB.pdf>. Acesso em 29 jul. 2014.

A VISITA DOMICILIAR NO CUIDADO À FAMÍLIA DE PESSOAS EM CONDIÇÃO CRÔNICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

SILVA, Glaucia Jaine Santos da

Aluna do Curso de Enfermagem/UFPeI, bolsista do PET Saúde da família/UFPeI

ZILLMER, Juliana

Professor do Departamento de Enfermagem/FEN/UFPeI, tutora do PET-Saúde, orientadora

CASARIN, Sidnéia

Professor do Departamento de Enfermagem/FEN/UFPeI, tutora do PET-Saúde, co-orientadora

QUADRADO, Cristiane

Enfermeira preceptora do PET-Saúde da família/UFPeI

A atenção básica é considerada a “porta de entrada” de indivíduos, famílias e comunidades em busca por cuidados à saúde, sendo essa estruturada de acordo com os princípios da universalidade, integralidade e equidade que subsidiam o Sistema Único de Saúde (SUS). Dessa forma tal sistema busca desenvolver ações que visam à manutenção e a valorização da saúde (TANAKA, 2011).

Pensando nessas ações, foi implementado em 1994 o Programa Saúde da Família (PSF) no Brasil, que depois de algum tempo consolidou-se em Estratégia Saúde da Família (ESF) tornando-se um modelo de atenção à saúde. Desse modo a ESF objetiva a reorganização da atenção básica, priorizando famílias e comunidades, em busca da prevenção de doenças e promoção a saúde. Para sua implementação tornou-se fundamental a existência da equipe multiprofissional, composta por no mínimo um médico enfermeiro, técnico ou auxiliar em enfermagem e seis a doze Agentes Comunitários de Saúde (ACS), os quais são responsáveis em assumir a população cadastrada em no máximo quatro mil habitantes (BRASIL, 2006).

Os profissionais de saúde da ESF têm como foco o cuidado às famílias, e uma das ferramentas para ter acesso a elas é por meio da visita domiciliar (VD). A VD é uma forma de assistência domiciliária à saúde que oferece subsídios para a execução dos demais conceitos desse modelo assistencial. É através dela que os profissionais acessam a realidade das pessoas a serem cuidadas, reconhecendo realmente os seus problemas, fraquezas e fragilidades e identificando suas reais necessidades de saúde (LACERDA; GIACOMOZZI; OLINISKI; TRUPPEL, 2006).

Conduzidas pela equipe multiprofissional, a ida ao domicílio propicia o conhecimento da composição e dinâmica familiar e seu entorno, a fim de compreender as reais necessidades daquele ambiente e proporcionar as famílias informações necessárias para o cuidado. Entretanto, se tornando um desafio para estudantes e profissionais que almejam uma visão crítica e reflexiva para a prática profissional (ARAÚJO; SILVA; LEITE, 2008).

Um dos grandes desafios para os profissionais da ESF é assistir as famílias com pessoas em condição

crônica, visto a crescente prevalência de doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) e seqüelas decorrentes das mesmas. Condição crônica é aquela condição de saúde de curso mais ou menos longo ou permanente que exigem respostas e ações contínuas, proativas e integradas do sistema de atenção à saúde, dos profissionais de saúde e das pessoas usuárias para sua estabilização e controle efetivo, eficiente e com qualidade (MENDES, 2012). Entre as várias áreas do campo da saúde a enfermagem tem se preocupado em fornecer apoio para que as pessoas em condição crônica e suas famílias possam auto gerenciar as suas reais necessidades de cuidados. Diante do exposto o presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência de uma acadêmica de enfermagem do Programa Educação para o Trabalho em Saúde da Família (PET-Saúde da Família) quanto às atividades assistências às famílias de pessoas em condição crônica na atenção básica, mediante a visita domiciliar, assim como as dificuldades encontradas para realizá-la.

Metodologia

Trata-se de um relato de experiência, resultante da participação de uma acadêmica de enfermagem no Projeto de Extensão, Programa Educação para o Trabalho em Saúde da Família (PET-Saúde da Família) da Universidade Federal de Pelotas. Esse Programa foi oficialmente instituído em 2005 e conforme propõe suas portarias possibilitam a inserção de acadêmicos de diversas áreas como: Enfermagem, medicina, odontologia, nutrição, terapia ocupacional em unidades básicas de saúde (UBS) com ESF, no acompanhamento de atividades realizadas pela equipe de saúde. Seu principal objetivo é a educação pelo trabalho, fomentando a formação de um profissional de saúde crítico, reflexivo, pró-ativo, através da integração ensino, pesquisa e comunidade subsidiado/pautado pelo SUS. A acadêmica de enfermagem desenvolve suas atividades pelo PET-Saúde da Família em uma UBS localizada na área urbana, na região sudeste do Município de Pelotas. Há duas equipes de ESF que atendem uma população de em média dez mil pessoas, constituída por sua maioria de crianças e idosos, sendo elevada a prevalência de DCNT como a hipertensão arterial sistêmica (HAS) e o diabetes mellitus (DM).

As visitas domiciliares foram realizadas a partir da solicitação das famílias mediante ACS para receber a assistência domiciliar. As atividades de acompanha-

mento das famílias foram desenvolvidas com carga horária de oito horas semanais sendo supervisionadas pelos preceptores do projeto e pelo enfermeiro(a) da UBS, este estava diretamente junto com o aluno auxiliando nas atividades desempenhadas, assim reforçando o processo de aprendizado. Além disto, para fornecer orientações as famílias foram consultados os Cadernos de Atenção Básica disponibilizados pelo Ministério da Saúde (BRASIL a, 2013; BRASIL b, 2013).

Resultados

As informações referentes às experiências da acadêmica de enfermagem foram organizadas compondo os seguintes temas: As visitas e às famílias; Atividades desenvolvidas durante as visitas; Avaliação das ações desenvolvidas por meio da visita domiciliar; Avanços e dificuldades na realização da visita domiciliar; e serão apresentadas a seguir.

As visitas e às famílias: Realizadas geralmente por uma equipe multiprofissional composta pelo médico generalista, enfermeira, técnica ou auxiliar

de enfermagem, acadêmicas de enfermagem e nutrição, juntamente com ACS que guiava-nos para as residências das famílias que haviam solicitado VD. Estas famílias são acompanhadas pela equipe de saúde, era em sua maioria constituída por idosos com baixa renda, proveniente da aposentadoria, ou seja, com um salário mínimo. As visitas eram realizadas uma vez por semana durante um determinado período do dia, tendo em média a duração de quarenta minutos. Foram realizadas oito visitas a seis famílias, sendo que a ênfase das visitas era nas pessoas que se encontravam em uma condição crônica de saúde.

Atividades desenvolvidas durante as visitas: As atividades eram direcionadas a recuperação e a prevenção de complicações, assim como, a consequente promoção da saúde se estendiam aos demais integrantes da família. Ambos as

pessoas em condição crônica e familiares receberam orientações referentes à sua situação de saúde. Na consulta médica eram realizadas as avaliações dos pacientes, anamnese, exame físico, geralmente fornecidas receitas de medicamentos de uso contínuo e com orientações sobre a indicação e reações adversas, além de encaminhamentos para exames, por exemplo: ginecológico, neurológico, eletrocardiogramas e ecocardiogramas. As acadêmicas de nutrição quando participavam da VD, realizavam orientações sobre as fontes nutricionais e energéticas dos alimen-

tos que auxiliariam na recuperação. As acadêmicas de enfermagem juntamente com a enfermeira orientavam as pessoas doentes e familiares sobre os riscos de fumar, de beber, do consumo exagerado do sal, o controle da pressão arterial e da glicemia capilar. Para as pessoas com diabetes foram proporcionadas orientações sobre os locais de aplicação de insulina, está deve ser administrada no tecido subcutâneo dos braços, abdome, coxas e glúteo. Outra orientação foi sobre o rodízio e os pontos das aplicações, explicamos que na região escolhida devem dividir em pontos imaginários para que possam realizar mais aplicações no local. Quando realizado de forma contrária, ao longo do tempo fica comprometida a absorção da insulina, dessa forma provocando prejuízos no seu controle e até mesmo causando a lipodistrofia. Outra orientação foi sobre o armazenamento das insulinas, devem ser armazenadas na geladeira de (2°C a 8°C) e quando em uso de (15°C a 30°C). Ainda orientamos sobre os riscos da neuropatia diabética, apontamos a importância de realizarem a inspeção diária dos pés, se necessário com a ajuda de um espelho, verificando os possíveis calos e rachaduras, causados muitas vezes pelo uso de calçados apertados. As unhas devem ser cortadas na forma horizontal (reta), não andar descalço e sempre antes de lavar os pés verificar com outra parte do corpo a temperatura da água, dessa forma evitando queimaduras (BRASIL a, 2013).

Para as pessoas acometidas pelas doenças cardiovasculares que faziam uso do tabaco, orientamos tentar diminuir a quantidade de cigarros fumados visando à cessação do hábito, pois além de estar prejudicando a si mesmo os familiares sofrem passivamente. Também comentamos sobre o malefício que o cigarro causa para o coração, que influem diretamente na ocorrência de infartos e acidentes vasculares cerebrais. Todas as pessoas foram orientadas sobre o prejuízo do consumo exagerado do sal, como uma medida alternativa orientou-se retirar o saleiro de perto de onde se está cozinhando, evitando assim a utilização exagerada e tentar diminuir o consumo de produtos industrializados como os embutidos e temperos prontos. Como alternativa propormos dar preferência a temperos naturais como limão, alho, cebola, etc (BRASIL b, 2013). Relatamos a importância que as pequenas mudanças trazem para o organismo, principalmente no controle da pressão arterial. Além do mencionado, outro importante alcance por meio da visita domiciliar, ao longo do acompanhamento é a avaliação das condições de habitação tais como: O número de moradores, tendo

em vista a idade e sexo, quantidades de cômodos da casa, condições de higiene e saneamento básico.

Avaliação das ações desenvolvidas por meio da visita domiciliar: Quando retornávamos as visitas percebemos que muitos relatavam as pequenas mudanças nos hábitos em prol da saúde, como por exemplo, a diminuição nas carteiras de cigarros fumadas e a diminuição no consumo do sal, mesmo as pequenas iniciativas eram comemoradas e incentivadas. Entretanto, com algumas pessoas encontramos resistência na realização das intervenções, mas continuamos incentivando-os e sensibilizando-os para a importância da adoção de tais orientações para uma melhor qualidade de vida de acordo com sua condição de saúde.

Avanços e dificuldades na realização da visita domiciliar: É possível constatar que a partir do apresentado inúmeros avanços foram alcançados mediante a visita domiciliar na assistência as famílias e seus integrantes em condição crônica. Tais

avanços remetem a reabilitação, promoção da saúde e prevenção de maiores agravos e consequentemente melhora na forma de viver de acordo com a condição. Entretanto se faz necessário ampliar mais as visitas domiciliares para além das solicitações, e implementá-las de forma sistemática no contexto do processo de trabalho das equipes de ESF.

Ao longo dessa vivência percebe-se a existência de alguns obstáculos encontrados na realização das visitas domiciliares tais como: A locomoção para a mesma: As VDs são realizadas a pé, sendo de grande extensão o território de abrangência da UBS, diante disto, são marcadas poucas visitas durante o turno determinado, assim havendo limitações no número de famílias atendidas. Outro fator determinante encontrado são as diversidades dos contextos regionais como as diferenças socioeconômicas que contribuem para a crescente violência nas comunidades marginais pelo tráfico de drogas. Esse fato provoca, de certa forma, um amedrontamento em atender determinadas áreas mediante a realização da VD, assim enfraquecendo as propostas das ESF.

Conclusão

Com a realização deste trabalho buscou-se descrever e apresentar

as experiências ao acompanhar a assistência e pessoas em condição crônica no domicílio mediante a visita domiciliar. Foi possível evidenciar a importância das atividades desenvolvidas na atenção básica, pela

ESF, especialmente pelo vínculo estabelecido entre os profissionais de saúde, família e comunidade por meio da VD. Dessa forma além de descrever as atividades desenvolvidas as experiências oportunizaram identificar algumas dificuldades que as equipes enfrentam no planejamento das ações em colocar em prática a promoção e prevenção da saúde, além de outros obstáculos que eles têm a enfrentar como a dificuldade de locomoção e a violência.

As dificuldades encontradas enfraquecem as propostas das ESF, fazem com que muitas vezes o cuidado domiciliar fique restrito apenas na recuperação e prevenção dos agravos, afetando a qualidade do atendimento realizado. Entretanto se faz necessário repensar essa temática, pois se a equipe deve cumprir seu papel na saúde da comunidade, com ênfase no cuidado à família, existe a necessidade de um apoio as equipes de saúde no que diz respeito ao seu processo de trabalho, para que possam dar assistência integral as famílias atendidas. Por fim espera-se que esse trabalho fomente a importância do acadêmico de enfermagem e de estudantes de outros cursos que fazem parte do PET, que se insiram nas visitas domiciliares para conhecerem o ambiente que as pessoas em condição crônica e suas famílias vivem. Tal participação possibilita à construção de trabalhos que busquem criar cenários para refletir sobre a prática assistencial que vem sendo desenvolvida no âmbito domiciliar.

Referências

LACERDA, M.R; GIACOMOZZI, C.M; OLINISKI, S.R; TRUPPEL, T.C. Atenção à saúde no domicílio: modalidades que fundamentam sua prática. *Saúde e Sociedade*, v.15, n.2, p.88-95, 2006.

MENDES, E.V. O cuidado das condições crônicas na atenção primária à saúde: O imperativo da consolidação da estratégia da saúde da família. Brasília, Organização Pan-Americana da Saúde, 2012.

Referências eletrônicas

ARAÚJO, M.F.M; SILVA, M.J; LEITE, B.M.B. EXPERIÊNCIA DE PRÁTICA SISTEMATIZADA EM VISITA DOMICILIÁRIA NO CONTEXTO DA SAÚDE DA FAMÍLIA. *Rede de Enfermagem do Nordeste*, v.9, n.1, p.137-145, 2008. Disponível em: <http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/535/pdf> Acesso em: 13 Jul 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Cadernos de Atenção Básica n.36. Brasília: Ministério da Saúde, 2013a. 160p. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/caderno_36.pdf Acesso em: 12 Jul 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Cadernos de Atenção Básica n.37. Brasília: Ministério da Saúde, 2013b. 128p. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/caderno_37.pdf Acesso em: 12 Jul 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 60p. Disponível em: http://bvs-ms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_atencao_basica_2006.pdf Acesso em: 12 Jul 2014.

TAKANA, O.Y. Avaliação da Atenção Básica em Saúde: uma nova proposta. *Saúde e Sociedade*, v.20, n.4, p.927-934, 2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/29728> Acesso em: 10 Jul 2014

AÇÃO DO GRUPO CLINPET NO CONTROLE E PREVENÇÃO DE ENFERMIDADES E ZONÓSES DA ESPÉCIE FELINA

PEREIRA, Sergiane Baes

Aluna do Curso de Medicina Veterinária/UFPeL, bolsista PROBEC/UFPeL

LIMA, Camila Moura de

Aluna do Curso de Medicina Veterinária/UFPeL, bolsista PROBEC/UFPeL

MENDES, Cláudia Beatriz de Mello

Aluna do Curso de Medicina Veterinária/UFPeL, bolsista PIBIC/UFPeL

TILLMANN, Mariana Teixeira

Doutoranda Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária/UFPeL, bolsista CAPES/UFPeL

NOBRE, Márcia de Oliveira

Professora (Dr^a) Associada do Departamento de Clínicas Veterinárias/FAVET/UFPeL, orientadora e coordenadora

A mudança da tradição do ser humano de morar em casas para morar em apartamentos e sua mudança de hábitos, ao longo dos anos, fez com que a espécie felina fosse cada vez mais solicitada como animais de estimação, uma vez que não precisa de grandes ambientes para viver, é higiênica e independente (FAM et al., 2010).

De acordo com o citado por BOTTEON (2012), entre os anos de 2003 e 2005 o número de felinos domésticos registrados no Brasil aumentou 20%, saltando de 11 milhões para 13 milhões de animais, e, em 2009, aproximadamente 59% dos lares brasileiros possuíam algum animal de estimação, sendo que em 16% desses lares havia ao menos um felino doméstico.

Em virtude proximidade com o ser humano, os animais de companhia, muitas vezes podem ser potenciais transmissores de doenças, denominadas zoonoses, aos proprietários (ISSAKOWICZ et al., 2006). Além disso, DANTAS (2010) ressalta que o crescimento populacional de felinos domésticos é paralelo ao crescimento da população abandonada de felinos, que tem como destino a vida nas ruas e em abrigos, podendo-se tornar, dessa forma, um problema de saúde pública.

Devido a esse importante crescimento populacional, tanto de animais domésticos quanto de animais abandonados, e em virtude das doenças que os acometem e sua importância para a saúde pública, vem dedicando-se uma atenção maior aos felinos. Desta forma, o ClinPet – Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Clínica de Pequenos Animais da Faculdade de Veterinária da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), presta atendimento clínico veterinário a felinos no Hospital de Clínicas Veterinárias da UFPeL e em Organizações Não Governamentais (ONGs) de proteção a animais, tendo como objetivos o atendimento de animais pertencentes a proprietários com baixas condições econômicas e o auxílio no controle de doenças específicas desses animais e possíveis zoonoses.

Metodologia

O grupo ClinPet – Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Clínica de Pequenos Animais, constituído

por docentes, discentes, e técnicos de nível superior e tendo parceiros na comunidade de Pelotas, desenvolve atividade de extensão em pequenos animais com ênfase em clínica médica, através do atendimento clínico, visando o controle da saúde e de zoonoses, a prevenção de doenças, e o bem-estar animal. Além do atendimento aos animais, o grupo desenvolve atividades de pesquisas voltadas para casuística clínica, a fim de solucionar problemas na comunidade, e propiciar conhecimentos práticos e teóricos aos alunos participantes.

O atendimento dá-se através da realização de exame clínico geral, de acordo com os critérios descritos por FEITOSA (2008), no qual são realizadas avaliações de postura, condição corporal, linfonodos, presença de corrimentos, exame de mucosas, avaliação geral da pele e aferição de parâmetros vitais (temperatura corporal, frequências cardíaca e respiratória), e, caso necessário, são realizados exames específicos nos animais. Também, quando necessário, são realizadas coletas de amostras clínicas para diversas análises laboratoriais e de imagem. Neste ano o grupo teve especial atenção ao estudo da saúde clínica de felinos, além da orientação dos proprietários quanto a enfermidades e manejo dos animais.

Resultados

De acordo com FEITOSA (2008), a realização do exame físico geral é necessária por inúmeras razões, dentre as quais se pode destacar o fato de os animais serem incapazes de se comunicar verbalmente com o ser humano; muitas vezes, a queixa principal não apresentar relação direta com o sistema primariamente comprometido; permite avaliar rotineiramente, o estado de saúde do paciente. Já de acordo com COSTA (2008), a patologia clínica veterinária é uma importante ferramenta como meio semiológico, que auxilia o profissional veterinário a estabelecer diagnósticos, firmar prognóstico e acompanhar os tratamentos de inúmeras enfermidades.

Desta forma, o atendimento aos felinos realizados no Hospital de Clínicas Veterinárias da Universidade Federal de Pelotas e em ONGs de Proteção aos Animais, com veterinários e alunos envolvidos no projeto, tendem a melhorar as condições de saúde e seu bem-estar dos animais através de orientações aos proprietários sobre posse responsável, zoonoses, e demais enfermidades.

Dentre as enfermidades zoonóticas com maior ca-

suística na clínica médica de felinos pode-se destacar toxoplasmose, verminoses, esporotricose e dermatofitose (WÜRFEL, 2011). Durante o atendimento aos animais, os proprietários receberam orientações sobre os métodos de controle destas enfermidades, tais como limpar diariamente a caixa de areia dos animais, não manipular suas fezes sem a utilização de luvas, mantê-los a domicílio e procurar auxílio especializado ao perceberem alterações fisiológicas ou comportamentais nos seus animais.

Durante a realização das consultas clínicas, com orientação de professores e alunos de pós-graduação, os alunos de graduação participantes do projeto tem a oportunidade de vivenciar a rotina clínica e obter contato com os proprietários dos animais, esclarecendo suas dúvidas e fornecendo informações sobre a saúde e bem-estar do animal, e saúde pública. Desta forma, os alunos participantes do projeto adquirem aprendizado sobre a clínica médica de animais de pequeno porte e sobre as particularidades da clínica médica de felinos, através da prestação de serviços a comunidade.

Conclusão

O projeto auxilia no controle de doenças específicas de felinos e transmissão de possíveis zoonoses, fornecendo aos proprietários orientações sobre doenças infecciosas, zoonoses e posse responsável, além de proporcionar aprendizado sobre clínica médica veterinária aos alunos de graduação envolvidos. Tais ações levam a melhorias nas condições de saúde dos animais e da população em geral.

Referências

BOTTEON, K.D. Estruturação e padronização do banco de sangue para felinos no hospital veterinário da Universidade de São Paulo. 2012. 75 f. Dissertação (Mestrado)

AÇÕES DE PREVENÇÃO E PRIMEIROS SOCORROS EM QUEIMADURAS: MINIMIZANDO DANOS E EDUCANDO PARA A SAÚDE

SANTOS, Evelyn Andrade

Aluna do Curso de Enfermagem/UFPeI, bolsista
PERMANÊNCIA/UFPeI

FUCULO JUNIOR, Paulo Roberto Boeira

Aluno do Curso de Enfermagem/UFPeI, bolsista
PROBEC/UFPeI

ROSSO, Lucas Henrique

Aluno do Curso de Enfermagem/UFPEL, Bolsista
PERMANÊNCIA/UFPeI

ECHEVARRIA-GUANILO, Maria Elena

Enfermeira, Docente permanente do Programa de
Pós-graduação

AMESTOY, Simone Coelho

Professor Adjunto do Curso de Enfermagem/UFPeI,
coordenador

As queimaduras são lesões provocadas na pele decorrentes de agentes como energias térmicas, químicas, elétricas ou radioativas, capazes de provocar calor excessivo nos tecidos de revestimento do corpo humano, resultando na destruição parcial ou total da pele e seus anexos. As queimaduras podem ser classificadas como de primeiro, segundo ou terceiro grau, conforme a gravidade da lesão e dependendo das camadas em que o tecido for atingido (BRASIL, 2012).

De acordo com a Sociedade Brasileira de Queimaduras (2013), no país ocorre um milhão de casos a cada ano de queimaduras, sendo 200 mil atendidos em serviços de emergência e 40 mil demandam hospitalização, sem haver restrições de sexo, idade, raça ou classe social.

Na infância, os acidentes se mostram como um dos maiores problemas de saúde pública, pois acometem diversas pessoas em todo mundo, causando perdas na vida produtiva, trazendo sofrimentos físicos e psicológicos. As lesões por queimaduras podem evoluir clinicamente de maneira inadequada levando o indivíduo ao óbito, estando entre as principais causas de mortes externas, perdendo apenas para homicídios e acidentes de trânsito, sendo assim, considerada a terceira causa de morte acidental em todas as idades, onde 75% resultam da ação da própria vítima e ocorrem no domicílio (ESPINDULA; ROCHA; ALVES, 2013).

De acordo com Barreto (2011) as queimaduras continuam sendo o acidente mais devastador que pode acontecer subitamente a uma criança sadia, deixando sequelas permanentes e marcas para o resto da vida.

As situações que oferecem maiores riscos para acidentes por queimaduras em crianças estão à manipulação de líquidos superaquecidos, produtos químicos e/ou inflamáveis principalmente o álcool, metais aquecidos, tomadas elétricas, fios desencapados e bombas festivas (OLIVEIRA; FERREIRA; CARMONA, 2009). Nessa perspectiva, foi criado no dia 01/03/2011 pela professora doutora Maria Elena Echevarría Guanilo, o Projeto de Extensão “Ações de prevenção e reabilitação às queimaduras: minimizando danos e educando para a saúde” (Registro: 53654021), vinculado ao Grupo de Extensão e Pesquisa em Queimaduras (GEPQ), da Faculdade de

Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (RS). O objetivo das ações do Projeto de Extensão é diminuir os índices de acidentes com queimaduras, por meio da educação em saúde, a fim de repassar e promover o conhecimento sobre prevenção para adultos e crianças. As atividades de prevenção às queimaduras e primeiros socorros são desenvolvidas no ambiente escolar, abrigo de crianças, unidades básicas de saúde, restaurantes, hospitais, e em vias públicas e em ambientes acadêmicos.

Sendo assim, o presente trabalho tem por objetivo relatar ações de prevenção às queimaduras realizadas pelos integrantes do GEPEQ em escolas públicas de educação infantil, ensino fundamental e médio do município de Pelotas e Rio Grande - RS, Brasil.

Metodologia

Trata-se de um relato de experiência de ações de prevenção às queimaduras, realizadas em três escolas públicas e um abrigo para menor em nível de pré-escola, abrangendo um público de 200 crianças e adolescentes. Essas atividades foram realizadas no período de janeiro a julho de 2014, no município de Pelotas.

As visitas foram previamente agendadas nas escolas a partir de contato prévio com o responsável, para explicar o objetivo e a forma como ocorreriam às ações propostas. As atividades foram desenvolvidas com duas turmas de pré-escola, dez turmas de ensino fundamental e quatro turmas de ensino médio, ocorrendo em salas de aula com a presença dos professores, respeitando as faixas etárias de cada grupo, desta forma, facilitando a compreensão por parte de todos.

Os materiais utilizados para desenvolver as ações foram impressões ilustrativas em folhas de ofício, material para colorir, panfletos informativos elaborados pelos integrantes do grupo GEPEQ e recursos audiovisuais para apresentação de palestras sobre prevenção de queimaduras.

Para as ações com crianças menores de 12 anos foram realizadas rodas de conversas, onde cada participante relatou experiências com acidentes de queimaduras, após ocorreram dinâmicas com imagens, e diálogo durante a apresentação da palestra, para que esses identificassem os riscos relacionados a queimaduras.

Com os alunos maiores de 12 anos de idade foi empreendida uma roda de conversa iniciada a partir de questionamento sobre as experiências prévias com queimaduras, como decorreu o acidente e quais me-

didias foram tomadas. Após foi apresentada uma palestra abordando características da pele, e seu papel como órgão do ser humano, tipos de queimaduras e a conduta indicada para prestar os primeiros socorros.

Ao término das atividades disponibilizou-se alguns minutos para sanar dúvidas, ainda existentes e foram entregues panfletos informativos sobre o tema.

Resultados

Durante as atividades realizadas nas escolas, foi possível constatar que quase a totalidade dos alunos já sofreu algum tipo de queimadura em casa, na presença ou não dos responsáveis. Os agentes mais citados foram os líquidos superaquecidos e superfícies quentes como, por exemplo, ferro de passar roupa.

De acordo com Martinset al. (2007) a queimadura é um tipo de injúria ocorrida na maioria das vezes, no ambiente domiciliar especificamente na cozinha, sendo os líquidos superaquecidos os agentes mais frequentes, entre estes as bebidas quentes, alimentos, óleos e outros líquidos. Já, as principais regiões corporais atingidas são o tronco, ombro, antebraço cabeça e pescoço.

As crianças relataram ficar na cozinha enquanto os responsáveis preparam as refeições, além de ficar perto do fogão e muitas vezes, participarem do processo de preparação dos alimentos. As crianças das séries iniciais conseguiram identificar as situações seguras e inseguras por meio de gravuras e de conversas, tendo uma participação efetiva, além de compartilharem suas experiências com queimaduras e ressaltaram que futuramente vão atentar para evitar os acidentes.

Identificamos que as condutas incorretas são frequentes após o acidente com queimaduras, quando se questionou as crianças e os adolescentes o que faziam após o ocorrido, a maioria relatou o uso de produtos caseiros, como o creme dental e a clara de ovo, na intenção de amenizar a dor.

Após os esclarecimentos sobre as formas adequadas nos cuidados imediatos às queimaduras os jovens se mostraram surpresos, pois desconheciam tais condutas, alegando que aprenderam a realizar os cuidados com produtos caseiros sem saber que estavam lesionando a pele.

Conforme a cartilha para tratamento de emergência das queimaduras, a conduta correta após o acidente é providenciar o resfriamento da área queimada com água corrente durante 20 minutos. Não se recomenda que este resfriamento seja realizado com água gelada

ou outros produtos refrescantes, como creme dental ou hidratante, podendo levar a infecções e interferir assim na cicatrização (BRASIL, 2012).

Levando em consideração que o desconhecimento a respeito das situações de risco que colaboram para a ocorrência de acidentes com queimaduras, Martins et al. (2007) destaca a necessidade de desenvolver ações de sensibilização e orientações através de programas educativos junto a escolas e comunidades para que os pais e cuidadores recebam o conhecimento necessário para a prevenção de acidentes na infância.

Desta forma o GEPQ sabe da importância de disseminar informações sobre a prevenção de queimaduras, por este motivo incentiva-se que as crianças e adolescentes dialoguem sobre o assunto em seu domicílio, e que divulguem os panfletos na intenção de que as informações sejam disseminadas de forma ampla para a comunidade.

Conclusão

A partir das ações realizadas nas escolas percebeu-se uma grande interação dos alunos com os integrantes do GEPQ, os estudantes demonstraram interesse nas atividades. As atividades com o grupo de adolescentes se mostraram produtivas, pois esses expuseram experiências amplas com acidentes. Nessa faixa etária as dúvidas foram em torno de como proceder à frente dos primeiros socorros, tendo muitos relatos na utilização de produtos caseiros nas feridas de queimaduras em busca do alívio da dor. Evidenciou-se a partir dos relatos que os acidentes ocorreram de forma acidental, o qual poderiam ter sido evitados.

As atividades tiveram aceitação positiva entre os participantes, pois promoveu um espaço de discussão sobre o assunto. Espera-se que os participantes tornem-se multiplicadores do conhecimento adquirido.

A presença dessas práticas educativas em escolas é fundamental, os profissionais onde lá se encontram ficam extremamente agradecidos, e alegam da importância dos acadêmicos na realização de atividades de prevenção.

Acredita-se que as medidas educativas de prevenção nas escolas consistem em orientar desde cedo à população, evitando situações de risco para acidentes com queimaduras.

Referências

- BRASIL. Cartilha para tratamento de emergência das queimaduras. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha_tratamento_emergencia_queimaduras.pdf. Acesso em 20 de julho de 2014.
- BARRETO, M.G.P.; BARRETO, R.P. Crianças vítimas de queimaduras. Até quando. Rev. Saúde Criança Adolesc. Ceará, v.3, n.1, p.47-51, 2011. Disponível em: http://www.hias.ce.gov.br/phocadownload/s33_crianças_vtimas_de_queimaduras__at__quando.pdf. Acesso em 20 de julho de 2014.
- ESPINDULA, A.P.; ROCHA, L.S.M.; ALVES, M.O. Perfil de pacientes queimados do Hospital de Clínicas: uma proposta de intervenções com escolares. Revista Brasileira de Queimaduras, Florianópolis – SC, v.12, n.1, p.16-21, 2013.
- MARTINS, C.B.G.; ANDRADE, S.M. Queimaduras em crianças e adolescentes: análise da morbidade hospitalar e mortalidade. Acta Paulista de Enfermagem, São Paulo – SP, v.20, n.4, p.464-469, 2007.
- OLIVEIRA, F.P.S.; FERREIRA, E.A.P.; CARMONA, S.S. Crianças e adolescentes vítimas de queimaduras: caracterização de situações de risco ao desenvolvimento. Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, São Paulo – SP, v.19, n.1, p.19-34, 2009.

AÇÕES EXTENSIONISTAS PARA A COMUNICAÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO EM NUTRIÇÃO

RIBEIRO, Letícia

Aluna do Bacharelado em Nutrição/UFPeI, bolsista PERMANÊNCIA/UFPeI

RODRIGUES, Camila da Silva

Aluna do Curso de Nutrição/UFPeI, voluntária

DE-NEGRI, Sônia Teresinha

Professora do Depto de Nutrição da FN/UFPeI, coordenadora

Vivemos em uma sociedade em constante evolução onde a difusão de informações e de conhecimento vem mudando. Segundo Coutinho (2007,p.199), “as tecnologias da informação e conhecimento criaram novos espaços de construção do conhecimento”. O autor ainda afirma que está cada vez mais disponível as pessoas o ciberespaço da formação e da aprendizagem a distância, com informações disponíveis nas redes de computadores e em serviços disponibilizados pela internet que favorecem a universalização do conhecimento.

Para Aguiar (2008), a tecnologia de informação e comunicação influenciam a novos modos de ensino-aprendizagem, afastando-se dos espaços de ensino formal e possibilitando oportunidades de aprendizagem por livre escolha. O uso da tecnologia modifica a nossa relação com o mundo, a interação com o tempo e espaço. Facilita os processos de comunicação, por estar sempre ao alcance. Permite também que a pessoa esteja sempre ligada a centros de pesquisas, bibliotecas, novas descobertas e tantos outros meios de comunicação. Proporciona ao estudante, profissional, e à comunidade manterem-se atualizados, trocarem informações, aprenderem e ensinarem (Moran, 1995). Mas a tecnologia não deve substituir a figura do professor, como aquele que orienta os estudos. Do mesmo modo os encontros, os eventos, as palestras e a atuação do professor são importantes pois os mesmos devem ser estimuladores da curiosidade.

Segundo McLuhan(1977,apud Amaral,2007) a comunicação pela cultura tipográfica, privilegia a palavra escrita, a leitura, valoriza mais a visão do que a fala, já a cultura eletrônica, pelo seu caráter massivo de difusão, permite compartilhar experiência entre pessoas muito distantes. Sabe-se que é importante proporcionar aos indivíduos caminhos para uma participação ativa na construção do seu próprio saber, e que a união entre o humanismo, a tecnologia e a educação se tornou fundamental na formação do indivíduo (Pereira,2011).

Sendo assim, o presente projeto de extensão universitário visa a utilização de modos de comunicação da cultura e do conhecimento através da associação entre os recursos disponíveis como blog, páginas eletrônicas, eventos científicos, palestras, jornais como forma de abordagem para transmissão do conheci-

mento, visando assim atingir toda a sociedade interessada em discutir temas relacionados a nutrição. A utilização desses meios favorece à uma maior abrangência social.

Metodologia

O projeto de extensão “Proporcionando atualização em nutrição para a comunidade” é voltado para todos os sujeitos interessados a temas relacionados com a nutrição, alimentação e saúde, como profissionais, estudantes e comunidade em geral.

Para a efetivação do mesmo utilizam-se a promoção de eventos, a construção e manutenção de blog, publicação de textos científicos em jornais e revistas. A execução das atividades é realizado por estudantes do curso de Nutrição da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) sob coordenação de docente da Faculdade de Nutrição, e conta com a participação de palestrantes, estudantes do Programa de Pós Graduação, pesquisadores e profissionais.

Resultados

As atividades de extensão universitárias se revestem de possibilidades de empreendimento de ações variadas, que possibilitam a interlocução dos conteúdos teóricos com as aplicações práticas, indo ao encontro dos anseios e requisitos da comunidade.

Neste projeto de extensão proporciona-se a realização de eventos científicos, quando o diálogo proposto oferece estudos e avanços científicos à comunidade acadêmica e aos profissionais externos da cidade e região.

Até o momento foram realizados eventos científicos do tipo palestras, um deles abordando sobre alimentos orgânicos, com discussões sobre a produção destes alimentos, sua aplicação na alimentação escolar e seus benefícios.

O segundo evento foi um encontro vinculado a Re-destagio, onde foi realizado um debate de capítulo do livro “Estágio e Docência”, de Pimenta e Lima (2004), a partir do projeto de pesquisa da professora Maria das Graças G. Pinto da Faculdade de Educação da UFPel.

Já estamos atuando na organização de outros eventos científicos, sendo que “Comemoração pelo dia do nutricionista 2014” está próximo de sua realização e se destinará aos estudantes da Faculdade de Nutrição, dos cursos de nutrição, gastronomia, outros estudantes, profissionais e externos da comunidade.

Em relação ao blog “Comunicando nutrição”, a sua manutenção e atualização vem sendo realizado, sendo que o mesmo tem sido divulgado através de rede social Facebook e do próprio blog, disponível pela internet no endereço “<http://comunicandonutricao.blogspot.com.br/>”. Trabalhamos no sentido de captar pessoas interessadas a escrever textos e dicas neste campo do saber, para serem publicados no mesmo.

Conclusão

A comunicação tecnológica e os encontros para discussões científicas proporcionaram a realização do intuito deste projeto, pela associação entre formas de comunicação dos saberes diversos, frutos de pesquisas, diálogos e avanços da ciência.

Pretende-se dar continuidade a estas atividades, expandindo-a de modo crescente.

Referências

AGUIAR, Raquel. Comunicação e educação em ciência, tecnologia e saúde: jornalismo em blogs como oportunidade de aprendizado por livre escolha. ANAIS: encontro Nacional de Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente, Niterói/RJ, 2008, p.116-128. Disponível em: <<http://www.ensinosaudeambiente.com.br/eneciencias/arquivos/Anaisenecienciasver saofinal2008.pdf#page=117>>. Acesso em: 15 jul 2014.

AMBULATÓRIO CEVAL – TRAJETÓRIA DE UM PROJETO QUE APRESENTA RESULTADOS POSITIVOS

AÑAÑA, Débora de Campos

Graduanda de Medicina Veterinária FAVET/UFPeI,
Voluntária

MORAES, Tassiane Brasil de

Graduanda de Medicina Veterinária FAVET/UFPeI,
bolsista Probec/UFPeI

RATSLAFF, Kássia

Graduanda de Medicina Veterinária FAVET/UFPeI,
bolsista Probec/UFPeI

STELMAKE, Lenara Lamas

Assistente Social/UFPeI

CLEFF, Marlete Brum

Professora do Depto. Clínicas FAVET/UFPeI, orientador, coordenador

Quando a Universidade abre as suas portas para a comunidade, ocorre uma troca de conhecimentos que só a extensão pode proporcionar. Esta troca se deve ao fato de que por muitas vezes, o aluno extensionista, além de poder prestar um auxílio a comunidade em que está inserido, tem muito a receber desta (SERRANO, 2008). E esta realidade não é diferente no projeto “Medicina Veterinária na promoção da saúde humana e animal: ações em comunidades carentes como estratégia de enfrentamento da desigualdade social” que desenvolve suas atividades no Ambulatório Ceval, como é conhecido. O ambulatório está localizado próximo ao Loteamento Ceval, na rua Conde de Porto Alegre, 793, bairro Centro na cidade de Pelotas/RS, no extremo sul do Rio Grande do Sul, sendo uma extensão do Hospital de Clínicas Veterinária da Faculdade de Veterinária da UFPeI. A ideia de trabalhar junto a esta comunidade surgiu com o Projeto denominado Núcleo de Atenção a Carroceiros e charreteiros, coordenado pelo professor Carlos Eduardo Wayne Nogueira. Durante o atendimento aos carroceiros, observou-se que também havia o interesse pelo atendimento aos animais de companhia, principalmente aos cães que acompanhavam seus donos e também necessitavam de apoio à saúde. Desta forma, ampliou-se o projeto junto a esta comunidade e iniciamos com as consultas e orientações acerca dos animais de companhia. No ano de 2009 o projeto que já existia na prática, foi para o papel e teve continuidade com a professora Marlete Brum Cleff, atual coordenadora.

Para os acadêmicos, a extensão é extremamente importante, uma vez que representa uma oportunidade para estudantes colocarem em prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula, além disso, através dela aprendem a lidar com situações reais, assim como instruir e apoiar medidas integrativas à sociedade. Este e outros

projetos de extensão, tem demonstrado o quanto contribuem para a formação de profissionais qualificados, que passam a conhecer e entender as necessidades da sociedade, atuando a partir do conhecimento da realidade e buscando alternativas que promovam um desenvolvimento social. Ainda acredita-se que os discentes estarão aptos mais precocemente à práti-

ca profissional, pois ainda em formação começam a conhecer as exigências de um mercado de trabalho competitivo.

Metodologia

As consultas clínicas são realizadas às terças e quintas das 8h às 11:30h, são atendidas 10 fichas e 2 retornos, os pacientes são atendidos por ordem de chegada e os proprietários precisam fazer uma entrevista com a assistente social que lhes fornece um número de cadastro. Para estar apto a receber atendimento o proprietário tem que apresentar documentos como identidade, CPF, comprovante de residência e comprovar renda de até um salário mínimo por família, e/ou receber auxílios do governo, como bolsas sociais. Além do atendimento clínico, também são coletadas amostras para exames complementares e encaminhados aos diversos setores da UFPel.

São realizadas visitas domiciliares quando o número de animais é muito grande, o que inviabiliza a consulta no ambulatório. Nessas visitas são repassadas orientações sobre zoonoses, posse responsável, controle populacional, prevenção de doenças e cuidados com o animal.

No entanto, o projeto vai além do atendimento veterinário, e promove também eventos que visam a interação dos moradores e crianças da comunidade, como forma de agradecimento à confiança e aos conhecimentos prestados aos integrantes do projeto, e como forma de promover maior envolvimento entre alunos e comunidade. Com esse objetivo são realizadas ações em datas comemorativas como Páscoa, Dia das Mães, Dia das Crianças e Natal, onde inserimos nas brincadeiras com as crianças, noções de posse responsável e controle de zoonoses. A ação mais recente foi a do Dia das Mães, que foi realizada em maio deste ano, destinada às mulheres moradoras da comunidade, cujo objetivo foi desenvolver atividades de lazer, entretenimento e cultura. O evento contou com mais de 30 mulheres, e foi desenvolvido pelos professores e alunos participantes do projeto Ceval, que montaram oficinas e distribuíram lanches e livros sobre plantas medicinais às participantes. Uma das oficinas oferecidas foi a produção de sabonetes aromáticos à base de plantas medicinais (Figura 1), realizada pelas alunas de graduação e pós-graduação, integrantes do grupo Fitopeet, juntamente com sua orientadora. Nessa oficina as participantes puderam aprender a fazer sabonetes aromáticos e levar para casa as amostras produzidas

no dia e a fórmula dos sabonetes para produzirem posteriormente. Também houve distribuição de mudas de plantas de arruda, alecrim, pimenta e manjerona, todas identificadas, com instruções de uso e descrição das indicações (Figura 2). Nesse evento também houve a presença de uma profissional da saúde, que conversou com as mulheres sobre a importância do auto exame das mamas e o câncer de mama. Ao final das atividades, houve um momento de confraternização entre as participantes, extensionistas, professores, alunos de pós-graduação e sociedade, onde pode-se acompanhar apresentações musicais.



Figura 1: Oficina de produção de sabonetes aromáticos
Fonte: Elaborado pelos autores



Figura 2: Mudas de plantas distribuídas às participantes
Fonte: Elaborado pelos autores

Resultados

Com relação ao atendimento dos animais de companhia, no ano passado (2013) foram realizados em torno de 700 atendimentos, em sua maioria cães, porém o atendimento de felinos tem crescido bastante (CLEFF, 2013). Dos sistemas acometidos o sistema tegumentar continua sendo o mais frequente, possi-

velmente devido a este sistema estar exposto a constantes agressões, além de representar o maior órgão do corpo e o mais visível, chamando a atenção dos proprietários para as alterações presentes.

Para a sustentação do projeto, tem sido desenvolvido parcerias com algumas empresas e estabelecimentos veterinários que fazem doações de medicamentos, rações, suplementos vitamínicos, dentre outros.

Outro ponto que é abordado na comunidade é o uso de plantas medicinais como tratamento alternativo, pois estudos têm demonstrado a eficácia frente a micro-organismos e além disso o custo é menor, o que torna o tratamento mais acessível à população. Para que se tivesse conhecimento das plantas disponíveis na comunidade, foi realizado um levantamento pelos alunos de graduação e pós-graduação, o que resultou num Manual de Uso de Plantas Medicinais e também propiciou o desenvolvimento de Dissertação de Mestrado do PPGVet – UFPel (GIORDANI, 2013).

Além das experiências com a comunidade, que puderam ser obtidas desde o início da graduação, essa troca fez com que alunos aceitassem o desafio e fossem interagir com outras comunidades além dos limites da nossa Nação, pois com o Programa Ciências sem Fronteiras, hoje temos extensionistas atuando em países como Estados Unidos, Alemanha e Austrália e todos tiveram a semente da extensão semeada através do projeto do Ceval.

Conclusão

Finalmente podemos concluir que a Extensão é de muita valia, pois é o elo que une os discentes com a comunidade na qual estão inseridos e assim com a realidade que os cerca. Além de despertar nos alunos, através deste convívio, para a possibilidade de serem agentes de transformação para uma sociedade mais justa e de uma forma ou outra, poderem contribuir para um mundo melhor.

Referências

GIORDANI, C. Investigação de plantas medicinais e tóxicas em Pelotas-RS e determinação da atividade antifúngica frente a *Malassezia pachydermatis*. PPG-FVET – UFPel. Pelotas, 2013.

CLEFF, M.; MORAES, T.; CAPELLA, G.; ANANA, D.; ROSA, A. J.; SILVA, C.; ATHAIDE, C.; ROSA, C. - Saúde e bem estar humano e animal: Ações em comunidades carentes combatendo a desigualdade social.- 31º SEURS – Seminário de Extensão Universitária, Florianópolis/SC – Agosto de 2013.

Referências eletrônicas

SERRANO, R. M. S. M. “Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire.” Grupo de Pesquisa em Extensão Popular. Disponível em: http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensaouniversitaria.pdf. Acesso em 16/08/2014.

APRENDER E ENSINAR SAÚDE BRINCANDO

BORGES, Ananda Rosa

Bolsista PROBEC/UFPeI

BARBOZA, Michele Cristiene Nachtigall

Professora do Departamento de Enfermagem/UFPeI,
co-orientadora

GABATZ, Ruth Irmgard Bärtschi

Professora do Departamento de Enfermagem/UFPeI,
orientadora.

A interação humana ocorre a partir da comunicação favorecendo o contato entre as partes que, além de permitir a troca de gestos, saberes e emoções, permite a transmissão de informação e sentimentos de um ser para outro (HANDEN; ROCHA; FIGUEIREDO, 2003). Com as crianças esta concepção não é diferente, porém as formas de comunicação e transmissão de informações devem ser de acordo com suas percepções, para assim promover um entendimento adequado.

Uma forma de transmitir os saberes científicos de saúde para a população em geral, são as ações de educação em saúde. Estas ações são estratégias integradoras que visam promover no indivíduo, por meio de saberes coletivos, sua autonomia e emancipação (MACHADO et al., 2007). A enfermagem tem como um de seus objetivos a promoção da saúde, no trabalho com crianças esta prática torna-se indispensável, tendo como meio de sua efetivação a educação em saúde através do uso de atividades lúdicas.

A concepção de que o brincar influencia positivamente na recuperação da criança remonta os tempos de Florence Nightingale (RIBEIRO et al., 2002). A assistência de enfermagem à criança requer profissionais comprometidos, responsáveis e criativos. No trabalho com as crianças é imprescindível buscar metodologias alternativas de abordagem, sendo o brinquedo terapêutico uma das mais utilizadas e efetivas, possibilitando ao profissional de saúde inserir-se no universo infantil, bem como uma abordagem mais compreensível das questões de saúde.

O brincar é uma forma de conquistar confiança e através dela ensinar formas de autocuidado como uma boa higiene, alimentação saudável, vacinação e cuidados relacionados a práticas do cotidiano infantil.

O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados positivos da utilização do brinquedo terapêutico em atividades realizadas pelos acadêmicos de enfermagem integrantes do projeto de extensão Aprender e Ensinar Saúde Brincando. As atividades são de educação em saúde com crianças de uma escola de educação infantil e da pediatria de um hospital escola de médio porte do sul do Brasil. A finalidade do projeto é propiciar aos discentes um maior contato com a criança e seu mundo, favorecendo a comunicação e buscando estimular o desenvolvimento saudável.

Metodologia

Trata-se de um relato de experiência sobre as atividades vivenciadas no projeto de extensão. As atividades são realizadas semanalmente, realizadas por um grupo de acadêmicas em uma escola infantil e por outro na Pediatria de um Hospital escola de médio porte do sul do Brasil. Na escola infantil, as atividades são realizadas com aproximadamente 15 crianças na faixa etária de 4 anos e duram de 1 a 1 hora e meia. Na Pediatria do Hospital Escola, as atividades são realizadas com crianças de 2 a 12 anos com duração variável dependendo do andamento da atividade. Os temas abordados durante o primeiro semestre de 2014 foram higiene oral e corporal, alimentação saudável, gastroenterite, escabiose, dengue, vacinação, cuidados com animais de estimação e com animais peçonhentos, conhecimento do corpo humano e dos sentidos e cuidados domésticos, além de atividades relacionadas a datas festivas como o dia das mães e a festa junina, também foram abordadas as profissões, a reciclagem e a copa do mundo. As atividades são realizadas a partir de jogos, desenhos, teatros e histórias. Os temas abordados, o planejamento, a produção de algumas atividades e a produção de trabalhos científicos são decididos e discutidos em reuniões quinzenais do projeto com as orientadoras, e, semanalmente, as atividades são planejadas através da rede social Facebook, de forma que todos os envolvidos dão sugestões referentes ao que será trabalhado com as crianças.

Resultados

Segundo Furtado e Lima (1999) ao brincar a criança torna-se criativa e reinventa o mundo, desenvolve a afetividade e, por meio do mundo mágico, do 'faz de conta', explora seus próprios limites, partindo para uma aventura que poderá levá-la ao encontro de si mesma. A assistência de enfermagem com o brinquedo terapêutico favorece o cuidado integral e integrador em que jogos e brincadeiras dão suporte às atividades desenvolvidas. Dessa forma, o brinquedo terapêutico além de beneficiar a criança também se constitui em uma forma de inserção do acadêmico de enfermagem no universo infantil, permitindo-lhe a ampliação do seu conhecimento.

O principal objetivo da realização do projeto na escola infantil é a promoção da saúde, já na Pediatria, além de promover a saúde, objetiva-se levar atividades de lazer que proporcionem alegria visando desfocar do

contexto de internação hospitalar. Através da aproximação com a utilização do brinquedo terapêutico nas atividades do enfermeiro pediátrico, seja na atenção básica ou na atenção hospitalar, foi possível perceber que a criação do vínculo entre as partes é facilitada visto que por meio dessa prática há formação de confiança devido a adequação da postura das acadêmicas frente à criança. A mesma passa a enxergar o profissional como alguém que almeja o seu bem estar e que lhe ensina formas de saber ter um desenvolvimento saudável, ou seja, há a desmitificação do profissional de enfermagem como a pessoa que realiza os procedimentos dolorosos e, por consequência, do hospital como um lugar triste no qual somente há sofrimento e dor.

Conclusão

As vivências que foram proporcionadas trouxeram compensação aos acadêmicos visto que as atividades realizadas traziam alegria às crianças e tranquilidade aos pais que, ao verem seus filhos saindo do estado de apatia em que se encontravam, sentiam-se gratificados. Ademais, a carreira de enfermagem é desvalorizada atualmente e ao ver diversas crianças quererem tornar-se enfermeiros, pois se inspiravam com a postura dos acadêmicos, mostra o reconhecimento da profissão.

Por fim, destaca-se a importância do uso do brinquedo também para assistência na enfermagem pediátrica, pois por meio dele seria mais fácil estabelecer uma relação de confiança com a criança aproximando-se dela com a atividade que ela compreende melhor, o brincar.

Referências

- FURTADO, MCC; LIMA, RAG. Brincar no hospital: subsídios para o cuidado de enfermagem. Revista da Escola de Enfermagem a USP, São Paulo, v. 33, n. 4, 1999. p. 364-369.
- HANDEM, PC; ROCHA, RG; FIGUEIREDO, NMA. Comunicação e toque: a influência do ambiente nos cuidados. In: Figueiredo NMA de et al. Práticas de enfermagem: ensinando a cuidar da criança. 4. ed. São Caetano do Sul: Difusão, v.3, cap.9, 2003. p. 319 -340.

MACHADO, MFAS; MONTEIRO, EMLM; QUEIROZ, DT; VIEIRA, NFC; BARROS, MGT. Integralidade, formação de saúde, educação em saúde e as propostas do SUS: uma revisão conceitual. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 12, n. 2, 2007. p. 335- 342.

RIBEIRO, CA; MAIA, EBS; SABATES, AL; BORBA, RIH; REZENDE, M; ALMEIDA, FA. Mesa-redonda: o brinquedo e a assistência de enfermagem à criança. *Enfermagem Atual* 2002. p. 6-17.

ATUAÇÃO ACADÊMICA EM UMA UNIDADE DE ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA: FRENTE À PREVENÇÃO DO CÂNCER DO COLOUTERINO

COELHO, Fabiula Ferreira

Aluna do curso de Enfermagem/UCPEL, bolsista do PET Redes de Atenção/UCPEL

GARCIAS, Carla Maia

Professora do Departamento do Centro de Ciências da Vida e da Saúde/UCPEL, orientadora.

A Universidade Católica de Pelotas (UCPel) contratualizou em agosto do ano de 2013, uma parceria com a Prefeitura Municipal de Pelotas, visando a expansão do Programa Estratégia de Saúde da Família (ESF) no município e assim, oportunizou aos acadêmicos, atuantes nas Unidades da UCPEL, participar da continuidade de uma Rede de Atenção Primária no Serviço Único de Saúde (SUS) e aperfeiçoar as boas práticas de educação e promoção à saúde, atuando na prevenção de agravos, oportunizando a excelência do atendimento à saúde da comunidade e ajudando na obtenção de diagnósticos precoces em patologias como Cânceres de Colo do Útero e Mama, além disso, a universidade possui vínculo com o Ministério da Saúde e da Educação, onde conta com o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde), projeto que dá aos acadêmicos oportunidade de inserir-se no ambiente de trabalho na atenção primária precocemente.

Conforme HADDADL (2009) o PET-Saúde tem como pressuposto a educação pelo trabalho e disponibiliza bolsas para tutores, preceptores e estudantes de graduação da área da saúde. O PET-Saúde busca incentivar a interação ativa dos estudantes e docentes dos cursos de graduação em saúde com os profissionais de saúde e com a população.

A Universidade conta com quatro Unidades Básicas de Saúde (UBS), todas foram privilegiadas com acadêmicos do PET-Saúde, com o subprojeto: Doenças Crônicas com ênfase em Câncer de Mama e Câncer do colo do útero. Formado por preceptoras (profissionais que atuam na própria unidade) e acadêmicas de graduação dos cursos de Enfermagem, Medicina e Serviço Social, que desenvolvem ações de promoção e prevenção à saúde destinada a população feminina.

Dentre as unidades da UCPEL que foram privilegiadas com o projeto, a Unidade Pestano Caic, localizada na periferia da cidade de Pelotas, atendendo uma população carente, onde se encontram em condições precárias de saneamento básico e ambientes não favoráveis a saúde. A unidade conta com uma equipe que executa o projeto composta por uma preceptora, médica da unidade e orientadora deste trabalho, e três acadêmicas, sendo duas do curso de Enfermagem e uma do curso de Medicina. Equipe que desenvolve

ações de prevenção e promoção à saúde relacionadas ao câncer do colo do útero e câncer de mama, a fim de aumentar a cobertura da unidade com relação à população feminina do bairro.

Conforme o INCA (2014), o câncer do colo do útero está associado à infecção persistente por subtipos oncovirais do Papilomavírus Humano (HPV), especialmente o HPV-16 e o HPV-18, responsáveis por cerca de 70% dos cânceres cervicais. A prevenção primária do câncer do colo do útero está relacionada à diminuição do risco de contágio HPV. A transmissão da infecção pelo vírus ocorre por via sexual, presumidamente através de abrasões microscópicas na mucosa ou na pele da região anogenital. Consequentemente, o uso de preservativos (camisinha) durante a relação sexual com penetração protege parcialmente do contágio pelo HPV, que também pode ocorrer através do contato com a pele da vulva, região perineal, perianal e bolsa escrotal. O Ministério da Saúde implementou no calendário vacinal, em 2014, a vacina tetravalente contra o HPV para meninas de 9 a 13 anos de idade. Esta vacina protege contra os subtipos 6, 11, 16 e 18 do HPV. Os dois primeiros causam verrugas genitais e os dois últimos são responsáveis por cerca de 70% dos casos de câncer do colo do útero.

Segundo o INCA (2014), o método principal e mais amplamente utilizado para rastreamento do câncer do colo do útero é o teste de Papanicolaou (exame citopatológico do colo do útero). Segundo a OMS, com uma cobertura da população-alvo de, no mínimo, 80% e a garantia de diagnóstico e tratamento adequados dos casos alterados, é possível reduzir, em média, de 60 a 90% a incidência do câncer cervical invasivo.

Metodologia

Ao decorrer destes 12 meses de atuação do projeto na unidade, foram desenvolvidas inúmeras ações de promoção e prevenção à saúde voltadas à população feminina do bairro. A primeira ação do projeto na unidade foi elaborar orientações antes da realização do exame papanicolaou e também sobre o autoexame das mamas, que são entregues no momento da marcação do exame para que a mulher saiba algumas ações que não se deve fazer antes do exame, além disso, realizou-se palestras nas escolas mais próximas da unidade abordando os temas câncer de colo de útero e de mama com ênfase na prevenção. Ações educativas nas datas festivas como por exemplo de natal, ano novo, dia da mulher, entre outras,

também foram desenvolvidas pelo projeto. Consultas assistenciais também são realizadas pelas acadêmicas para coleta do exame citopatológico, onde é feito uma abordagem do histórico familiar desta mulher, para que possa ser frisado as informações de quem tem histórico familiar da doença, pois grande maioria não sabe que deve iniciar a coleta de exames mais cedo. Devido a unidade ter se tornado estratégia de saúde da família (ESF), o projeto realizou um treinamento para as agentes comunitárias de saúde, para que pudessem realizar busca ativa das mulheres que estão na idade preconizada e não realizam o exame, entregando as orientações e marcando a consulta conforme disponibilidade de horários da agenda das integrantes do projeto. A revisão bibliográfica para construção do trabalho se deu no período de junho a agosto de 2014. Procuraram-se publicações que fossem publicadas no idioma português e abordassem o tema estudado. Encontraram-se duas publicações, além do Caderno de Atenção Básica: Controle dos cânceres do colo do útero e da mama, do Ministério da Saúde e o site do Instituto Nacional do Câncer (INCA) todos utilizados para análise e discussão. Além destes materiais houve a coleta de dados extraídos do livro de controle de exames citopatológicos da unidade.

Resultados

Depois das ações desenvolvidas para que o número de consultas para coleta de exame citopatológico aumentasse realizou-se um levantamento de dados no livro de registro de exames citopatológicos coletados na unidade, a fim de saber se o número de exames após a atuação do projeto havia aumentado, conforme objetivo principal.

Encontrou-se no ano anterior ao projeto, referente a agosto de 2012 a 05 de agosto de 2013, 236 atendimentos realizados para coleta de exames. Um ano depois da atuação do projeto, referente a 07 de agosto de 2013 a agosto de 2014 foram encontrados o registro de 343 atendimentos para coleta de exames, 107 consultas a mais do que no ano anterior, onde orientamos e esclarecemos dúvidas as mulheres da comunidade.

Conclusão

Conclui-se que devido as ações de grande importância realizadas ao longo deste um ano de atuação do projeto na unidade, obteve-se um aumento signifi-

cativo no número de exames citopatológicos, deixando claro que as atividades de promoção e prevenção à saúde do projeto teve um grande impacto positivo nesses números, além disso, a proximidade com a população e a criação de vínculos que a atenção básica e a ESF proporciona, gera uma maior introdução dessas mulheres em idade preconizada no serviço de saúde, além disso, com o cadastramento da ESF estima-se aumentar os resultados, devido a busca ativa que poderá ser realizada.

A atuação acadêmica permanecerá na unidade até agosto de 2015, tendo em vista seguir realizando ações educativas para prevenção do colo uterino e de mama, aumentando o número de atendimentos para consulta direcionada a saúde da mulher na comunidade.

Referências

PINHO, A. A; FRANÇA-JUNIOR, I. Prevenção do câncer de colo do útero: um modelo teórico para analisar o acesso e a utilização do teste de papanicolaou. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, Recife, v.3, n.1, p. 95-112, 2003.

HADDADL, A. E; et al. Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde - PET- SAÚDE. Cadernos da Associação Brasileira de Educação Médica, Brasília, v.5, p. 6-12, 2009.

Referências eletrônicas

Controle do cancer do colo do útero. Instituto Nacional do Câncer. Disponível em: http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/acoes_programas/site/home/nobrasil/programa_nacional_controle_cancer_colo_uterio. Acesso em 14 de julho de 2014.

Cadernos de Atenção Básica: Controle dos Cânceres do colo do útero e da mama. Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/cab13.pdf>. Acesso em 09 de julho de 2014.

AVALIAÇÃO DO REFLEXO DO PRÉ-NATAL ODONTOLÓGICO NA SAÚDE BUCAL DAS CRIANÇAS AOS 3 ANOS DE IDADE

FRAGA, Andressa Pedreira

Aluna do curso de Odontologia/UFPeI, bolsista PRO-BEC/UFPeI

CUBA, Kayane Dias

Aluna do curso de Odontologia/UFPeI, bolsista PRO-BEC/UFPeI

CASARIN, Renata Picanço

Mestranda em Odontopediatria/UFPeI, estágio de docência/UFPeI

PINTO, Gabriela dos Santos

Doutoranda em odontopediatria, Estágio de docência

ROMANO, Ana Regina

Professora da Faculdade de Odontologia, orientadora do Projeto Atenção Odontológica Materno-infantil

A cárie dentária é um problema socioeconômico e comportamental que atinge crianças em idade precoce e que se não tratado, será responsável por futuros prejuízos à saúde bucal e qualidade de vida do indivíduo. Segundo Bönecker (1997) nas idades entre zero e 12 meses, 8,9% das crianças de Diadema, SP, apresentavam cárie, aumentando para 34,5% entre 12 e 24 meses e 66,5% entre 24 e 36 meses de idade. Estes dados mostram que existe um grande incremento de cárie de um para os dois anos de idade, sendo chamado de cárie na primeira infância. Somado a esta condição, há um acesso limitado das crianças aos serviços odontológicos, tornando a implementação de estratégias preventivas de grande relevância.

O entendimento da cárie como uma doença causada pela presença do biofilme, resultante dos hábitos comportamentais familiares nocivos tem relação com os achados de Andrade, Canabarro e Moliterno (2012) que descreveram que a experiência de cárie dentária da mãe mostrou-se reproduzida na experiência de cárie do filho na dentição decídua, demonstrando a importância da realização de programas orientados para a efetiva mudança de comportamento e estímulo aos hábitos e dietas saudáveis. Importante destacar que a gestação é um momento em que as mulheres estão motivadas para fazerem mudanças saudáveis e que as ações para melhorar a saúde bucal de mulheres grávidas podem reduzir os gastos para tratamento da doença cárie em idade precoce. Desta forma, o pré-natal odontológico, tem papel de destaque, sendo que, as futuras mães devem receber além das orientações de promoção de saúde bucal e geral para seu futuro bebê, atendimento específico para controlar a placa dentária de forma mecânica, química e/ou física, respeitando os limites impostos pela condição sistêmica e física da gestação. Com estas ações, além de modificar seus hábitos, haverá diminuição do número de bactérias da saliva e assim, a possibilidade de retardar a contaminação do bebê, promovendo e perpetuando a saúde bucal da família. Assim, o objetivo foi avaliar se o pré-natal odontológico teve um reflexo positivo na saúde bucal das crianças do programa de extensão atenção odontológica materno-infantil (AOMI).

Metodologia

Foi realizado um estudo retrospectivo com a avaliação transversal e longitudinal de dados dos prontuários de bebês e de gestantes acompanhados no projeto de extensão atenção Odontológica Materno-infantil, da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Odontologia em 2013. A AOMI é um projeto que acompanha o semestre curricular, sendo executado quatro horas por 30 semanas/ano, cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura com o código 52650018 que tem como proposta atuar nos pares mãe-filho, iniciando no período gestacional, realizando o pré-natal odontológico. Entretanto, como muitas mães procuravam após o nascimento do bebê, algumas para acompanhamento da saúde bucal do filho ou para resolver um problema de saúde bucal instalado, foi mantido o atendimento de livre demanda do bebê, de preferência antes do primeiro ano de vida e no máximo até 24 meses. Fizeram parte deste estudo parcial, os prontuários de bebês e mães, cujo o termo de consentimento livre e esclarecido estivesse assinado e que o bebê atendesse aos critérios mínimos descritos na Figura 1.

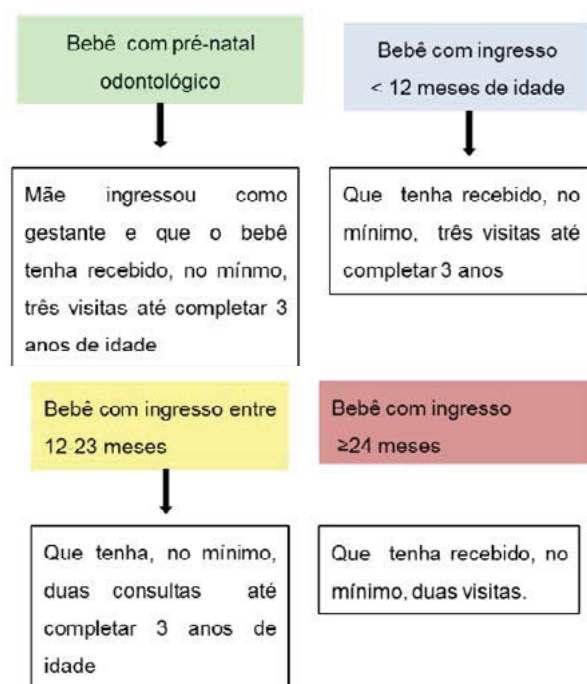


Figura 1: Critérios mínimos para inclusão do prontuário na avaliação aos 3 anos

Fonte: Figura elaborada por Ana Romano, 2014.

Para a coleta de dados das fichas do programa foi elaborada uma ficha contendo as variáveis de interesse para este estudo e foi coletado, de forma padroni-

zada, por uma única pessoa, sendo digitados de forma dupla, avaliadas inconsistências e as frequências e médias foram avaliadas no programa IBM SPSS, considerando a classificação de severidade da Academia Americana de Odontologia Pediátrica (AAPD3, 2011).

Resultados

Nesta avaliação parcial foram coletados dados de 231 prontuários, sendo 52,8% meninos e 47,2% meninas, distribuídos de acordo com a idade da primeira consulta e condição socioeconômica de acordo com a Tabela 1. A idade média, de toda a amostra, da primeira consulta foi de 10,6 meses. Na avaliação longitudinal, aos 3 anos de idade, 167 crianças atenderem os critérios de inclusão, evidenciando estatisticamente ($p < 0,001$) que quanto mais tarde o início da primeira consulta, pior a condição da cavidade bucal da criança (Tabela 2). Considerando a porcentagem de crianças com cárie severa aos 3 anos de idade, os valores nos diferentes grupos de início da primeira consulta foram de 9,5%, 22,2%, 53,8% e 68,4%, respectivamente, para ingresso no pré-natal odontológico, com <12 meses, entre 12-13 meses, com 24 ou mais meses, sendo estatisticamente significativa ($p < 0,001$).

Conclusões

O pré-natal Odontológico teve um reflexo positivo na severidade da cárie aos 3 anos de idade. Quando mais precoce for a primeira visita odontológica melhor será a condição bucal da criança aos 3 anos de idade, sem diferença no número total de consultas.

Referências

- ANDRADE, M.R.T.C.; CANABARRO, A.; MOLITERNO, L.F. Experience of dental caries in mother/child pairs: association between risk indicators and dental caries. *Rev Gaúcha Odontol*, Porto Alegre 2012; 60 (2):179-185.
- AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRIC DENTISTRY. Guideline on Perinatal Oral Health Care. *Pediatr Dent* 2011;35(6):131-136.

AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRIC DENTISTRY. Policy on early childhood caries (ECC): Classifications, consequences, and prevention strategies. *Pediatr Dent* 2011;33(special issue):47-49.

BÖNECKER M, MARCENES W, SHEIHAM A. Caries reductions between 1995, 1997 and 1999 in preschool children in Diadema, Brazil. *Int J Paediatr Dent* 2002; 12(2):183-188.

BOGGESESS, K.A.; URLAUB, D.M.; MASSEY, K.E.; MOOS, M.K.; MATHESON, M.B.; LORENZ, C. Oral hygiene practices and dental service utilization among pregnant women *JADA* 2010;141(5):553-561.

BURLEIN, J. K.; HOROWITZ, A. M.; CHILD, W. L. Perspectives of Maryland woman regarding oral health during pregnancy and early childhood. *Journal of Public Health Dentistry* 2011; 71:131-135.

DARELA, A.C.; PERES, A. S.; ROMANO, A. R.; NOVAES, L. H. S. Hábitos e comportamentos familiares e a promoção de saúde bucal. *Rev Paul Pediatría* 1999; 17 (2): 68-73.

FERREIRA S.H., BÉRIA J.U., KRAMER P.F., FELDENS E.G., FELDENS C.A. Dental caries in 0- to 5-year old Brazilian children: prevalence, severity, and associated factors. *Int J Paediatr Dent* 2007; 17:189-196.

GRADELLA, C. M. F.; OLIVEIRA, L. B.; ARDENGHI, T. M.; BONECKER, M. Epidemiologia da cárie dentária em crianças de 5 a 59 meses de idade no município de Macapá, AP. *RGO Porto Alegre* 2007;55(4): p. 329-334

KRAMER, P.F.; ARDENGHI, T.M.; FERREIRA, S.; FISHER, L.A.; CARDOSO, L.; FELDENS, C.A. Utilização de serviços odontológicos por crianças de 0 a 5 anos de idade no município de Canela, Rio Grande do Sul. *Cad Saude Publica* 2008; 24(1):150-156

AVALIAÇÃO DO RISCO À ATIVIDADE DE CÁRIE EM BEBÊS NO PROJETO DE EXTENSÃO ATENÇÃO ODONTOLÓGICA MATERNO-INFANTIL

COSTA, Gabriela Quadros

Aluna do curso de Odontologia/UFPeI, bolsista PRO-BEC/UFPeI

PILOWNIC, Katerine Jahnecke

Mestranda em Odontopediatria/UFPeI, estágio de docência/UFPeI

KRÜGER, Marta Silveira da Mota

Doutoranda em odontopediatria, Estágio de docência/UFPeI

AZEVEDO, Marina Sousa

Professora da Faculdade de Odontologia, orientadora no Projeto Atenção Odontológica Materno-infantil

ROMANO, Ana Regina

Professora da Faculdade de Odontologia, orientadora no Projeto Atenção Odontológica Materno-infantil

A avaliação do risco de atividade de cárie é um importante passo para o planejamento do tratamento em odontopediatria. Pode-se definir risco de cárie como a probabilidade de um indivíduo desenvolver determinado número de lesões de cárie durante um período de tempo (KALWITZKI et al., 2002). As recomendações de medidas preventivas de rotina mostram-se muito eficazes quando consideramos a população em geral, no entanto, elas não tem como alvo pacientes que estão em maior risco do que a média (BERG, 2007).

Devido a etiologia multifatorial da cárie dentária, às interações múltiplas e complexas entre os fatores de risco, e à dependência de cada fator em relação a dose, frequência e duração, a construção um modelo para avaliação do risco de cárie é uma questão muito complexa. Na literatura, modelos para avaliação do risco de cárie, variam desde modelos simples que consideram apenas um fator de risco, até modelos complexos que incluem métodos mais sofisticados, como testes microbianos e análise saliva. Há evidências que modelos que incluem apenas um fator de risco ou uma combinação de dois fatores, não são capaz de determinar o risco de uma criança desenvolver lesões de cáries com êxito (ZUKANOVIC, 2013). A Academia Americana de Odontologia Pediátrica (AAPD, 2011) tem sugerido um modelo mais completo.

No entanto, tem sido demonstrado que a acurácia dos modelos deve ser determinada por estudos longitudinais que, embora sejam de mais difícil delineamento em relação aos transversais, possibilitam através do acompanhamento clínico do paciente, a eficiência do modelo em prever o surgimento de lesões de cárie (SBU, 2007).

Dessa forma, o objetivo desse estudo foi apresentar o protocolo de avaliação de risco à atividade utilizado no projeto de extensão atenção odontológica materno-infantil (AOMI), relacionando com a porcentagem de crianças livres de cárie no acompanhamento longitudinal.

Metodologia

Foi realizado um estudo retrospectivo com a avaliação transversal e longitudinal de dados dos prontuários

de bebês e de gestantes acompanhados no projeto de extensão atenção Odontológica Materno-infantil, da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Odontologia em 2013. A AOMI é um projeto que acompanha o semestre curricular, sendo executado quatro horas por 30 semanas/ano, cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura com o código 52650018 que tem como proposta atuar nos pares mãe-filho, iniciando no período gestacional, realizando o pré-natal odontológico. Entretanto, como muitas mães procuravam após o nascimento do bebê, algumas para acompanhamento da saúde bucal do filho ou para resolver um problema de saúde bucal instalado, foi mantido o atendimento de livre demanda do bebê, de preferência antes do primeiro ano de vida e no máximo até 24 meses. Fizeram parte deste estudo parcial, os prontuários de bebês e mães, cujo o termo de consentimento livre e esclarecido estivesse assinado e que o bebê atendesse aos critérios mínimos descritos na Figura 1. Foi utilizada a classificação de risco à atividade presente no prontuário (Figura 2), com os parâmetros descritos na Tabela 1. Nos pacientes com risco determinado o protocolo foi: identificar a causa (dieta, falta de limpeza); educação e orientação do núcleo familiar (estímulo constante); auxiliar no controle mecânico efetivo de biofilme; aplicação de flúor profissional; reavaliação do risco.

Para a coleta de dados das fichas do programa foi elaborada uma ficha contendo as variáveis de interesse para este estudo e foi conduzido, de forma padroni-

zada, por uma única pessoa, sendo digitados de forma dupla, avaliadas inconsistências e as frequências e médias foram avaliadas no programa IBM SPSS com utilização dos testes t e de associação linear, com nível de confiança estabelecido em 95% ($p < 0,05$).

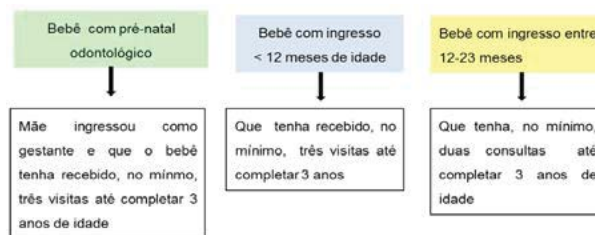


Figura 1: Critérios mínimos para inclusão do prontuário na avaliação aos 3 anos

Fonte: Elaborado pelos autores

Resultados

Nesta avaliação parcial foram considerados dados de 209 prontuários, sendo 54,1% meninos e 45,9% meninas que nasceram em 50,2% dos casos de parto normal, 48,8% de cesárea e 1% foi adotado. Das mães, 51,4, 53,1 e 67,3 tiveram mais de oito anos de estudos, respectivamente, para o grupo pré-natal, <12 meses e entre 12-23 meses, sendo significativamente maior no grupo que iniciou entre 12-23 meses. A renda familiar média da amostra foi de 3,48 salários mínimos e sem diferença entre os grupos.

A idade média de início da primeira consulta foi diferente estatisticamente, sendo com 4,9, 7,2 e 18,4 meses, respectivamente, para o grupo pré-natal, <12

FATORES ANAMNESE

VALORES

PARÂMETROS DE RISCO À ATIVIDADE

Aleitamento noturno	1	Presente após à irrupção dentária
Frequência de sacarose	4	+ de 7x / dia
Higiene bucal	1	Ausente (não realiza)
Quem realiza a higiene	1	Ninguém ou se não for a Mãe ou responsável
Problema sistêmico crônico	1	Presença diária de medicamentos (xarope)
Escolaridade materna	2	Mãe com menos de 8 anos de estudo

EXAME CLÍNICO

Presença de placa visível	3	Sim
Dentes em <u>infra-oclusão</u>	1	Presentes
Tipo de Arco (BAUME)	1	Arco tipo II
Alterações da forma dentária	1	Presentes
Autocuidado materno	2/4	0=bom 2=médio 4=ruim

😊 **ATÉ 10 PONTOS** = Sem risco, sugestão de retorno em 4 meses

😐 **ENTRE 10-15 PONTOS NEGATIVOS** = Risco Moderado, sugestão de retorno em 2 meses

😞 **+ 15 PONTOS NEGATIVOS** = Risco Alto, sugestão de retorno no próximo mês

Idade da Avaliação	Grupo(N)	Não avaliado N(%)	Não se aplica N(%)	Sem risco N(%)	Risco Moderado N(%)	Risco Alto N(%)	p
1 ano N=162	Pré-natal (109)	21(19,3)	65 (59,6)*	16 (14,7)	5 (4,6)	2(1,8)	0,832
	<12 meses (53)	11(20,8)	27(50,9)*	10 (18,9)	4 (7,5)	1(1,9)	
2 anos N=183	Pré-natal (96)	14(14,6)	5(5,2)**	32(33,3)	30(31,3)	15(15,6)	0,000
	<12 meses (42)	8(19,0)	1 (2,4)**	12(28,6)	13(31,0)	8(19,0)	
	12-23 meses (45)	12(26,7)	17 (37,8)**	7(15,6)	6(13,3)	3(6,7)	
3 anos N=148	Pré-natal (95)	12(12,6)	9(9,5)**	30(31,6)	32(33,7)	12 (12,6)	0,000
	<12 meses (27)	3(11,1)	6 (22,2)**	10(37,0)	8(29,6)	0 (0)	
	12-23 meses (26)	4(15,4)	14(53,8)**	3(11,5)	2(7,7)	3(11,5)	
* Sem dente ** Com cárie dentária #Associação Linear							

meses e entre 12-23 meses. A Tabela 2 mostra a identificação do risco nos diferentes grupos, evidenciando que não houve diferença na avaliação de um ano de idade, que aos dois anos a diferença estava nas crianças que ingressaram tardiamente e que apresentavam lesão de cárie e aos três anos os melhores resultados foram nas crianças com pré-natal odontológico.

A porcentagem de crianças livres de cárie nas faixas etárias avaliadas de acordo com o início da primeira consulta odontológica (Figura 3), demonstrou que quanto mais cedo foi o início, melhor a condição bucal ($p<0,001$), sem aumentar o número médio de consultas, sendo que no grupo com pré-natal odontológico foi de 2,7, 4,1 e 5,7; no com <12 meses 2,7, 3,9 e 5,6; e no grupo com idade entre 12-23 meses foi 1,0, 4,2 e 6,9, respectivamente, aos 2, 3 e 4 anos de idade.

Conclusões

O protocolo de avaliação de risco da AOMI sugere ser satisfatória a identificação de crianças com risco de desenvolver atividade de cárie, especialmente naquelas que iniciaram antes do primeiro ano de vida e realizaram o correto acompanhamento longitudinal. Também reforça a necessidade de mais estudos com maiores amostras.

Referências

AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRIC DENTISTRY. G Guideline on Caries-risk Assessment and Management for Infants, Children, and Adolescents. *Pediatr Dent* 2013;35(6):123-130.

BERG JH. Dental caries detection and risk management by risk assessment. *Journal Compilation*. 2007;1(7):49-55.

KALWITZKI M, WEIGER R, AXMANN - KRCMAR D, ROSENDAHL R. Caries risk analysis: considering caries as an individual time - dependent process. *Int J Paediatr Dent*. 2002;12(2):132-42.

SBU, THE SWEDISH COUNCIL ON TECHNOLOGY ASSESSMENT IN HEALTH CARE. Caries – diagnosis, risk assessment and non-invasive treatment. A systematic review. Summary and conclusions. Report No 188. Stockholm: SBU; 2007.

ZUKANOVI A. Caries risk assessment models in caries prediction. *Acta Medica Academica* 2013;42(2):198-208.

BENEFÍCIOS DA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS PARA IDOSOS DA CIDADE DE PELOTAS

WAICHEL, Gabriela Soares

Graduando em Medicina Veterinária/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

VASCONCELLOS, Daniel Azevedo

Graduando em Medicina Veterinária/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

LIMA, Camila Moura de

Graduanda em Medicina Veterinária/UFPeI, voluntária

CAPELLA, Sabrina de Oliveira

Mestranda, programa de pós-graduação em Medicina Veterinária/UFPeI

NOBRE, Márcia de Oliveira

Professora Departamento de Clínicas Medicina Veterinária/UFPeI, orientador, coordenador.

A Terapia Assistida por Animais (TAA) é uma prática que deve ser supervisionada por profissionais da saúde, envolvendo diretamente o animal como o terapeuta, e este, deve ter o acompanhamento do médico veterinário (CAETANO, 2010).

Segundo PEREIRA (2007) deve-se seguir um protocolo para que os cães realizem as visitas, pois os animais necessitam estar saudáveis, para isso devem estar com vacinações e vermifugações em dia, tomar banho regularmente, manter uma boa escovação dos dentes, além de possuir um acompanhamento periódico ao veterinário. Esta terapia trabalha com o objetivo de melhorar a vida dos pacientes, seja em âmbito emocional, social, motor e/ou cognitivo, já que estudos comprovam que os animais ajudam a melhorar a qualidade de vida, propiciando aumento nos estados de felicidade, principalmente com idosos (COSTA, 2009).

A terapia, quando realizada em idosos, deve ser bem planejada para que o trabalho dos cães como facilitadores do processo terapêutico seja eficaz, visto que os pacientes têm inúmeras limitações físicas e psicológicas. Para o trabalho com idosos, deve ser escolhido um cão de temperamento mais calmo e submisso, devido às limitações impostas a um paciente com idade mais avançada (FLÔRES, 2009).

O Pet Terapia, da Universidade Federal de Pelotas é um projeto que objetiva, através da terapia e atividade assistida por animais, a reabilitação e recuperação de pessoas de todas as faixas etárias (crianças, jovens, adultos e idosos) com algum tipo de necessidade especial.

Metodologia

O projeto possui colaboradores de diversos cursos: Medicina Veterinária, Zootecnia, Psicologia e Terapia Ocupacional. Todos os envolvidos trabalham direcionando as atividades para suas respectivas áreas, porém, de forma complementar. O projeto trabalha com um grupo de cães, chamados de cães terapeutas. Esses animais permanecem alocados no canil da faculdade de Veterinária e recebem cuidados periódicos de higiene e saúde para que estejam aptos ao contato com as pessoas. É necessário que os cães sejam supervisionados durante a visita pelo seu condutor a fim

de evitar possíveis dificuldades. Os cães terapeutas são treinados com comandos básicos (sentar, andar junto, deitar e dar a pata), apropriados à necessidade dos pacientes em geral, e, sobretudo, observando as individualidades de cada um.

O grupo Pet Terapia realiza visitas semanais no Asilo de Mendigos de Pelotas, onde participa em conjunto com o curso de Terapia Ocupacional com atividades voltadas para, principalmente, a melhora da coordenação motora dos pacientes, aperfeiçoamento das funções cognitivas e trabalha diretamente no desenvolvimento do aspecto emocional e afetivo.

O trabalho da coordenação motora se dá através de circuitos de caminhadas, com os cães (normalmente passando por cones ou bambolês), e escovação de dentes e pêlos.

A atividade visa melhorar as funções cognitivas, e é feita através do reconhecimento do animal, com perguntas sobre o nome, idade e tipo de pelagem, e da montagem de quebra-cabeças com fotos dos cães terapeutas.

Em relação ao aspecto emocional, são feitas atividades focadas na socialização e empatia através do contato direto com os cães, os pacientes interagem fazendo carinho, pegando os cães no colo e até mesmo conversando com eles.

Resultados

É possível observar, uma melhora, principalmente, em relação à socialização e ao emocional do idoso. Nas primeiras visitas, muitos ficaram desconfiados e não quiseram participar das atividades propostas, mas foi notável que à medida que iam ganhando confiança, tanto com as pessoas, quanto com os cães, eles se tornaram mais participativos e as relações para com as pessoas foram consolidando.

Notou-se que pacientes antes indispostos à realização de atividades fizeram-se mais presentes e apresentaram mais disposição à transitar nas dependências do asilo, na companhia dos cães terapeutas. PEREIRA (2007) afirma que os animais podem promover momentos de bem-estar para alguns idosos devido ao ato de afeto e socialização desses animais.

Constatou-se que a presença dos cães motivou as pessoas para que viessem a interagir com o grupo, aumentando assim a socialização e o período de entretenimento, e a qualidade de vida. Há um bom exemplo descrito por DOTTI (2005), em seu livro, que se assemelha a um resultado obtido através das visitas

do Pet Terapia. Este relata que idosos residentes de asilos, portadores de dificuldades neurológicas e consequente dificuldade de interação com o mundo exterior, apresentaram mudanças significativas após os cães insistirem em socializarem e se relacionarem por meio da terapia.

Conclusão

Concluimos que, através da Terapia Assistida por Animais, feita com frequência, conseguimos um resultado positivo em relação ao estado emocional dos pacientes, proporcionando uma vida mais feliz e sociável e melhorando a qualidade de vida dessas pessoas.

Referências

CAETANO, Elaine Cristina Salvaro. As contribuições da TAA- Terapia Assistida por animais à psicologia. Criciúma, SC, 2010. Originalmente apresentado como trabalho de conclusão de graduação. Universidade do Extremo Sul Catarinense.

COSTA, Edmara Chaves; JORGE, Maria Selete Bessa; SARAIVA, Evelyn Rúbia de Albuquerque; COUTINHO, Maria da Penha de Lima. Aspectos psicossociais da convivência de idosos com animais de estimação: uma interação social alternativa. Psicologia: Teoria e Prática. Ceará, 2009, p. 2-15. DOTTI, Jerson. Terapia & animais. 1.ed. São Paulo, 2005, p. 294.

FLÔRES, Lenise Nascimento. Os benefícios da interação homem-animal e o papel do Médico Veterinário. Porto Alegre, RS, 2009. Originalmente apresentado para o título de especialista em Clínica Médica de pequenos animais. Universidade Federal Rural do Semi-Árido.

PEREIRA, Mara Julia Fragoso; PEREIRA, Luzinete; FERREIRA, Maurício Lamano. Os benefícios da Terapia Assistida por Animais: uma revisão bibliográfica. Saúde Coletiva. São Paulo, 2007, p. 62-66.

PEREIRA, Mário César da Silva. Terapia Assistida por cães em pacientes com doença de Alzheimer. III Congresso Ibero-americano de Psicogerontologia. Guarapuava, 2013. Disponível em: <<http://geracoes.org.br/>>. Acesso em: 16 de ago. 2014.

CENTRO DE DIAGNÓSTICO DAS DOENÇAS DA BOCA – UM SERVIÇO DE EXTENSÃO COM FOCO NA PREVENÇÃO DO CÂNCER BUCAL

BERGMANN, Darlan Radtke

Aluno do Bacharelado em Odontologia/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

XAVIER, Lucas da Cruz

Aluno do Bacharelado em Odontologia/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

TARQUINIO, Sandra Beatriz Chaves

Professora do Departamento de Semiologia e Clínica, da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pelotas

ETGES, Adriana

Professora do Departamento de Semiologia e Clínica, da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pelotas

VASCONCELOS, Ana Carolina Uchoa

Professora do Departamento de Semiologia e Clínica, da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pelotas

GOMES, Ana Paula Neutzling

Professora do Departamento de Semiologia e Clínica, da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pelotas

Segundo Moura et. al. (2012), a extensão universitária desempenha um papel relevante na formação profissional, tendo em vista ser a ligação entre a universidade e a sociedade. A edição do Plano Nacional de Extensão Universitária, do ano de 2004, apresentado pelo Ministério da Educação, afirma o conceito de extensão como um processo educativo que possibilita a relação transformadora entre universidade e sociedade, articulando o ensino e a pesquisa (HENNINGTON, 2005).

O Centro de Diagnóstico das Doenças da Boca (CDDDB) da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pelotas, em funcionamento ininterrupto e gratuito há aproximadamente 60 anos, caracteriza-se pelo desempenho de atividades clínicas e laboratoriais de Diagnóstico das Doenças Bucais.

Este serviço de extensão está vinculado ao Departamento de Semiologia e Clínica da mesma Faculdade, criado através do Projeto de Extensão com o nome de Centro de Diagnóstico e Histopatologia, sob o Código PREC/COCEPE nº. 52647015, homologado em 31.10.1994. O serviço tem caráter essencial, com funcionamento durante os dias úteis do calendário civil, não condicionado ao calendário escolar da Universidade.

Desde o ano de 2002, anualmente, cerca de 100 (cem) alunos de graduação fazem atendimento estomatológico atendendo pacientes oriundos do agendamento do CDDDB. Tais alunos têm da mesma forma, oportunidade de desenvolver projetos de pesquisa ou acompanhamentos de casos clínicos através de levantamentos epidemiológicos e clínicos do Banco de Dados gerados no serviço.

Nossa casuística registrada compreende 1000/ano (mil casos/ano) e acumula mais de 22.000 espécimens de biópsia da região bucal, o que pode ser considerado um importante e notável acervo, se comparado com outros serviços da área existentes no Brasil e até no exterior.

Os atendimentos clínicos perfazem 2000 casos/ano (dois mil casos/anos) e, atingem quase 40.000 consultas registradas sistematicamente, desde 1986.

As altas incidências do câncer bucal no Brasil, em particular na região sul do nosso estado; a interação necessária da universidade com o meio social em que

está inserida, a força da educação pela experiência e vivência direta com o problema (paciente X aluno), bem como a ampliação dos horizontes dos docentes no que diz respeito ao conhecimento da realidade social vigente são os focos de atenção do Centro de Diagnóstico das Doenças da Boca.

Metodologia

As ações propostas neste projeto tem conexão direta com este grande problema de saúde pública – o câncer bucal - e visam desencadear campanhas de prevenção e detecção desta patologia.

O Serviço está diretamente ligado às atividades da disciplina de Unidade de Diagnóstico Estomatológico II, tanto na dependência dos recursos humanos lotados nestas disciplinas, quanto ao seu caráter técnico e de coordenação.

Os alunos trabalham em duplas nas clínicas da Faculdade de Odontologia, supervisionados pelos professores do Centro de Diagnóstico das Doenças da Boca. O exame clínico é acompanhado do preenchimento de uma ficha clínica onde são registrados os dados pessoais, as demais informações pertinentes a um exame estomatológico de rotina, como características clínicas da lesão, diagnóstico e conduta terapêutica adotada.

Quando está indicado são realizadas biópsias, sendo os espécimes processados e analisados no CDDB, seguindo procedimento de rotina com análise em HE e imunoistoquímica, se necessário.

Para as lesões de natureza traumática, inflamatória, infecciosa ou neoplásica benigna que sejam detectadas é dado o seguimento do caso e tratamento devido. Assim, vários casos tem programado seu retorno para acompanhamento e reavaliação. Isto é feito através de agendamento de consulta, sendo absorvidos dentro do espaço da clínica do CDDB. Os eventuais casos de câncer confirmados através da biópsia são devidamente encaminhados para tratamento com cirurgião de cabeça e pescoço, através dos meios existentes de fluxo de pacientes desta natureza do CDDB com os serviços especializados da cidade.

Os bolsistas de extensão atuam em todas as áreas, desde tarefas técnico- administrativas, como agendamentos, até o atendimento clínico.

Segundo Moura et. al. (2001), a extensão universitária visa a levar às comunidades carentes, o desenvolvimento e a aplicação de pesquisas e ensinamentos realizados em seus departamentos acadêmicos, buscando modificar realidades e melhorar a qualidade de

vida das populações assistidas. Por outro lado, abre a convivência e a interação com as comunidades e, no convívio, novos conhecimentos são descobertos e situações diferentes daquelas vivenciadas nas clínicas intramuros acontecem; constrói-se, dessa forma, uma pluralidade que flexibiliza a elaboração de projetos de pesquisas e fortalece o ensino que ali se constitui.

Com o objetivo de conhecer a realidade recente, foi realizado um levantamento sobre os casos de carcinoma espinocelular de boca diagnosticados no primeiro semestre do ano de 2014 no CDDB, Foram avaliadas variáveis como: localização da lesão, idade média, sexo e fatores associados. As informações obtidas foram tabuladas no programa EXCEL para Windows, e as variáveis qualitativas analisadas de forma descritiva e pela distribuição de frequências (%).

Resultados

O carcinoma espinocelular (CEC) representa mais de 90% das lesões malignas que se desenvolvem na boca (NEVILLE, 2009).

Compreendendo o papel social e educativo da universidade no meio em que está inserida e a importância da saúde coletiva, no ano de 1996 o CDDB realizou a primeira Campanha de Prevenção e Detecção do Câncer Bucal - Boca à Vista. Um efeito “colateral” desta campanha se fez sentir nos anos subseqüentes, que superou o objetivo original: a divulgação do serviço através da mesma foi determinante para a subseqüente maior procura do mesmo. Após 10 edições da campanha, o CDDB encontra-se consolidado como referência no tratamento das lesões bucais entre a população de Pelotas e região.

Segundo os dados dos arquivos do CDDB, de janeiro a julho de 2014 foram realizadas 1997 consultas clínicas e 551 laudos histopatológicos, com 38 diagnósticos de carcinoma espinocelular, entre outros diagnósticos das mais diversas patologias.

Em nosso levantamento verificamos que dos 38 casos de CEC, 74% acometeram o sexo masculino, com uma média de idade de 67 anos. Esses dados vão ao encontro da literatura, que aponta que os homens são mais afetados e que a incidência global homem-mulher é de 3:1 (Neville et al., 2009). Entre os casos diagnosticados em 2014, 68% das lesões se encontravam em um estágio avançado de evolução, demonstrando que ainda há uma demora por parte das pessoas em procurar o serviço e que o diagnóstico precoce ainda é um desafio. Destaca-se neste contexto a importância

das campanhas de diagnóstico e prevenção do câncer de boca, como o Maio Vermelho (Secretaria de Saúde), para possibilitar o diagnóstico precoce e assim aumentar a taxa de sobrevivência dos indivíduos afetados.

Com relação aos locais mais afetados, destaca-se o lábio inferior (42%), seguido de borda lateral da língua (16%) e palato mole (13%). O fato de o lábio inferior ser o local mais acometido se deve pelo fato de nossa região haver muitos trabalhadores rurais, descendentes de europeus, com a pele branca, fazendo com que a radiação solar seja o principal fator de risco para o desencadeamento do câncer de lábio (LIMA, 2010). Já nos cânceres intraorais, os principais fatores de risco são o tabagismo e o consumo crônico de álcool (NEVILLE et al., 2009). O papel das campanhas de prevenção, esclarecendo a população sobre os fatores de risco e a necessidade do uso de medidas preventivas, como o hidratante labial com fator de proteção solar, novamente merece destaque.

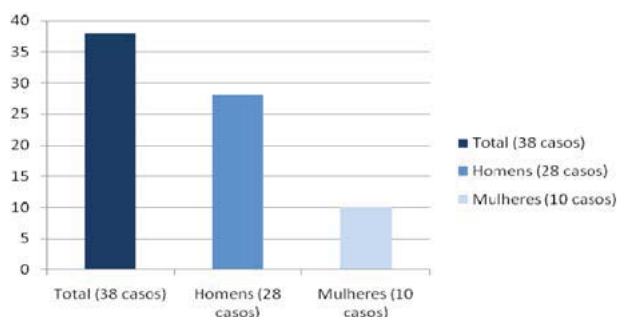


Gráfico 1: Total de casos de CEC em 2014 – CDDDB
Fonte: Elaborado pelos autores

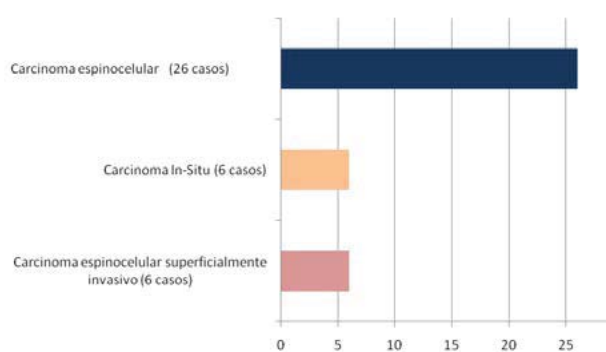


Gráfico 2: Casos por severidade da lesão
Fonte: Elaborado pelos autores

Dos 38 CECs diagnosticados no ano de 2014, em 21 os pacientes foram atendidos pelo próprio serviço. Desses 21 pacientes, através da anamnese detalhada, se pode estabelecer os fatores de risco associados com o desencadeamento das lesões. Dessas 21 pessoas, em 19 delas identificamos os fatores de risco associados com o desenvolvimento do carcinoma (fumo, álcool e radiação solar), sendo 11 casos de

câncer intraoral e 10 casos de câncer de lábio. Os 2 pacientes que não relataram fator de risco associado foram casos de câncer intraoral. No câncer de lábio 100% dos pacientes relataram exposição demasiada a radiação solar.



Gráfico 3: Fatores risco casos intraorais atendidos no CDDDB
Fonte: Elaborado pelos autores



Gráfico 4: Fatores risco casos lábio atendidos no CDDDB
Fonte: Elaborado pelos autores

Conclusão

Concluimos que o CDDDB desempenha um importante trabalho de extensão, e com isso dá assistência a comunidade, nas áreas de histopatologia e estomatologia. É um importante centro de referência em patologia bucal para toda a região sul do estado do Rio grande do Sul, contribuindo para o diagnóstico e prevenção do Câncer de boca.

A retroalimentação que o CDDDB propicia nos setores ensino e pesquisa reforça a importância da indissociabilidade entre este tripé que sustenta a Universidade brasileira. Assim, programas preventivos como campanhas educativas e que visam atender os quesitos de atenção primária nos níveis de atenção à saúde coletiva, servem de fonte para investigações laboratoriais cujos resultados têm efeito direto na intervenção da epidemiologia da moléstia estudada. Inúmeras investigações desenvolvidas por alunos de graduação, pós-graduação, pesquisadores, tiveram procedência do acervo do CDDDB, gerando conhecimento, propiciando experiência docente e acadêmica.

Referências

- HENNINGTON, E. A. Acolhimento como pratica interdisciplinar num programa de extensão universitária. *Caderno de Saúde Pública*. v.21, p. 256-65, 2005.
- LIMA, G. S.; SILVA, G.F.; GOMES, A. P. N.; ARAÚJO, L. M. A.; SALUM, F. G. Diclofenac in hyaluronic acid gel: an alternative treatment for actinic cheilitis. *Journal of Applied Oral Science*. v.18, n.5, p. 533-537, 2010.
- MOURA, L. F. A. D; PIAULINO, J. B.; ARAUJO, I. F.; MOURA, M. S.; LIMA, C. C. B.; EVANGELISTA, L. M.; LIMA, M. D. M. *Revista de Odontologia da UNESP*. v. 41, n.6, p. 348-352, 2012.
- MOURA L. F. A. D; LIRA D. M. M. P; MOURA M.S; BARROS S. S. L. V; LOPES T. S. P; LEOPOLDINO V. D, et al. Apresentação do Programa Preventivo para Gestantes e Bebês. *Jornal Brasileiro de Odontopediatria e Odontologia do Bebê*. v.4, n.17, p. 10-4, 2001.
- NEVILLE, B. W.; DAMM, D. D.; ALLEN, C. M.; BOUQUOT, J. E. *Patologia Oral & Maxilofacial*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

CONSULTA DE PUERICULTURA: ATUAÇÃO DO ACADÊMICO DE ENFERMAGEM NO PET SAÚDE DA FAMÍLIA

SPÍNOLA, Izabela Ferreira

Aluna do Bacharelado em Enfermagem/FEn/UFPeL, bolsista do PET-Saúde da Família Enfermagem/UFPeL

CASARIN, Sidnéia Tessmer

Professora do Departamento de Enfermagem/FEn/UFPeL, orientador

ZILLMER, Juliana Graciela Vestena

Professora do Departamento de Enfermagem/UFPeL, tutorando PET-Saúde da Família e do PET- Gestão/UFPeL

ROSA, Carlos André Karsburg da

Enfermeiro da Prefeitura Municipal de Pelotas, preceptor PET-Saúde da Família da Unidade Básica de Saúde – Bom Jesus

O Programa de Educação pelo Trabalho em Saúde é um programa governamental instituído em agosto de 2008 através da Portaria Interdimensional Nº 1.802, com a intenção de viabilizar aperfeiçoamento e especialização em serviço dos profissionais da saúde, iniciação ao trabalho, assim como estágios e vivências, de acordo com as necessidades do Sistema Único de Saúde. Na UFPeL, o PET – Saúde da Família abrange cinco unidades básicas de saúde e integra alunos da enfermagem, medicina, nutrição e odontologia, os quais desenvolvem atividades multidisciplinares acompanhados por um preceptor ligado ao serviço.

A Política Nacional de Saúde da Criança de 2012 é a política que institui e orienta as ações que as equipes de Estratégia de Saúde da Família (ESF) devem realizar, com a finalidade de que sejam proporcionadas a todas as crianças melhores qualidades de desenvolvimento, qualidade proporcionada a partir das consultas de puericultura e diminuição da morbidade infantil, todas estas ações são desenvolvidas durante as consultas de puericultura.

Segundo Ricco (2008), o termo Puericultura etimologicamente quer dizer: puer = criança e cultur/cultura = criação, cuidados com a criança. A expressão ganhou força após a retomada do termo pelo médico Frances Caron, que ainda em 1865 publicou um manual sob o título “A Puericultura ou a ciência de elevar higienicamente e fisiologicamente as crianças”. É importante ressaltar que Caron partiu da observação de que muitas crianças internadas nos hospitais poderiam ter suas internações evitadas a partir de orientações dadas às mães a respeito da alimentação, higiene e cuidados.

Assim segundo Ricco, Caron percebeu os dois pilares da Puericultura, o primeiro de prevenção e o segundo de educação em saúde em geral.

Sendo assim, a Puericultura tornou-se parte da pediatria preventiva. Nestas consultas são desenvolvidas ações para que a família seja orientada adequadamente quanto aos cuidados com o novo membro. Esta preparação deve ter início ainda nas consultas de pré-natal e ter continuidade após o nascimento por alguns anos, sendo preconizadas visitas domiciliares com o objetivo de observar o contexto em que a criança está inserida e orientar a família de modo individualizado.

O objetivo destes atendimentos é de proporcionar a diminuição da morbidade de infantil e prevenir doenças diagnosticadas já na fase adulta, e que são previsíveis na infância, proporcionando um melhor nível de saúde para a criança.

Metodologia

O presente estudo trata-se de um relato de experiência das vivências obtidas durante atendimentos de puericultura por uma acadêmica de enfermagem vinculada ao Programa de Educação pelo Trabalho para Saúde (PET-Saúde) em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) do município de Pelotas – RS.

Os estágios são realizados semanalmente, totalizando uma carga horária de 8 horas semanais e compreendem um período de aproximadamente 2 anos. Nestes estágios a aluna petiana se mantém sob orientação de seu preceptor enfermeiro, desenvolvendo todo o tipo de acompanhamento de responsabilidade da equipe de enfermagem, mais especificamente do enfermeiro, como exemplo a consulta de puericultura.

Nestas consultas são realizadas orientações quanto aos cuidados que a família pode oferecer a criança, a respeito de sua higiene, alimentação, imunização e crescimento adequado. Também são sanadas dúvidas que o familiar e/ou responsável possa ter.

Resultados

No decorrer da formação acadêmica o currículo da instituição ao qual é vinculada a aluna, proporcionaria o conhecimento a cerca da puericultura, durante um período de 4 meses de estágios em uma UBS com Estratégia de Saúde da Família (ESF) juntamente de outros colegas seriam realizadas consultas de puericultura e acompanhamento da saúde puerperal. Porém, somente através do Programa de Educação pelo Trabalho em Saúde este momento pode ser prolongado, proporcionando assim um acompanhamento integral e real do crescimento da criança mês após mês.

A Puericultura na unidade trabalhada é realizada com as crianças de zero a dois anos, estas crianças comparecem a unidade mensalmente até completar um ano e posteriormente a cada dois meses até os dois anos. Sabemos que o ideal, segundo orientações do Ministério da Saúde (2012), seria o acompanhamento anual após os dois anos até que as crianças completassem seis anos de vida, mas infelizmente não é a realidade do local acompanhado, por inúmeros

motivos. Geralmente as consultas são acompanhadas pelas mães e em outros momentos por parentes próximos. Neste momento são realizadas atividades de promoção de saúde e conscientização da família, dentre elas na primeira visita a coleta do teste do pezinho, e posteriormente é realizada a avaliação do desenvolvimento da criança mensalmente, com a coleta de dados antropométricos como perímetro torácico, perímetro cefálico, estatura, peso, avaliação do estado neurológico e exame físico.

O familiar recebe orientações quanto aos cuidados com a criança, principalmente quanto à alimentação adequada para a idade e é verificado o cartão de vacinação, caso esteja em atraso com alguma vacina esta é realizada no momento da consulta.

Através das consultas realizadas até o momento, a aluna pode perceber a importância da continuidade do profissional que as desenvolvem, pois assim alguns problemas no desenvolvimento físico podem ser notados mais facilmente e também para que seja proporcionada maior liberdade do familiar e assim propiciar um ambiente onde ele possa expor algum evento ocorrido.

Segundo Caldeira (2005), as medidas sanitárias adequadas e a acessibilidade aos serviços de saúde básicos e sua qualidade atuam positivamente na redução da mortalidade infantil. Sendo que as principais causas de óbito no período pós-neonatal são consideradas facilmente evitáveis por geralmente serem associadas a condições precárias de saneamento básico e de acesso aos cuidados de saúde.

Quanto à importância das informações oferecidas pela petiana aos familiares, se destacam as orientações quanto ao aleitamento materno exclusivo até os seis meses, que proporcionam a criança nutrição adequada e melhor qualidade de desenvolvimento, além de menor morbidade, orientação fornecida conforme orientações do Ministério da Saúde através do Caderno de Atenção Básica: Saúde da Criança: Crescimento e Desenvolvimento de 2012.

Destacam-se também as orientações quanto à higiene, que tem a finalidade de evitar possíveis doenças causadas por ausência de salubridade no local onde o indivíduo reside e desenvolve-se; e a respeito da imunização do bebê, para que doenças contagiosas sejam evitadas assim como suas complicações.

A respeito das crianças faltosas, estas têm sido repassadas para o Agente Comunitário de Saúde (ACS) responsável pelo endereço que é fornecido na primeira consulta; assim durante a visita do ACS os familia-

res são convidados a comparecer a unidade com a criança para que seja realizada a consulta adequadamente. Sendo através desta visita resgatado o vínculo da criança a partir de orientações, fornecidas a mãe, quanto à necessidade e importância da realização do acompanhamento até os dois anos ou mais.

Devido a UBS está em processo de reforma por um período de quatro meses, a unidade não tem realização de agendamento de puericultura do mês seguinte logo após a consulta do mês atual. Neste período atenderá a demanda espontânea, já que o prédio que abrigará as equipes, provisoriamente, possui área física muito aquém das necessidades, impedindo a rotina de agendamentos dos programas. Porém, está previsto que no retorno ao prédio reformado, os pais e/ou responsáveis pelas crianças serão informados, pelos Agentes Comunitários de Saúde, a respeito de uma nova data para comparecimento na unidade para que sejam realizadas as consultas.

Assim percebe-se a importância do trabalho desenvolvido pela acadêmica de Enfermagem juntamente de toda a equipe do local em que atua, principalmente do papel do Enfermeiro e do Agente Comunitário, que visa o resgate da família e da criança proporcionando-lhes qualidade de atendimento e consequentemente qualidade de vida, evitando complicações posteriores.

Conclusão

Com a realização destes atendimentos a acadêmica pode perceber que o desenvolvimento de doenças pode e deve ser prevenido através de ações pequenas e simples de orientação e conscientização; entretanto, tornou-se claro que há outras limitações para que os atendimentos sejam realizados com qualidade, porém estas podem ser amenizadas com pequenas mobilizações realizadas pela equipe.

Destaca-se ainda a fundamental importância e necessidade que a equipe de ESF esteja completa, pois cada profissional possui sua função e somente através da presença de todos os profissionais todos os tipos de atendimentos estarão disponíveis para os usuários, além de qualidade no atendimento, assim proporcionando inovações em benefício ao usuário.

Quanto à formação acadêmica, tornou-se perceptível a necessidade do aprofundamento e manutenção do aluno no serviço para que realmente ele faça parte do desenvolvimento da criança e possa desenvolver em si o senso crítico a respeito de suas próprias ações e para que ele possa aprender melhor a trabalhar em

uma equipe multidisciplinar, já que a academia muitas vezes proporciona apenas o trabalho com a equipe de enfermagem.

Referências

CALDEIRA, Antônio Prates; FRANÇA, Elisabeth; PERPÉTUO, Ignez Helena Oliva; GOULART, Eugênio Marcos Andrade. Evolução da mortalidade infantil por causas evitáveis, Belo Horizonte, 1984-1998. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 39, n. 1, Jan, 2005, p.67-64.

RICCO, Rubens Garcia; ALMEIDA, Carlos Alberto Nogueira de; CIAMPO, Luiz Antônio Del. *Puericultura: princípios e práticas - atenção integral à saúde da criança*. São Paulo: Atheneu, 2.ed. 2008. p.475.

Referências Eletrônicas

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria Interministerial Nº 1.802, de 26 de Agosto de 2008. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/pr1802_26_08_2008.html. Acesso em 24 de julho de 2014.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Cadernos de Atenção Básica - 33: Saúde da Criança: Crescimento e Desenvolvimento*. Brasília. 2012. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/caderno_33.pdf. Acesso em 24 de julho de 2014.

CONTRIBUIÇÕES DO PET-SAÚDE NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO ENFERMEIRO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

SILVA, Tayana Bastos

Acadêmica da Faculdade de Enfermagem/UFPeI, bolsista Pet-Saúde da Família/UFPeI

LUDTKE, Ivani

Enfermeira Especialista em Saúde da Família, Perceptor

ZILLMER, Juliana

Professora da Faculdade de Enfermagem/UFPeI, orientadora

CASARIN, Sidnei

Professora da Faculdade de Enfermagem/UFPeI, co-orientadora

A Atenção Básica é caracterizada por um conjunto de ações de saúde, no âmbito individual e coletivo, que abrange a promoção e a proteção da saúde, a prevenção de agravos, o diagnóstico, o tratamento, a reabilitação, a redução de danos e a manutenção da saúde que tem como objetivo de desenvolver uma atenção integral que impacte na situação de saúde e autonomia das pessoas e nos determinantes e condicionantes de saúde das coletividades. Ela é desenvolvida por meio do exercício de práticas de cuidado e gestão, democráticas e participativas, sob forma de trabalho em equipe, dirigidas a populações de territórios definidos, pelas quais assume a responsabilidade sanitária, considerando a dinamicidade existente no território em que vivem essas populações (BRASIL, 2012).

Entre as várias tentativas em integrar o processo de formação com as diretrizes e princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), principalmente com a atenção básica, está a criação do Programa de Educação para o Trabalho e para a Saúde (PET-Saúde). Tal Programa tem como objetivo promover a formação de grupos de aprendizagem tutorial nas áreas de Estratégia de Saúde da Família (ESF), facilitando assim o processo de integração entre ensino, serviço e comunidade, estimulando a formação de profissionais com o perfil adequado a Atenção Básica induzindo o trabalho multiprofissional e interdisciplinar na mesma (BRASIL, 2008).

Diante do apresentado o PET-Saúde tem sua lógica pautada na perspectiva da indissociabilidade entre extensão, ensino e pesquisa proposto também pelas Universidades; além de colaborar para a formação profissional dos acadêmicos voltados para o SUS permite identificar as barreiras na atenção à saúde com vistas a buscar soluções para melhorá-la. Inúmeros desafios são impostos na atenção básica à saúde, assim torna-se importante conhecer o que está sendo desenvolvido pelos acadêmicos do PET-Saúde da Família neste cenário, e o quanto tem contribuído para a formação profissional, sendo este o objetivo do presente trabalho.

Objetivo

Relatar a experiência da acadêmica de enfermagem

na realização de atividades administrativas, assistenciais, e de pesquisa, em uma Unidade Básica de Saúde de Pelotas, por meio da participação no Projeto PET – Saúde da Família da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Metodologia

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência resultante da participação da acadêmica de enfermagem como bolsista do Projeto de Extensão “PET – Saúde da Família da UFPel” que desenvolve atividade na Unidade Básica de Saúde (UBS) do Sítio Floresta, localizada na Zona Norte do município.

A UBS conta atualmente com seis agentes comunitários de saúde (ACS), uma odontóloga, uma auxiliar de odontologia, uma nutricionista (com carga horária de 20h semanais), uma assistente social (20h semanais), duas enfermeiras (sendo que uma pelo Programa de Valorização do Profissional de Atenção Básica, e a outra concursada) e três médicos (um de 20h semanais concursado, outra médica proveniente do Programa Mais Médicos, e outra do Programa de Valorização do Profissional de Atenção Básica), dois técnicos de enfermagem (com carga horária de 20h semanais) e dois funcionários de serviços gerais (ambos de 20h semanais). A unidade funciona 40 horas semanais, divididas em dois turnos de atendimento (manhã e tarde), e seu horário é das 8h às 12h, e das 13h30min às 17h30min.

As atividades desenvolvidas pela acadêmica de enfermagem estão sob tutoria de uma enfermeira durante oito horas semanais em que a prática supervisionada é realizada. Os materiais utilizados para desenvolver as atividades administrativas e assistenciais segue o recomendado pelo Ministério da Saúde (MS), assim como leis e normas do Conselho Regional de Enfermagem, e outros referências pertinentes da literatura científica.

Resultados

As atividades desenvolvidas pela acadêmica de enfermagem mediante participação no PET-Saúde da Família têm contribuído na formação profissional uma vez que se constituem em atividades administrativas, assistenciais e de pesquisa realizadas pelo enfermeiro no contexto da atenção básica de saúde.

As atividades administrativas incluem o gerenciamento de estoque de farmácia (controle de entrada

e saída de medicamentos, pedidos de medicamentos e formulários necessários para sua dispensação à secretaria municipal de saúde) e materiais (seringas, agulhas, espéculos, espátulas, gazes, álcool, luvas de procedimento, entre outros materiais de uso na UBS). Tal atividade ocorre mediante o acompanhamento da enfermeira pelo acadêmico, sendo esta a primeira vez, e posteriormente, a enfermeira ao perceber a habilidade da acadêmica, autoriza a mesma a executar o gerenciamento com a apenas com a supervisão da enfermeira.

Outra atividade administrativa que vem sendo desenvolvida é a implementação da nova ficha cadastral do citopatológico e da mamografia tem como objetivo realizar uma busca ativa através dos ACS nas mulheres que estão com idade entre 25 à 64 anos para rastreamento do câncer de colo de útero e de 50 à 69 para rastreamento do câncer de mama, como preconizado pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2013). Para sua implementação foi necessário a elaboração de uma ficha específica para obter a informação necessária. Tal construção ocorreu por meio de conversas entre os membros da equipe da ESF, a enfermeira, a médica do Programa mais Médicos e a acadêmica bolsista do Pet-Saúde da Família, em que foi discutido a importância de ter indicadores da quantidade de mulheres que são atendidas pela UBS no âmbito do exame do citopatológico e da mamografia, a qualidade do serviço prestados, assim como informações sociodemográficas, econômicas e clínicas das mulheres assistidas. Mediante a utilização destas fichas será possível ter um maior controle das mulheres que realizam tais exames sob o tempo recomendado pelo Ministério da Saúde, assim como a realização da busca ativa das mulheres faltosas, ou então que realizam exames em outros serviços da rede de saúde. Tais informações serão utilizadas para o desenvolvimento de uma pesquisa futura sobre o tema atenção à saúde da mulher.

Posteriormente, ao obter a ideia central de o que deveria compor a ficha, a equipe focou-se na construção de uma ficha base, tendo claro quais indicadores seria importante obter para qualificar a assistência às mulheres. Como fundamentação teórica sobre tais indicadores foi utilizado o Caderno de Atenção Básica do Ministério da Saúde número 13 para o controle dos cânceres de útero e mama, no qual foram definidas as idades das mulheres que seriam cadastradas nesta nova ficha de monitoramento. No atual momento já estão sendo cadastradas mulheres com idade de 25 à 64 anos para rastreamento do câncer de colo de útero

e de 50 à 69 para rastreamento do câncer de mama, e já está sendo realizadas busca ativas das mulheres faltosas.

Quanto as atividades assistenciais de educação em saúde realizam-se em diversos grupos instituídos pela UBS a partir das necessidades identificadas na comunidade. Tais grupos são: o grupo de tabagismo, do hiperdia, e de gestantes. A participação nestes grupos ocorre por meio do diálogo, da reciprocidade enquanto experiências entre os próprios participantes, e também com os profissionais de saúde, e alguma conferência ou dinâmica proposta pelos profissionais da UBS. Utiliza-se uma linguagem simplificada, informal para facilitar o entendimento dos participantes que variam muito quanto ao nível de escolaridade e etnia. Os temas para os encontros são propostos primeiramente para os membros do grupo, e se demonstrado interesse é definido como tema para o próximo encontro. Os encontros normalmente ocorrem uma vez ao mês, na própria UBS. Os temas discutidos foram: alimentação como nutrição saudável; a importância dos grãos na alimentação; a importância da prática de exercícios físicos; meio ambiente e lixo; doenças crônico-degenerativas, e sua relação com o modo de vida saudável.

Já em relação às atividades de pesquisa, será desenvolvido no próximo ano, um projeto de investigação com métodos mistos, para avaliar e analisar os dados obtidos pela ficha cadastral para controle das mulheres que realizarem o exame citopatológico e de mama; assim como compreender o que significa para as mulheres realizarem ou não tais exames, além de identificar as barreiras que impossibilitam as mulheres de realizarem tais exames no tempo preconizado. Tal projeto tem como finalidade apresentar como está sendo a atenção à saúde a estas mulheres, a fim de melhorar a cobertura e qualidade da assistência proporcionada.

Diante do apresentado, foi vivenciado algumas dificuldades no decorrer das atividades, entre elas estão: manter a cooperação, participação, adesão, o interesse e a assiduidade dos membros nas atividades desenvolvidas de educação em saúde, visto que muitos iniciam a participar dos grupos e com o passar dos encontros desestimulam-se, ou por algum motivo externo deixavam de participar dos encontros. Para lidar com este problema, a estratégia encontrada, principalmente nos grupos de hiperdia e tabagismo, foi não se deter em abordar sobre a doença crônica propriamente dita, ou sobre a importância de abandonar o vício do fumo, mas sim como outros temas de interesse dos

participantes. Desse modo, os temas surgiram primeiramente do questionamento dos integrantes do grupo sobre o que queriam que fosse discutido, e avaliar a aceitação do mesmo pelo grupo. Com tais estratégias foi possível diminuir a evasão, e a infrequência dos participantes.

Conclusão

A participação no PET – Saúde da Família foi de extrema importância por possibilitar a inserção da acadêmica na Atenção Básica da ESF, por permitir uma aproximação com as famílias inseridas em seu próprio contexto, e desenvolver atividades voltadas as reais necessidades da população, além de estimular a visão interdisciplinar na acadêmica visto que durante o seu dia a dia realiza atividades onde há uma articulação entre profissionais de outras áreas. Desse modo, a contribuição do PET – Saúde da Família compreende as diversas faces, administrativas, assistenciais, e de pesquisa, do processo de formação profissional do enfermeiro voltadas para a assistência de acordo com os princípios da universalidade, da integralidade, e da equidade que norteiam as ações e serviços do Sistema Único de Saúde.

Entretanto há um grande desafio para o PET Saúde, o qual é a articulação entre os demais PETs Saúde, visto que as atividades de integração entre os acadêmicos de todos os programas precisam ser mais estimuladas. Acredito que com o aumento de atividades entre eles, como congressos, encontros, seminários, entre outras atividades poderá promover uma troca de experiências vividas por todos aumentando significativamente os conhecimentos dos acadêmicos.

Referências

- BRASIL, Ministério da Saúde, Gabinete do Ministro. Portaria Interministerial nº 1.802, de 26 de Agosto de 2008. Brasília, 2008. Acesso em: 17 de julho de 2014. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/pri1802_26_08_2008.html
- BRASIL, Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Básica, Brasília, 2012.

CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO DE VIVÊNCIAS PARA ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM DO SISTEMA DE SAÚDE DURANTE A GRADUAÇÃO

PERBONI, Jéssica Siqueira

Aluna do curso de Enfermagem/UFPEL, bolsista do Projeto de extensão Vivências para acadêmicos de enfermagem no sistema de saúde/UFPEL

AFONSO, Tainã da Costa

Aluna do curso de Enfermagem/UFPEL, voluntária do PET Saúde/UFPEL

STOLZ, Pablo Viana

Enfermeiro Técnico Administrativo em Educação da Faculdade de Enfermagem/UFPEL, coordenador

Sabe-se que a enfermagem vem agregando grandes mudanças, deixando de ser exercida de forma empírica para embasar-se cientificamente ao praticar suas ações. Florence Nightingale fundadora da enfermagem moderna começou a atualizar e dar propósito para esta profissão, que antes de sua reforma era executada por religiosos os quais realizavam o cuidado ao próximo por devoção a Deus (COSTA, et al., 2009).

A mesma acreditava que a enfermagem necessitava de treinamento organizado, prático e científico, além de que os profissionais dessa área deveriam ter capacidade de atuação na medicina, nas cirurgias e na higiene do seu ambiente de trabalho ao invés de servir aos profissionais destas áreas (COSTA, et al., 2009). Desde então a enfermagem atualiza-se para melhor exercer suas atividades. Atualmente reformas ocorreram em diversos currículos de graduação das instituições federais. A Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) foi uma destas instituições que em 2009 deixou o currículo tradicional para investir em outro que leve o aluno a tornar-se mais crítico, autônomo, reflexivo e generalista (DIAS; STOLZ, 2012).

Fortificando ainda mais o intuito de aproximar o acadêmico com a prática durante a graduação, o projeto de vivências para acadêmicos de enfermagem no sistema de saúde permite o melhor contato do aluno com as práticas diárias do enfermeiro, promovendo uma familiarização deste com o setor em que mais se identifica. O projeto realiza um elo dos estudantes com os diferentes campos de atuação, além de permitir uma integração entre os acadêmicos de enfermagem de diferentes semestres.

Sendo assim, o aluno escolhe em qual ambiente de trabalho prefere atuar, fortalecendo a ideia do currículo novo, que é essencial na busca de conhecimento e atualização. Esta proposta faz com que o acadêmico se sinta mais seguro na prática, pois é um estágio extra, que pode trazer muitos benefícios ao graduando que está repleto de medos e inseguranças, principalmente na hora de realizar os diversos procedimentos da profissão.

Ao chegar à universidade o acadêmico se depara com o conhecimento teórico, que por ainda estar desvinculado com a prática, se torna confuso para o

mesmo. Enquanto não forem vivenciados momentos reais para conseguir analisar qual será sua ação na prática tendo em base todas as informações teóricas que possui, a relação entre teoria e a prática fica distante. Devido a isso, a experiência de estágios se torna essencial no mundo moderno contribuindo para a formação integral do acadêmico, considerando que o campo de trabalho exige profissionais com destreza e habilidades necessárias para atuar de forma competente numa realidade multicultural e neoglobalizada (FERNANDES; SILVA, 2007).

Os estágios supervisionados se constituem em uma oportunidade do acadêmico de vivenciar diferentes áreas que não são ofertadas durante sua formação. Estas experiências fazem com que transcenda a mera obrigação curricular, explorando novas áreas de conhecimento, promovendo a ação protagonista do aluno em meio à formação inicial. Nessa perspectiva, os estágios supervisionados devem contribuir para que o aluno tenha uma reflexão crítica, articulando entre a teoria e a prática (MACIEL; MENDES, 2010).

Metodologia

O presente estudo foi realizado na forma de pesquisa em materiais confiáveis relacionados à contribuição do estágio extracurricular durante a graduação para os acadêmicos, tendo como foco a importância destes para os graduandos de enfermagem. As pesquisas foram realizadas em livros, sites e artigos científicos, onde todas as informações foram adaptadas à proposta do trabalho.

Resultados

Até o momento, a construção deste resumo baseia-se em uma pesquisa sobre a importância dos estágios extras propostos pelo projeto de vivências para acadêmicos de enfermagem no sistema de saúde durante a graduação. Levando em consideração a relevância da inserção do aluno no meio prático de trabalho, mostrando o quanto isso acarreta na melhoria de sua própria formação. Destacando os benefícios trazidos após uma experiência deste nível em um contexto diversificado de vivências práticas.

Conclusão

A construção do trabalho possibilitou a observação da importância dos estágios extras durante a gradu-

ação. Tendo em vista que em qualquer profissão, o acadêmico sente-se vulnerável na hora de colocar em prática todo o conhecimento adquirido na teoria. É de extrema importância essa vivência para o aluno que prestará seu serviço depois de formado, promovendo uma familiarização do mesmo ao ambiente de trabalho que será proposto ao longo de sua carreira profissional.

Na enfermagem isso não é diferente, pelo contrário se torna essencial a prática dessas atividades extracurriculares em forma de estágios supervisionados, pois promoverá o desfrute de momentos diversificados além do que a graduação pode oferecer, tornando este acadêmico mais confiante e preparado para o mercado de trabalho.

Referências

- COSTA, R. et al. O Legado de Florence Nightingale: uma viagem no tempo. Revista texto e contexto, Florianópolis, v. 18, n. 4, p. 661-669, 2009. Acessado em 14 jul. 2014. Online. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v18n4/07.pdf>
- DIAS, D.G.; STOLZ, P.V. Projeto de extensão “Vivências para acadêmicos de enfermagem no Sistema Único de Saúde” na perspectiva do acadêmico. Journal of Nursing and Health, v.2, n.2, p.440-445, 2012. Acessado em 14 jul. 2014. Online. Disponível em: <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/viewFile/3463/2848>
- FERNANDES, M. L.; SILVA, M. A. F. A. A importância do estágio para a formação do universitário. Revista Estagiando, São Paulo, 2007. Acessado em 15 jul. 2014. Online. Disponível em: http://www.lo.unisal.br/nova/estagio/revista_estagiando2007/pedagogia/3%20Ped%20B2.pdf
- MACIEL, E. M.; MENDES, B. M. M. O estágio supervisionado na formação inicial: algumas considerações. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA UFPI, 6. Recife, 2010. Disponível em: http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT_02_08_2010.pdf > Acesso em: 15 jul 2014.

CORRELAÇÃO DAS VARIÁVEIS DA APTIDÃO FÍSICA APLICADAS AO TAEKWONDO: INFLUÊNCIA NA PRÁTICA E DESEMPENHO

KIRST, Tomas Ferguson

Aluno do Bacharelado em Educação Física/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

ANTUNEZ, Bruno

Aluno do Curso de Mestrado em Educação Física/UFPEL

DEL VECCHIO, Fabrício Boscolo

Professor do Departamento de Ginástica e Saúde/ESEF/UFPeI, orientador

Surgido há mais de 1500 anos, o taekwondo é uma modalidade de combate com origem coreana destinada à autodefesa e treinamento militar (ZAR et al., 2008). Para este esporte olímpico, o entendimento de suas características antropométricas, motoras e capacidades gera contribuição para o aumento do desempenho (CHAN et al., 2003). O conhecimento e aplicação dos elementos previamente citados, contribuem para uma melhor organização do treinamento, verificando o nível em qual cada atleta se encontra e comparando com dados na literatura (KAZEMI et al., 2006). Por serem as técnicas mais efetivas utilizadas em competições, os chutes contribuem em 98% das pontuações na modalidade, fazendo com que a velocidade do golpe seja priorizada (KAZEMI et al., 2006; TOSKOVIC et al., 2002). Com isso o objetivo do estudo é correlacionar variáveis da aptidão física aplicadas ao taekwondo, apresentando a influência de cada uma na prática e desempenho na modalidade.

Metodologia

Foram envolvidos no estudo 19 atletas de taekwondo do Projeto “Quem Luta, Não Briga”, realizado nas dependências da ESEF/UFPeI. O grupo avaliado foi composto por 5 mulheres e 14 homens com idade média de $16,84 \pm 6,53$ anos e tempo de prática de $3,31 \pm 3,29$ anos, massa corporal de $60,16 \pm 15,69$ kg, $163,32 \pm 10,20$ cm de altura, IMC de $15,00 \pm 3,99$ kg/m² e $14,00 \pm 7,87$ % de gordura corporal. Todas avaliações ocorreram em um só dia, e consistiram em:

a) *Potência aeróbia*: avaliada com teste YO-YO intermitente, os atletas correram, pelo maior tempo possível, em regime de vai e vem em linha reta de 20 metros de comprimento. A velocidade foi controlada por sinais sonoros produzidos pelo áudio padrão do protocolo. As chegadas dos atletas a cada uma das extremidades da linha coincidiram com o sinal sonoro correspondente ao fim desse percurso e ao início do seguinte. A cada 40 metros houve um período de recuperação de 10 segundos até o próximo estímulo de corrida. O teste foi encerrado quando os executantes não conseguiram acompanhar por duas vezes consecutivas o ritmo imposto pelos sinais sonoros, resultando no final do teste e contabilizando apenas o último percurso realizado

corretamente (KRUISTRUP et al., 2003).

b) *Frequência de chute*: ao atleta foi solicitado realização do maior número de chutes em alvo fixo (saco de pancadas de 30 kg) com perna dominante em período de dez segundos. O teste, denominado Frequency speed of kick test (FSOK), é adaptação de protocolo previamente aplicado com lutadores de diferentes modalidades (ANTUNEZ et al., 2012).

c) *Tempo de chute*: foi mensurado o tempo do chute tuit bal bandal tchagui (lateral com o peito do pé) com a perna de trás, em distância medida sob a largura de uma base de luta entre o pé da frente do atleta e o alvo. Para isto, foi realizada filmagem com câmera fotográfica digital (Cássio™, modelo EX-ZR100), a qual possui alta definição e gravação em alta velocidade (1000 frames por segundo), sendo utilizado 240 fps (LEICHTWEISS et al., 2013).

Para a análise dos dados utilizou-se, após a verificação da normalidade pelo teste de Shapiro-Wilk, a correlação bivariável de Pearson, objetivando a comparação da variação dos conjuntos observados. Os valores correlacionados com escala Rho até 0,3 foram considerados como magnitude fraca, entre 0,3 e 0,5, moderada, entre 0,5 e 0,7, forte e acima de 0,7, muito forte (TRITSCHLER, 2000). A significância adotada foi $p = 0,05$.

Resultados

De acordo com os dados da Tabela 1, todas as correlações apresentadas demonstraram resultados significantes. Há uma forte magnitude entre potência aeróbia e frequência de chute, indicando que, quanto maior a aptidão aeróbia mais chutes o atleta realizará. Em seguida, verificamos uma forte magnitude entre potência aeróbia e tempo de chute, demonstrando que os mais aptos aerobiamente chutam com maior velocidade. Entre tempo de chute e frequência de chute encontrou-se uma magnitude moderada, colocando que quem realiza o chute mais rapidamente, também realiza maior número em menos tempo. O percentual de gordura mostrou uma magnitude moderada em relação ao número de chutes executados, apresentando o fato de que os mais magros chutam mais vezes em menos tempo. Por fim, verificamos uma magnitude muito forte entre percentual de gordura e potência aeróbia, indicando que os mais magros possuem melhor aptidão aeróbia.

Variável	Rho	Magnitude	p
Potência aeróbia e Frequência de chute	0,589	Forte	0,008
Potência aeróbia e Tempo de chute	0,516	Forte	0,024
Tempo de chute e Frequência de chute	0,493	Moderada	0,032
Percentual de gordura e Frequência de chute	0,457	Moderada	0,049
Percentual de gordura e Potência aeróbia	0,749	Muito Forte	0,000

Tabela 1 - Coeficiente de correlação, nível de significância e magnitude entre diferentes variáveis

Fonte: Elaborado pelos autores

Conclusão

Neste contexto, conclui-se que variáveis da aptidão física de lutadores de taekwondo podem influenciar nos gestos específicos da modalidade. Por fim, pontuase o pouco conteúdo disponível na literatura sobre quais variáveis influenciam ou não nos gestos da modalidade, o que reforça ainda mais a necessidade deste tipo de investigação para aprimoramento do processo de treino e subsequente êxito competitivo destes atletas.

Referências

ANTUNEZ B.F.; PALERMO J.R. J.; DEL VECCHIO A.H.M.; DEL VECCHIO F.B. Perfil antropométrico e aptidão física de lutadores de elite de taekwondo. Conexões, v. 10, n.1, p.61-76, 2012.

KRUISTRUP P.; MOHR M.; AMSTRUP T.; RYSGAARD T.; JOHANSEN J.; STEENBERG A.; PEDERSEN P.K.; BANGSBO J. The yo-yo intermittent recovery test: physiological response, reliability, and validity. Med Sci Sports Exerc, v. 35, n. 4, p.697-705, 2003.

LEICHTWEISS, M. F.; ANTUNEZ, B. F.; XAVIER, B. E. B.; DEL VECCHIO, F. B. Efeitos de diferentes protocolos de treinamento no tempo para executar chute no taekwondo. Arquivo de Ciências do Esporte, v.1, n.1, p.1-9, 2013.

TOSKOVIC N.N.; BLESSING D.; WILLIFORD H. The effect of experience and gender on cardiovascular and metabolic responses with dynamic Tae Kwon Do exercise. J Strength Cond Res, v. 16, p.278-85, 2002.

TRITSCHLER, K. Medida e avaliação em Educação Física e esporte de Barrow e McGee. 5. ed. Barueri: Manole, 2000.

CUIDADO NA MANIPULAÇÃO DE FELINOS COM ESPOROTRICOSE – UM ALERTA PARA ZOONOSES EMERGENTES

ROBALDO, Guilherme Ferreira

Graduando em Medicina Veterinária / UFPel

LIMA, Charles Silva de

Médico Veterinário Residente / Clínica Médica de Animais de Companhia / UFPel

ROSA, Cristiano Silva da

Professor Adjunto, Dpto.de Clínicas Veterinárias,FacVet/UFPel, orientador/coordenador

Observa-se uma crescente no número de pessoas que optam por gatos como animais de estimação. Esta preferência está diretamente relacionada ao aumento da população nos grandes centros urbanos, onde os espaços de habitação são limitados. Além disso, os gatos, quando comparados à outras espécies domésticas, são animais mais autossuficientes, sendo capazes de adaptar-se facilmente às rotinas atribuladas do mundo moderno. Contudo, assim como outros animais, os felinos podem ser portadores de enfermidades comuns aos homens chamadas de zoonoses. Uma delas, com número crescente de ocorrências em gatos na nossa região, é a esporotricose, uma zoonose causada por fungos saprófitos ambientais cosmopolitas do gênero *Sporothrix* (MEDLEAU; HNILICA, 2003). A doença ocorre através da inoculação traumática por objetos ou meios que estejam contaminados, como as unhas e dentes dos felinos, por exemplo (NOBRE, 2001). Clinicamente, esta enfermidade caracteriza-se por lesões dermatológicas erodoulcerativas. A manifestação dos sinais clínicos em gatos é bem evidente e pode variar de uma pequena lesão cutânea até a sua forma grave disseminada (SOUZA, 2001). O objetivo deste trabalho é avaliar casos de esporotricose e traçar aspectos importantes relacionando ambiente, manipulação dos animais e risco de contaminação de seus tutores.

Metodologia

Foram analisados os atendimentos dermatológicos ocorridos no Hospital de Clínicas Veterinária (HCV) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), no período de janeiro de 2013 a julho de 2014. Destes, selecionaram-se os 19 pacientes felinos onde o diagnóstico (presuntivo ou definitivo) foi de esporotricose.

Em todos os casos foram avaliados os dados de anamnese e exame clínico geral, juntamente com a inspeção e classificação das lesões cutâneas. Para diagnóstico, além dos padrões lesionais e histórico epidemiológico, foi colhido material (pelo, crostas e secreções) e enviado ao laboratório de micologia (Mic-Vet) da Faculdade de Veterinária da UFPel. O presente estudo avaliou o diagnóstico e suas informações referentes ao histórico da enfermidade, sexo, idade e raça

dos pacientes.

Resultados

Pode-se observar que dos 19 casos diagnosticados com esporotricose no referido período, dez eram machos (52,6%) e nove eram fêmeas (47,4%). Mesmo não apresentando diferença significativa entre os sexos, sabe-se que esta enfermidade é mais comum em machos não castrados que possuem acesso à rua, pois é hábito destes brigar em disputas por fêmeas. Caso um dos gatos esteja infectado, este irá inocular o fungo ao arranhar ou morder o outro, causando uma lesão cutânea, sendo a cabeça, o lombo e as patas, os lugares mais frequentemente lesionados (MEDLEAU; HNILICA, 2003). A idade média dos animais foi de quatro anos, variando entre dois a doze anos. Com relação à classificação racial, 18 felinos (94,7%) não possuíam raça definida e um era siamês (5,3%). Durante a consulta os proprietários dos animais relatavam, em geral, que os gatos tinham acesso à rua, muitos deles vivendo de forma semidomiciliada tendo contato com outros animais, especialmente com comunidades de gatos de vida errante. Alguns felinos habitantes de ambiente rural, eram animais pouco domesticados, sendo inclusive de temperamento hostil. Esse comportamento agressivo, em algumas vezes dificultava a apreensão do animal para levá-lo ao atendimento veterinário. Neste momento, o mesmo poderia provocar arranhões e mordidas a seus proprietários, visto a considerável capacidade dos felinos de se locomover, aliada a sua alta flexibilidade, dificultando a contenção da espécie. Recomenda-se que os felinos domésticos sejam sociabilizados com humanos desde a tenra idade, logo aos 45 dias, para que isso determine que na vida adulta ele tenha um comportamento adequado ao convívio humano. Os proprietários também relatavam que, após um período de ausência na residência, os animais retornavam com pequenas lesões, que muitas vezes eram desconsideradas como importantes, por acreditarem tratar-se apenas de feridas cutâneas por trauma. Quando estas feridas aumentavam de tamanho e tornavam-se sangrantes e ulceradas, estes procuravam auxílio veterinário. A Figura 1 apresenta o caso de um paciente com lesões erodoulcerativas na face, coxins plantares e leito ungueal, e orelhas, resultado de infecção por esporotricose. Este paciente foi recolhido de via pública e encaminhado ao HCV, e assim como outros pacientes com lesões graves e disseminadas, este apresentava estado geral magro, sen-

sibilidade dolorosa a manipulação, apatia, inapetência e outros sinais sistêmicos de debilidade.



Figura 1: Lesões erodoulcerativas em face (A), coxins plantares e interdigital (B) e face interna das orelhas (C), em paciente felino com esporotricose, atendido no HCV-UFPeL.

Fonte: Fotografia do autor, 2014

O paciente da Figura 2 foi levado ao consultório por apresentar lesões circunscritas e ulceradas. Anteriormente já havia sido tentado tratamento para cicatrização de feridas cutâneas, porém não se obteve êxito. Após realização do diagnóstico, o tratamento com antifúngico foi estabelecido. Neste caso o paciente apresentava adequada condição corporal e temperamento dócil, tendo inclusive o hábito de dormir junto com seus proprietários na cama, evidenciando a proximidade de humanos com animais que podem carregar doenças zoonóticas. Na anamnese, foi constatado que o animal mesmo sendo domesticado, tinha acesso à rua.

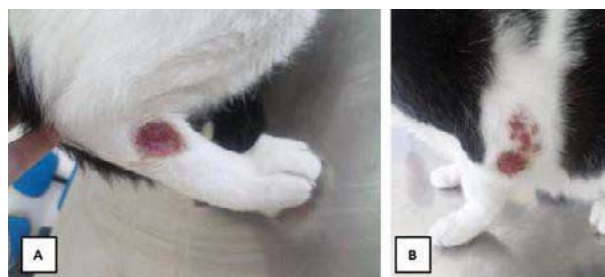


Figura 2: Lesão ulcerada próxima à articulação tarsal (A), massa em região de cotovelo esquerdo com úlceras centrais (B), em paciente felino com esporotricose, atendido no HCV-UFPeL

Fonte: Fotografia do autor, 2014

O gato torna-se um importante vetor de infecção zoonótica ao constatar-se que, ao contrário do observado em lesões de humanos e caninos, as lesões cutâneas em gatos carregam uma alta concentração de leveduras, que é um fator fundamental para que seja possível a sua transmissão para outros pacientes (PEREIRA et al. 2013). Para entender como ocorre a infecção em humanos devido ao contato com gatos infectados, deve ser levado em consideração, acima de tudo, as características comportamentais desta espécie. Dentre estas características podemos destacar

o comportamento predatório de gatos, que por meio de uma interação com os proprietários, podem acabar arranhando-os ou mordendo-os instintivamente. Este comportamento felino tornase um prazer para o animal mas não deve ser incentivado, sendo assim, usa-se objetos que tenham movimento e som para atrair os animais e lhes dar nova atividade. Sabendo que os gatos portadores de esporotricose podem albergar o fungo aderido em suas unhas, dentes e língua, durante o ato de arranhar ou morder acabam inoculando o fungo na pele do proprietário, transmitindo-lhe a doença (NOBRE, 2001). Além disso, o gato domiciliado tem o costume de arranhar a caixa de areia, fixando ocasionalmente o fungo em sua superfície. O proprietário, ao fazer a limpeza da mesma, poderá infectar-se caso tenha alguma lesão cutânea pré-existente, por isso é adequado que sejam usadas luvas ao realizar o manejo da sujidades na caixa de areia. A esporotricose é um problema de saúde pública, por isso médicos e médicos veterinários devem estar capacitados para conduzir os casos (NOBRE, et al. 2002). Para humanos a manifestação linfocutânea é a mais comum e requer atenção especialmente em gestantes e pessoas imunocomprometidas, entretanto, é aconselhável que qualquer pessoa que fora arranhada ou mordida por um gato, procure ajuda médica como medida profilática.

Conclusão

Com este trabalho podemos concluir que há grande frequência nos diagnósticos de esporotricose dentre os atendimentos dermatológicos de felinos do Hospital Veterinário da UFPel. Observou-se que a maioria dos animais contaminados era sem raça definida (94,7%), sugerindo que os proprietários de animais de raça os mantêm mais domiciliados, evitando assim sua exposição ao agente. Constatou-se que todos os animais que adquiriram a enfermidade, tinham acesso à rua, podendo relacionar esta condição como um importante fator de infecção. Percebeu-se que os proprietários dos pacientes felinos manifestavam-se preocupados com aspectos que dizem respeito à saúde e bem-estar de seus animais, contudo, eles não têm conhecimento sobre a enfermidade, modo de transmissão e prevenção da mesma, pois nenhum tomava medidas de precaução ao conter, manipular ou alimentar seus animais já infectados. Isso ressalta a importância da correta orientação aos proprietários quanto à esta importante zoonose.

Referências

- MADRID, I. M.; MATTEI, A.; MARTINS, A.; NOBRE, M.; MEIRELES, M. Feline Sporotrichosis in the Southern Region of Rio Grande do Sul, Brazil: Clinical, Zoonotic and Therapeutic Aspects, Rio Grande do Sul, v.57, p.151-154, 2010.
- MEDLEAU, L.; HNILICA, K.A. Dermatologia de Pequenos Animais – Atlas Colorido e Guia Terapêutico. São Paulo: Ed. Roca Ltda, 2003.
- NOBRE M.O.; CASTRO A.P.; CAETANO D.; SOUZA L.L.; MEIRELES M. C. A. & Ferreiro L. Recurrence of sporotrichosis in cats with zoonotic involvement. Revista Iberoamericana de Micologia. v.18, p.137-140, 2001.
- NOBRE, M.O.; MEIRELES, M., CAETANO, D., FAÉ, F., CORDEIRO, J.M.C., MEIRELES, R.M. APPELT, C. FERREIRO, L. Esporotricose zoonótica na região sul do Rio Grande do Sul (Brasil) e revisão da literatura brasileira. Revista Brasileira de Ciência Veterinária, v. 9, p. 36-41, 2002.
- PEREIRA, S. A.; GREMIÃO, I. D. F.; KITABA, A. A. B.; BOECHAT, J. S.; VIANA, P. G.; SCHUBACH, T. M. P. The epidemiological scenario of feline sporotrichosis in Rio de Janeiro, State of Rio de Janeiro, Brazil, Rio de Janeiro, v.3, p. 292-293, 2013.
- SOUZA, L.L. Sporothrix schenckii: estudo epidemiológico em população de gatos. 2001, 32p. Dissertação (Mestrado em Veterinária Preventiva) – Faculdade de Veterinária, Universidade Federal de Pelotas.

DIALOGANDO SOBRE RÓTULOS E EMBALAGENS DE ALIMENTOS COM ESCOLARES DE BAIRRO DE PELOTAS

ROBLEDO, Daniele B.

Aluna do Curso de Nutrição/UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

GOMES, Carla A.

Aluna do Curso de Gastronomia/UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

DE-NEGRI, Sônia T.

Professora do Dep. de Nutrição, FN/UFPel, Coordenadora

O Projeto de Extensão denominado “Atividades em Nutrição com a comunidade da vizinhança” visa a promoção de ações extensionistas em Alimentação, Nutrição e Saúde junto à comunidade de bairros próximos ao Campus Porto da UFPel. Foram elencadas escolas da rede pública como os espaços sociais apropriados ao desenvolvimento da integração almejada, entre os conhecimentos advindos do ambiente acadêmico, com aqueles que emergem das escolas e do meio social. Nas escolas, as crianças são sensíveis a novos saberes e facilmente propagam as novidades às famílias. Este projeto tem se caracterizado pela variedade de modos de abordagem do tema principal, de acordo com as possibilidades e interesses da comunidade escolar. Assim, ocorre a importância das atividades de extensão, que oferecem aos universitários consciência da realidade social e das possibilidades de aplicação direta daquilo que se constitui sua formação profissional e, na intenção positiva, transmitem aos escolares informações e exemplos positivos sobre os cuidados para a saúde humana e zelo social.

A sociedade contemporânea está marcada pela oferta e consumo de produtos alimentícios industrializados, que são elaborados para agradarem até os paladares mais apurados, como também para facilitar a vida de quem não tem tempo para preparar seus alimentos. Assim, os biscoitos, tanto doces como salgados, os refrigerantes, os sucos adoçados, as pizzas, os empanados entre tantos outros, são produtos amplamente conhecidos e consumidos em sociedade. O seu consumo frequente provoca consequências indesejadas na saúde humana, devido o excesso de açúcar refinado, gorduras, aditivos alimentícios e sal, principalmente quando acompanhados de ingestão insuficiente de frutas e verduras e, de cereais ricos em fibras (LEVY-COSTA, et al., 2005). Essa situação favorece a má nutrição, como a obesidade, a anemia e as carências nutricionais, sobretudo entre crianças e adolescentes (OLIVEIRA e FISBERG, 2003).

Os rótulos contidos nas embalagens dos produtos alimentícios fornecem subsídios de comunicação entre produtos e os consumidores. Devem ser claros e de fácil compreensão e, de acordo com a Lei n. 9782/99, cabe à Anvisa a competência de regulamentar, controlar e fiscalizar os produtos e serviços que envolvam

risco à saúde pública, dentre eles, embalagens para alimentos. (BRASIL,1999).

As embalagens além de protegerem o produto, também têm outros objetivos, como os de provocar a atração do consumidor aos alimentos, influenciando na percepção humana e estimulando os aspectos sensoriais (SCATOLIM, 2014). Crianças são alvo de propagandas constantes para consumo de alimentos industrializados, interferindo na formação de seus hábitos alimentares e desenvolvimento saudável.

Essas são questões que remetem à discussão sobre segurança alimentar e nutricional e, partindo-se da premissa de que o reconhecimento das informações contidas nos rótulos de alimentos industrializados é importante passo para mudanças nos hábitos alimentares, desenvolveu-se esta atividade de extensão universitária junto a escolares de bairro de periferia.

Metodologia

A atividade educativa, com base na metodologia dialógica, foi realizada na Escola Estadual Nossa Senhora dos Navegantes, localizada no bairro Navegantes do município de Pelotas, a 155 escolares, de cinco turmas do ensino fundamental, do turno matutino. A atividade ocorreu em cada turma e em total de dois encontros por turma, com intervalo semanal.

Iniciou-se com estimulação ao assunto, quando foi distribuída para cada escolar uma embalagem de alimento industrializado, facilmente reconhecível por eles, tais como de biscoitos, sucos, refrigerantes, salgadinhos, entre outros, para que pudessem observá-las. Os alunos foram estimulados a refletir sobre a função da embalagem, perguntando-lhes o que costumam observar. Logo após, seguiram-se estímulos à verificação da data de validade, a pensarem sobre a finalidade e a integridade da embalagem e, ainda, sobre as informações que transmitem sobre o produto, contidas nos rótulos. Salientou-se também, que algumas destas informações têm a intenção de atrair o consumidor.

No segundo encontro, novamente foram distribuídas embalagens de alimentos para que pudessem acompanhar a atividade proposta. Em sequência à primeira atividade houve ênfase ao rótulo e nas propriedades nutricionais dos alimentos descritas em cada embalagem, bem como na observação da sequência dos ingredientes contidos em cada produto. Destacou-se que a lista de ingredientes ocorre em ordem decrescente do item contido em maior quantidade para menor.

Foi mencionado que a utilização de aditivos nos alimentos industrializados faz com que este produto tenha um prazo de validade maior, além de intensificar o aroma, cor, sabor e textura, desde que não prejudiquem seu valor nutritivo. (BRASIL,1965) Porém, muitos aditivos são artificiais e podem provocar reações indesejadas na saúde.

Neste momento, foi chamada a atenção para o tamanho da porção do alimento e o percentual de valores diários de nutrientes (%VD), sendo que na maioria das vezes, quando descritas estas informações no rótulo, não estão representando a quantidade total do produto, e sim a porção, a qual deve estar representada por uma medida caseira.

Resultados

Inicialmente os escolares mostraram-se curiosos sobre o tema abordado, mas um pouco retraídos, sem muita participação. Ao longo das explicações foram surgindo perguntas. De modo geral, os questionamentos dos escolares se davam no sentido de saberem mais informações sobre os alimentos, como por exemplo, o modo de preparo destes, e que estas informações não vêm especificadas nas embalagens.

No entanto, embora o interesse dos escolares pelo assunto tenha se dado de maneira progressiva (de modo geral em todas as turmas envolvidas), observou-se que nas turmas do quarto e quinto ano, estes se mostraram mais atenciosos e os questionamentos se davam mais no sentido da curiosidade para saberem a origem de determinado alimento. Já nas turmas de sexto ano, observou-se desatenção e menor interesse ao assunto, por alguns alunos. Porém, os alunos que se mostraram mais atentos ao tema perguntavam sobre as propriedades nutricionais dos alimentos. A estratégia de levar embalagens de alimentos para as turmas demonstrou ser positiva, pois trataram-se de produtos do cotidiano dos alunos. Esses demonstraram que não haviam refletido sobre o assunto, anteriormente. Assim, pode-se destacar que houve interesse mais evidente dos escolares na identificação dos nutrientes dos alimentos, conforme as informações dos rótulos. Também levantaram questionamentos sobre a validade dos alimentos industrializados, que de forma geral é mais longo quando comparados aos alimentos caseiros ou artesanais.

De modo geral, os escolares consideraram as informações contidas na rotulagem nutricional de difícil compreensão e visualização. E comentaram que, por

este motivo, não costumam observar estes elementos.

Conclusões

A atividade de extensão mostrou-se positiva, favorecendo outro olhar sobre os alimentos industrializados que são consumidos com frequência, esclarecendo sobre as informações nutricionais importantes e necessárias às escolhas alimentícias dos escolares.

As experiências tanto para os acadêmicos como para os escolares foram estimulantes e possibilitaram o amplo diálogo. Sucessivamente, ao longo do ano, outras ações do projeto de extensão darão continuidade, junto aos escolares, sobre assuntos referentes à alimentação, nutrição e saúde, favorecendo que elos de conhecimento se estabeleçam.

Referências

LEVY-COSTA, R.B.; SICHIERI, R.; PONTES, N.S.; MONTEIRO, C.A. Disponibilidade domiciliar de alimentos no Brasil: distribuição e evolução (1974-2003). *Revista de Saúde Pública*, 2005, p. 530 - 40.

OLIVEIRA, Cecília L. de & FISBERG, Mauro. Obesidade na infância e adolescência: uma verdadeira epidemia. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabologia*. São Paulo, v. 47, N.2, 2003, p. 107 - 108.

Referências eletrônicas

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Lei nº 9.782, de 26 de janeiro de 1999. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1999/lei-9782-26-janeiro-1999-344896-norma-pl.html>> Acesso em: 28 de julho de 2014.

BRASIL. Decreto nº 55.871, de 26 de março de 1965, Art. 2º. Disponível em: <<http://portal.anvisa.gov.br/wps/wcm/connect/414d248047458a7d93f3d-73fbc4c6735/DECRETO+N%C2%BA+55.871,+DE+26+DE+MAR%C3%87O+DE+1965.pdf?MOD=AJPERES>> Acesso em: 28 de julho de 2014.

SCATOLIM, Roberta Lucas, A Importância do Rótulo na Comunicação Visual da embalagem: Uma análise sinestésica do produto. UNESP, FAAC, Bauru, SP. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/scatolim-roberta....pdf>> Acesso em 28 de julho de 2014.

DICAS DE SAÚDE: REALIZANDO ATIVIDADE FÍSICA NO PERÍODO DAS FÉRIAS

MAGALHÃES, Aline Brião

Aluna da Licenciatura em Educação Física/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

COSTA, Cristiane Peters

Aluna da Licenciatura em Educação Física/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

ROTA, Paula Amaral

Aluna da Licenciatura em Educação Física/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

SILVA, Kevin Cavalheiro

Aluno Bacharelado em Educação Física /UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

CAVALLI, Adriana Schüller

Professor ESEF/UFPeI, orientadora e coordenadora

O processo de envelhecimento não é uma fase que se inicia quando ingressamos na terceira idade, e sim um processo gradual que ocorre lentamente no decorrer dos anos. Na terceira idade se acentua o processo de degradação das capacidades físicas e mentais do organismo humano, e consequentemente existe uma maior dificuldade de manter autonomia e realizar atividades da vida diária que antes eram realizadas facilmente. No processo de envelhecimento os aspectos físicos e cognitivos vão se comprometendo, podendo surgir dificuldades de equilíbrio, força, agilidade, flexibilidade, e resistência cardiorrespiratória sendo necessário e importante que o idoso procure meios para desacelerar esse processo (MAZO, 2008).

Diante deste contexto, a realização de atividade física tem sido uma alternativa tangível que pode auxiliar no envelhecimento saudável e ativo, pois os mesmos podem desencadear efeitos benéficos aos seus praticantes.

Estudos têm comprovado que a atividade física melhora a força muscular (MATSUDO et al., 2000); flexibilidade (FRANCHI et al., 2005); capacidade aeróbica (AMORIM; DANTAS, 2002); e diminui a ansiedade (SOUZA et al., 2010) e o estresse (MIRANDA et al., 2003). O American College of Sports Medicine (ACSM, 2014) considera pessoas ativas aquelas que praticam pelo menos 150 minutos de atividade física regular por semana e recomendam, junto à Sociedade Brasileira de Cardiologia, a prática de exercícios de força, flexibilidade e exercícios aeróbicos.

Na busca de maior conscientização sobre a importância e os benefícios da atividade física para a população em geral, a mídia tem tentado ajudar na divulgação e promoção de hábitos saudáveis, podendo ser um importante mecanismo de intervenção, permitindo uma rápida e abrangente adesão social (VARGAS et al., 2010).

Diante deste contexto, a realização de caminhadas torna-se uma ótima alternativa para a população idosa, já que ela não precisa de materiais e locais específicos para sua prática. Segundo Nunes et al. (2008) a caminhada é uma atividade física segura, social, agradável, barata e que faz bem a sua saúde corporal.

Com isso os objetivos do presente estudo é mini-

mizar os efeitos do destreino no período das férias de verão dos idosos participantes de um projeto de extensão que foca em atividades de ginástica, hidroginástica e musculação no seu período “letivo”, conscientizando-os dos benefícios de tal prática.

Metodologia

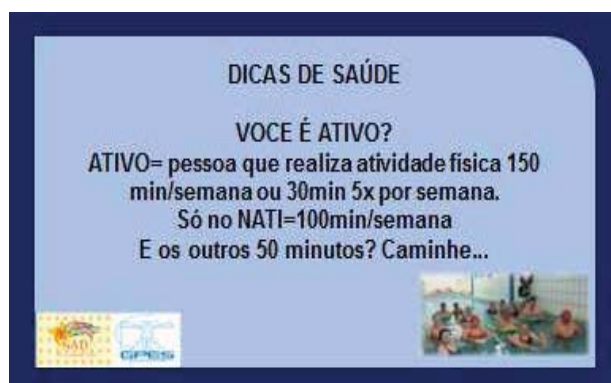
Este estudo possui delineamento descritivo observacional com uma amostra intencional de 300 idosos matriculados nos projetos “Núcleo de Atividades para a Terceira Idade” e “Atividade Física na Terceira Idade” nas modalidades de ginástica, hidroginástica e musculação ofertadas anualmente na ESEF/UFPEL.

O trabalho foi primeiramente discutido nas reuniões dos projetos junto à coordenação para analisar as dicas de caminhadas mais importantes e a sequência lógica delas para que nas férias os alunos possam praticar tal atividade minimizando os efeitos do destreino no período de retorno às aulas. Nunes et al. (2008) e Vagnini e Bunnell (2009) relatam em seus livros importantes dicas para a caminhada segura, embasando, assim, este trabalho.

Após escolher as principais dicas, optamos por realizar cartazes como uma forma de chamar atenção dos alunos, dispondo-os semanalmente em cada sala de aula, além, de também, explicar sobre cada uma delas nas aulas ministradas. Vale ressaltar, que além, de cartazes sobre dicas e benefícios da caminhada, salientamos outras dicas de saúde como: durma bem, não fume, evite consumo abusivo de álcool, afaste pensamentos negativos, mantenha uma dieta equilibrada, entre outros.

Resultados

As dicas de caminhadas foram espalhadas e afixadas em cada sala de aula, efetivando, assim, a ideia inicial deste trabalho.



Figuras 1, 2 e 3: Dicas de caminhada
Fonte: Elaborado pelos autores

Conclusão

Não há nenhum resultado científico que comprove, de fato, que essas medidas serão efetivas no período das férias dos alunos, porém, acredita-se no bom impacto que elas causarão nessa população, pois através de conversas durante as aulas percebe-se que muitos já têm praticado caminhadas ao ar livre e que pretendem continuá-las nas férias. Desse modo pretende-se continuar realizando os cartazes com as dicas de caminhadas e outros elementos essenciais a saúde, incrementando e reforçando durante as aulas os benefícios da adesão e manutenção de um estilo de vida ativo que proporcione a uma qualidade de vida saudável no processo de envelhecimento.

Referências

- AMERICAN COLLEGE OF SPORTS MEDICINE (ACSM). Exercício e Atividade Física para pessoas idosas.
- AMORIM, F. S. A.; DANTAS, E. H. M. Efeitos do treinamento da capacidade aeróbica sobre a qualidade de vida e autonomia de idosos. *Fitness Performance Journal*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 47-55, 2002..
- FRANCHI, K. M .B.; MONTENEGRO, R. M. Atividade Física: uma necessidade para a boa saúde na terceira idade. *Revista Brasileira em Promoção da*

Saúde, v. 18, n. 3, p. 152- 156, 2005

MATSUDO, S. M. et al. Efeitos benéficos da atividade física na aptidão física e saúde mental durante o processo de envelhecimento. *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*, v. 5, n.2, 2000.

MAZO, G. Z. Atividade Física, qualidade de vida e envelhecimento. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008

MIRANDA, M. L. J.; GODELI, M. R. S. Música, atividade física e bem-estar psicológico em idosos. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*. Brasília, v. 11, n. 4, p. 87-94, out./dez. 2003

NUNES, V. G. S. et al. Caminhada: emagrece, condiciona e produz melhoria da qualidade de vida. Pelotas, RS: Ed. da UFPel, 2008. 61p.

SOUZA, T. F. et al. Barreiras percebidas à prática de atividade física no nordeste do Brasil. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 1-15, jan./abr. 2010.

VARGAS, C. et al. Percepção de adolescentes e adultos referente à influência da mídia sobre o estilo de vida. *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*, v. 15, n. 2, p. 105-110, 2010.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA COMUNIDADE: PRÁTICAS DE ENFERMAGEM FRENTE ÀS DOENÇAS CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS

BRAGA, Gabriele de Brito

Aluna do Curso de Enfermagem/UFPeI, bolsista PRO-BEC/UFPeI

LUBINI, Vanusa Thaine

Aluna do Curso de Enfermagem/UFPeI, bolsista PRO-BEC /UFPeI

WILLRICH, Janaína Quinzen

Professor do Departamento de Enfermagem/UFPeI, coordenador

As doenças crônicas não transmissíveis tornaram-se, nos últimos anos, a principal prioridade na área da saúde no Brasil, sendo 72% das mortes ocorridas em 2007 atribuídas a elas (SCHMIDT et al., 2011). De acordo com BRASIL (2013) são as doenças multifatoriais, de longa duração e geralmente de progressão lenta, como doenças cardiovasculares (hipertensão arterial sistêmica, angina, insuficiência cardíaca crônica), doenças respiratórias (asma, bronquite, doenças pulmonar obstrutiva crônica), doenças metabólicas (obesidade, diabetes, hipertireoidismo e hipotireoidismo, dislipidemia), câncer, entre outras.

Geralmente, as doenças crônicas são incuráveis, possuem uma origem não contagiosa e caracterizam-se por um longo período de latência, estando associadas à combinação de fatores sociais, culturais, ambientais e comportamentais, causando impacto na qualidade de vida dos indivíduos acometidos e suas famílias (CHODOSH et al., 2005).

De acordo com BUDÓ et al. (2009), é fundamental que os profissionais da saúde tenham em mente um cuidado voltado ao indivíduo e sua rede de relações, pois a condição de saúde e doença é cada vez mais influenciada pela forma como cada ser vivencia suas escolhas. Neste sentido, a enfermagem é responsável por aplicar ações de educação em saúde voltadas ao autocuidado e prevenção de agravos, sendo componente-chave para a oferta de melhores condições de vida a essas pessoas (OERMANN; TEMPLIN, 2000).

A promoção da saúde visa oferecer igualdade de oportunidades e maneiras simplificadas para a população conhecer e controlar os fatores determinantes de sua saúde, em que estão incluídos o acesso à informação e desenvolvimento de habilidades para a obtenção de hábitos de vida saudável (RIBEIRO; COTTA; RIBEIRO, 2012).

Foi nesta perspectiva que no ano de 2010 iniciaram as atividades do projeto de extensão “Educação em Saúde na Comunidade”, desenvolvido pela Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI), vinculado ao Programa

Vizinhança, com o intuito de estabelecer e manter vínculo com a Comunidade da Balsa, vizinha ao Campus Porto, através da realização de ações de educação em saúde, desenvolvidas por meio de visitas domicilia-

rias, oficinas em três escolas do bairro e em um grupo de mulheres de uma associação esportiva.

Por intermédio das ações do projeto, os discentes tem a oportunidade de associar os conteúdos aprendidos em sala de aula acerca de educação popular em saúde e manejo com doenças crônicas, colocando-os em prática em cada visita domiciliar ou oficina realizada, tornando-os futuros profissionais melhores preparados para a realidade encontrada junto à população.

Desta forma, o presente trabalho tem por objetivos refletir sobre a importância do trabalho realizado pela enfermagem no que tange à assistência domiciliar aos portadores de doenças crônicas, bem como sua contribuição na formação acadêmica.

Metodologia

As ações do projeto são desenvolvidas por acadêmicos do curso de Enfermagem da UFPel, os quais se reúnem semanalmente para planejar e elaborar intervenções pertinentes às necessidades da comunidade, aplicando-as no decorrer das visitas domiciliares.

Durante as visitas os discentes têm a oportunidade de observar o contexto familiar, seus aspectos de saúde, moradia, segurança, higiene, atualizar os cadastros, fornecer informações de saúde e realizar o acompanhamento de crônicos.

Para tanto, utilizam materiais como estetoscópio e esfigmomanômetro, para a verificação da pressão arterial; glicosímetro, para avaliação dos níveis de glicemia; fichas para o controle dos valores de pressão arterial; e folhetos informativos, que são confeccionados pelos acadêmicos.

Para a elaboração deste trabalho foi realizado um levantamento de dados acerca das doenças crônicas que são vistas com maior frequência durante as visitas domiciliares. Tais informações foram colhidas da ficha de cadastramento das famílias, a qual é atualizada a cada visita e contém informes sobre condições de saúde e moradia de seus integrantes.

Resultados

Durante a análise dos dados obtidos pelo cadastramento das famílias, contabilizou-se um total de 511 pessoas na área de atuação do projeto. Dentre estas, 154 encontram-se na faixa etária de maiores de 46 anos, o que representa 30,1% da população atendida. A partir destes dados, observou-se na faixa etária mencionada, que as doenças crônicas mais preva-

lentes foram hipertensão arterial sistêmica (e outras doenças cardiovasculares), doenças respiratórias e diabetes mellitus.

No Brasil as doenças crônicas não transmissíveis estão entre os grandes problemas e desafios da saúde pública. Essas doenças são responsáveis por 72% do total de mortes no país, sendo que as causadas no sistema circulatório correspondem a 31,3% dos óbitos (BRASIL, 2013).

Sabe-se que as doenças crônicas são preveníveis em 80% dos casos de Diabetes tipo 2, Acidente Vascular Cerebral e doenças cardiovasculares, apenas eliminando os fatores de risco (CONSELHO INTERNACIONAL DOS ENFERMEIROS, 2010).

O que determina esse impacto na saúde está relacionado não só aos fatores de risco modificáveis (tabagismo, sedentarismo e maus hábitos alimentares), como também a globalização econômica, a falta de medidas sociais e políticas, a injustiça social, somado ao envelhecimento populacional, contribuindo fortemente ao aumento dos índices de doenças crônicas não transmissíveis (CONSELHO INTERNACIONAL DOS ENFERMEIROS, 2010).

As informações coletadas reforçam a necessidade contínua da abordagem de educação em saúde com a população, afirmando a importância da atuação do projeto dentro da comunidade, pois através das visitas semanais os acadêmicos realizam intervenções de saúde nas famílias cadastradas, oferecendo informações sobre as doenças crônicas e verificando possíveis sinais de agravamento. Portanto, as ações desenvolvidas permitem reduzir e prevenir os agravos que acometem esta parcela da população.

Dessa forma, as ações extensionistas proporcionam uma aproximação junto à comunidade a partir do compartilhamento de informações e troca de experiências, sendo que na área da saúde a extensão torna-se particular, pois consegue ser integrada à rede assistencial, servindo de espaço para novas experiências voltadas ao cuidado, humanização e qualificação da atenção à saúde (ACIOLI, 2008).

Assim, para a vivência da prática do acadêmico essa atuação ajuda na construção individual elevando seu conhecimento científico, permeando os saberes abrangentes sobre temas diferenciados como educação em saúde, doenças crônicas, promoção e prevenção de saúde e na prática profissional.

Conclusão

O projeto vem contribuindo para a construção de novos saberes, proporcionando, além do cuidar da doença crônica através das ações do projeto, a formação de enfermeiros preparados para responder adequadamente as necessidades em saúde da população.

Entende-se que o profissional de enfermagem bem preparado, que detenha conhecimento técnico/científico, não somente exerce sua profissão com ética e eficiência, mas atende as necessidades da comunidade e oferece a oportunidade de mudanças no estilo de vida que sejam efetivas para a saúde da população.

Dessa forma, ressaltar a importância de projetos de extensão voltados à educação em saúde é de extrema importância, pois proporciona uma vivência particular para o acadêmico, e a possibilidade de melhores condições de vida para a população.

Referências

- ACIOLI, S. A prática educativa como expressão do cuidado em saúde pública. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 61, n.1, p. 117-121, 2008.
- BUDÓ, M.L. et al. Educação em saúde e o portador de doença crônica: implicações com as redes sócias. *Ciênc Cuid Saúde*, Maringá, v. 8, (suplem.), p.142-147, 2009.
- CHODOSH, J; MORTON, S.C.; MOJICA, W. et al. Meta-analysis: chronic disease self-management programs for older adults. *Ann Intern Med*, Philadelphia, v.143, n. 6, p. 427-438, 2005.
- OERMANN, M.H.; TEMPLIN, T. Important attributes of quality health care: consumer perspectives. *J Nurs Scholarsh*, Indiana, v. 32, n. 2, p. 167-172, 2000.
- RIBEIRO, A.G.; COTTA, R.M.M.; RIBEIRO, S.M.R. A Promoção da Saúde e a Prevenção Integrada dos Fatores de Risco para Doenças Cardiovasculares. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.17, n.1, p. 7-17, 2012.

Referências Eletrônicas

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretária em Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças e Agravos não Transmissíveis e Promoção de Saúde. Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico. Brasília, 113p, 2013. Acessado em: 06 de jul. 2014. Disponível em: http://www.sbpt.org.br/downloads/arquivos/vigitel_2012.pdf.
- CONSELHO INTERNACIONAL DOS ENFERMEIROS. Servir a Comunidade e Garantir a Qualidade: os enfermeiros na vanguarda dos cuidados na doença crônica. Genebra, 102p, 2010. Acessado em 06 de jul 2014. Disponível em http://www.ordemenfermeiros.pt/publicacoes/Documents/KIT_DIE_2010.pdf.
- SCHMIDT, M.I. et al. Doenças crônicas não transmissíveis no Brasil: carga e desafios atuais. Unidade de Pesquisas em Álcool e Drogas, 02 jul. 2014. Acessado em 02 jul. 2014. Disponível em: <http://www.uniad.org.br/desenvolvimento/images/stories/pdf/brazilpor41.pdf>.

ENVELHECENDO COM SAÚDE: A IMPORTÂNCIA DE ALIAR ATIVIDADE FÍSICA A HÁBITOS SAUDÁVEIS DE VIDA DIÁRIA

SANTOS, Tanise Leal dos

Aluna da Licenciatura em Educação Física/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

MAGALHÃES, Aline Brião

Aluna da Licenciatura em Educação Física/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

SILVA, Kevin Cavalheiro da

Aluno Bacharelado em Educação Física /UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

COSTA, Andréia Xavier da

Aluna Bacharelado em Educação Física /UFPeI

CAVALLI, Adriana Schüler

Professora ESEF/UFPeI, orientadora; Professora ESEF/UFPeI, coordenadora projeto

O envelhecimento é consequência de alterações biopsicossociais pela qual os indivíduos, de maneira característica, com o avançar do tempo irão passar da idade adulta até o fim da vida, sendo o mesmo um processo irreversível (MEIRELLES, 1997).

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2003), o Brasil em 2012 apresentava um contingente de 21 milhões de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. A estimativa da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002) é que o país seja o sexto em números de idoso em 2025, quando devendo chegar a 32 milhões de pessoas com 60 anos ou mais.

Diante deste contexto, se faz necessário efetuar mudanças em relação aos benefícios que o país tem ao ofertar aos idosos orientações sobre hábitos saudáveis de vida, assim como, inseri-los no mercado de trabalho reduzindo o preconceito da pessoa idosa em relação ao trabalho, promoção da saúde ocupacional, capacitação continuada para que esses idosos sejam ativos, dentre outros.

O envelhecimento é marcado por um período da vida com uma alta prevalência de doenças crônicas, limitações físicas, perdas cognitivas, sintomas depressivos, declínio sensorial, acidentes e isolamento social.

Entretanto os idosos que mantêm um estilo de vida ativo, que praticam atividades físicas durante a sua vida inteira, e mantêm uma alimentação saudável e equilibrada, muito provavelmente terão um envelhecimento fisiológico e um processo de perdas funcionais mais lento do que o idoso que for sedentário a sua vida inteira ou grande parte dela (COSTA et al., 2012).

É possível afirmar que a prática de atividade física é fundamental no controle do peso e da gordura corporal durante o processo de envelhecimento podendo também contribuir na prevenção e controle de algumas condições clínicas associadas a esses fatores como as doenças cardiovasculares, diabetes, hipertensão, acidente vascular cerebral, artrite e apnéia do sono (FIATARONE-SINGH, 1998 citado por MATSUDO, MATSUDO E NETO, 2000).

A adoção de um estilo de vida saudável aliada à prática de atividades físicas, propõe alterações nos componentes da aptidão física relacionados com a saúde, tais como aptidão cardiorrespiratória, força muscular,

resistência muscular e a flexibilidade. Essas alterações influenciam positivamente na execução das tarefas diárias, proporcionando a autonomia dos idosos (COSTA et al., 2012).

É muito importante e necessário que o idoso tenha motivação para praticar atividade física, e estabeleça o conhecimento sobre a importância de ser ativo e aliar isso a hábitos saudáveis, para que esse conhecimento influencie no processo de envelhecimento saudável.

Sendo assim, este trabalho tem por objetivos conscientizar os idosos de que o processo de envelhecimento é contínuo, e é imprescindível o conhecimento de como esse processo se concretiza, e de que maneira as perdas naturais podem ser amenizadas, orientando os idosos sobre a importância de ser ativo mantendo hábitos saudáveis de vida diária. Disciplina e motivação são ferramentas imprescindíveis na adoção de hábitos saudáveis para um envelhecimento com saúde e qualidade de vida ser algo tangível a todos.

Metodologia

O presente estudo possui um delineamento descritivo observacional com uma amostra intencional de 300 idosos matriculados nos projetos “Núcleo de Atividades para a Terceira Idade” e “Atividade Física na Terceira Idade” nas modalidades de ginástica, hidroginástica e musculação ofertadas anualmente na Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas - ESEF/UFPeL.

O trabalho foi levantado e discutido nas reuniões dos projetos junto à coordenação para analisar “dicas de saúde” que seriam importantes para que aliado à prática de atividade física no projeto, os idosos pudessem incorporá-los na sua vida diária melhorando sua saúde. Após escolher as principais dicas de saúde, optamos por realizar palestras com dicas de alimentação saudável para os participantes dos projetos e comunidade em geral.

Resultados

Conforme a Tabela 1 abaixo, de acordo com os dados cadastrais dos participantes dos projetos com ações voltadas ao envelhecimento da ESEF/UFPeL, a doença de hipertensão apresenta os índices mais elevados em todas as modalidades dos projetos. De acordo com Wilmore e Costill (2001, p. 219) “A hipertensão arterial é o termo clínico que descreve a condição na qual a pressão arterial encontra-se elevada, ou seja, acima dos valores apresentados pelos indivíduos normais, e saudáveis”. As doenças ortopédicas também tiveram um índice elevado em todas as modalidades seguido por colesterol/triglicerídeos alto, diabetes e doenças cardiovasculares.

Com base nos resultados obtidos e com o objetivo de levar o conhecimento sobre a utilização adequada do sódio, sabendo que a redução do uso de sal/sódio é uma estratégia de grande importância para a prevenção e controle da hipertensão, a Prof^a. Dr^a. Sandra do Valle, da Faculdade de Nutrição/UFPeL, juntamente com sua monitora Cíntia T. B. Verli, foram convidadas para realizarem palestras aos participantes dos projetos e a comunidade em geral. Estas intervenções em parceria com a Prof^a. Sandra do Valle veio ao encontro das análises dos dados, onde foi constatado um grande número de hipertensos, sendo essa a doença que mais os acomete. Sendo assim, duas palestras, intituladas “O sódio nosso de cada dia” e “Água para viver bem na Melhor Idade”, foram realizadas no ano de 2013.

Conclusão

Com o aumento da expectativa de vida das pessoas em geral, é necessário que os representantes governamentais reavaliem, planejem, desenvolvam e executem políticas públicas que visem à melhoria da qualidade de vida e saúde da população. A prática de

Doenças	Ginástica	Hidroginástica	Musculação Feminina	Musculação Masculina
Hipertensão	48	87	9	8
Diabetes	23	75	0	3
Cardiovasculares	10	20	5	0
Ortopédicas	10	27	2	3
Colesterol/ Triglic.	28	41	5	4
Outros	1	4	2	1
Nenhum	18	24		3

Tabela 1: Distribuição do número de participantes quanto as doenças relatadas e a modalidade de atividade física realizada

Fonte: Dados cadastrais idosos participantes nos projetos da ESEF com ações voltadas aos envelhecimento

atividade física aliada a hábitos saudáveis de vida diária auxiliam na prevenção de doenças, sendo assim projetos e programas que desenvolvam atividades práticas, palestras, dicas de saúde, deveriam ser promovidos e efetivados para que o envelhecimento não seja sinônimo de inatividade, de incapacidade e de doença, mas que o envelhecimento possa ser um processo saudável para todos.

Referências

CASAGRANDE, M. Atividade Física na Terceira Idade. TCC (Departamento de Educação Física) Licenciatura Plena em Educação Física - Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista – Unesp, Bauru, 2006.

CAVALLI, A.; CAVALLI, M. O Brasil fica mais velho antes de ficar rico – O planejamento prognóstico como premissa para um envelhecimento saudável. In: CAVALLI, A.; AFONSO, M. R. Trabalhando com a Terceira Idade: Práticas Interdisciplinares. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2011.

COSTA et al. L; M. Importância da atividade física para a terceira idade. Revista Digital EFDeportes. Buenos Aires Ano 17 - Nº 170, 2012.

MATSUDO, S. M. et al. Efeitos benéficos da atividade física na aptidão física e saúde mental durante o processo de envelhecimento. Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde, v. 5, n.2, 2000.

MEIRELLES, M. A. E. Atividade física na terceira idade. Rio de Janeiro: Sprint, 3ª ed. 2000.

WILMORE, J. H.; COSTILL D. L. Fisiologia do esporte e do exercício. 2 ed. São Paulo: Manole, 2001.

Referências Eletrônicas

IBGE. Síntese de Indicadores Sociais 2002. Comunicação Social, 2003. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/12062003indic2002.shtm>>. Acesso em: 14 de julho de 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Active Ageing: a policy framework. Madrid, 2002. Disponível em: <http://whqlibdoc.who.int/hq/2002/WHO_NMH_NPH_02.8.pdf>. Acesso em: 23 julho de 2014.

ESCUA TERAPÊUTICA NO CUIDADO DE ENFERMAGEM A DOENTES RENAI: RELATO DE EXPERIÊNCIA

NEITZKE, Debora Viviane

Aluna do curso de Enfermagem da UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

LECCE, Treici

Aluna do Curso de Enfermagem da UFPEL, bolsista PIBIC/UFPel

LISE, Fernanda

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFPel, bolsista CAPES

GARCIA, Raquel Pötter

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFPel, bolsista CAPES

SCHWARTZ, Eda

Professora da Faculdade de Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/UFPel, coordenador

A doença renal crônica gera diversas situações estressantes ao paciente, desencadeadas pelo tratamento, de modo que para aderir as novas condições de vida, esse precisa estabelecer estratégias de enfrentamento (MEDEIROS et al., 2010). É importante que esse tipo de paciente sinta-se amparado por uma equipe de saúde integrada, por ser uma doença de evolução prolongada, traumática e dolorosa, requer que os profissionais tenham a capacidade de explicar a doença e do mesmo modo, saibam ouvir o paciente (FREITAS; COSMOS, 2010).

Uma das modalidades de terapia renal substitutiva para o tratamento de pacientes com doença renal crônica é a hemodiálise, que consiste na circulação extracorpórea por meio de um acesso vascular. Geralmente é realizada três vezes por semana, na qual o paciente permanece em média quatro horas em cada sessão (KOEPE; ARAÚJO, 2007). Levando em conta esses fatores, é importante garantir que o paciente tenha espaço para expor seus sentimentos e questionamentos, deixando emergir suas ansiedades e medos, por meio do estabelecimento de uma aliança terapêutica (FREITAS; COSMOS, 2010).

Quando uma pessoa não tem com que dividir seus problemas, vivencia um nível de tensão maior de seu limite o que pode levá-la a se desestruturar, porém no momento em que o indivíduo sobrecarregado de suas emoções se expressa, sente-se aliviado. Deste modo, a escuta terapêutica é um instrumento por meio do qual o paciente ao falar se auto compreende escutando a sua própria narrativa, assim como, seu discurso adquire um novo sentido nos ouvidos do profissional da saúde que o escuta (SOUZA; PEREIRA; KANTORSKI, 2003).

Com esta óptica o projeto de extensão “Internato em Enfermagem Nefrológica” da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, realiza atividades no Serviço de Nefrologia da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas e essas objetivam favorecer um suporte teórico-prático aos acadêmicos de enfermagem para assistir os pacientes renais crônicos em tratamento dialíticos e seus familiares. O projeto está em andamento, contando atualmente com seis acadêmicos do curso de Enfermagem. No que tange ao impacto da atividade de extensão, ressalta-se que

essa favorece a aprendizagem dos alunos acerca do contexto da hemodiálise e doença renal e fortalece os pacientes e familiares devido a realização de atividades de educação em saúde. Assim, no decorrer das atividades observou-se que alguns pacientes demonstravam a necessidade de falar e compartilhar seus medos, anseios e carências. Perante o exposto, o presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência dos acadêmicos frente o desenvolvimento da escuta terapêutica como meio para formação de vínculo com os pacientes, na tentativa de amenizar suas preocupações, compreendendo seus sentimentos e valorizando o indivíduo.

Metodologia

Relato de experiência pautado em atividades desenvolvidas por acadêmicos de enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, no projeto de extensão “Enfermagem Nefrológica” realizado no Serviço de Nefrologia da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, Rio Grande do Sul/Brasil. As atividades ocorreram no período de julho de 2013 a agosto de 2014. O contato nesse serviço ocorreu com os doentes renais que realizavam hemodiálise, sendo que os acadêmicos desenvolveram atividades relativas à aferição dos sinais vitais, educação em saúde com pacientes e familiares, acompanhamento do trabalho da equipe de saúde e a escuta terapêutica para formação de vínculo. Destaca-se que a escuta terapêutica e a formação de vínculo foram pautadas nos conceitos propostos pela Clínica Ampliada do Ministério da Saúde (BRASIL, 2009).

Resultados

A comunicação é uma ferramenta de trabalho do profissional de enfermagem, que permite conhecer o histórico de saúde do paciente e planejar ações de cuidado. A enfermagem tem um papel relevante no que tange ao cuidado integral do paciente, conhecendo seu processo de adoecimento e amparando-o no enfrentamento da doença (BARBOSA; SILVA, 2007). Desta forma, a escuta terapêutica propicia que o paciente que faz hemodiálise seja ouvido, por meio da comunicação, a fim de expressar seus medos e anseios. Com o apoio da enfermagem é possível dar continuidade ao seu cuidado fazendo com que entenda que é um processo lento e contínuo. Essa relação interpessoal estabelece um vínculo entre o profissional e paciente o qual efetiva o tratamento e pode acarretar em bom

prognóstico para seu estado de saúde/doença.

O enfermeiro pode influenciar positivamente a saúde do paciente por meio da assistência prestada e do vínculo estabelecido no relacionamento terapêutico (PONTES; LEITÃO; RAMOS, 2008). O paciente renal crônico em seu processo de saúde/doença passa por dificuldades desde a descoberta da doença até a efetivação da terapêutica adequada. A Enfermagem, portanto, se destaca nesse contexto atuando no cuidado ao paciente e suas interfaces.

Durante as atividades dos acadêmicos no projeto de extensão, o vínculo com os doentes renais crônicos foi realizado por meio da inserção dos alunos nas atividades da equipe, primeiramente observando o trabalho prestado e no transcorrer do estágio, verificando os sinais vitais e participando de atividades de integração entre pacientes, familiares e profissionais. Na medida em que as atividades eram desenvolvidas, utilizou-se este momento para conversar com os pacientes e ouvir as suas necessidades. A escuta proporcionou um vínculo dos acadêmicos com os pacientes, fazendo com que esses se sentissem seguros em compartilhar suas experiências, na certeza de que teriam seus relatos valorizados pelos acadêmicos envolvidos. Este contato tornou-se relevante, uma vez que foi possível a descoberta do convívio diário com a doença renal crônica e também as alterações que os pacientes sentiam durante as sessões de hemodiálise e suas perspectivas para o futuro.

Faz-se necessário auxiliar o paciente na reconstrução, respeitando os motivos que o levaram a adoecer e as correlações que ele estabelece entre os seus sentimentos e a vida, assim como seus desafetos e relações na convivência. Para tanto a escuta significa o acolhimento do relato ou da queixa do usuário mesmo quando num primeiro momento aparentemente não seja importante para o diagnóstico e para o tratamento (BRASIL, 2009). Além disso, pode-se verificar que por meio do vínculo os pacientes sentiram maior liberdade para falar de seus conhecimentos acerca da doença, explicando a forma como são conectados a máquina de hemodiálise até os resultados dos exames laboratoriais aos quais são submetidos. Relatos esses que permitiram conhecer o conhecimento dos pacientes acerca da doença, auxiliando na elaboração de novas intervenções e propostas de educação em saúde.

Medidas simples como oferecer um ambiente acolhedor, mostrar-se interessado pelo indivíduo e ouvir o que ele tem a dizer, auxilia na formação de laços de confiança entre profissional e paciente, permitindo que

o mesmo se sinta aceito, compreendido e participativo em seu tratamento. O que permite ao profissional traçar medidas mais eficientes em seu cuidado, contribuindo na adesão do cliente a terapia (MEDEIROS; MEDEIROS, 2013).

Para os estudantes foi importante conhecer também a forma de apoio familiar dos pacientes e se tinham alguém com quem pudessem contar nos momentos de dificuldades. Ademais, muitos dos pacientes renais necessitavam se deslocar da sua residência até o serviço de saúde para dialisar e para alguns era muito difícil, pois, necessitavam do transporte da prefeitura ou outros meios de transporte para o seu deslocamento. Assim pode se perceber a complexidade da doença e a necessidade de uma ampla rede de assistência integrada para estas doenças.

Por fim, pode-se perceber que a pessoa em terapia renal apresenta necessidade de dialogar e expor sua visão acerca da doença e seu enfrentamento diário. Assim, o profissional de Enfermagem pela proximidade à condição do paciente e acompanhamento contínuo deve se mostrar participativo nessa vivência ao demonstrar ter conhecimento das fragilidades e necessidades essenciais de cada paciente.

Conclusão

O Internato em Enfermagem Nefrológica proporcionou aos acadêmicos uma vivência gratificante acerca do cuidado ao doente renal crônico. Por meio da escuta e da formação de vínculo, os pacientes sentiram-se a vontade para compartilhar informações sobre seus medos, anseios, carências e enfrentamento da doença, tornando-se possível conhecer a experiência da pessoa em tratamento renal e parte da rede de apoio social.

Conhecer as fragilidades que o paciente apresenta e participar de seu contexto acrescentou para a formação acadêmica, pois essa experiência mostrou o quão efetivo pode ser um cuidado quando o profissional se aproxima do paciente, escuta as suas necessidades e as valoriza. Foi possível perceber que quando o paciente confia no profissional e percebe que pode compartilhar suas vivências, sente-se seguro para dizer, por exemplo, que não seguiu adequadamente as orientações e restrições de ingesta hídrica e alimentar, dentre outras informações pertinentes para a elaboração de um plano de intervenção mais adequado para cada paciente, bem como a inserção de outras redes de cuidados previstas nas políticas de saúde. Essa interação

fornece subsídios para o profissional melhor elaborar os cuidados, reconhecendo que existem necessidades essenciais que não são tratadas com procedimentos que utilizam tecnologias duras e técnicas.

Referências

- BARBOSA, I. A.; SILVA, M. J. P. Cuidado humanizado de enfermagem: o agir com respeito em um hospital universitário. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 60, n. 5, p. 546-51, 2007.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Clínica Ampliada e Compartilhada. Brasília, 2009.
- FREITAS, P. P. W.; COSMO, M. Atuação do psicólogo em hemodiálise. *Revista da Sociedade Brasileira em Psicologia Hospitalar*, v. 13, n. 1, 2010.
- KOEPE, G.B.O.; ARAÚJO, S. T. C. A percepção do cliente em hemodiálise frente a fistula artério-venosa em seu corpo. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 21, n.Esp., p.147-51, 2007.
- MEDEIROS, A. C. et al. Adesão de portadores de insuficiência renal crônica ao tratamento de hemodiálise. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 23, n. 4, p. 546-5, 2010.
- MEDEIROS, A. J. S; MEDEIROS, E. M. D. Desafios do tratamento hemodialítico para o portador de insuficiência renal crônica e a contribuição da enfermagem. *Revista Brasileira de Educação e Saúde, Paraíba*, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2013.
- PONTES, A. C; LEITÃO, I. M. T; RAMOS, I. C. Comunicação terapêutica em enfermagem: instrumento essencial do cuidado. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 61, n. 3, p. 312-8, 2008.
- SOUZA, R. C; PEREIRA, M. A; KANTORSKI, L. P. Escuta terapêutica: instrumento essencial do cuidado em enfermagem. *Revista de Enfermagem [da] Universidade do Estado do Rio de Janeiro*, v. 11, p. 92-97, 2003.

ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA: UMA FERRAMENTA DE RESSIGNIFICAÇÃO SOCIAL

DE MATTOS, Patrick Silva

Aluno da Licenciatura em Letras/UFPeI, bolsista PRO-EXT/UFPeI

FRANCHINI, Beatriz

Professor do Departamento de Enfermagem/FEn/UFPeI, orientador/coordenador

O projeto de extensão Espaço de Convivência na Comunidade da Balsa – Pelotas/RS, promovido pela Faculdade Enfermagem – UFPeI busca desenvolver atividades de promoção e prevenção ao uso de álcool e outras drogas com jovens moradores do Bairro Balsa localizado ao lado do Campus Anglo. As intervenções ocorrem semanalmente em pequenos grupos coordenados por acadêmicos sob supervisão. Nestes encontros são desenvolvidas atividades de esporte e lazer.

Neste sentido, parte-se de uma concepção inicial de que a instalação da UFPeI em uma área da cidade de alta vulnerabilidade econômica e social requeira da universidade uma função proativa no sentido de disponibilizar o acúmulo acadêmico com vistas a revitalizar a área e a melhorar a qualidade de vida daqueles que ali residem.

Metodologia

Trata-se de um relato de experiência referente ao trabalho realizado pelos acadêmicos bolsistas do projeto de extensão Espaço de Convivência na Comunidade da Balsa – Pelotas/RS desde o início da sua implantação. “A relevância de um relato de experiência está na pertinência e importância que nele se expõem, (...), à práxis metodológica da área a qual pertence” (PEPSIC).

As transformações ocorridas nas últimas décadas na comunidade da Balsa geraram transformações na vida daquela população, como reflexo destas mudanças estruturais e financeiras devido à fatores de risco as famílias encontram-se em vulnerabilidade social.

Para BERTOLOZZI et al (2009), o termo vulnerabilidade é comumente empregado para designar suscetibilidades das pessoas à problemas e danos de saúde. Ainda sobre o assunto, GOMES e PEREIRA, 2004 dizem que a situação de vulnerabilidade social está intimamente ligada às dificuldades econômicas e estruturais.

Nessa perspectiva o trabalho da extensão tem uma importante contribuição na formação acadêmica ao desenvolver o senso crítico, a visão inteligente da realidade e a promoção da interação com a cultura possibilitando ao acadêmico e a comunidade a leitura da

realidade que os envolve. De acordo com GOULART (2004), a extensão é a perspectiva através da qual o estudante entra em contato com o mundo que o cerca e é através dessa realidade que ele pode complementar o seu aprendizado, entendendo, isto é, lendo dentro aquilo que está à sua frente.

Deste modo a inserção do acadêmico de Letras neste projeto de extensão é um fator importante na construção do senso crítico do indivíduo tornando-o protagonista da sua formação como aluno cidadão, apto a criticar e a contribuir para a transformação social da comunidade na qual vive.

O fato de a extensão desempenhar uma função importante na aproximação do acadêmico de Letras com a comunidade é um grande “passo”, pois desenvolver atividades fora da sala de aula durante o processo de formação, potencializa a habilidade de perceber as diferenças de etnia, cor, classes sociais, sexuais e entre outros aspectos que fazem parte do nosso meio social, o qual diariamente nos surpreende com algo de novo.

Deste modo, a reflexão do papel do esporte em políticas públicas para a juventude é essencial e invoca a necessidade de percepção da cultura e da participação com quesito indispensável para o enfrentamento da grande problemática de desigualdade social. Neste sentido, dado a sua complexidade torna-se necessário perceber o jovem como agente produtor de mobilizações e intervenções sociais (NOGUEIRA, 2011).

Para CHAUI (2007), é necessário abrir espaços para efetiva conquista da autonomia possibilitando aos jovens realizar novas ações, criar novas regras e formas de produção.

Assim a promoção da saúde e prevenção ao uso de drogas com crianças e adolescentes é objeto de debates nas áreas acadêmicas de saúde, educação e pela mídia. Sendo a fundamental preocupação no sentido de estimular nos jovens a incluir e apresentar estilos de vida saudáveis no eixo de motivação para o autocuidado.

Deste modo concorda-se com CHAUI (2007) que são necessários espaços de convivência os quais potencializem a autonomia destes jovens assim como a prevenção e promoção de saúde da comunidade da Balsa onde o Projeto Espaço de Convivência está sendo realizado.

Resultados

Tendo em vista que as ações de promoção e prevenção em saúde ainda são uma das estratégias mais

potentes no combate ao uso de drogas, o projeto Espaço de Convivência está alcançando os seus objetivos pois a cada atividade e encontro realizados acontece o estreitamento das relações entre as famílias da comunidade e a UFPel, como também o aumento da procura e a adesão de novos participantes do bairro no projeto devido à satisfação das crianças com as atividades realizadas. Outro ponto positivo é a melhora da autoestima e do comportamento em grupo, fatores os quais fortalecem o vínculo das crianças com os acadêmicos. Sendo assim, os participantes do projeto estão tornando-se multiplicadores das ações desenvolvidas, fazendo com que outras crianças do bairro participem das atividades propostas reduzindo a probabilidade de aproximação de todos com as drogas.

Conclusão

Nesse sentido as ações desenvolvidas pelo projeto têm relevância pois ao trabalhar no território consegue estar mais próximo das pessoas identificando suas necessidades e seu potencial para mudanças, o que possibilita a inclusão social.

Como acadêmico de Letras o projeto de extensão me possibilitou um novo olhar sob o aluno com um enfoque não somente na questão ensino/aprendizado mas também nas questões que envolvem o cotidiano deste aluno, como por exemplo: as condições de moradia, acesso ao lazer e esporte, a dinâmica familiar, a sua alimentação e a sua possível relação com substâncias psicoativas. Fatores os quais podem refletir diretamente no rendimento escolar.

Referências

- BERTOLOZZI, M. R.; Nichiata, L. Y. I.; Takahashi, R. F.; Ciosak, S. I.; Hino, P.; Val, L. F.; GUANILLO, M. C. T. U.; Pereira, E. G. Os conceitos de vulnerabilidade e adesão na Saúde Coletiva. *Revista Escola de Enfermagem USP*, São Paulo, 43.2, 2009.
- CHAUI, M. Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez, 2007.
- GOMES, M. A; Pereira, M. L. D. Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas. *Ciênc. saúde coletiva*, vol.10, n.2, pp. 357-363. 2005.

GOULART, A. T. A importância da pesquisa e da extensão na formação do estudante universitário e no desenvolvimento de sua visão crítica. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 60-73, 1º sem. 2004.

NOGUEIRA, Q. W. C. Esporte, Desigualdade, Juventude e Participação. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, Florianópolis, v.33, n. 1, p. 103-117, 2011.

Referências eletrônicas

Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC). Sugestões para a estruturação dos Relatos de Experiência. São Paulo: Psicoperspectivas, Indivíduo e Sociedade. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicope/pdf1.pdf>. Acesso em: 14 agosto 2014.

ESTUDO OBSERVACIONAL: O ENSINO SOBRE SAÚDE BUCAL EM UMA ESCOLA MUNICIPAL – PELOTAS/RS

CAMPELO, Lenita de Nobre

Aluna de Graduação em Odontologia/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

MILLER, Luísa Martins

Aluna de Graduação em Odontologia/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

OLIVEIRA, Thays Torres do Vale

Aluna de Graduação em Odontologia/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

KASPER, Elisabete

Professora do Departamento de Odontologia Preventiva e Social/FO/UFPeI, orientadora e coordenadora

O ensino efetivo em saúde tem sido um desafio para a educação. MOHR (1994) demonstrou que a educação em saúde não deve se limitar apenas em simples informações, tornando-se efetiva quando promove mudanças comportamentais nas crianças, tornando-as conscientes das atitudes necessárias à conservação da saúde.

Os objetivos a serem buscados no ensino em saúde são: a transformação de informações de saúde, auxílio à adequação, criação e reforço de hábitos, atitudes e conhecimentos relacionados com a prática de saúde.

Existe nos textos governamentais ou legislação a ideia de que a promoção de saúde faça parte da educação, da adoção de hábitos saudáveis e do desenvolvimento de capacitação individual, mas, surpreendentemente, não há uma contemplação eficiente sobre o assunto em sala de aula.

A motivação para a elaboração desta pesquisa veio do reconhecimento da ausência de abordagem em saúde bucal na grade curricular das Escolas Municipais de Pelotas e o pouco ou nenhum conhecimento dos escolares quanto aos cuidados de higiene bucal.

A escolha de trabalhar com uma turma do 3º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Ferreira Viana deve-se ao fato de que nesta faixa etária os alunos encontram-se em uma fase da vida de formação de novos hábitos, além de já estarem alfabetizados e aptos a ler e responder aos questionários propostos. Desta forma, o presente estudo objetivou a análise de livros didáticos utilizados pela escola, os conteúdos ministrados para essa turma e o conhecimento do professor sobre saúde bucal.

Metodologia

Constatou-se que é de responsabilidade da disciplina de ciências abordar conteúdos de saúde. Sob este enfoque este estudo propôs fazer uma análise dos conteúdos de saúde bucal em dois (2) livros utilizados pela escola no 3º ano do ensino fundamental.

Livros didáticos	Editora
Projeto Pitaguré	Moderna
Porta Aberta	FTD

Os alunos receberão um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que os responsáveis assinem permitindo a participação dos menores na pesquisa e a permissão de que os mesmos possam ser submetidos a um exame da cavidade oral com o propósito de medir o Índice de Placa Visível (IPV), a seguir os mesmos farão uma escovação que será observada pelas pesquisadoras. Na sequência os alunos receberão um questionário, cruzadinhas, informações e figuras para colorir sobre saúde bucal. A professora também receberá material didático sobre o assunto, material este que poderá ser utilizado como apoio em sala de aula.

Em uma segunda etapa, após dois (2) meses, será realizada nova intervenção, incluindo novo exame de Índice de Placa Visível, técnica de escovação e aplicação do mesmo questionário, a fim de comparar os resultados obtidos na primeira intervenção e verificar o impacto positivo resultante do trabalho anteriormente realizado.

Resultados

A escola é o ambiente ideal para a promoção e educação de saúde bucal, sendo assim, a qualidade do material oferecido é imprescindível para despertar o interesse no professor e no aluno. Este estudo evidenciou que o material existe, porém de forma ineficiente e incapaz de inserir práticas de saúde bucal, o que é lastimável, tendo em vista que este é o espaço ideal de aprendizado, valorização de hábitos e comportamentos saudáveis.

Os educadores possuem importante participação no processo de construção de bons hábitos, sendo mais uma ferramenta para a melhoria dos índices de saúde e higiene bucal na população brasileira. Todavia, esses profissionais necessitam de maior embasamento teórico para abordar com segurança a saúde bucal em sala de aula.

O processo ensino-aprendizagem precisa ter um desenvolvimento prazeroso, despertando na população-alvo o interesse de conquistar mudanças e melhorias dos hábitos de higiene e dieta. Pensando assim, a elaboração dos conteúdos de saúde bucal na grade curricular e nos livros didáticos deveria ter a participação de cirurgiões-dentistas para que estes possam contribuir com informações reais sobre cuidados em saúde bucal, utilizando linguagem adequada e fatores motivacionais.

Conclusões

Recomenda-se uma revisão do conteúdo programático das grades curriculares das Escolas Municipais de Pelotas/RS e nos livros didáticos utilizados pela rede de ensino e a capacitação dos professores do ensino fundamental para que eles tornem-se aptos a transmitir informações básicas sobre saúde bucal.

Propõe-se então que seja feita uma intervenção nesses escolares para avaliar se a inserção do conteúdo de saúde bucal em sala de aula será eficaz.

Referências

- CRUZ, J.L.C. Projeto Pitangua – Ciências 3º ano. São Paulo: Moderna, 2008.
- GIL, A. ; FANIZZI, S. Porta Aberta – Ciências 3º ano. São Paulo: FTD, 2011.
- ESTRELA, C. Metodologia científica : ensino e pesquisa em odontologia. São Paulo : Artes Medicas, 2001.
- MARTINS, E.M.; Educação em Saúde Bucal: os desafios de uma prática. Cad. Odont. Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 30-40, Jan./Jun. 1998.
- ALBAMONTE, L. I. M. S.; CHARONE, S.; GROISMAN, S.: Análise do Conteúdo de Saúde Bucal nos Livros Didáticos de Ciências da Primeira Série do Ensino Fundamental. Pesquisa Brasileira em Odontopediatria e Clínica Integrada. Paraíba, v. 9, n. 3, p. 295-301, Set./Dez. 2009.
- MOHR, A. A saúde na escola: Análise de livros didáticos de 1ª a 4ª série. 1994. Dissertação (mestrado em Educação) – Instituto de Estudos Avançados em Educação, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.
- Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais. Portal do Ministério da Educação, Brasília 1997. Acessado em 30 de julho de 2014. Online. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>

EXERGAMES NO PROJETO DE EXTENSÃO

ROTA, Paula A.

Aluna da Licenciatura em Educação Física ESEF/UFPeI,
bolsista PROBEC/UFPeI

COSTA, Cristiane P.

Aluna da Licenciatura em Educação Física ESEF/UFPeI,
bolsista PROBEC/UFPeI

MAGALHÃES, Aline B.

Aluna da Licenciatura em Educação Física ESEF/UFPeI,
bolsista PROBEC/UFPeI

DOS SANTOS, Tanise L.

Aluna da Licenciatura em Educação Física ESEF/UFPeI,
bolsista PROBEC/UFPeI

CAVALLI, Adriana S.

Professor do Departamento de Desportos ESEF/UFPeI,
orientador e coordenador.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o número de idosos no Brasil em 2010 é de 20 milhões, ou seja, 10% da população total. A estimativa para 2030 é de que sejam 18,7% da população brasileira, cerca de 35 milhões. De acordo com Camarano (2002) a população idosa brasileira está crescendo proporcionalmente mais que os demais grupos etários.

A escolha e adoção de um estilo de vida saudável auxiliam para que os indivíduos não somente vivam por mais anos, mas vivam com qualidade de vida e autonomia. Um dos fatores a serem relevados na busca de um estilo saudável é a prática de atividade física. Pensando nesses benefícios e em proporcionar diferentes tipos de atividades físicas visando a motivação para a prática foi realizado um estudo piloto para averiguar o interesse de idosos em novas tecnologias.

Há diversas barreiras que são apontadas como dificuldade para a prática de atividade física pelos idosos, como podemos ver na pesquisa de Cassou et al. (2008) barreiras de diferentes níveis socioeconômico (NSEs). As barreiras mais encontradas entre idosos foram às de dimensões ambientais, psicológicas, cognitivas e emocionais. Pensando nessas barreiras apontadas pelos idosos e o benefício da prática de atividade física para essas pessoas, uma alternativa plausível seria o uso de exergames para a prática de atividades em casa, ou seja, em um ambiente seguro, sem a necessidade de deslocamento e sem a interferência do clima. Com a iminência de uma nova alternativa para a prática de atividade física com o uso de jogos eletrônicos ativos, e poucos estudos realizados com pessoas com sessenta anos ou mais, este estudo se faz necessário para verificar o interesse de idosos neste tipo de jogos.

Metodologia

Este estudo possui um delineamento do tipo descritivo e observacional. Foram convidadas 23 idosos do projeto Núcleo de Atividades para a Terceira Idade (NATI) da Escola Superior de Educação Física – Universidade Federal de Pelotas (ESEF/UFPeI) para participarem do projeto piloto.

Os participantes individualmente realizaram dois jogos do tipo EXBOX 360 Kinect Adventure – “Trilha com bote” e “Vazamento” por aproximadamente 15

minutos. O aparelho Xbox 360® kinect™, utilizou um sensor que emitiu em uma tela de projeção, a imagem da pessoa executora através de uma personagem (menino ou menina) imitando todos os movimentos realizados pelo executante.

Depois de cada sessão de jogos foram realizadas 4 perguntas abertas para verificar o interesse de motivação dos participantes.

1) *Foi divertido realizar o jogo?*

2) *Você acredita que a imagem de uma pessoa mais velha lhe motivaria mais a jogar?*

3) *Se você tivesse este tipo de jogo em casa, você gostaria de utilizar?*

4) *O que você achou do jogo?*

Resultados

A partir do relato dos idosos foi possível observar que a prática de atividade física através do EXG foi muito bem aceita, divertida e que a grande maioria dos participantes gostou da experiência e gostaria de repeti-la em outra oportunidade e 19 (82,6%) dos idosos acharam muito divertido a prática do jogo.

Através das respostas obtidas observou-se que todos os idosos gostariam de ter um vídeo game para a prática de atividade física em um em casa. Ao serem questionados sobre a imagem vista no jogo, aonde um menino faz o papel do participante, todos responderam não acharem diferença se a imagem fosse de uma criança ou de uma pessoa idosa, e alguns ainda acharam bom, por se sentirem mais jovens.

Algumas das respostas mais interessantes foram:

“Eu achei interessante, ativo. Distraí muito a pessoa. Eu estou procurando mais estes jogos e assim fazer mais atividades. Adorei!”

I.S.S.

“Eu achei ótimo, né! Porque sempre é bom aprender. Eu acho muito bom vocês ensinarem a gente. Com a minha idade tudo que vem é bom.”

V.F.L.

“Gostei muito. Atividade muito interessante. A gente se concentra naquilo ali e não vê o tempo passar, na expectativa de conseguir, e é uma coisa nova para nós fazer também.”

L.B.P.

“Eu achei bom. Uma coisa que descontraí a gente. Distraí a cabeça no dia a dia. Muito importante para a gente um momento de ginástica e ter estes momentos para fazer isto aí.”

J.E.L.S.

“Eu achei uma experiência nova para mim, novidade boa. Porque quanto mais a gente pratica, fica mais alerta é melhor, mais evoluído. Não dá para ficar no sofá. Parou ficou para trás.”

C.M.B.Q.

Conclusão

Os EXGs, pode sim ser uma nova forma de atividade usada para busca de uma vida mais ativa por idosos. Seus resultados e aceitação são positivos, além de sua prática ser realizada, em lugares seguros e que não tem influência do clima, o que é favorável.

Sua prática foi relatada como muito divertida pelos participantes o que surpreende as expectativas prévias, que fazia pensar em respostas negativas, por ser uma tecnologia nova e que exigem um conhecimento para lidar com o vídeo game.

O avanço galopante da informatização e jogos eletrônicos, a socialização do acesso à tecnologia se tornar plausível levar os exergames a ambientes onde os idosos se encontram, como residências, asilos e instituições de longa permanência. Os corpos envelhecidos pelo tempo teriam nova motivação para a prática física. Muito além do físico, a movimentação dos idosos levaria a uma promoção do lazer ativo, da interação social, do convívio coletivo, de maneira prazerosa, por meio da experiência virtual. Primordial evidenciar a possibilidade de incremento nos relacionamentos inter-gerações, uma vez que avós e netos poderiam estar compartilhando as mesmas vivências, experiência e conhecimentos.

Referências

CAMARANO, A.A. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. Instituto de pesquisa aplicada, v. 1, n. 1, p. 1-26, 2002.

CASSOU, A.C.N. et al. Barreiras para atividade física em idosos: uma análise por grupos focais. Revista da educação física. v. 19, n. 3, p. 353-360, 2008.

EXPERIÊNCIA VIVENCIADA EM PROJETO DE EXTENSÃO SOBRE PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS, NO BAIRRO DA Balsa, PELOTAS/RS

TAVARES, Diogo Henrique

Aluno do Bacharelado em Enfermagem/UFPeI

FRANCHINI, Beatriz

Coordenador/Orientador – Professor/FEN/UFPEL

Sabendo-se que a temática do uso abusivo de “drogas” faz parte da nossa realidade e tem sido bastante discutido nos dias de hoje devido à problemática social que a cerca. Esse projeto de extensão entende que esse tema precisa ser abordado por todos os âmbitos da sociedade, para atender uma futura demanda. Sendo necessário um investimento de diversos setores do Estado, através de intervenções: saúde pública, esporte, cultura, lazer, educação... Com o intuito de abranger o conceito atual de saúde, não mais entendido como ausência de doenças físicas e mentais, mas sim o bem-estar físico, mental e social, definido na primeira conferência de promoção em saúde de Ottawa, Canadá, em 1986, nos fazendo pensar sobre a intersectorialidade para garantir saúde, que é um direito, para a população (SC, 2014).

Já é de nosso conhecimento que as drogas fazem parte da realidade de diversas pessoas, não excluindo nenhuma classe social, mas é considerada como problema maior, quando geograficamente localizada nas periferias das cidades, chamadas zonas vulneráveis, onde está a população com renda per capita menor ou sem renda, muitas vezes sem expectativa de vida e marginalizadas pela mídia devido a alta taxa de desemprego, violência e uso de drogas.

É nesse sentido que esse projeto é inserido no bairro da Balsa, Pelotas/RS, sendo de fundamental importância para os acadêmicos envolvidos, no que tange a realidade da saúde pública brasileira e a experiência de pensar estratégias de diagnósticos e cuidados territoriais. Como também, importantíssimo para a comunidade local, que através do esporte, cultura e lazer, o projeto consegue trazer e oferecer opções para o sentido melhor à vida. De uma forma mais implícita, proporcionando opções de prazer, sendo essa, estratégia de prevenção do uso de drogas.

Metodologia

Esse trabalho tem como metodologia, descrever através da experiência vivenciada em um semestre, como foi, participar do projeto de extensão: Espaço de Convivência no Bairro da Balsa, Pelotas/RS. Apesar do envolvimento da população em sua totalidade, o foco do projeto são as crianças de primeiro ao sexto ano da

escola, que encontrem-se em situação de vulnerabilidade, risco de evasão ou apresentando problemas de integração ou aprendizagem. Sendo então um relato de experiência da equipe multidisciplinar envolvida no suporte à comunidade, como também o retorno positivo acerca do que foi vivenciado na prática territorial.

Resultados

Como o projeto é recente e inovador, não temos como descrever aqui algum tipo de resultado empírico obtido, até porque trabalhamos com questões bastante subjetivas e precisamos de algum tempo para comprovar a eficácia esperada. Procuramos passar através das atividades, alguns valores de cidadania importantes, como por exemplo, gincanas onde cada membro participante precisa do outro para poder “ganhar” a tarefa, e esses vencedores entendam que ganhar com ética, é o que se precisa para vivermos em harmonia na sociedade atual, e os “perdedores”, entender que um dia na vida se ganha e outro se perde.

Como estamos diretamente inseridos no bairro, local onde fazemos as atividades, conseguimos enxergar um pouco do cotidiano daquelas crianças, e por estar participando desse projeto, nos sentimos realmente importantes na vida delas, pois muitos estão à mercê da pobreza e miséria e aquele momento de descontração, brincadeiras, passeios e jogos, pode ser o único momento de lazer da criança. Temos casos de crianças que trabalham durante um turno para ajudar os pais, que às vezes não podem ir ao projeto e passam na frente da associação de moradores, local onde realizamos as tarefas, empurrando carrinho de mão, crianças sem condições de higiene adequada, que chegam ao projeto com fome, alguns participam apenas pelo momento do lanche, triste realidade, mas que faz parte daquilo que estamos acostumados a presenciar nos nossos dias de atividades.

Fizemos passeios, já fomos para o Museu da Baronesa, Fenadoce, e Campus Anglo da UFPel, espaço onde fazemos nossos cine-pipocas e piqueniques e festas juninas. Sem falar em drogas, implicitamente, acreditamos estar demonstrando as crianças, que hoje em dia apesar da zona vulnerável, onde usuários de drogas fazem uso à luz do dia nas esquinas de ruas do bairro, podemos ter prazer na vida, sem precisar fazer uso de substâncias químicas. Oferecer opções aquelas pessoas, e não somente aquilo que faz parte do cotidiano delas, o que elas enxergam todos os dias. Procurando sempre atender aquilo que a Banda Titãs

questiona na música “Comida”: “Você tem sede de que? Você tem fome de que? A gente não quer só comida, a gente que comida diversão e arte”.

Contudo procuramos dar o direito da criança de ser criança, essa fase tão importante na vida de cada ser humano, onde cada estímulo e aprendizado é importante, e que qualquer problema nesse período pode se estender pela vida toda. Então, brincar, rir, se relacionar, é o que mais elas fazem nesses dias de projeto. Se algum resultado palpável conseguimos com essa experiência, foi as diversas vezes que arrancamos momentos de alegria. Como ilustração alguns momentos de nossas atividades: Passeio na Feira Nacional do Doce, atividade da escolinha do trânsito (Foto 1), jogo da seleção brasileira na copa do mundo (Foto 2), atividade de lazer de cama elástica na festa junina no Campus Anglo da UFPel (Foto 3), piscina de bolinhas na festa junina (Foto 4).





Figuras 1, 2, 3 e 4 - Fotos do projeto
Fonte: Elaborado pelos autores, 2014

Conclusão

O projeto de extensão está nos proporcionando a colocar em prática aquilo que aprendemos na academia enquanto cuidados na saúde pública, a importância de olhar o território como possibilidades de cuidados no sentido da prevenção de agravos. Por mais difícil que seja, de certa forma, estamos exercitando também o conceito amplo de saúde, que vai além da ausência de doenças e sim bem-estar social, como já mencionado.

Enquanto acadêmicos de diversas áreas, conseguimos perceber que é difícil fazer algo nesse sentido, sozinhos, e isso se torna um aprendizado também. Para a promoção de “saúde”, prevenindo, que é uma das políticas do Ministério da Saúde (BRASIL, 2012) e que procuramos realizar nesse projeto, contamos com acadêmicos de diversos cursos e que são muito importantes para realização e complementação do trabalho, sejam eles: Enfermagem, Educação Física, Pedagogia e Teatro.

A extensão da Universidade nos proporcionou a vivenciar aquilo nos espera enquanto futuros profissionais, que é no sentido de planejar estratégias territoriais para a prevenção de doenças. Como também o trabalho multidisciplinar, onde cada área de conhecimento é de suma importância para diagnosticar e planejar estratégias de cuidados no território.

Quanto aos desafios enfrentados até aqui e que podemos nos preocupar para o futuro, são: a permanência das crianças, visto que alguns não conseguem ir ao projeto, às vezes, devido a problemas pessoais, o retorno dos resultados esperados, já que trabalhamos com questões subjetivos e o resultados que esperamos vem a longo prazo, e o financiamento para continuação desse tão importante projeto para o Bairro da Balsa.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde da criança : crescimento e desenvolvimento / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2012. 272 p.: il. – (Cadernos de Atenção Básica, nº 33)

Referências eletrônicas

Planejamento em saúde, saúde e cidadania. Estado de Santa Catarina, 2014. Disponível em: http://www.saude.sc.gov.br/gestores/sala_de_leitura/saude_e_cidadania/ed_02/03_01.html. Acesso em 13 de agosto de 2014.

FORMAÇÃO DE AUXILIARES DE SAÚDE BUCAL: UMA EXPERIÊNCIA DIFERENCIADA PARA ACADÊMICOS DE ODONTOLOGIA

PRIEBE, Tanize Cezar

Aluna do Curso de Odontologia/UFPEL, voluntária

THUROW, Leandro Leitzke

Coordenador do curso de Auxiliar de Saúde Bucal na Escola Estilo e Supervisor de Saúde Bucal da SMSPEL

LAROQUE, Mariane Baltassare

Coordenador do curso de Auxiliar de Saúde Bucal na Escola Estilo e Supervisor de Saúde Bucal da SMSPEL

DICKIE, Eduardo de Castilhos

Professor do Departamento de Saúde Bucal Coletiva/FO/UFPEL, orientador

BIGHETTI, Tania Izabel

Professor do Departamento de Saúde Bucal Coletiva/FO/UFPEL, coordenador

A área da odontologia possui a característica de ser centrada na figura do cirurgião-dentista (CD). Com a mudança nas práticas de saúde, antes individuais e centradas na doença, o papel dos profissionais auxiliares tem aumentado assim como a demanda do mercado por esse tipo de profissional. Antigamente o único outro profissional que trabalhava com o CD no consultório era o secretário, a quem era atribuídas as funções de escritório, além de auxiliar nos procedimentos clínicos. Esses profissionais não possuíam legislação de regulamentação de seu papel dentro do consultório e nem formação específica disponível no mercado. Conforme as necessidades do novo mercado e principalmente por causa da demanda por pessoal auxiliar qualificado, para consultórios particulares e principalmente para saúde pública, foram integrados novos profissionais na área de Odontologia, o Técnico em Saúde Bucal (TSB) e Auxiliar de Saúde Bucal (ASB), que tiveram a regulamentação da profissão pela Lei nº 11889 (BRASIL, 2009).

Assim, dentro do curso de graduação em Odontologia, o aluno deve saber as atribuições desses profissionais, assim como aprender a ser integrante de uma Equipe de Saúde de Família (ESF), que possui além do CD os profissionais auxiliares (BRASIL, 2001).

Dentro desse cenário, foi proposto um projeto de extensão para que alunos atuassem como formadores na instrução desse profissional. A oportunidade foi gerada dentro de uma escola de ensino técnico, a Escola Estilo, localizada em Pelotas. A equipe formada conta atualmente com cinco professores formados em Odontologia e mais quatro professores auxiliares, que são os acadêmicos voluntários que acompanham as atividades e sob supervisão ministram algumas aulas.

Uma das características interessantes desse projeto é seu aspecto "extramuros". A graduação de odontologia, por se tratar de uma área clínica tão especializada e com estrutura física própria para suas práticas clínicas, acaba por isolar o acadêmico, em relação às outras graduações, pois o contato em outras unidades se encerra ao final do 3º semestre, quando o aluno possui aulas quase que exclusivamente na unidade da FO-UFPEL.

O objetivo desse trabalho é apresentar o que está

sendo feito nesse projeto, como está sendo realizado e de que maneira afeta a experiência acadêmica dos alunos da faculdade e do curso técnico.

Metodologia

A estratégia pedagógica utilizada na escola é a Pedagogia Problematicadora, pois essa é a que mais se adequa a transformação social, que é o principal objetivo da formação desses profissionais de saúde (FREIRE, 1987).

As aulas teóricas foram ministradas semanalmente, as terças e quintas. O ano letivo de 2013 foi realizado durante o período de 28 de março a 12 de dezembro e o atual ano letivo foi iniciado no dia 10 de abril do corrente ano.

O conteúdo administrado foi dividido em 2 módulos, divididos em unidade que organizavam a divisão dos conteúdos. O módulo I possuía 6 unidades, respectivamente: Processo Saúde-Doença e Promoção da Saúde, Políticas de Saúde no Brasil, Anatomia e Fisiologia Humana, Planejamento em Saúde, O Processo de Trabalho e Saúde, Atendimento em consultório Odontológico. O módulo II possuía 8 unidades, respectivamente: Artigos de uso Odontológico, Diagnóstico Bucal Coletivo, Sistema de Informação em Saúde Bucal, Educação em Saúde Bucal, Processo de Trabalho em Saúde Bucal, Atendimento no Consultório Odontológico, Vigilância em Saúde e Doenças Bucais. Essa divisão foi feita conforme o material didático utilizado, que foi adaptado do Guia Curricular do Curso Técnico em Saúde Bucal, da Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais (MINAS, 2010). As aulas eram teóricas e práticas, conforme a necessidade.

As aulas teóricas foram lecionadas com auxílio do material didático (apostila), recursos audiovisuais, dinâmicas, dramatizações, relatos de vivência e debates. As aulas práticas foram executadas com a finalidade de habilitar os alunos nas atribuições mais técnicas da profissão. Elas foram realizadas em sala de aula, no laboratório da Escola Estilo e na Faculdade Odontologia da UFPel. Em sala de aula foram conduzidas as atividades de preenchimento de prontuário e escovação supervisionada. As aulas em laboratório, abordaram a manipulação de materiais odontológicos e o conhecimento e manutenção de instrumental odontológico, atribuições do ASB no desenvolvimento de seu ofício. As aulas realizadas na Faculdade de Odontologia que abordaram além da manipulação de materiais, a rotina de consultório, que vai desde os cuidados com biosse-

gurança até à manutenção dos equipamentos.

O grupo de monitores foi dividido conforme os coordenadores do curso, sendo o responsável pelas terças-feiras o CD Leandro Leitzke Thurow e pelas quintas-feiras a CD Mariane Baltassare Laroque.

Resultados

Os acadêmicos dedicavam 4 horas/aula semanalmente, assistindo ou ministrando aulas. O número de aulas teóricas ministradas durante cada semestre foi em média 6 horas aula, além das aulas práticas. Nas aulas práticas a turma era dividida em pequenos grupos e designadas a um professor, acadêmico ou não, pois dessa maneira a atenção ao aluno era mais individualizada, garantindo o aprendizado. Antes de cada aula teórica o acadêmico apresentava essa aula ao seu coordenador, para garantir a qualidade e totalidade do conteúdo ministrado. Vale salientar que a linguagem utilizada era um dos fatores mais abordados durante a discussão das aulas, pois como o público alvo possuía um nível igual ou inferior ao ensino médio, havia uma preocupação em transmitir o conhecimento numa linguagem acessível ao aluno, livre de expressões que dificultasse a aprendizagem. Essa é uma preocupação constante entre os docentes uma vez que a linguagem da profissão é muito técnica e isso pode dificultar a comunicação com o público alvo.

Durante o período de 2013 do projeto de extensão haviam 36 matriculados regularmente, dos quais 35 foram capacitados. Atualmente estão matriculados na escola 34 alunos.

Ano	Alunos		Alunos aprovados
	Homens	Mulheres	Total
2013	1	35	35
2014	1	33	Em andamento
Total	2	68	35

Tabela 1: Distribuição de alunos conforme o ano letivo e sexo
Fonte: Elaborado pelos autores

Conclusão

Concluimos que a experiência na formação de ASB é válida e enriquecedora para acadêmicos de odontologia, tanto para ampliar sua visão do atendimento ao paciente no consultório e na saúde pública, como para estender seu conhecimento a respeito da importância do papel do auxiliar de saúde bucal.

Para os alunos do curso de ASB, a convivência com os alunos da Odontologia é importante para a troca de experiências. Além de ministrar aulas, os acadêmicos são um suporte adicional para os outros integrantes da equipe pedagógica, respondendo às dúvidas dos alunos. E como os acadêmicos atuam como auxiliares de suas duplas na graduação, eles possuem conhecimento prático da atuação diária do ASB em consultório. Outro fator importante é que os acadêmicos possuem experiência com atividades de educação em saúde com o público em geral, especialmente escolares, e essas atividades serão competências do ASB que trabalhar associado a uma equipe de saúde bucal.

O conhecimento de outras realidades, a aproximação com outros profissionais além das trocas que ocorrem entre o professor e os alunos também enriquece a formação humana do acadêmico.

Referências

BRASIL. Lei nº 11889, de 24 de dezembro de 2008.

Regulamenta o exercício das profissões de Técnico em Saúde Bucal - TSB e de Auxiliar em Saúde Bucal - ASB. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24/12/2008.

BRASIL. PORTARIA Nº 267, DE 06 DE MARÇO DE 2001. Aprova as normas e diretrizes de inclusão da saúde bucal na estratégia do Programa de Saúde da Família. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 07/03/2001.

FREIRE, P. A Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. KRUSCHEWSKY, J. E.; KRUSCHEWSKY, M. E.; CARDOSO, J. P. Experiências pedagógicas de educação popular em saúde: a pedagogia tradicional versus a problematizadora. Rev. Saúde.Com 2008; 4(2): 160-160.

Referências eletrônicas

Guia Curricular do Curso Técnico em Saúde Bucal da Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais - Belo Horizonte: ESPMG, 2010. Manual do docente. Disponível em <http://www.esp.mg.gov.br/biblioteca/>. Acesso em 5 de julho de 2014.

GEPETO - GERONTOLOGIA: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO TRATAMENTO ODONTOLÓGICO

WASKOW, Marina Ritter

Acadêmica do Curso de Odontologia/UFPEL, voluntária

CAMARGO, Maria Beatriz Junqueira

Professora de Unidade de Saúde Bucal Coletiva do Departamento de Odontologia Social e Preventiva/UFPEL, orientadora

BIGHETTI, Tania Izabel

Professora de Unidade de Saúde Bucal Coletiva do Departamento de Odontologia Social e Preventiva/UFPEL, orientadora

CASTILHOS, Eduardo Dickie

Professor de Unidade de Saúde Bucal Coletiva do Departamento de Odontologia Social e Preventiva/UFPEL, coordenador

A população brasileira sofre um processo de envelhecimento, com inversão da tendência da pirâmide etária, uma vez que há diminuição da taxa de natalidade e aumento da expectativa de vida. Há uma expectativa de triplicação da parcela de indivíduos com mais de 60 anos, de acordo com expectativa da Organização das Nações Unidas e com isso, cresce a necessidade por atendimento odontológico nessa faixa etária (KALACHE, 1987).

Baseado nessas perspectivas, a odontologia geriátrica passa a ganhar maior espaço, entretanto, ainda há sequelas no processo de ensino dentro das Universidades. As particularidades dessa especialidade exigem profissionais capacitados e atualizados, afinal, o processo de envelhecimento apresenta uma série de características próprias.

Conceitos como “Gerontologia” (do grego, gero=envelhecimento e logia=estudo) ganham forte discussão e espaço dentro desse contexto. Já que se considera atualizada a nova abordagem multi e interdisciplinar do processo de envelhecimento, considerando aspectos biológicos, psicológicos e sociais (SANTOS, 2003).

Em Pelotas, estima-se uma população de idosos com 65 anos ou mais de 41500 habitantes. Em outras regiões estima-se que 1% da população com mais de 65 anos esteja institucionalizada, o que sugere cerca de 415 idosos no município (DATASUS, 2014).

E o contexto nacional da saúde bucal do idoso revela dados epidemiológicos com um Índice CPO-D (total de dentes cariados perdidos ou obturados) de 27,6. A média de dentes perdidos nessa faixa etária é de 27,53 e somente 7,3% dos indivíduos pesquisados não utilizavam prótese. Além disso, a população apresenta problemas bucais, como xerostomia/hipossalivação, cárie de raiz, patologias relacionadas ao uso de prótese, doenças periodontais, lesões na mucosa oral, câncer, entre outras (Brasil 2012).

Os objetivos do Projeto são o atendimento desse grupo de idosos acima citado, buscando interferir nas condições de saúde bucal dos mesmos e garantindo-lhes assim, melhor qualidade de vida. Posto que aspectos como alimentação, fonação e comunicação serão potencializados. Além disso, há um processo de capacitação em serviço dos acadêmicos envolvidos, tornando-os capazes de organizar ações preventivas e

curativas na área odontológica em instituições de longa permanência para idosos seguindo os preceitos da Política Nacional de Saúde do Idoso (BRASIL, 1994).

Esse Projeto representa um grande começo à maior atenção a saúde do idoso, uma vez que, dentro da Faculdade, não há algum similar. Além disso, a Instituição que recebe o auxílio se encontrava desamparada odontologicamente.

Metodologia

O Projeto GEPETO atende a 92 indivíduos residentes do Asilo de Mendigos de Pelotas, sendo essa, uma instituição filantrópica com serviços de alimentação, enfermagem e opções de lazer. Nesse valor total, incluem 52 mulheres e 40 homens. A estrutura de saúde é composta de 2 salas de enfermagem, 1 consultório médico e 1 consultório odontológico.

Os alunos desenvolvem atividades recreativas, educativas, preventivas ou clínicas (no papel de auxiliar ou operador). A intervenção teve início com procedimento de anamnese/triagem com finalidade de elaboração de cadastro e identificação das necessidades, condições de saúde e hábitos de higiene oral.

De acordo com dados coletados em triagem e questionário, os idosos estão sendo convidados a participar das intervenções coletivas e individuais. Sendo que cada participante terá um prontuário com um plano individual de intervenção, adicionado do relato das abordagens feitas.

Paralelo as atividades realizadas diretamente com os moradores, foi desenvolvida uma reorganização do consultório e dos materiais existentes, aproveitando instrumentos anteriormente adquiridos. Houve uma adequação dos aparelhos “aposentados” pela falta de profissional e aquisição de novos materiais básicos para os atendimentos.

A avaliação será feita através de monitoramento das condições clínicas dos idosos, e de relatórios individuais dos acadêmicos sobre o aprendizado. Os acadêmicos serão estimulados a realizar relatos de casos e práticas, artigos de extensão e outros trabalhos científicos referentes à atividade do projeto.

O projeto será realizado ao longo de 6 meses, com a proposta de ser contínuo.

Resultados

A triagem para o sexo masculino foi realizada em 37 moradores, sendo desses, 20 edêntulos. A média ge-

ral de dentes por idoso é de 4,8 e já a média entre os que possuem dentes é 10,4. A porcentagem de idosos com higiene bucal deficiente é de 41%, de idosos com cárie 27% e com cálculo dental 32%. A quantidade de dentes com indicativo de extração é de 39 e o número de usuário de prótese 18, conforme informa o Gráfico 1.

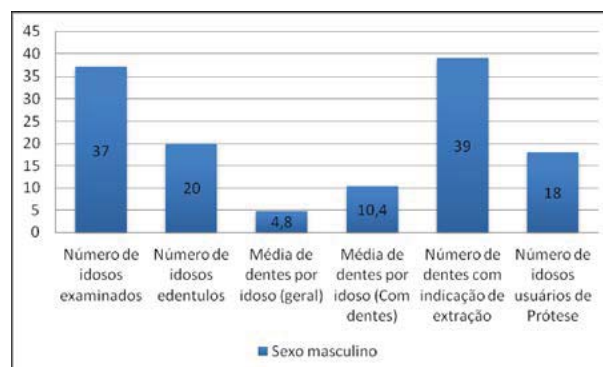


Gráfico 1: Resultados obtidos em triagem dos moradores do sexo masculino no Asilo de Mendigos de Pelotas

Fonte: Gráfico elaborada pelo autor a partir de dados fornecidos pelos entrevistados.

Na ala feminina da instituição, foram examinadas 40 mulheres, a quantidade de edêntulas entre elas é de 26, a média geral de dentes por idosa é 3,8 a média de dentes por idosa com dentes é 4,1. A porcentagem delas com higiene bucal deficiente é de 32,5, com Cárie é 20% e com “Tártaro” é 27,5%. O número de dentes com indicativo para extração é 9 e as usuárias com prótese totalizam 27, de acordo com o Gráfico 2.

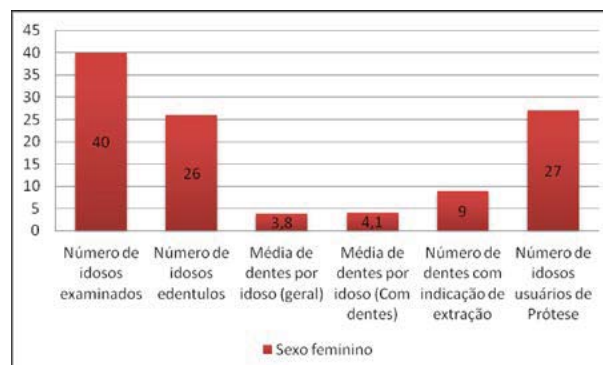


Gráfico 2: Resultados obtidos em triagem dos moradores do sexo feminino no Asilo de Mendigos de Pelotas

Fonte: Gráfico elaborada pelo autor a partir de dados fornecidos pelos entrevistados

O número de examinados nos dois sexos foi similar, todavia, a maior diferença se encontra na média de dentes e no indicativo de extrações. A média de dentes em indivíduos masculinos é maior, principalmente dentre os que possuem dentes. E os homens possuem um

número bem mais significativo de extrações, podendo ser reflexo da menor quantidade de usuários de prótese dos mesmos. As mulheres concentram uma menor porcentagem de higiene deficiente, logo, menos doença Cárie e “Tártaro”.

Conclusão

A partir dos resultados, foi pedida e realizada compra de novos materiais para atender as principais demandas, e assim, dar início as atividades clínicas. E as próprias atividades, uma vez que foram realizadas raspagens, extração e orientação em busca de motivação dos moradores e melhoria da qualidade de vida melhorando sua saúde bucal.

Conforme citado anteriormente, ensinamentos de uma abordagem especializada para o público da terceira idade não são privilegiados nas Universidades. Dessa forma, frequentar o Asilo de Mendigos garante imenso aprendizado aos que participam. Há um enriquecimento técnico e da forma de abordagem com os idosos, reforçando valores como paciência, educação e superação.

Portanto, sabe-se que o processo de ganho da confiança dentro de um ambiente novo não é simples, entretanto, os primeiros passos já foram atingidos, e hoje, há reconhecimento dentro da instituição. Além disso, é uma grande vitória sair de uma condição de “inércia” e chegar à condição de estar apto a realizar os primeiros procedimentos. Espera-se assim contribuir para melhoria da qualidade de vida dos moradores da melhor e mais rápida maneira possível.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. SB Brasil 2010: Pesquisa Nacional de Saúde Bucal: resultados principais / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Câmara de Educação Superior. Diretrizes curriculares nacionais do curso de Graduação em Odontologia. Diário Oficial da União, Brasília, seção 1, p. 10, 4 mar. 2002.

CASTILHOS, E.D. A importância dos dentes e próteses para idosos de três diferentes grupos. Porto Alegre, julho de 2011.

KALACHE, A. et al. O envelhecimento da população mundial. Um desafio novo. Rev. Saúde públ., S. Paulo, 21:200-10, 1987.

MOREIRA, R.S. et al. A saúde bucal do idoso brasileiro: revisão sistemática sobre o quadro epidemiológico e acesso aos serviços de saúde bucal. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 21(6): 1665-1675, nov-dez, 2005.

BRASIL. Lei n. 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Estabelece a Política Nacional do idoso. SANTOS, S.S.C. Gerontologia e os pressupostos de Edgar Morin. Textos Envelhecimento v.6 n.2 Rio de Janeiro 2003

Referências eletrônicas

Datasus - informações de saúde - Demográficas e socioeconômicas. Disponível em: <http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=0206>. Acesso em 30 de julho de 2014.

GERENCIAMENTO DO BANCO DE DENTES HUMANOS DA FACULDADE DE ODONTOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

MARTINS, João Roig

Aluno do Curso de Odontologia /UFPe, bolsista PET-Odontologia/UFPe

SCHUCH, Lauren Frenzel

Aluno do Curso de Odontologia /UFPe, bolsista PET-Odontologia/UFPe

LOBATO, Renan Pablo Bittencourt

Aluno do Curso de Odontologia /UFPe, bolsista PET-Odontologia/UFPe

DE ROSSI, Alexandre

Aluno do Curso de Odontologia /UFPe, bolsista PET-Odontologia/UFPe

MARTOS, Josué

Professor do Departamento de Semiologia e Clínica da Faculdade de Odontologia/UFPe, Tutor do PET Odontologia/UFPe

O Programa de Ensino Tutorial é um projeto desenvolvido por um grupo de estudantes, com tutoria de um docente, organizado a partir de formações em nível de graduação nas Instituições de Ensino Superior do País orientados pelo princípio da indissociabilidade entre suas vertentes principais: ensino, pesquisa e extensão. É um programa institucional voltado para graduação que trabalha no formato de grupo interdisciplinar, ancorado em alunos e professores e que recebe avaliação institucional e não individual. Tem como principais objetivos: oferecer uma formação acadêmica de excelente nível, visando a formação de profissionais críticos e atuantes; promover a integração da formação acadêmica com a futura atividade profissional, incluindo no caso da carreira acadêmica; estimular a melhoria do ensino de graduação formando jovens versáteis, de iniciativa, de expressão oral e argumentação, capazes também de fazer contatos, administrar o tempo e as tarefas.

Nas orientações básicas do PET estão também estabelecidas características que incluem: formação acadêmica ampla; atuação coletiva; interação contínua entre bolsistas e corpos docente e discente; implementação de ações voltadas para a comunidade; planejamento e execução de um programa com atividades diversificadas.

O presente trabalho visa apresentar uma atividade de caráter extensionista denominada Banco de Dentes Humanos (BDH) da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pelotas (FO-UFPe) pelo Grupo PET-Odontologia, que tem como objetivo suprir as necessidades acadêmicas, fornecendo dentes humanos para atividades de ensino, pesquisa e extensão, eliminando o comércio ilegal de dentes que ainda existe em faculdades de odontologia (PAULA et al., 2001). Adicionalmente, se objetiva eliminar a infecção cruzada que existe no manuseio indiscriminado de dentes extraídos. Esses objetivos são alcançados através de um controle interno rigoroso, incluindo separação e estocagem dos dentes, assim como cadastro e arquivamento das fichas dos respectivos doadores (NASSIF et al., 2003).

Metodologia

Para o correto funcionamento do BDH, é necessário que haja uma cooperação entre todos os envolvidos e o coordenador geral, que no caso aqui apresentado correspondem aos bolsistas do Grupo PET-Odontologia e o Tutor do grupo, respectivamente. Conforme NASSIF et al. (2003), existem diretrizes regentes para o bom funcionamento de um BDH, que são funções do grupo gerenciador. A valorização do dente como órgão é feita através de atividades educativas, palestras, folders e cartazes. Esta ação visa esclarecer à comunidade leiga e científica de que o dente, assim como qualquer outro órgão do corpo, só pode ser recolhido mediante consentimento do doador ou responsável, o que é expresso para o BDH através de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Adicionalmente, através dessa atividade, se faz a divulgação do BDH e de suas atribuições. Semanalmente, bolsistas do PET percorrem todas as clínicas da FO-UFPel e realizam a arrecadação dos dentes extraídos juntamente com os respectivos TCLE's. Estes, que ao serem extraídos, são colocados em frascos com água destilada pelos próprios alunos atuantes nas clínicas, ao chegar ao laboratório próprio do BDH são armazenados em um refrigerador exclusivo para este fim.

Ao final de cada semestre, todos os dentes doados no período são limpos e devidamente autoclavados. Através de fichas, termos e assinaturas, é feito o controle de todos os dentes cedidos e emprestados pelo BDH, e estes são devolvidos ao BDH no final do prazo solicitado pelas disciplinas, no estado que se encontrarem para que possam ser reutilizados caso haja possibilidade. Por motivos organizacionais, e de adequação à nova legislação vigente, bem como pela construção do novo regimento do BDH, algumas funções, como por exemplo, o empréstimo de dentes para atividades de pesquisa, encontra-se temporariamente congeladas até a constituição plena do Biobanco, seguindo a normativa CNS 441 de 12 de maio de 2011, que regulamenta sobre a utilização científica de material biológico humano. Assim como a coleta dos dentes, a atividade administrativa do BDH se dá semanalmente pela dupla acadêmica da semana, contudo uma reunião administrativa específica ao final de cada semestre é efetivada para o estabelecimento de todas as atividades do BDH.

Resultados

Através da tarefa de conduzir a nova fase de gerenciamento do BDH da FO-UFPel, o Grupo PET-Odontologia foi capaz de iniciar a organização e gerenciamento dos dentes extraídos na Faculdade de Odontologia e dos enviados por profissionais da cidade, formando assim um banco permanente capaz de atender às necessidades de ensino dos professores e alunos da Faculdade. O BDH propicia a discussão ética e legal sobre a utilização de dentes humanos além de consolidar aspectos de biossegurança, mantendo-os limpos e esterilizados, diminuindo assim o risco de contaminação cruzada, além de reduzir a circulação ilegal de dentes humanos.

Conclusão

Conclui-se que o gerenciamento dos dentes extraídos na Faculdade de Odontologia e também daqueles enviados por profissionais da cidade e região, atendem até o momento as necessidades de Ensino do corpo acadêmico da Faculdade de Odontologia da UFPel além de estimular a formação de valores éticos, de cidadania e de consciência social de todos os participantes.

Referências

- NASSIF, Alessandra Cristina da Silva; TIERI, Fabio; DA ANA, Patricia Aparecida; BOTTA, Sérgio Brossi; IMPARATO, José Carlos Pettorossi. Estruturação de um Banco de Dentes Humanos. São Paulo: Pesquisa Odontológica Brasileira. v.17, n.1, p.70-74, 2003.
- PAULA, Sandra de; BITTENCOURT, Larissa Parales; PIMENTEL, Elizângela; GABRIELLI FILHO, Paulo Afonso; IMPARATO, J.C.P. Comercialização de dentes nas universidades. João Pessoa: Pesquisa Brasileira em Odontopediatria e Clínica Integrada. v.1, n.3, p.38- 41, 2001.

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E ATENÇÃO AO PRÉ- NATAL: VIVÊNCIAS DOS ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM NO PET- SAÚDE DA FAMÍLIA

VAZ, Jessica Cardoso

Aluna do Bacharelado em Enfermagem/UFPEL, voluntária do PET Saúde da Família/UFPEL

BARRETO, Camila Braga

Aluna do Bacharelado em Enfermagem/UFPEL, bolsista do PET Saúde da Família/UFPEL

JUNG, Carmen

Enfermeira da Prefeitura Municipal de Pelotas, preceptora do PET Saúde da Família/UFPEL

CASARIN, Sidneia Tessmer

Professora do Departamento de Enfermagem/UFPEL, Tutora do PET-Saúde da Família e do PET Gestão/UFPEL

ZILLMER, Juliana Graciela Vestena

Tutora do PET- Saúde da Família e do PET Gestão/UFPEL

A adolescência corresponde ao período de vida entre os 10 e 19 anos, é caracterizada por várias mudanças comportamentais e sexuais. A gravidez neste grupo populacional vem sendo considerada em alguns países problema de saúde pública, uma vez que esta pode acarretar problemas de saúde para a mãe e o recém-nascido, bem como problemas psicossociais e econômicos (YAZLLE, 2006).

A baixa escolaridade, abandono escolar, repetição do modelo familiar (mãe também adolescente), ausência de planos futuros e meninas provenientes de famílias de baixa renda, início precoce da atividade sexual e abuso de drogas e álcool são frequentemente citados como fatores predisponentes da gravidez precoce (RODRIGUES, 2010).

O pré-natal busca analisar/acompanhar mãe e filho em todos os contextos, sanar possíveis dúvidas e trazer conforto em todos os momentos da gestação até o parto. Conforme Trevisan; Lorenzi; Araújo; et al (2002) Apesar de ser um processo fisiológico a gestação produz alterações no organismo materno que o coloca no limite patológico, sendo assim se a gestante não for acompanhada de forma adequada o processo reprodutivo transforma-se em situação de risco tanto para mãe quanto para o feto.

O objetivo deste trabalho é relatar as experiências de acadêmicos de enfermagem junto à assistência à saúde da adolescente no pré- natal em uma Unidade Básica de Saúde cujo território compreende uma comunidade da periferia de Pelotas com baixo nível socioeconômico e com registros de altos índices de violência.

Metodologia

Trata-se de um relato de experiência resultante da participação de acadêmicos no Projeto de Extensão do Programa de Educação pelo Trabalho para a saúde “PET – Saúde da Família da UFPEL”. No presente projeto estão inseridos acadêmicos de enfermagem, medicina, odontologia e nutrição. Neles são desenvolvidas atividades em cinco Unidades Básicas de Saúde com Estratégia de Saúde da Família no município de Pelotas.

O PET Saúde da Família tem como objetivo ações

intersetoriais direcionadas para o fortalecimento de áreas estratégicas para o Sistema Único de Saúde (SUS), de acordo com seus princípios e necessidades, sendo regulamentado pela Portaria Interministerial nº 421, de 03 de março de 2010, disponibilizando bolsas como incentivo ao estudo e a produção científica (BRASIL, 2011).

Diante disto, os acadêmicos tem a oportunidade de vivenciar a experiência de realizar atividades no contexto da atenção primária a saúde com vistas à formação profissional voltada para os princípios da universalidade, integralidade, equidade do sistema único de saúde.

O presente relato faz parte da experiência das acadêmicas de enfermagem em desenvolver atividades relacionadas ao programa saúde do adolescente, com ênfase na assistência ao pré-natal de adolescentes com idade 14 a 17 anos. O período em que se deu a realização das atividades é de 10 meses.

Resultados

A assistência ao pré-natal na Unidade Básica de Saúde é realizada às terças-feiras à tarde, este é previamente agendado conforme a necessidade de cada gestante e o andamento de sua gestação. A primeira consulta é intermediada pelo agente de saúde que informa a equipe, e esta agenda um dia para atendê-la. No ano anterior foram 25 gestantes atendidas no pré-natal, onde 14 eram adolescentes.

A realização do pré-natal representa papel fundamental em termos de prevenção e/ou detecção precoce de patologias tanto maternas quanto fetais, desta forma reduzindo os riscos da gestante e desenvolvimento saudável do bebê (BRASIL, 2005).

Informações sobre as diferentes vivências devem ser trocadas entre as mulheres e os profissionais de saúde, este intercâmbio de experiências e conhecimentos é considera a melhor forma de promover a compreensão do processo de gestação.

Machado (2012) acrescenta ainda que garantir o bom andamento das gestações de baixo risco e também o de identificar adequada e precocemente quais as pacientes com mais chance de apresentar uma evolução desfavorável. Elas deverão ser tratadas e se necessário encaminhadas para um nível de assistências mais complexo.

Quando chegam à unidade as gestantes são encaminhadas para a sala de reuniões, onde são atendidas pela equipe de enfermagem. Neste momento, são

verificados os sinais vitais, e as orientações quanto à gestação são prestadas, muitas vezes, também de forma individual. Há a oportunidade de se analisar os exames realizados no pré-natal, assim como a necessidade de solicitação de outros. As gestantes são ouvidas e acolhidas nas suas necessidades, que na maior parte das vezes é apenas poder se expressar e manifestar suas vontades. Porém, é possível observar que as adolescentes se sentem envergonhadas e com muitas dúvidas, o que algumas vezes dificulta uma abordagem mais individualizada e que seja eficiente no sentindo de sanar as dúvidas que elas trazem.

A consulta médica acontece após a consulta de enfermagem. Em grande maioria estas consultas se dão de forma individual, pois as adolescentes vão à UBS sem acompanhantes, porém ressalta-se que a ida dos mesmos é permitida e muito estimulada para que se possa ter uma interação com a família.

Caso o andamento da gestação esteja dentro da normalidade é programado o retorno conforme o período de gestação que ela se encontra, variando de 7, 15 ou 30 dias.

As consultas do pré-natal podem ser realizadas na Unidade de Saúde ou em visitas domiciliares. Sendo, o total de consultas de, no mínimo, 6 (seis). Sempre que possível devem ser realizadas até 28ª semana de gestação sendo mensalmente; Da 28ª a 36ª semana sendo quinzenalmente; Da 36ª até a 41ª semana sendo semanalmente (BRASIL, 2012).

Geralmente as atividades de educação em saúde, que se dão de maneira coletiva, ocorrem com a apresentação de vídeos educativos, sobre temas variados e pedidos pelas gestantes; entrega de folders. Os assuntos mais abordados são a amamentação (grande dúvida da maioria), como dar o banho no bebê e a posição correta para dormir. Apesar disso, de alguma maneira parece que nem todas conseguem compreender as informações que recebem. A dúvida de não saber ser mãe e a inibição são fatores potenciais dessa criação de barreira que impede de tentarmos ter maior aproximação.

Percebe-se que muitas adolescentes não aparecem ao acompanhamento, pois sentem represália da família, equipe e comunidade e isto dificulta ter êxito no pré-natal. Além disso, algumas delas, parece, ainda que não percebem a importância que o acompanhamento profissional traz a ela e ao seu filho.

Como a adolescência é uma fase em que a pessoa passa por muitas transformações e no senso comum, é tida como umas fases de rebeldia, muitas das orien-

tações prestadas, parecem serem rejeitadas pelas adolescentes. Outra dificuldade encontrada é a comunicação, não impor comportamentos (“mediar às palavras”) no discurso profissional, para elas não se sentirem ameaçadas, além de não utilizar termos técnicos ou vocabulário profissional, são estratégias utilizadas para garantir a proximidade com essas gestantes.

Tivemos como facilitadores para desenvolver a assistência do pré-natal a igreja que, em parceria com a unidade de saúde disponibilizou neste semestre um enxoval para as gestantes. É notável que essa pequena ajuda as deixaram felizes e motivadas, já que o bairro em questão é muito carente.

Os acadêmicos de enfermagem, nutrição, odontologia, medicina também contribuem para que todo o suporte as gestantes sejam dados e realizam todas as avaliações cabíveis.

Como propostas futuras para serem desenvolvidas na UBS para beneficiar e qualificar a assistência as gestantes adolescentes seria: um grupo de gestantes voltado as adolescentes, onde elas pudessem se sentir a vontade de perguntar e questionar. O grupo poderia ser o elo entre elas, e a equipe de saúde, um espaço onde poderia haver trocas experiências e de construção de seu espaço enquanto sujeitos constituintes de um território. Acredita-se que as gestantes se sentiriam mais a vontade por que além de serem todas da mesma idade também compartilham a experiência de vivenciar a adolescência.

Outros fatores a serem levados em consideração para qualificar a assistência de enfermagem à gestante são as atividades de educação permanente. Esta seria uma forma de conduzir a abordagem ao paciente, e mostrar à equipe a importância de saber lidar com quaisquer situações sem interferir a adesão do usuário de saúde ou coibi-lo. Fazer uma reciclagem é algo importante, pois muitas coisas estão mudando no comportamento da sociedade e precisamos estar a par do que está se modificando para tentar agir com imparcialidade e proporcionar ao usuário o melhor atendimento possível.

Conclusões

A enfermagem, enquanto participante do PET Saúde da Família, tem um papel importante frente à Unidade Básica de Saúde, pois proporcionam promoção e prevenção a saúde. É possível observar o quanto a equipe de enfermagem se mobiliza para atender a demanda e realizar um serviço adequado aos usuários,

mesmo com as dificuldades que são encontradas no caminho.

Como acadêmicas inseridas na unidade, foi possível atuar junto as gestantes adolescentes. Esta experiência nos trouxe vivências singulares e nos preparou de modo significativo e importante para a vida profissional.

Referências

- BRASIL. Ministério da Saúde. Atenção ao Pré Natal de Baixo Risco. Cadernos de Atenção Básica. Brasília, 2012. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_atencao_basica_32_prenatal.pdf> Acesso em: 24 Jul. 2014.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Importância do Pré- Natal. Brasília, 2005. Disponível em: <<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/dicas/90prenatal.html>> Acesso em: 16 Jul. 2014.
- BRASIL. Pet-Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/saude/profissional/visualizar_texto.cfm?id-txt=35306>. Acessado em: 17 Jul. de 2014.
- MACHADO, L.M. Saúde Materno Infantil. Centro Universitário Franciscano. Santa Maria, 2012.
- RODRIGUES, R.M. Gravidez na Adolescência. Revista do Hospital de Crianças Maria Pia. v. 19, n.3, s.p. 2010.
- TREVISAN, M.R.; LORENZI, D.R.S.; ARAUJO, N.M.; ESBER, K. Perfil da Assistência Pré- Natal entre Usuárias do Sistema Único de Saúde em Caxias do Sul. Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia. v. 24, n. 5, p. 293-299, 2002.
- YAZLLE, M.E.H.D. Gravidez na Adolescência. Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia. Rio de Janeiro, v. 28, n.8, s.p. 2006.

GRIFE A (H1N1) E DENGUE: PREVENÇÃO DE DOENÇAS ATRAVÉS DA TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTOS

BORDINI, Fernanda Weber

Aluna do Curso de Nutrição/UFPeL, bolsista Permanência/UFPeL

ARGENTA, Thamyras Barreto

Aluna do Curso de Farmácia/UFPeL, bolsista PROBEC/UFPeL

RODRIGUES, Franciele Valeron

Aluna do Curso de Nutrição/UFPeL, voluntária

CAMARO, Giovana Duzzo

Professor do Departamento de Bioquímica/ CCQFA/ UFPeL, colaborador

TAVARES, Rejane Giacomelli

Professor do Departamento de Bioquímica/CCQFA/ UFPeL, Coordenador e Orientador;

O trabalho a ser apresentado está vinculado ao projeto de extensão “PROMOVENDO EDUCAÇÃO EM SAÚDE: DA LAVAGEM DAS MÃOS À PREVENÇÃO DE DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS” que visa propiciar informações de prevenção de duas doenças bastante graves e com grande ocorrência regional (Gripe H1N1 e Dengue), e também contribuir para a formação de um grupo executor de cuidados de higiene básicos, que dissemine as estratégias de promoção da saúde, promovendo a integração da Universidade com a comunidade escolar da Escola Municipal Ferreira Viana. Esta é uma Instituição Municipal de Ensino que atende cerca de 200 alunos de ensino fundamental e oferece excelente espaço, além de desenvolver importante parceria com a Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) no campo da educação e da capacitação. Durante o ano 2013 e 2014 as atividades foram realizadas em horários disponibilizados pela Coordenação da Escola, para turmas da primeira e segunda séries do ensino fundamental, abrangendo um total de 40 crianças, com idades entre 6 e 10 anos. O trabalho desenvolvido representa uma complementação educacional das crianças na área da saúde, através de atividades lúdicas, com jogos, material didático (desenhos e cartazes) e palestras que estimulam a aprendizagem e o desenvolvimento individual de cada criança (AGUIAR, 2001; AGUIAR, 2007). Os benefícios desta forma de prática educativa vão muito além da prevenção, objeto primordial do projeto, mas também possibilita a experimentação dos acadêmicos no contato com as crianças e comunidade escolar envolvidas, com troca de saberes e desenvolvimento de competências que serão amadurecidas durante a graduação, como o pensamento crítico, a observação e a comunicação.

Metodologia

Para execução desta parte do projeto proposto, foram utilizados os recursos audiovisuais através de palestras sobre os modos de transmissão e prevenção da Gripe A (Gripe H1N1), complementada com o uso de materiais lúdicos (jogos de sete erros com medidas de prevenção e ilustrações para colorir com medidas de higiene) (BARBOSA, 2011; CYRINO, 2004). A explicação sobre o assunto foi pensada para ser de forma

bastante explícita e com linguagem adequada para a idade trabalhada, com abordagem simples da transmissão do vírus, das formas de contágio e com ênfase maior na prevenção. Todos os autores do trabalho participaram deste processo, seja através da elaboração dos textos, palestra propriamente dita ou orientação e auxílio aos alunos na execução das tarefas. Paralelamente, o tema “Dengue” também foi abordado de forma idêntica ao descrito para a Gripe H1N1 (GIRÃO, 2014). Complementarmente todas as crianças foram orientadas sobre a higiene das mãos, usando o sabão, o álcool em gel, focando sempre a importância da higiene e os benefícios para saúde.

Resultados

Na Figura 1 podemos ver um dos momentos das palestras que foram realizadas com as crianças, visando instruir a respeito da Gripe A (H1N1) e Dengue.



Figura 1: Palestra sobre medidas preventivas para evitar a transmissão da Gripe A (H1N1).

Fonte: Arquivo pessoal do Coordenador do Projeto, 2014.

Já a Figura 2 ilustra o material didático fornecido como complemento ao conhecimento repassado para as crianças. Este material (desenhos e folhetos explicativos) também visou o trabalho de prevenção familiar, em conjunto com a escola.



Figura 2: Material didático sobre medidas preventivas para evitar a transmissão da Gripe A (H1N1)

Fonte: Arquivo pessoal do Coordenador do Projeto, 2014.

Como uma forma de avaliar quantitativamente a ação, as crianças foram convidadas a responder à pergunta: “Você sabe diferenciar a Gripe A da Dengue?”. Na Figura 3 podemos observar os percentuais das respostas obtidas, sendo interessante observar que a grande maioria daqueles que responderam a esta pergunta não conheciam a melhor forma de diferenciação, o que foi amplamente elucidado com a palestra informativa.

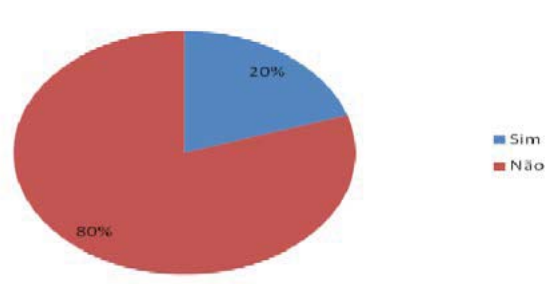


Figura 3: Percentual de respostas para cada uma das alternativas propostas à pergunta “Você sabe diferenciar a Gripe A da Dengue?” (n= 40).

Fonte: Gráfico elaborado pelo autor a partir de dados fornecidos pelos entrevistados

Conclusão

Esta ação é bastante importante, visto que apesar da massiva informação tanto sobre a Gripe A quanto sobre a Dengue através da mídia em geral, muitas famílias ainda oferecem resistência na adesão às ações governamentais de prevenção, como a vacinação contra a Gripe A (H1N1) para aqueles em grupos de risco e cuidados para evitar a proliferação do mosquito transmissor, no caso da Dengue. Assim, pode-se constatar que ações como as aqui descritas, envolvendo inicialmente a comunidade escolar, e buscando também atingir o núcleo familiar, são cruciais para o envolvimento da comunidade na prevenção destas doenças, já que os mesmos tornam-se cooperadores para a eliminação dos agentes causais. Toda ação de educação tende a mostrar aos envolvidos um novo olhar através do qual eles se libertam de uma concepção que os limita. Transformar uma atitude estática diante de um problema de saúde pública amplia a visão dos moradores em prol do seu próprio benefício.

Referências

AGUIAR, J. S. Jogos para o ensino de conceitos. 3ª edição. Campinas: Editora Papirus, 2001.

AGUIAR, J. S. Educação inclusiva: jogos para o ensino de conceitos. 4ª edição: Papirus, 2007.

BARBOSA, S. M. A Consequência do Vírus A (H1N1) na Educação Infantil. Monografia (Especialização em Saúde para Professores do Ensino fundamental e Médio) - Universidade Federal do Paraná 2011.

CYRINO, E. G.; TORALLES-PEREIRA, M. L.. Trabalhando com estratégias de ensino-aprendizado por descoberta na área da saúde: a problematização e a aprendizagem baseada em problemas. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.20, n. 3, p. 780-788, mai-jun, 2004.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Atenção Básica. Parâmetros para programação das ações básicas de saúde. Brasília, Fevereiro, 2001.

GIRÃO, R.V. et al. Health education about dengue: contributions to the development of competencies. Rev. Fundam. Care Online, Rio de Janeiro, v.6, n. 1, p. 38-46, jan./mar 2014.

Pública, 2010. Disponível em: <http://bases.bireme.br/> Acesso em 16 de junho de 2014.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários para a prática educativa. Editora Paz e Terra AS. São Paulo. 2004. Disponível em: <http://www.webdelprofesor.ula.ve/nucleotachira/oscar/materias/epistemologia/lecturas/freire.pdf> Acesso em 16 de junho de 2014.

Referências eletrônicas

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. A educação que produz saúde / Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2005. Disponível em <[http://www.fiocruz.br/redeblh/media/a_educacao_que_produz_saude\[1\].pdf](http://www.fiocruz.br/redeblh/media/a_educacao_que_produz_saude[1].pdf)>. Acesso em 15 de junho de 2014.

BRASIL. FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE. Diretrizes de educação em saúde visando à promoção da saúde: documento base - documento I/Fundação Nacional de Saúde - Brasília: Funasa, 2007. Disponível em <http://www.funasa.gov.br/site/wp-content/files_mf/dir_ed_sau.pdf> Acesso em 15 de junho de 2014.

CAVALCANTI, C.C. T Z. Aproximando a lógica sanitária e a lógica do senso comum: uma experiência de e-learning e prevenção à dengue na comunidade da Cidade Universitária da USP. Faculdade de Saúde

GRUPO DE PAIS DE AUTISTAS: O FILHO REAL

NALÉRIO, Natália Silveira

Aluna do Bacharelado em Psicologia/UFPeI

GÖRGEN, Erika Scheidt

Aluna do Curso de Psicologia/UFPeI, bolsista de monitoria

STEIM, Aléxia Juliane Iahnke

Aluna do Curso de Psicologia/UFPeI

SANTOS, Marielle Schwantz dos

Aluna do Curso de Psicologia/UFPeI

SILVA, Marta Janelli da

Professora do Departamento de Psicologia/ICH/UFPeI, orientadora

Este Projeto de Extensão é realizado no Centro do Autismo Danilo Rolim de Moura, situado na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. Este Projeto tem como principais objetivos: intervir e promover estratégias de enfrentamento as questões vivenciadas no cotidiano familiar através de grupos de pais de crianças com Transtornos Globais do Desenvolvimento, em especial do autismo. Desenvolver estratégias positivas, frente a este fenômeno que acaba por envolver uma série de fatores inter atuantes, intra e extrafamiliares afetando os familiares ao longo do seu ciclo vital de modo impactante. A possibilidade de compreensão do transtorno e suas singularidades acabam por promover também uma melhor qualidade de vida aos pais e filhos que vivenciam esta condição crônica.

Segundo o DSM-IV-TR (2002), entre os Transtornos Globais do Desenvolvimento, o autismo é considerado uma síndrome por envolver comprometimento severo e invasivo em três áreas do desenvolvimento: habilidades de interação social recíproca, habilidades de comunicação e comportamentos, interesses e atividades estereotipadas.

Segundo a grande maioria dos autores modernos, como Buscaglia (1997), família é uma força social que tem influência na determinação do comportamento humano e na formação da personalidade, sendo também definida como unidade social significativa, inserida de forma imediata na comunidade e na sociedade, de forma mais ampla. É, ainda, considerada independente pela característica de influências importantes que seus relacionamentos imprimem entre si. Como a família é o primeiro grupo social do indivíduo, não se pode negar a importância que esta representa para a evolução de tratamento e ou intervenção de um de seus membros.

Quando um filho nasce à primeira coisa que os pais conferem é se a criança é “perfeita” e, neste caso, ficam aliviados e comemoram. Caso contrário, há a morte do filho idealizado, e tal constatação gera profunda tristeza, medo do futuro, frustração e vergonha. (COSTA, G. P.; KATZ, 1992).

Entretanto é preciso vivenciar o processo de luto pelo filho que foi idealizado, para que seja possível estabelecer um vínculo de amor e cuidado com o filho que nasceu. Muitas vezes, pessoas que passam por essas experiências se fortalecem e dão um novo significado à vida.

Assim, o diagnóstico de um filho autista gera sofrimento

mento e fragmenta, inevitavelmente, os sonhos, fantasias, ilusões e projeções no futuro que os pais produziram e ou imaginaram para ele. Frequentemente, os pais de um filho com autismo enlutam-se pelo extravio de seus sonhos, considerados chave para sua existência. Essa vivência acaba por exigir que os pais sejam obrigados a iniciar um processo de luto representativo, a fim de que seja possível elaborar a perda do filho idealizado antes do nascimento. Toda perda, inegavelmente, faz doer e a recusa, nos primeiros momentos após o diagnóstico do autismo, é perfeitamente natural e aceitável, tratando-se do decurso do luto, considerando todo sofrimento que está envolto ao perecimento, mesmo que de modo simbólico, de um filho amado e imaginado.

Devido ao sofrimento das famílias e ou cuidador, pela morte deste filho idealizado, a intervenção tem se realizado pela formação de pequenos grupos operativos onde o sofrimento e dificuldades com a aceitação desta família tem encontrado vazão nos grupos. A partir da experiência destes acolhimentos as famílias tendem a demonstrar melhor adesão ao tratamento dos filhos e adaptação aos desafios diários no que se refere ao espectro autista e suas singularidades.

Metodologia

Formação de grupos de apoio no Centro de Autismo Danilo Rolim de Moura de Pelotas, no qual este projeto de extensão faz sua intervenção junto aos familiares e ou cuidadores de crianças e adolescentes autistas. No presente momento são contempladas 45 famílias, nas quintas feiras das 13:30h as 17h, com diversos grupos de trabalho e acolhimento. A formação dos grupos ocorre concomitante as diversas terapias que os filhos recebem no centro de autismo. O tempo estimado por grupo é de 50 a 60 minutos aproximadamente.

Neste projeto, utilizar-se-á a análise dos dados provenientes da Escala Comportamental do Cuidador (Caregiver Reaction Assessment) (PEREIRA & SOARES, 2011). Para avaliar o grau de sobrecarga emocional dos familiares-cuidadores de crianças diagnosticadas com autismo.

Baseados na Escala Comportamental do Cuidador, a qual trata-se de um instrumento que avalia aspectos e as reações deste no ato de cuidar em cinco dimensões principais : autoestima do cuidador, falta de suporte familiar, impacto nas finanças, impacto nos horários, impacto na saúde do cuidador.

Resultados

Nas 45 famílias participantes, contemplamos um trabalho de intervenção e promoção de estratégias de enfrentamento as diversas questões vivenciadas pelos familiares e cuidadores no seu cotidiano. A participação atuante e crescente nos grupos e a compreensão dos desafios que o Espectro do Autismo exige dos pais, amenizou as dúvidas e os sentimentos negativos que dificultavam as suas relações de afeto e atenção. É notável uma diferença deste cuidador, quando ele participa do grupo, pois a troca de experiências é rica , onde a cumplicidade grupal exerce uma função positiva para os familiares.

Conclusão

No fazer destes grupos é notável a necessidade de cada cuidador de falar, sua rotina, como a vivenciam, seus sacrifícios em dedicar-se as mais diversas atividades que são necessárias ao filho autista. A aceitação de familiares e pessoas próximas como eco de estímulo e acolhida. Através dos grupos é possível, o encontro de pares o continente para revelar seus temores, sentimentos e acertos pelo vínculo parental. Fazer deste momento único é dar voz ao saber do cuidador proporcionado pela experiência de ser pai e mãe, junto ao desconhecido. Devido a todos estes cenários, podemos perceber a necessidade e valorização do espaço em grupo dado pelo resultado positivo sinalizado pelos familiares participantes.

Após a avaliação e a cada final de intervenção com os alunos da psicologia há a discussão sobre a constituição dos laços na família, articulando-os com a emergência de sofrimentos psíquicos contemporâneos, sendo assim a grande expectativa do aumento de números de famílias atendidas, na qual estas podem expressar seus sentimentos perante a tais situações, aprendendo a lidar com estas, interferem significativamente na vida destes familiares.

Referências

- ALVEZ, E.G.R. A morte do filho idealizado. O Mundo da Saúde, São Paulo, v. 36, n.1, p. 90-97,2012.
- BUSCAGLIA,L. Os deficientes e seus Pais. Trad. Raquel Mendes. 3ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1997.

COSTA,G,P. KATZ,G. Dinâmica das Relações Conjugais. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-IV. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Porto Alegre, ARTMED, 4ª. ed. 2002.

FIAMENGHI JR, G. A. ; MESSA, A. Pais , filhos e deficiência: estudo sobre as relações familiares. Psicologia Ciência e Profissão, São Paulo, v. 27, n.2, p. 236-245, 2007.

PEREIRA, M. G.; SOARES, A. J. Sobrecarga em cuidadores informais de dependentes de substâncias: adaptação do Caregiver Reaction Assessment (CRA). Psicologia, Saúde e Doenças, Lisboa , v.12, n.2, p.304-28, 2011.

SCHMIDT,C.; BOSA, C. A investigação do impacto do autismo na família: Revisão crítica da literatura e proposta de um novo modelo. Interação em Psicologia, Porto Alegre, v. 7, n. 2 , p. 111-120, 2003.

GRUPOS DE GESTANTES E PUÉRPERAS: ESPAÇO PARA PREVENÇÃO E PROMOÇÃO DA SAÚDE

OLIVEIRA, Thais Damasceno

Aluna do Bacharelado em Enfermagem/UFPEL, bolsista PROBEC/UFPEL. Membro do Núcleo Pesquisa e Estudos com crianças, adolescentes, mulheres e famílias- NUPECAMF - UFPEL

PIRES, Bruna Madruga

Aluna do Bacharelado em Enfermagem/UFPEL, bolsista PROBEC/UFPEL. Membro do Núcleo Pesquisa e Estudos com crianças, adolescentes, mulheres e famílias- NUPECAMF - UFPEL

BARBOZA, Rossana da Rosa

Enfermeira da Unidade Básica da Sanga Funda

MATOS, Greice Carvalho

Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. Bolsista CAPES. Membro do Núcleo Pesquisa e Estudos com crianças, adolescentes, mulheres e famílias- NUPECAMF – UFPEL

SOARES, Marilu Correa

Enfermeira Obstetra, Doutora em Enfermagem em Saúde Pública- EERP -USP- Profª Adjunta IV da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. Coordenadora do Projeto de Extensão Prevenção e Promoção da saúde em grupos de gestantes e puérperas. - Líder do Núcleo Pesquisa e Estudos com crianças, adolescentes, mulheres e famílias- NUPECAMF – UFPEL, orientadora.

A prevenção e a promoção da saúde são importantes ferramentas para o cuidado clínico de enfermagem à mulher no ciclo gravídico-puerperal (GUERREIRO et al., 2014). A gravidez, parto e puerpério são marcados por eventos fisiológicos que podem levar a alterações físicas e emocionais, requerendo atenção especial na assistência de pré-natal, nesse sentido as ações de promoção e prevenção da saúde em grupos de gestantes tornam-se uma estratégia que permite conhecer o universo das gestantes, especialmente o modo como lidam com a gravidez (DUARTE; BORGES; ARRUDA, 2011). Salienta-se ainda, que a educação em saúde no pré-natal possibilita aos profissionais da saúde empoderar as gestantes, parceiros e familiares para o exercício da autonomia, troca de conhecimentos, esclarecimento das dúvidas e promoção do autocuidado (DUARTE; BORGES; ARRUDA, 2011). Assim, diante do exposto, o presente trabalho tem por objetivo relatar a experiência de acadêmicos da graduação da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas com ações extensionistas de prevenção e promoção da saúde em grupos de gestantes e puérperas.

Metodologia

Trata-se de um relato de experiência da participação de alunas de graduação no projeto de extensão universitária “Prevenção e Promoção da Saúde em Grupos de Gestantes e Puérperas”. O referido projeto é desenvolvido mensalmente por docentes, discentes de diferentes semestres da Faculdade de Enfermagem-UFPEL, Enfermeira e Agentes Comunitárias de Saúde de uma Unidade Básica de Saúde (UBS) localizada na periferia da cidade de Pelotas/RS. Participam do grupo mulheres, em diferentes idades gestacionais, faixa etária, condições socioeconômicas e culturais. Os encontros com as gestantes e puérperas acontecem mensalmente e são propostas atividades sistematizadas voltadas para os interesses das participantes do grupo. Os assuntos são previamente acordados com as gestantes e puérperas e desenvolvidos por meio de materiais lúdicos e criativos em oficinas, rodas de conversa, treinamentos práticos, após a apresentação do tema de cada encontro é aberta discussões em roda de conversa para esclarecimento das dúvidas e troca

de experiências entre gestantes, puérperas e acadêmicas.

Resultados

O projeto de extensão Prevenção e promoção da saúde em grupos de gestantes e puérperas, foi criado há nove anos, a partir da mobilização de duas acadêmicas da Faculdade de Enfermagem, Maria Emília e Manuela, que montaram o projeto e convidaram a Prof^a Francisca Dias de Oliveira (Regente da disciplina Saúde da Mulher na época) para coordenação. Com a aposentadoria da Prof^a Francisca, o projeto passou a ser coordenado pela Prof^a Substituta Caroline Linck e desde 2008 até o momento a coordenação está a cargo da Prof^a Marilu Correa Soares. O projeto visa o desenvolvimento de atividades educativas; esclarecimento de dúvidas durante a gestação; trabalho de parto, parto, puerpério e primeira infância; incentivo ao aleitamento materno exclusivo; informações sobre os benefícios do parto normal para a mulher e o bebê; prevenção das doenças da primeira infância; importância das medidas de higiene gestante, puérpera e para o bebê; orientações sobre planejamento familiar proporcionando à mulher a escolha segura do método contraceptivo. Participam do grupo, gestantes e puérperas de todas as faixas etárias, de diferentes estágios gestacionais e condições socioeconômicas. No ano de 2013 participaram do projeto 23 gestantes, a faixa etária variou de 14 a 38 anos; quanto ao número de gestações nove eram primigestas, oito secundigestas e seis quadrigestas; vinte mulheres viviam com companheiro e três relataram serem solteiras. Quanto ao nível de escolaridade, sete mulheres tinham ensino fundamental incompleto, cinco o ensino fundamental completo, sete possuíam ensino médio incompleto e quatro com ensino médio completo. Quanto ao planejamento da gravidez, quinze mulheres referiram que as gestações foram planejadas. Em relação ao tipo de parto, a maior incidência foi de cesárea, sendo que sete mulheres experienciaram o parto vaginal. Estes dados vão ao encontro do apontado pelo Ministério na Saúde que o número de cesarianas elevou-se de 40,2% em 1996, para 50% (BRASIL, 2008). Pesquisa realizada pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), em parceria com instituições científicas do Brasil, afirma que os índices de cesarianas em 2012 alcançaram 52% dos nascimentos, sendo que no setor privado é de 88%, estes resultados sugerem elevado número de práticas intervencionistas e medicalizadas ligadas ao

parto (BRASIL, 2008; FIOCRUZ, 2014). Neste cenário, os grupos de gestantes e puérperas podem ser um espaço para troca de conhecimento sobre os tipos de parto, valorizando os benefícios do parto normal como um processo fisiológico, bem como, esclarecer sobre as indicações do parto cesáreo, salientando que não deve ser um evento rotineiro para as mulheres, pois pode tornar-se um procedimento de risco para mãe e para o recém-nascido.

Conclusão

Os grupos de gestantes e puérperas são um espaço que propicia o desenvolvimento de atividades de educação em saúde na perspectiva de proporcionar à mulher e seus familiares a autonomia e conhecimento sobre os cuidados na gestação, puerpério e com o recém-nascido. Salienta-se a importância do incentivo ao parto normal, pois este é um espaço profícuo para a informação e formação de opinião entre as mulheres, instrumentalizando-as para que possam reivindicar aquilo que consideram melhor para sua saúde e de seus filhos. O trabalho com grupos de gestantes e puérperas possibilita ao profissional de saúde e aos acadêmicos de Enfermagem a promoção da saúde e a prática do cuidado humanizado desde o pré-natal, trabalho de parto e parto, nascimento e puerpério contribuindo para os avanços dos programas de Atenção Básica e da consolidação do Sistema Único de Saúde.

Referências

- BRASIL. Ministério da Saúde. Rede Cegonha. Secretaria de Políticas de Saúde, Saúde da mulher. – Brasília: Ministério da Saúde, 2011.
- BRASIL. O modelo de atenção obstétrica no setor de saúde suplementar no Brasil: cenários e perspectivas. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde; 2008.
- DUARTE, Sebastião Junior Henrique; BORGES, Angélica Pereira; ARRUDA, Giselle Lira de. Ações de enfermagem na educação em saúde no pré-natal: relato de experiência de um projeto de extensão da Universidade Federal do Mato Grosso. R. Enferm. Cent. O. Min. Mato Grosso, v.1, n.2, p. 277-282, 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/13/122>. Acesso em 18 de julho de 2014.

SERGIO AROUCA. Projeto - Nascer no Brasil: Inquérito Nacional sobre Parto e Nascimento. São Paulo, 2014.

GUERREIRO, et al. Educação em saúde no ciclo gravídico-puerperal: sentidos atribuídos por puérperas. Rev Bras Enferm. Ceará, v.67, n.1, p. 13-21, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v67n1/0034-7167-reben-67-01-0013.pdf>. Acesso em 18 de julho de 2014.

INCENTIVO AO ALEITAMENTO MATERNO EM GRUPO DE GESTANTES E PUÉRPERAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

PIRES, Bruna Madruga

Aluna do Bacharelado em enfermagem/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

OLIVEIRA, Thais Damasceno

Aluna do Curso de enfermagem/UFPeI, bolsista do PROBEC/UFPeI

BERGMANN, Martina Michaelis

Aluna do Curso de enfermagem/UFPEL, voluntária

SOARES, Marilu Correa

Professora Adjunta III da Faculdade de Enfermagem da UFPeI. Coordenadora do Projeto de Extensão "Prevenção e promoção da saúde em grupos de gestantes e puérperas", orientador

BARBOZA, Rossana da Rosa

Enfermeira da Unidade Básica Saúde Sanga Funda

O aleitamento materno é uma estratégia natural de vínculo, afeto, proteção e nutrição para a criança e constitui-se a mais sensível, econômica e eficaz intervenção para redução da morbimortalidade infantil (BRASIL, 2009). A amamentação é indicada para maioria das mulheres e para que esta seja bem sucedida orientações apropriadas durante a gestação, o apoio da família e parceiro, início da amamentação dentro da primeira hora de vida do bebê e a supervisão das primeiras mamadas pela equipe de enfermagem, entre outros, são ações facilitadoras deste processo (SOUZA, 2011). A gravidez se constitui de vários mitos, dúvidas, crenças e expectativas relacionadas ao contexto familiar e social. As informações, experiências e conhecimentos transmitidos por familiares, amigos e conhecidos podem influenciar tanto positiva como negativamente na amamentação (SILVA et al 2011). Estudo de GUSMAN (2005) apontou que os principais motivos e intercorrências para a interrupção da amamentação se ampararam em construções culturalmente aceitas como o "leite é fraco", "pouco leite" ou o "leite não sustenta". Neste contexto, acredita-se que profissionais da equipe de saúde podem desempenhar papel relevante para identificar e melhor orientar as gestantes e sua família neste processo, respeitando o contexto sócio cultural e familiar de cada mãe. Torna-se fundamental o acompanhamento do pré-natal e o trabalho com grupos de gestantes para que sejam realizadas as orientações sobre amamentação. O enfermeiro desenvolve função importante, pois a partir do seu conhecimento poderá fazer avaliações factuais que ajudem a subsidiar de maneira segura, as possíveis intervenções, seja na produção de leite ou na prática da amamentação, compondo um trabalho que transcende o físico e posiciona a mulher como protagonista do processo (FONECA; JANICAS, 2014). Os grupos de gestantes são potenciadores nesta ação, pois as participantes relatam suas dúvidas e anseios com o grupo havendo troca de experiências e conhecimento entre gestantes e coordenadores. Nesta linha de pensamento, o presente trabalho tem por objetivo relatar a experiência de acadêmicos de Enfermagem na abordagem da temática sobre o aleitamento materno em um grupo de gestantes e puérperas.

Metodologia

Trata-se de um relato de experiência de acadêmicas de graduação da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel/RS) que participam do projeto de extensão universitária “Prevenção e Promoção da Saúde em Grupos de Gestantes e Puérperas”. O projeto é desenvolvido por docentes e discentes da Faculdade de Enfermagem da UFPel, Enfermeira e Agentes Comunitárias de Saúde de uma Unidade Básica de Saúde, localizada na periferia da cidade de Pelotas/RS. Os encontros acontecem mensalmente e visam a troca de experiências entre gestantes e puérperas, tendo como público alvo mulheres em diferentes idades gestacionais, faixa etária, condições socioeconômicas e culturais. O encontro foi realizado no mês de maio de 2014, contou com a participação de nove gestante e duas acadêmicas de Enfermagem bolsistas PROBEC do projeto. O assunto discutido em roda de conversa foi o aleitamento materno apresentado pelas acadêmicas que utilizaram materiais audiovisuais e folders informativos.

Resultados

Durante o encontro no grupo de gestantes e puérperas da Unidade Básica de Saúde, abordamos a importância do aleitamento materno exclusivo até o sexto mês de vida e, para além dos dois anos de maneira complementar conforme recomendação da WHO (2001). Apresentamos áudio visual sobre a fisiologia da mama, fisiologia da lactação, fases da produção de leite (colostró, leite de transição e leite maduro), tipos de mamilos, as vantagens da amamentação para a mãe e criança, posicionamento do bebê para uma pega adequada, o uso de chupetas e mamadeiras e esclarecemos alguns mitos como o do “leite fraco” e “pouco leite”. O enfoque principal do encontro foi incentivar o aleitamento materno exclusivo destacando as suas vantagens para a mulher e o bebê como aumentar o vínculo afetivo, favorecer a involução uterina, reduzir o risco de hemorragias, contribuir para o retorno do peso normal, diminuir as internações e seus custos, ser gratuito, um alimento completo, facilitar a eliminação de mecônio, proteger contra infecções e diminuir chances de alergia por possuir anticorpos que conferem imunidade ao bebê (BRASIL, 2013). Durante a roda de conversa foram esclarecidas dúvidas e crenças que as mulheres participantes tinham em relação ao assunto, elas falaram de suas experiências com

amamentações anteriores, sendo que a maioria teve dificuldades devido à fissura nos mamilos, ocorridas pela pega incorreta. A maioria amamentou o tempo correto e já as que desmamaram precocemente foi devido ao “leite ser fraco e ter secado” segundo seus relatos. Quanto às primíparas todas tinham o desejo de amamentar, porém tinham vários questionamentos e anseios. Segundo BRASIL (2009) a técnica correta de amamentação depende do posicionamento da mãe que deve ser confortável preferencialmente “barriga com barriga”, a pega do bebê em forma de “boca de peixe” é muito importante para que ele consiga mamar de maneira eficiente e também para não faça fissuras nos mamilos, além do ambiente tranquilo e calmo para fortalecer o vínculo e facilitar a mamada através da liberação do hormônio ocitocina. De acordo FONSECA; JANICAS, (2014) a mãe não tem que ser apenas ensinada, mas empoderada em sua capacidade de produzir leite e amamentar para que a interação entre ela e seu filho seja prazerosa. Procuramos transmitir estas informações no grupo de gestantes e puérperas a fim de incentivar, orientar e empoderar as futuras mães para que estas tenham autonomia e conhecimento no processo de amamentar seus bebês.

Conclusão

Avalia-se positivamente a temática abordada neste grupo, pois a troca de experiências e informações entre acadêmicas e as participantes contribuiu não só para o incentivo ao aleitamento materno, mas também no conhecimento sobre o assunto por meio do esclarecimento das dúvidas que surgiram ao longo da roda de conversa. Entendemos que o papel do profissional de saúde é muito importante e precisa ser exercido desde o pré-natal sendo que o trabalho com grupo de gestantes e puérperas é um espaço profícuo para o desenvolvimento das ações educativas, pois possibilita ao profissional de saúde informar, orientar e estimular a troca de saberes e prática sobre determinado assunto. Neste sentido, foi importante vivenciar a experiência ao longo da graduação de participação no Projeto de Extensão Prevenção e Promoção da saúde em grupo de gestantes e puérperas destacando-se a temática de aleitamento materno que nos oportunizou observar e colocar em prática diversas orientações específicas e consolidar nossa formação de futuros Enfermeiros.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Atenção ao pré-natal de baixo risco. 1ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2013, 320p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde da criança: nutrição infantil: aleitamento materno e alimentação complementar. 1ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2009, 112 p.

FONSECA, A.S.; JANICAS, R.C.S.V. Saúde materna e neonatal. São Paulo: Martinari, 2014. 252p.

GUSMAN, C.R. Os significados da amamentação na perspectiva das mães. 2005. 107f. Dissertação (Pós graduação em Saúde Pública) - Curso de Pós graduação Enfermagem em saúde pública, Universidade de São Paulo.

SILVA, D.D.F. et al. Percepções e saberes de um grupo de gestantes sobre aleitamento materno – um estudo qualitativo. RFO, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 7-11, 2008.

SOUZA, A.B.G. Enfermagem Neonatal cuidado integral ao recém-nascido. São Paulo: Martinari, 2011. 230p.

WHO. WORLD HEALTH ORGANIZATION. The optimal duration of exclusive breastfeeding – Report of an Expert Consultation. Geneva, Switzerland, 2001.

INCENTIVO AO CONSUMO DE VERDURAS POR CRIANÇAS DE UMA ESCOLA DE PELOTAS-RS

NOGUEIRA, Camila Rodrigues

Aluna do curso de Nutrição/UFPeL, voluntária PET Saúde/UFPeL

CARDOZO, Dieli Selayaran

Aluna do Curso de Nutrição/UFPeL, voluntário do PET Saúde/UFPeL

KAEZYNSKI, Juliana Rojahan

Aluna do Curso de Nutrição/UFPEL, voluntária do PET Saúde/UFPEL

CASTILHOS, Cristina Bossle

Nutricionista da Prefeitura Municipal de Pelotas, preceptora PET Saúde, orientador

MINTEN, Gicele Costa

Professora do curso de Nutrição/UFPeL, coordenadora

No Brasil tem aumentado a prevalência de obesidade em crianças. Isso ocorre devido ao consumo excessivo de alimentos gordurosos e de açúcares simples, associado ao baixo consumo de frutas e vegetais (BRASIL, 2013).

A escola é considerada um ponto de referência muito importante por crianças e adolescentes. Portanto, promover educação em saúde no ambiente escolar é necessário, visto que as intervenções vão além dos limites da escola, contribuindo para o conhecimento sociocultural dos alunos (BRASIL, 2009).

Nesse contexto percebe-se a importância de realizar ações de educação nutricional no espaço escolar, já que hábitos saudáveis devem ser incentivados desde a infância e o ambiente escolar auxilia na formação do pensamento crítico.

Diante disso o presente estudo relata a experiência de acadêmicas de nutrição participantes do Programa de Educação para o Trabalho (PET-SAÚDE) e da nutricionista da Unidade Básica de Saúde Simões Lopes, em uma estratégia de educação nutricional realizada em uma escola estadual de ensino fundamental, do bairro Simões Lopes, caracterizada por possuir turmas de primeiro à quinto ano e alunos em sua maioria de baixa renda. A escolha por esta escola se deve ao fato de estar situada na área de abrangência da Equipe de Saúde da Família (ESF) 007 da Unidade Básica de Saúde (UBS) Simões Lopes.

A ação de intervenção foi elaborada através da participação no PET-SAÚDE, o qual é um programa governamental lançado em 2008, e tem por objetivo estimular a formação de grupos de aprendizagem tutorial no âmbito da estratégia Saúde da Família e qualificar a formação acadêmica e a ação profissional dos alunos da área da saúde, através de iniciação ao trabalho e vivências, de acordo com as necessidades do SUS (BRASIL, 2008).

Na UBS Simões Lopes da cidade de Pelotas-RS o PET-SAÚDE está vinculado à Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), e possui estagiários de graduação dos cursos de nutrição, odontologia, medicina e enfermagem.

A intervenção feita foi a análise sensorial de vegetais e construção de sanduíche a base de vegetais pelas crianças, com o objetivo de ampliar o conhecimento

dos alunos sobre alimentação saudável, de uma forma divertida e esclarecedora, para que posteriormente os mesmos venham a ter autonomia para fazer escolhas alimentares mais adequadas, como por exemplo, mudar o lanche industrializado por um sanduíche de vegetais.

Metodologia

A intervenção foi feita durante todas sextas-feiras do mês de maio de 2014 no período da tarde, com as turmas de 1º ao 3º ano.

A fim de testar o conhecimento dos alunos sobre os vegetais e com o intuito de chamar a atenção das crianças foi feita uma caixa surpresa para que os alunos desvendassem o alimento escondido dentro dela. Esta caixa foi forrada com papel camurça de cor laranja e decorada com recorte de vegetal confeccionado em E.V.A., em cada lateral havia uma abertura para que assim o aluno colocasse o braço e tocasse no alimento. Os alunos eram chamados dois por vez, aleatoriamente para fazer a análise sensorial e tentar adivinhar o alimento contido na caixa. Após a adivinhação o alimento era mostrado e discutia-se com a turma sobre o conhecimento do alimento e a importância deste. Então o alimento era oferecido a cada aluno, para que todos fizessem a análise sensorial (tátil, gustativa e olfativa). Esta metodologia foi adotada para que os alunos tivessem contato com os seguintes alimentos: chuchu, alface, tomate, agrião, cenoura, beterraba, abobrinha e pepino, sendo utilizado um de cada vez para adivinhação. Após conversar com os alunos sobre os alimentos encontrados na caixa eles foram convidadas a montar um sanduíche de vegetais, havia entre as opções para montagem do sanduíche, além de todos os vegetais apresentados anteriormente, havia também o creme de ricota, ovo e ervilha.

Resultados

Durante toda intervenção houve grande participação dos alunos, com destaque para as crianças do primeiro ano, as quais interagiram contando suas experiências com cada alimento que lhes era apresentado. Com o restante das turmas também houve uma boa integração, porém não houve comunicação de 100% dos alunos, principalmente os do 3º ano, onde alguns por característica de personalidade eram menos comunicativos. Através da brincadeira foi possível perceber que os alimentos mais conhecidos pelos alunos eram

a alface, a cenoura e o pepino, e menos conhecidos foram o agrião, (nenhuma criança conseguiu adivinhar) e o chuchu, o qual poucas crianças reconheceram. A cenoura e o pepino tiveram uma maior aceitação quando provados, já o agrião e o chuchu foram menos aceitos, porém algumas crianças ainda optaram por colocar esses alimentos em seu sanduíche. O agrião teve baixa aceitação, pois foi considerado pelas crianças um alimento picante o qual causava muita sede. A grande maioria das crianças não conhecia o pepino, mas após provar passaram a gostar do alimento.

Durante a preparação do sanduíche, as crianças tiveram a oportunidade de montá-lo como desejavam. Os alimentos que mais se destacaram nesta preparação foram o ovo, alface, tomate, cenoura ralada crua e beterraba ralada crua.

Foi percebido que algumas crianças, as quais diziam não gostar de determinado alimento, após presenciar os colegas provando o alimento e influenciados pelas estagiárias de nutrição e a nutricionista tiveram a atitude de provar novamente e em alguns casos mudaram sua opinião e até colocaram este alimento em seu sanduíche.

Conclusão

Baseado na experiência vivida durante a atividade de intervenção acredita-se que muitas crianças modificaram seus comportamentos em relação ao consumo de legumes. Muitas crianças passaram a provar os alimentos antes de rejeitá-los, e é possível que algumas tenham passado a consumir certos vegetais após conhecer e gostar.

Portanto, o desenvolvimento de ações de educação alimentar em ambiente escolar é importante para mudanças efetivas de hábitos alimentares inadequados de crianças, pois as crianças têm a escola como referência de boa educação.

Referências

BRASIL. Manual de Orientação para Alimentação Escolar na Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e na Educação de Jovens e Adultos. ed. Brasília: PNAE-SECANE-SC, 2012. (16 set 2013).

BRASIL. Portaria Interministerial nº 1.802, de 26 de agosto de 2008. Institui o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde – PET-Saúde. Brasília; 2008.

INTERAÇÃO ODONTOLOGIA E VETERINÁRIA NO MONITORAMENTO DA ÁGUA EM PELOTAS ATRAVÉS DO PET – SAÚDE

VIEIRA, Henrique Timm

Aluno do Curso de Odontologia/UFPeI, voluntário

DA SILVA, Mariana Aimee Ramos Xavier

Aluna do Curso de Medicina Veterinária/UFPeI, bolsista do PET-Saúde/UFPeI

PERNAS, Carla Beatriz da Silva

Preceptora da Secretaria Municipal de Saúde de Pelotas

BIGHETTI, Tania Izabel

Professora do Departamento de Odontologia Social e Preventiva/FO/UFPeI, coordenadora

DE CASTILHOS, Eduardo Dickie

Professor do Departamento de Odontologia Social e Preventiva/FO/UFPeI, orientador.

O VIGIÁGUA – Programa Nacional de Vigilância em Saúde Ambiental relacionado à Qualidade da Água para Consumo Humano integra o Sistema Nacional de Vigilância em Saúde Ambiental, tem o objetivo de desenvolver um conjunto de ações de monitoramento e vigilância com a finalidade de garantir à população o acesso à água em quantidade suficiente e qualidade compatível com o padrão de potabilidade estabelecido na legislação vigente, para promoção da saúde. A Portaria MS n.º 2914/2011 estabelece os procedimentos e responsabilidades relativos ao controle e vigilância da qualidade da água para consumo humano e seu padrão de potabilidade, e dá outras providências.

No município de Pelotas, o VIGIÁGUA está vinculado ao Setor de Vigilância Ambiental da Secretaria Municipal de Saúde (SMS), e recebe alunos dos cursos de Odontologia e Medicina Veterinária participantes do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde PET-SAÚDE (Portaria Interministerial MS/MEC n.º 1.802 e do Edital n.º 12/2008-MS/MEC).

A atuação de alunos de dois cursos – Odontologia e Medicina Veterinária – recebidos no programa por uma preceptora graduada em Farmácia e Bioquímica formata uma equipe multiprofissional. Segundo Peduzzi (2001), trabalho em equipe multiprofissional é uma modalidade de trabalho coletivo construído por meio da relação recíproca, de dupla mão, entre as múltiplas intervenções técnicas e a interação dos profissionais de diferentes áreas, configurando, através da comunicação, a articulação das ações e a cooperação. Sendo assim, esse trabalho coletivo tende a gerar resultados positivos visto que cada um com suas competências inerentes ao processo de aprendizado de sua formação agrega ao grupo.

Metodologia

Ao ingressar no VIGIAGUA, os acadêmicos são incentivados a ler sobre a legislação vigente em relação aos padrões de potabilidade de água, compreender a relevância das atividades desenvolvidas e sua relação com a saúde e meio ambiente, compreender as rotinas básicas da secretaria e inserir dados no Sistema de Informação de Vigilância da Qualidade da Água

para Consumo Humano (SISÁGUA). Após esse conhecimento adquirido, os alunos trabalham em diversas frentes de trabalho passando por todos os setores do programa em diferentes momentos. Entre as ações realizadas, os alunos acompanham as atividades de campo, tais como coleta de água nos pontos pré-definidos no município, ações educativas e realização de análises laboratoriais. No laboratório é realizada a mensuração dos teores de cloro, turbidez, flúor, pH, Ferro e cor; além de análises microbiológicas. Uma vez em posse dos resultados laboratoriais, os alunos contribuem para o processo de armazenamento dos dados e propõem atividades inovadoras como o uso das informações para implantação de ações de promoção e prevenção em saúde. Apropriados dessas atividades os acadêmicos estão aptos a acrescentar e melhorar o programa.

Resultados

Sabe-se que ambos os cursos mencionados atualmente possuem formações voltadas para técnicas clínicas apuradas, porém ainda não possuem uma formação adequada a realidade fora do ambiente de graduação, e no currículo não apresentam alternativas de atuação multiprofissional. Sendo assim, é de extrema valia o contato de cursos distintos em um ambiente distinto do habitual.

Entre as ações já desenvolvidas pelos acadêmicos nesta parceria salientamos as de caráter educativo, com participação dos alunos em palestras nas escolas da zona rural do município; ações de cidadania, com votação para a escolha do nome do mascote do programa pela comunidade escolar da zona urbana; ações de campo, com levantamento de dados de um distrito rural; Divulgação de informações para a comunidade; campanhas de preservação do meio ambiente, incentivando crianças a saberem mais sobre o Arroio Pelotas; Destaca-se ainda a otimização dos dados disponíveis no programa através de digitação em programa específico (Epidata) que permitiu uma análise detalhada dos mesmos e posterior tomada de decisões.

A atividade do grupo PET-SAÚDE dentro da vigilância ambiental no município de Pelotas proporcionou aos acadêmicos conhecimentos, vivência e aprendizado através da contribuição com o VIGIAGUA. Os resultados são apresentados através do conhecimento distribuído por quem vivencia essa realidade e pelas contribuições que os alunos dão ao programa, principalmente no controle e interpretação dos dados.

Abaixo, alguns registros dessas atividades:



Figura 1: Ação Educativa em escola no interior do município
Fonte: Fotografia do autor, 2014



Figura 2: Coleta de dados em um distrito do município
Fonte: Fotografia do autor, 2014

CONCURSO CULTURAL

"CUIDAR DO ARROIO É PROTEGER A ÁGUA"

A IMPORTÂNCIA DO ARROIO PELOTAS

Para participar:

1º Curta a página do VIGIAGUA no facebook:
www.facebook.com/vigiagua

2º Leia o regulamento

3º Compartilhe a imagem da promoção

4º Envie uma frase de até 250 caracteres, com as palavras "Arroio", "Pelotas" e "vida", além da ficha de inscrição preenchida para o e-mail:
viguapelotas@hotmail.com

O AUTOR DA MELHOR FRASE GANHARÁ UM TABLET 7", E UM PASSEIO DE BARCO COM ACOMPANHANTE PELO ARROIO PELOTAS, A PARTIR DA CHARQUEADA SÃO JOÃO!

2º, 3º E 4º LUGARES GANHARÃO BRINDES E O PASSEIO.



PATROCÍNIO:

APOIO:

REALIZAÇÃO:






Figura 3: Campanha na XX Semana Interamericana da Água
Fonte: Arquivo do VIGIAGUA, 2013

Conclusão

Não há dúvidas que a atuação dos acadêmicos de cursos aparentemente tão distintos contribui não só para a secretaria municipal, mais precisamente para o

VIGIAGUA, por aproximar a universidade da prefeitura, como também para os participantes, proporcionando um crescimento pessoal imensurável aos que tem a oportunidade de vivenciar um dia a dia tão distinto de seus currículos e vivenciar a troca de conhecimentos com acadêmicos de outro curso.

Referências

BRASIL. Portaria MS n.º 2.914 de 12 de dezembro de 2011. Dispõe sobre os procedimentos de controle e de vigilância da qualidade da água para consumo humano e seu padrão de potabilidade.

BRASIL. Portaria Interministerial nº 1.802 de 26 de agosto de 2008. Institui o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde - PET – Saúde.

PEDUZZI, M. Equipe multiprofissional de saúde: conceito e tipologia. Revista de Saúde Pública, 35(1): 103-109, 2001.

LAZER E CONHECIMENTO: RELATO DA PARTICIPAÇÃO DA ESEFUFPEL NO VI FÓRUM GAÚCHO DAS IES COM AÇÕES VOLTADAS AO ENVELHECIMENTO

COSTA, Cristiane Costa

Aluna da licenciatura em Educação Física/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

MAGALHÃES, Aline Brião

Aluna da licenciatura em Educação Física/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

ROTA, Paula Amaral

Aluna da licenciatura em Educação Física/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

TERRA, Júlia Pereira

Aluna da licenciatura em Educação Física/UFPeI

CAVALLI, Adriana Schüller

Docente do curso de Educação Física/UFPEL, orientadora e coordenadora.

Nas dependências da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul- PUCRS, nos dias 5 e 6 de setembro de 2000, foi realizado o primeiro Fórum Gaúcho das Instituições de Ensino Superior (IES) com Ações Voltadas ao Envelhecimento. Para este evento, todas as IES do estado do Rio Grande do Sul foram convidadas a enviar um representante oficial, além de outros membros da Instituição que estivessem ligados a programas relacionados com o processo de envelhecimento e que quisessem participar e contribuir com os debates. A coordenadora do evento teve a função de promover um evento de cunho científico, com debate e discussão de temas relevantes às necessidades acadêmicas de especialistas e profissionais da área da saúde. O Fórum foi representado por 22 IES do estado do RS (JOB, BARRILI, JECKEL, 2000).

O Fórum foi estabelecido com o intuito de organizar as proposições para o desenvolvimento, dentro das IES, de programas de ensino de Graduação e Pós-Graduação, de Pesquisa e de Extensão centrados no processo de envelhecimento.

Além disso, o Fórum também procurou reunir as IES do estado do Rio Grande do Sul para conhecer, trocar experiências e discutir as ações voltadas ao fenômeno do envelhecimento que já estavam sendo executadas ou se encontravam em fase de planejamento.

Atualmente o Fórum busca refletir e avançar frente aos desafios do envelhecimento humano, associado à realidade e aos compromissos educacionais e científicos das IES.

A Universidade Federal de Pelotas é representada desde 2009 pela coordenadora do Núcleo de Atividades para a Terceira Idade (NATI) e Atividades Físicas na Terceira Idade, a professora Adriana Schüller Cavalli, que em 2012 convidou as participantes dos projetos de extensão em atividade, para participarem juntamente com os acadêmicos do curso de Educação Física do VI Fórum Gaúcho das IES com ações voltadas ao envelhecimento e X Encontro Estadual de alunos da terceira idade realizado nos dias 25 e 26 de outubro, em 2012 na cidade de Porto Alegre/RS. Foi solicitada a universidade auxílio para o transporte a

fim de realizar o deslocamento dos participantes para o evento que se realizou no Centro Universitário Metodista do IPA - Porto Alegre/RS. Os interessados em participar deveriam arcar com as despesas pessoais e a inscrição no evento.

O convite levou em consideração o lazer dos idosos, oferecendo ao grupo a viagem, o convívio informal fora das atividades corriqueiras dos projetos e o atendimento das atividades propostas pelo Fórum. No evento os participantes tiveram oportunidade de trocar experiências através do encontro dos alunos da terceira idade.

O evento também oportunizou palestras, atividades culturais e oficinas integrando o público acadêmico e os idosos participantes do evento. Segundo Mori e Silva (2010) o lazer tem um papel importante na vida das pessoas, proporcionando que os idosos tenham uma vida mais descontraída, socializando com outras pessoas e culturas, participando da vida social e efetivando consequentemente sua inserção no meio sociocultural.

Dentro deste contexto, o objetivo deste estudo foi descrever a programação do evento realizado em 2012 e relatar as atividades, em especial as oficinas, que despertaram o maior interesse dos acadêmicos e dos idosos alunos dos projetos de extensão que participaram do evento.

Metodologia

O presente estudo foi do tipo descritivo e observacional. A amostra foi intencional composta por 7 acadêmicos da ESEF/UFPel e 25 idosos integrantes dos projetos de extensão com ações voltadas ao envelhecimento da ESEF/UFPel, sendo no total 32 indivíduos que participaram do VI Fórum Gaúcho das IES com ações voltadas ao envelhecimento e X Encontro Estadual de alunos da terceira idade, realizado nos dias 25 e 26 de outubro de 2012, na cidade de Porto Alegre/RS. Com o intuito de promover uma opção de lazer assim como uma oportunidade de atualização cultural e de conhecimento acerca de temas relacionados ao envelhecimento, a participação e a aprovação dos integrantes deste grupo neste evento em 2012 poderá ser um fator determinante na participação efetiva dos usuários do NATI em eventos futuros.

Resultados

O evento foi realizado em dois dias e ofereceu aos

participantes as seguintes atividades descritas no abaixo:

Atividades realizadas no VI Fórum Gaúcho das IES com ações voltadas ao envelhecimento e X Encontro Estadual de alunos da terceira idade realizado nos dias 25 e 26 de outubro, em 2012 na cidade de Porto Alegre/RS:

Dia 25 de Outubro:

Apresentação Artística - Coral do Programa de Extensão da Universidade do Adulto Maior - IPA - Regência Professora Jaqueline Barreto.

Palestra de Abertura "Envelhecimento e cidadania: rompendo barreiras" com o Professor Vicente Faleiros (Brasília).

Oficinas - Momento de revelação de talentos - Local: Hall do prédio C.

Jantar Dançante por adesão.

Dia 26 de Outubro:

Palestra Universidade e Idosos: Rompendo Fronteiras - Professora Mestre Eliane Blessmann (UFRGS).

Apresentações Culturais - Teatro (Unilasalle).

Coral Encanto (FAMES), Grupo de Percussão do Programa Celari (UFRGS), Grupo Dançar na Terceira Idade (UNISC).

Apresentação de posters.

Lançamento de Livros e Produções dos Programas (Unijuí, Unilasalle, FAMES, UFRGS e UNISC).

Encerramento.

Os acadêmicos e os idosos alunos dos projetos de extensão participaram do evento no dia 25 de outubro, por se tornar muito dispendioso as despesas com hospedagem e também em função de que muitos idosos terem demonstrado interesse em retornar aos seus lares a noite. No primeiro dia do evento foram ofertadas 4 oficinas no primeiro horário da tarde e mais 4 no segundo horário da tarde, sendo assim, cada participante poderia optar no momento da inscrição por até 2 oficinas. Foram oferecidas as seguintes oficinas: Ginástica Chinesa, Contação de Histórias, Oficina de Memória, Oficina de Teatro, Plantas Medicinais, Jogos Adaptados, Espiritualidade, Afro Capoeira. Conforme demonstrado nos Gráficos 1 e 2 a seguir, foi possível observar maior interesse dos idosos e dos acadêmicos pelas oficinas que envolveram práticas corporais, sendo que a mais procurada com 32 participantes (7 acadêmicos e 25 idosos) foi a oficina de ginástica chinesa no primeiro horário; e no segundo horário a

oficina de jogos adaptados contou com a participação de 15 pessoas (1 acadêmico e 14 idosos) seguido pela oficina de afro capoeira com um total de 8 pessoas (6 acadêmicos e 2 idosos). A oficina de espiritualidade teve o interesse de 8 idosos no segundo horário e a de plantas medicinais por 1 idosa.

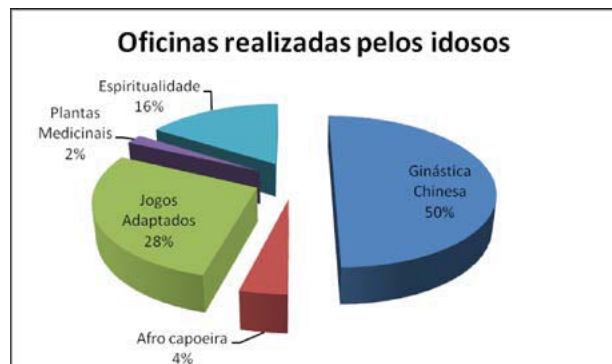


Gráfico 1: Oficinas realizadas pelos idosos
Fonte: Elaborado pelo autor



Gráfico 2: Oficinas realizadas pelos acadêmicos da ESEF
Fonte: Elaborado pelo autor

Conclusão

O interesse dos participantes por atividades corporais pode estar diretamente relacionado ao fato de que os participantes dos projetos de extensão são indivíduos que procuram manterem-se ativos. Os projetos possuem como objetivo oferecer atividade física atuando na promoção de saúde e qualidade de vida na terceira idade, e sempre que possível busca oportunizar momentos de integração através da participação em bailes, palestras e eventos como o Fórum Gaúcho, oportunizando a atualização dos idosos e dos acadêmicos sobre temas relevantes ao meio sociocultural onde se inserem e atuam.

Tendo em vista a grande aceitação dos participantes no evento em 2012 e com o intuito de promover e proporcionar atividades de lazer aos idosos e acadêmicos da ESEF envolvidos no projeto de extensão, está previsto e sendo organizado que nos dias 14 e 15

de outubro de 2014, os participantes dos projetos de extensão poderão mais uma vez participar do Fórum Gaúcho. O evento deste ano intitulado como VII Fórum Gaúcho das IES com Ações Voltadas ao Envelhecimento e o XI Encontro Estadual de Alunos da Terceira Idade será sediado na Universidade de Santa Cruz do Sul, UNISC, com a temática “Envelhecimento: Novos papéis na sociedade contemporânea”. Os participantes dos projetos de extensão do NATI e Atividades Físicas na Terceira Idade, e os acadêmicos envolvidos nos projetos foram convidados a ministrar uma oficina no evento, dando a oportunidade da troca de experiência entre gerações e maior formação acadêmica dos futuros profissionais de Educação Física da ESEF/UFPel.

Referências

JOB, Laury Garcia; BARRILI, Heloísa; JECKEL, Emílio. Histórico do Fórum Gaúcho das IES com Ações Voltadas ao Envelhecimento; 2000. Anais I Fórum Gaúcho das IES com Ações Voltadas ao Envelhecimento, PUCRS, 2000.

MORI, Guilherme; SILVA, Luciane Ferreira. Lazer na terceira idade: desenvolvimento humano e qualidade de vida. Motriz, Rio Claro, v.16 n.4 p.950-957, out./dez. 2010.

VI FORUM GAÚCHO DAS IES COM AÇÕES VOLTADAS AO ENVELHECIMENTO E X ENCONTRO ESTADUAL DE ALUNOS DA TERCEIRA IDADE. Envelhecimento e cidadania: rompendo fronteiras. Folder da programação do Evento 2012.

Referência eletrônica

VII FORUM GAÚCHO DAS IES COM AÇÕES VOLTADAS AO ENVELHECIMENTO E XI ENCONTRO ESTADUAL DE ALUNOS DA TERCEIRA IDADE. Envelhecimento: Novos papéis na sociedade contemporânea. Disponível em: <http://novocomunicacord.blogspot.com.br/2014/07/vii-forum-gaucha-das-ies-com-acoes.html> acesso em 27 de julho de 2014.

LEVANTAMENTO DOS DADOS OBTIDOS NO NÚCLEO DE ESTUDOS E TRATAMENTO DOS TRAUMATISMOS ALVELODENTÁRIOS NA DENTIÇÃO DECÍDUA (NETRAD)

VELASQUES, Bibiana Dalsasso

Aluna de Graduação em Odontologia/UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

GOETTEMS, Marília Leão

Aluna de Graduação em Odontologia/UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

TORRIANI, Dione Dias

Professor do Departamento de Odontologia Social e Preventiva FO/UFPel

BALDISSERA, Elaine Zanquim

Professor do Departamento de Semiologia e Clínica FO/UFPel

COSTA, Vanessa Polina Pereira

Professor do Departamento de Odontologia Social e Preventiva FO/UFPel, coordenador

O Núcleo de Estudos e Tratamento dos Traumatismos Alveolodentários na Dentição Decídua (NETRAD) é um projeto de extensão que existe desde 2002. Nele os alunos de graduação tem a oportunidade de vivenciar situações clínicas com as quais só se deparam em atendimento de urgência nas clínicas da Unidade de Clínica Infantil, além de discutir e debater sobre esses casos e acompanhá-los. É um serviço que atende crianças que sofreram traumatismo nos dentes decíduos, da cidade de Pelotas e região, sendo considerado como referência e recebendo pacientes encaminhados pela Residência em Cirurgia Buco Maxilo Facial da Faculdade de Odontologia da UFPel que atua junto ao Pronto Socorro Municipal, das Unidades Básicas de Saúde e de consultórios particulares.

O objetivo geral deste projeto é realizar o tratamento de pacientes com traumatismo em dentes decíduos, desde o atendimento imediato até a preservação e documentação completa do caso. Também é previsto que seja feito todo o atendimento odontológico de que os pacientes precisam e o acompanhamento da erupção dos dentes sucessores permanentes, por acadêmicos de graduação e pós-graduação. Além disso, promove o reforço da aprendizagem dos procedimentos técnico-científicos, aplicação de técnicas para o tratamento imediato e mediato das situações de traumatismo alveolodentário, treinamento na identificação de sequelas nos dentes decíduos traumatizados e seus sucessores permanentes e realização de estudos sobre a prevalência e distribuição dos traumatismos alveolodentários de acordo com diferentes variáveis individuais e contextuais. O interesse pelo estudo dos traumatismos alveolodentários na dentição decídua se deve provavelmente a alta prevalência destas injúrias (Wendt et al. 2010; Viegas et al. 2010), além do alto potencial de gerar sequelas tanto nos dentes decíduos (Borun e Andreasen 1998; Cardoso e Carvalho Rocha 2002) como nos dentes permanentes (Jácomo e Campos 2009).

Metodologia

Para realizar o levantamento dos dados sobre o referido projeto foi necessário a análise dos prontuários de todos os pacientes atendidos no Núcleo de Estudos e Tratamento dos Traumatismos Alveolodentários na Dentição Decídua (NETRAD) desde 2002.

Para tanto, o acompanhamento dos pacientes precisa estar atualizado e todos os registro fotográficos e radiográficos devem ser armazenados para que toda a documentação do paciente seja devidamente arquivada. A bolsista PROBEC tem a função de organizar todos estes dados e agendar os pacientes para as consultas de controle, bem como identificar aqueles que faltam a estas consultas e que precisam ser reagendados. Para os pacientes antigos que não retornaram ou que se perdeu o contato, especialmente por mudança do número de telefone é enviado cartas ou

contato através das redes sociais.

Os dados presentes nos prontuários são: idade, sexo, etiologia do traumatismo, local de ocorrência, dente atingido, número de dentes envolvidos, quem presenciou o traumatismo, tempo de busca por atendimento e tipo de traumatismos (classificação de acordo com os critérios de Andreasen e Andreasen, 2001). As radiografias são digitalizadas e armazenadas juntamente com as fotografias em um banco de dados específico.

Os dados foram duplamente digitados no Epi-Info 6.04 e analisados através de estatística descritiva. Antes dos procedimentos clínicos os pais assinam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando o atendimento e a utilização dos dados em pesquisas futuras. O estudo para a realização do levantamento de dados foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Odontologia-UFPEL.

Variáveis		Total		Idade(meses)											
				0-12		13-24		25-36		37-48		49-60		>60	
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Total		603	(100)	24	(4,0)	114	(18,9)	149	(24,7)	132	(21,9)	95	(15,7)	89	(14,8)
Sexo	Masculino	355	(58,9)	15	(62,5)	64	(56,1)	89	(59,7)	79	(59,9)	59	(62,1)	49	(55,1)
	Feminino	248	(41,1)	9	(37,5)	50	(43,9)	60	(40,3)	53	(40,1)	36	(37,9)	40	(44,9)
Causas*	Queda própria altura	241	(41,0)	7	(29,2)	50	(45,4)	73	(49,3)	53	(41,4)	29	(32,2)	29	(32,9)
	Queda de altura	182	(30,9)	11	(45,3)	48	(43,6)	46	(31,1)	31	(24,2)	26	(28,9)	20	(22,7)
	Colisão	114	(19,4)	4	(16,7)	10	(9,1)	21	(14,2)	32	(25,0)	23	(25,6)	24	(27,3)
	Acidentes	40	(6,8)	2	(8,3)	-	-	4	(2,7)	11	(8,6)	10	(11,1)	13	(14,8)
	Outros	11	(1,9)	-	-	2	(1,8)	4	(2,7)	1	(0,8)	2	(2,2)	2	(2,3)
Local de ocorrência*	Casa	289	(60,2)	17	(80,9)	62	(73,8)	69	(57,9)	61	(59,2)	41	(53,9)	39	(50,6)
	Escola	28	(5,8)	-	-	3	(3,6)	6	(5,0)	5	(4,8)	3	(3,9)	11	(14,3)
	Rua	88	(18,3)	2	(9,5)	8	(9,5)	24	(20,2)	21	(20,4)	19	(25,0)	14	(18,2)
	Outros	75	(15,7)	2	(9,5)	11	(13,1)	20	(16,8)	16	(15,5)	13	(17,1)	13	(16,9)
Quem presenciou*	Mãe	158	(41,5)	11	(78,6)	29	(45,3)	43	(45,3)	30	(37,0)	28	(48,3)	17	(24,6)
	Pai	26	(6,8)	-	-	3	(4,7)	6	(6,3)	7	(8,6)	4	(6,9)	6	(8,7)
	Avó	28	(7,3)	-	-	5	(7,8)	4	(4,2)	10	(12,3)	4	(6,9)	5	(7,2)
	Outro cuidador	98	(25,7)	1	(7,1)	13	(20,3)	23	(24,2)	17	(20,9)	14	(24,1)	30	(43,5)
	Ninguém	48	(12,6)	2	(14,3)	10	(15,6)	14	(14,7)	9	(11,1)	6	(10,3)	7	(10,2)
	Mãe e pai	23	(6,1)	-	-	4	(6,2)	5	(5,3)	8	(9,9)	2	(3,4)	4	(5,8)
Nº dentes	0	27	(4,5)	8	(33,3)	8	(7,0)	6	(4,0)	-	-	3	(3,2)	2	(2,4)
	1	258	(42,8)	5	(20,8)	45	(39,5)	67	(45,0)	57	(43,2)	46	(48,4)	38	(45,2)
	2	240	(39,8)	9	(37,6)	51	(44,7)	66	(44,3)	50	(37,9)	35	(36,8)	29	(34,5)
	3 ou +	78	(12,9)	2	(8,3)	10	(8,8)	10	(6,7)	25	(18,9)	11	(11,6)	15	(17,9)
Tempo até o atendimento*	Até 24h	283	(48,5)	16	(66,7)	63	(57,8)	70	(47,3)	62	(49,2)	41	(44,6)	31	(36,9)
	1-2 dias	56	(9,6)	2	(8,3)	10	(9,2)	14	(9,5)	14	(11,1)	6	(6,5)	10	(11,9)
	3-7 dias	66	(11,3)	5	(20,8)	14	(12,8)	18	(12,2)	12	(9,5)	10	(10,9)	7	(8,3)
	30 dias	75	(12,9)	-	-	13	(11,9)	25	(16,9)	19	(15,1)	9	(9,8)	9	(10,7)
	6 mese	44	(7,6)	1	(4,2)	6	(5,5)	9	(6,1)	7	(5,6)	10	(10,9)	11	(13,1)
	>6 meses	59	(10,1)	-	-	3	(2,7)	12	(8,1)	12	(9,5)	16	(17,4)	16	(19,1)

Tabela 1. Distribuição por idade das crianças atendidas no Núcleo de Estudos e Tratamento dos Traumatismos Alveolodentários na Dentição Decídua (NETRAD) de acordo com os fatores relacionados ao traumatismo. (n=603)

Fonte: tabela elaborada pelo autor a partir dos dados coletados

Resultados

Dos 707 prontuários de crianças atendidas durante o período de maio de 2002 a julho de 2011, 104 prontuários foram excluídos por não apresentarem documentação completa, outros por diagnósticos que não traumatismo ou por traumatismo em dente permanente. Consequentemente, um total de 603 prontuários de crianças que sofreram traumatismo na dentição decídua foi analisado (Tabela 1).

A idade variou de 8 a 89 meses, sendo que a maior ocorrência de traumatismo ocorreu na faixa etária dos 25-36 meses (24,7%), acompanhada dos 37-48 meses (21,9%). A média e a mediana de idade foram de 41,1 meses ($\pm 18,2$) e 38 meses, respectivamente. Este estudo incluiu 355 (58,9%) meninos e 248 (41,1%) meninas. Os meninos apresentaram maior ocorrência de traumatismo do que as meninas em todas as faixas etárias, com uma proporção de 1,4:1. A maior causa de traumatismos foi a queda da própria altura (41%), quando a criança está caminhando ou correndo e a queda de altura (30,9%), quando ela cai de algum objeto como cama ou sofá. Crianças com menos de 24 meses apresentam maior número de injúrias causadas por queda de altura. A maioria das injúrias ocorreu em casa (60,2%) e as mães foram as que mais presenciaram a ocorrência da injúria (41,5%). Geralmente dois (39,8%) ou mais dentes foram atingidos (12,9%). Vinte e sete crianças (4,5%) apresentaram apenas lesões em tecidos moles. A busca por atendimento ocorreu, geralmente no mesmo dia (48,5%).

O total de dentes traumatizados foi de 1043 dentes

e 77,8% das injúrias envolveu os incisivos centrais superiores. Injúrias que envolveram os tecidos de suporte foram as mais comuns, ocorrendo em 814 dentes. De acordo com o tipo de traumatismo, a subluxação foi o mais comum (21,8%), acompanhada da avulsão (15,5%) e da intrusão (15,0%). As injúrias envolvendo os tecidos duros do dente estiveram presentes em 229 dentes sendo a fratura de esmalte a mais comum (8,9%) acompanhada da fratura de esmalte e dentina (7,3%) (Tabela 2).

Conclusão

De acordo com os dados do referido projeto de extensão, conclui-se que crianças de 3 a 4 anos estão mais suscetíveis a ocorrência de injúrias. Um número considerável de pacientes foi atendido neste período, sendo que a grande maioria recebeu ou ainda recebe acompanhamento até a erupção dos dentes permanentes. Atividades preventivas e de esclarecimento aos pais e cuidadores destas crianças devem ser realizadas para minimizar a ocorrência destas lesões. Além disso, os profissionais precisam estar aptos ao atendimento de qualquer tipo de traumatismo, no entanto, os mais complexos precisam de um atendimento especializado e imediato.

Tipo de Traumatismo		Total		Molares		Caninos		Incisivos Inferiores		Incisivos centrais superiores		Incisivos laterais superiores	
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Total		1043	(100)	12	(1,2)	20	(1,9)	40	(3,8)	812	(77,8)	159	(15,3)
Tecidos Duros	FE	93	(8,9)	2	(16,7)	-	-	1	(2,5)	72	(8,9)	18	(11,3)
	FED	76	(7,3)	3	(25,0)	1	(5,0)	1	(2,5)	61	(7,5)	10	(6,3)
	FEDP	29	(2,8)	1	(8,2)	-	-	-	-	26	(3,2)	2	(1,2)
	FCR	25	(2,4)	2	(16,7)	-	-	-	-	21	(2,5)	2	(1,2)
	FR	6	(0,6)	-	-	-	-	1	(2,5)	5	(0,6)	-	-
Tecidos de Suporte	Concussão	88	(8,4)	-	-	4	(20,0)	1	(2,5)	62	(7,6)	21	(13,2)
	Subluxação	227	(21,8)	-	-	1	(5,0)	18	(45,0)	183	(22,5)	25	(15,8)
	Luxação L	135	(13,0)	2	(16,7)	2	(10,0)	3	(7,5)	97	(11,9)	31	(19,6)
	Intrusão	157	(15,0)	-	-	-	-	1	(2,5)	134	(16,5)	22	(13,8)
	Extrusão	45	(4,3)	-	-	-	-	3	(7,5)	34	(4,2)	8	(5,0)
	Avulsão	162	(15,5)	2	(16,7)	12	(60,0)	11	(27,5)	117	(14,4)	20	(12,6)

FE- Fratura de esmalte, FED- fratura de esmalte dentina e polpa, FEDP- fratura de esmalte dentina e polpa, FCR- fratura coronorradicular, FR- fratura de raiz.

Tabela 2. Distribuição dos dentes de acordo com o tipo de traumatismo (n= 1043 dentes). NETRAD, Pelotas, Brasil.

Fonte: tabela elaborada pelo autor a partir dos dados coletados

Referências

- ANDREASEN, J.O.; ANDREASEN, F.M. Textbook and color atlas of traumatic injuries to the teeth. 3rd ed, Copenhagen: Blackwell Munksgaard, 2001. p. 151–180. AVSAR, A.; TAPALOGLU, B. Traumatic tooth injuries to primary teeth of children aged 0-3 years. *Dent Traumatol.*, v.25, n.3, p.323–327, 2009.
- BORUN, M.K.; ANDREASEN, J.O. Sequelae of trauma to primary maxillary incisors I. Complications in the primary dentition. *Endod Dent Traumatol.*, v. 14, n.1, p. 31- 44, 1998.
- CARDOSO, M.; CARVALHO ROCHA, M.J. Traumatized primary teeth in children assisted at the Federal University of Santa Catarina, Brazil. *Dent Traumatol.*, v. 2002;18:129–33.
- EYUBOGLU, O.; YILMAZ, Y.; ZEHIR, C. et al. A 6-year investigation into types of dental trauma treated in a paediatric dentistry clinic in Eastern Anatolia Region, Turkey. *Dent Traumatol.*, v.25, n.1, p.110–114, 2009.
- JÁCOMO, D.R.E.S.; CAMPOS, V. Prevalence of sequelae in the permanent anterior teeth after trauma in their predecessors: a longitudinal study of 8 years. *Dent Traumatol.*, v.25, n.3, p.300–304, 2009.
- WENDT, F.P.; TORRIANI, D.D.; ASSUNÇÃO, M.C.F. et al. Traumatic dental injuries in primary dentition: epidemiological study among preschool children in South Brazil. *Dent Traumatol.*, v.26, n.2, p. 168–73, 2010.

O CAVALO DE TRAÇÃO COMO SINALIZADOR NA SAÚDE PÚBLICA

FINGER, Ilusca Sampaio

Aluna do Programa de Pós Graduação em Biotecnologia/UFPeI

OLIVEIRA, Douglas Pacheco

Aluno do Programa de Pós Graduação em Veterinária/UFPeI

KICKHOFEL, Luan de Andrade

Aluno do Curso de Medicina Veterinária/UFPEL, bolsista PROBEC

CURCIO, Bruna da Rosa

Professora do Departamento de Clínicas Veterinárias/UFPeI, orientadora

NOGUEIRA, Carlos Eduardo Wayne

Professor do Departamento de Clínicas Veterinárias/UFPeI, coordenador.

No Brasil, observa-se o uso crescente de equídeos de tração nas metrópoles, como uma atividade da economia informal (REZENDE, 2004; MARANHÃO et al., 2006). Um grande número de pessoas sobrevive da coleta, separação, classificação e venda da enorme quantidade de material reciclável existente no lixo da população. A coleta destes materiais é feita principalmente por carroceiros ou charreteiros e a separação e classificação do lixo as vezes é realizada no próprio domicílio (GARCÍA, 2002).

Os cavalos de carroça são utilizados como meio de trabalho da população de baixa renda. Estes animais, são exigidos com uma intensa carga horária de trabalho e excesso de peso nas carroças, além de serem submetidos a um manejo sanitário e nutricional inadequado (OLIVEIRA et al., 2010), o que os torna suscetíveis a diversas enfermidades.

O objetivo deste estudo é demonstrar que o atendimento clínico dos médicos veterinários aos equinos de tração é útil como uma ferramenta de orientação da população com relação a zoonoses.

Metodologia

Este trabalho foi realizado no Ambulatório Veterinário, projeto da Faculdade de Veterinária, da Universidade Federal de Pelotas, como parte do projeto Atenção Integral a Carroceiros e Catadores de Lixo de Pelotas, o qual realiza prestação de serviço e assistência gratuitos aos proprietários de cavalos de carroça e charrete do município de Pelotas, pertencentes a uma comunidade próxima ao local.

O atendimento clínico aos equinos é realizado duas vezes na semana, no qual a avaliação é através da identificação do animal, anamneses, exame clínico geral e exame clínico específico, conforme alteração observada. Quando necessário são realizados exames complementares, como hemogramas, radiografias, ultrassonografias, avaliação sorológica, e em determinados casos, são solicitados retornos ao ambulatório ou encaminhamento ao Hospital de Clínicas Veterinária (HCV) para internação e tratamento.

O atendimento ambulatorial gratuito tem como público alvo equinos de tração, que de acordo com suas condições, não possuem manejo nutricional e sanitário satisfatórios, o que facilita a propagação de diversas doenças. O médico veterinário através do atendimento

clínico orienta os proprietários da importância de práticas de manejo higiênico-sanitárias.

Resultados

Os cavalos atendidos no ambulatório, em sua grande maioria vivem sob uma precária oferta alimentar e deficiente profilaxia de doenças infecciosas e parasitárias. Esta situação dos equinos de tração de Pelotas está relacionada com os fatores culturais, sociais, falta de poder aquisitivo dos proprietários, os quais obtêm sustento familiar do trabalho deste animais. Isto, os impede de proporcionar um manejo apropriado que mantenham a saúde e o bem-estar de seus animais, como descreveu Oliveira (2010).

Em equinos de tração, 55% da incidência para leptospirose está relacionada com o ambiente em que vivem. De acordo com Hashimoto et al., (2007), os animais que residem em regiões periféricas são predispontes a infecção por estarem em permanente contato com roedores e outros animais domésticos infectados. A leptospirose por ser uma enfermidade, com alto potencial zoonótico, é fundamental a conscientização da população de baixa renda sobre medidas profiláticas.

O Ambulatório Veterinário atende um grande número de animais que apresentam contato direto com pessoas. Zoonoses como Leptospirose, Brucelose, Tuberculose e Raiva devem ser considerados e o seu diagnóstico perseguido para que além de fazer profilaxia aos animais, se possa usa-los com sentinela.

Os médicos veterinários orientam os proprietários em relação a boas condições sanitárias, desta forma, é possível realizar o manejo adequado aos equinos e evitar a transmissão de doenças.

Conclusão

O atendimento clínico aos equinos de tração no ambulatório veterinário propicia o desenvolvimento de estratégias da saúde dos animais, além de interferir na melhoria da qualidade de vida da comunidade.

Referências

GARCÍA, F.; Duque V. Guatemala - Trabajo infantil en los basureros: una evaluación rápida. Geneva: Oficina Internacional del Trabajo; 2002. Report No.: 34.

HASHIMOTO, V.Y.; GONÇALVES, D.D.; SILVA, F.G.; OLIVEIRA, R.C.; ALVES, L.A.; REICHMANN, P.; MULLER, E.E. & FREITAS, J.C. - Occurrence of antibodies against *Leptospira* spp. in horses of the urban area of Londrina, Paraná, Brazil. *Rev. Inst. Med. trop. S. Paulo*, 49(5): 327-330, 2007.

MARANHÃO, R. P. A.; PALHARES, M. S.; MELO, U. P.; REZENDE, H. H. C.; BRAGA, C. E.; SILVA FILHO, J. M.; VASCONCELOS, M. N. F. Afecções mais frequentes do aparelho locomotor dos equídeos de tração no município de Belo Horizonte. *Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia*, v.58, n.1, p.21-27, 2006.

OLIVEIRA, D.P.; FEIJÓ, L.; COSTA, G.G.; MARTINS, C.F.; NOGUEIRA, C.E.W. Principais alterações clínicas encontradas nos cavalos de carroça de Pelotas-RS, relacionadas com o perfil das famílias de carroceiros. In: XIX CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E XII ENCONTRO DA PÓS GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Anais. Pelotas, 2010.

REZENDE, H. H. C. Impacto ambiental, perfil socioeconômico e migração dos carroceiros em Belo Horizonte do setor formal para o informal no período de 1998 a 2003. 61f. Dissertação (Mestrado em Medicina e Cirurgia) - Escola de Veterinária, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

O CONHECIMENTO DE PROFESSORES E AUXILIARES DA EDUCAÇÃO INFANTIL A RESPEITO DE PRIMEIROS SOCORROS

JUNIOR, Odir Victoria Peres

Acadêmico 6º Semestre Faculdade de Enfermagem
UFPEL

AGNESE, Beatriz Lopes

Acadêmica 1º Semestre Faculdade de Enfermagem
UFPEL

DIAS, Letícia Valente

Acadêmica 8º semestre Faculdade de Enfermagem
UFPEL

RODRIGUES, Luiza Pereira Vargas

Acadêmica 2º Semestre Faculdade de Enfermagem
UFPEL

AZEVEDO, Norlai Alves

Docente Faculdade de Enfermagem UFPEL, orientadora
e coordenadora

Este trabalho aborda a experiência vivenciada por acadêmicos multi-semestrais do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas que participam do Programa de Treinamento de Primeiros Socorros para a Comunidade. Como parte das atividades do projeto, ministraram palestras para professores e auxiliares em educação infantil sobre a primeiros socorros, buscando qualificar os profissionais para que possam agir diante de situações de acidentes brandos, semicríticos ou críticos, como por exemplo uma parada cardiorrespiratória, e possíveis acidentes envolvendo crianças. O trabalho de educação em saúde foi realizado junto à comunidade docente de educação infantil do município de Pelotas.

Diante dos relatos destes profissionais, fora perceptível o déficit de conhecimento relacionado ao tema, os quais referiram que por mais que haja a vontade, não saberiam como lidar em ocasiões de emergência e que poderiam até mesmo piorar o caso. Além disso, evidenciou-se que muitos mitos ainda são cultivados por eles, como o risco de engolir a língua, friccionar o ferimento de queimadura nos cabelos, entre outros. Acreditamos que este trabalho possa nortear uma melhor análise futura e contribuir para a inclusão no currículo base destes profissionais uma qualificação em primeiros socorros, bem como no currículo escolar de seus alunos. Desta maneira entendemos que, a partir do conhecimento acerca dos primeiros socorros poderiam prevenir a ocorrência de acidentes e minimizar agravos quando expostos a tais.

Metodologia

O presente estudo trata-se de um relato de experiência de uma atividade promovida pelo “Programa de treinamento em primeiros socorros para a comunidade” desenvolvida para professores e auxiliares da educação infantil atuantes no município de Pelotas – RS. Foram capacitadas 73 pessoas, por meio de palestras expositivas e atividades práticas, contando ainda com materiais como projetor, tela de projeção, computadores, manequins de reanimação cardiopulmonar adulto e infantil, talas, ataduras, prancha rígida com cinto tipo polvo, colares cervicais, e tesoura de cortar vestes. A atividade atingiu carga horária de 10 horas abordando

os temas: suporte básico de vida infantil e adulto, ferimentos, hemorragias, acidentes com animais peçonhentos, intoxicações, convulsões, desmaio, engasgo, imobilizações, queimaduras, entre outros pertinentes ao cenário escolar, enfatizando condutas de primeiros socorros e medidas preventivas.

Resultados

É evidente que acidentes com crianças no ambiente escolar são muito frequentes, pois, segundo Barros (2011), no seu desenvolvimento passam por etapas como a curiosidade, que as levam a realizar ações que podem gerar riscos. Sendo assim, cabe aos professores e auxiliares possuírem os conhecimentos necessários para a prestação adequada de socorro em cada situação, além de prevenir possíveis acidentes. Comumente é observado que, por exemplo, o educador apenas percebe o perigo após algum fato ter ocorrido, como algum objeto que pode machucar alguma criança.

Segundo Colluci (2007), muitos professores não recebem treinamento adequado em primeiros socorros e assim, não sabem como proceder diante de situações. Como experiência, ao perguntarmos à professores e auxiliares em educação infantil se já haviam vivenciado alguma situação em que houve necessidade de prestar um primeiro atendimento em sala de aula, a maioria contou que já haviam precisado prestar socorro à algum de seus educandos. Além disso, questionamos sobre a conduta a ser tomada em diferentes situações e informaram que ou chamavam a direção da escola ou algum serviço de saúde especializado, demonstrando carência de informações e a necessidade de conhecimento, o que justificou o interesse dos docentes na atividade desenvolvida pelo Programa de Treinamento em Primeiros Socorros à Comunidade. Além disso, ressalta-se que, a ausência de atendimento imediato ou manejo inadequado em situações críticas de saúde pelas pessoas presentes no local, em muitos casos, podem promover o agravamento da situação, o que aumentaria o risco de sequelas.

Segundo Freire (1983, p.149), “não existe dicotomia entre reflexão e prática, daí a importância de se incluir os primeiros socorros na escola; no movimento de “ação, reflexão e ação, simultaneamente.” Desta forma, podemos refletir que a prevenção de acidentes e o conhecimento acerca de primeiros socorros devem ser trabalhos e desenvolvidos pelos docentes e até pelos discentes, como afirma Sena (2006) ao dizer que

as próprias escolas deveriam oferecer capacitações para seus professores relacionadas a procedimentos de primeiros socorros e até em estratégias preventivas. Além disso, ressalta-se que estes profissionais trabalham com faixas etárias que estão em formação, e assim a temática poderia acrescentar na vida destes alunos, mostrando sua importância.

Conclusão

Após reflexões sobre a temática, concluímos ao final desta experiência que professores e auxiliares de educação infantil possuem um déficit de conhecimento acerca de primeiros socorros. Dito isto, o fato pode refletir-se negativamente no futuro, pois em situações emergenciais a adoção de medidas de primeiro atendimento é decisiva para a redução de agravos e sobrevida da vítima.

Deste modo, acreditamos que estes profissionais, por atuarem junto a um público sensível aos diversos riscos comuns no ambiente escolar, deveriam ser capacitados para agirem em situações de acidentes cotidianos e em sua prevenção. Para tal, o sistema educacional deveria sofrer mudanças, como a obrigatoriedade da capacitação em primeiros socorros a docentes, devendo também estender-se ao corpo de funcionários da escola e, inclusive, aos discentes. Ainda, esperamos reforçar a conscientização de discutir e abordar técnicas voltadas aos primeiros socorros, a fim de somar conhecimentos e zelar pelo direito à vida.

Referências

- COLLUCCI, C. Acidente infantil ocorre perto de adulto. Folha on-line, São Paulo, 03 jul. 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u123446.shtml>>. Acesso em: 04 jul. 2014.
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- BARROS, L.S. Prevenção de acidentes em um centro de educação infantil de Araguaína – TO. Universidade Federal do Tocantins, Programa Nacional de Gestores da educação Básica do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Coordenação Pedagógica, 2011.

SENA, S. P. A representação social dos acidentes escolares por educadores em escola de 1ª a 4ª série do ensino fundamental. Belo Horizonte, 2006. 147f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde da Criança e do Adolescente)- Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

Referências eletrônicas

RIBEIRO, C.S.; Os primeiros socorros como uma competência de efetivação dos direitos referentes à vida e à saúde: O desafio do educador infantil. Editora UNOESC. Disponível em:<<http://editora.unoesc.edu.br/index.php/coloquiointernacional/article/download/1228/596>>. Acesso em: 05 jul. 2014.

OFICINA DE ANESTESIOLOGIA DO PET

SEHNEM, Gabriela Dutra

Aluno do Curso Odontologia/UFPel, bolsista do PET Odontologia UFPel

SILVA, Caroline Fernandes

Aluno do Curso Odontologia/UFPel, bolsista do PET Odontologia UFPel

FURICH, Michelle

Aluno do Curso Odontologia/UFPel, bolsista do PET Odontologia UFPel

KINALSKI, Mateus

Aluno do Curso Odontologia/UFPel, bolsista do PET Odontologia UFPel

MARTOS, Josué

Professor do Departamento de Semiologia e Clínica da Faculdade de Odontologia/UFPel, Tutor do PET Odontologia/UFPel.

A Odontologia infelizmente ainda é vista com receio por grande parte dos pacientes. Uma das origens deste problema é o mito de que todo procedimento odontológico proporciona algum grau de dor ou sofrimento, pois em um passado recente ainda eram comuns experiências desagradáveis no consultório odontológico. Assim como em outras ciências biológicas, o avanço da Odontologia tem sido evidente com melhoramentos na anestesia local, principalmente com o advento de novas técnicas anestésicas, tornando o procedimento de anestesia mais confortável ou até indolor.

A efetividade da anestesia local, com o adequado controle de dor é uma importante ferramenta na conquista da confiança do paciente, especialmente dos pacientes sujeitos às diversas fobias odontológicas. Contudo atingir o sucesso da anestesia local é um desafio contínuo na Odontologia, pois existem vários fatores que influenciam nas falhas deste procedimento de rotina dos consultórios odontológicos.

A falha de procedimento na anestesia local é um dos fatores causadores de estresse durante o tratamento odontológico, não apenas para o paciente com a sensação de dor, como também ao cirurgião-dentista ao lidar com uma situação totalmente adversa. Como as falhas do procedimento de anestesia local são comumente frequentes na Odontologia, o profissional deve estar atento para o reconhecimento das possíveis causas e suas estratégias para a boa resolução deste problema (VIEIRA, 2000).

Dessa forma, o projeto “Oficina de Anestesiologia do PET” tem como objetivo possibilitar maior embasamento aos alunos sobre as técnicas anestésicas, com o intuito de desenvolver maior destreza e aperfeiçoamento das técnicas durante o ato anestésico, proporcionando uma visão mais clara a respeito da inervação e vascularização do crânio e da face.

Metodologia

A “Oficina de Anestesiologia do PET” é uma atividade de caráter permanente e anual inserida na filosofia do PET que versa sobre ensino, pesquisa e extensão de forma indissociável. A Oficina trata sobre as principais técnicas para realização de anestésias e regiões anatômicas de referência para tal. A Oficina de Anestesiologia é ministrada por professores do Instituto de

Morfologia e professores do Departamento de Cirurgia, Traumatologia e Prótese Buco-Maxilo-Facial da UFPel.

A dinâmica desta atividade compreende uma demonstração prática com a utilização de crânios que foram produzidos didaticamente pelos membros do Grupo Pet Odontologia com a correspondente inervação de cada área craniana (Figura 1). Cada grupo de alunos é monitorado e recebe as informações técnicas dos especialistas na área, tanto dos anatomistas como os cirurgiões. Esta duplicidade de orientação torna-se importante para a fixação dos pormenores técnicos referentes a cada ato anestésico, com a descrição detalhada em crânio inervado e disponível para tal finalidade.



Figura 1: Crânio com inervação de cada área utilizada na atividade

Fonte: Elaborado pelos autores, 2014

Ocorre a participação de todos os componentes do grupo PET, Tutor e professores convidados. Todas as tarefas são divididas em grupos de trabalho com pequeno número de alunos de modo a realizar da melhor maneira possível, a plenitude dos objetivos propostos (Figura 2).



Figura 2: Equipe de trabalho para a realização da Oficina de anestesiologia.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2014

A execução de cada atividade técnica demonstrativa em crânio humano é feita sob a supervisão cuidadosa

dos professores orientadores, que incentiva para que tudo seja feito com entusiasmo e respeito humano, buscando atingir os alunos da graduação com a maior eficiência possível.

Resultados

A educação é um processo social pelo qual a consciência crítica é desenvolvida, sendo definida como toda e qualquer atividade que tem por objetivo provocar uma mudança de atitudes e/ou comportamento a partir da aquisição de novos conhecimentos, conceitos e atitudes.

No presente projeto, melhorar a relação entre a teoria e a prática daqueles alunos cujos semestres não apresentem em sua grade curricular tais tópicos, aplicando-os como uma forma revisional e de reforço do conteúdo disciplinar. Para o curso de graduação, a busca sistematizada de novos conhecimentos é fundamental para a sua própria existência. A exposição técnico-científica dos procedimentos de anestesiologia em que o aluno está planejando e executando é uma resultante importante neste processo.

Conclusão

Concluimos que as atividades desenvolvidas pelo grupo PET Odontologia durante a realização da Oficina de Anestesiologia, a qual é baseada na didática teórico-prática e que reúne professores especializados na área e alunos principiantes no desenvolvimento de técnicas anestésicas da região de cabeça e pescoço, contribuem de forma significativa para o desenvolvimento de uma melhor formação dos acadêmicos que estão inicialmente adentrando na área cirúrgica especificamente e nas demais áreas que requerem a técnica, consequentemente, auxiliam no melhor entendimento dos mesmos sobre a anatomia da área em que vão atuar durante o procedimento que irá ser realizado, reforçam a didática utilizada na Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pelotas, além de elencar os mais importantes princípios do programa PET que é o melhoramento do ensino de Graduação no seu próprio curso.

Referências

VIEIRA, G. F.; GONÇALVES, E. F. N.; AGRA, C. M. Anestesia Odontológica: Segurança e Sucesso - Parte I. Revista APCD, São Paulo, v. 54, n.1, p.42-44, 2000.

OFICINA DE BELEZOCA: RESIGNIFICANDO A AUTO-ESTIMA DE USUÁRIAS DE UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

VASEM, Mariana Luchese Vasem

Aluna do Bacharelado em Enfermagem/UFPeI, bolsista do PET Saúde Mental/UFPeI

TREICHEL, Carlos Alberto dos Santos

Aluno do Curso de Enfermagem/UFPeI

PAVANI, Fabiane Machado

Aluna do Curso Enfermagem/UFPEL

WILLRICH, Janaína Quinzen

Professora do Departamento de Enfermagem/UFPeI, orientadora, coordenadora do projeto PET-Saúde Mental.

As transformações ocorridas no campo da saúde mental, nos últimos anos, reconfiguraram os modos de entender a loucura e provocaram uma mudança de paradigmas no campo da saúde mental – do psiquiátrico para o psicossocial –, criando novos dispositivos e novas formas de cuidar.

Neste contexto surgem os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), serviços substitutivos ao modelo hospitalocêntrico que se utilizam de diversos recursos, como as atividades de suporte terapêutico, na busca pela reabilitação psicossocial do usuário, objetivando a reinserção social junto à família e comunidade (KANTORSKI et al, 2001).

As oficinas terapêuticas são uma das principais formas de tratamento oferecidas nos CAPS. Caracterizam-se por serem atividades realizadas em grupo com a presença e orientação de um ou mais profissionais, monitores e/ou estagiários e são definidas através do interesse dos usuários, das possibilidades dos técnicos do serviço e das necessidades do serviço, tendo em vista a integração social e familiar, a manifestação de sentimentos e problemas, o desenvolvimento de habilidades corporais, a realização de atividades produtivas e o exercício coletivo da cidadania (BRASIL, 2004).

O Programa de Educação pelo Trabalho – PET Saúde Mental –, como atividade de extensão, ao proporcionar o contato direto com os usuários, possibilita a visualização desse processo de mudança no campo da saúde mental através da inserção dos acadêmicos em serviços como o CAPS.

Dessa forma, esse trabalho tem por objetivo relatar a experiência vivenciada por uma acadêmica de Enfermagem em uma atividade terapêutica dentro de um CAPS do município de Pelotas, RS.

Metodologia

Trata-se de um relato de experiência, fruto das atividades vivenciadas através do projeto PET-Saúde Mental, na oficina terapêutica denominada “Belezoca”, promovida pelo CAPS Zona Norte, localizado no município de Pelotas, RS.

O projeto prevê uma carga horária de 8 horas semanais por alunos bolsistas e 4 horas semanais por alunos voluntários. As atividades realizadas no serviço

incluem o atendimento individual e em grupo, atividades de lazer, grupos de conversação, visitas domiciliares e a participação em oficinas terapêuticas.

A atividade descrita ocorre uma vez por semana, sendo conduzida pela técnica de enfermagem do CAPS e pelos alunos bolsistas e voluntários.

O público alvo são as mulheres, usuárias do serviço, que tenham interesse em participar de atividades de cuidado individual e embelezamento, realizadas através de manicure, cuidados com a pele e cabelos.

A oficina objetiva, além das atividades de auto cuidado e higiene, o desenvolvimento do autoconhecimento, criando condições de convívio que facilitam a interação com os outros e a construção da autonomia.

Resultados

Ao dispor de um espaço de cuidado da aparência dentro do CAPS, a oficina de Belezoca proporciona às usuárias além do aprendizado de cuidados individuais e de higiene, o reconhecimento de si mesmas, com suas características e possibilidades.

A valorização da auto-imagem eleva a auto-estima e faz com que o estigma da doença mental, ainda presente em seus cotidianos de vida, deixe de ser relevante. Possibilita-se, dessa forma, a construção de um novo olhar sobre si mesmo.

Visualiza-se a concretização de um cuidado horizontal, visto que todas as mulheres, desde usuárias, alunas e técnica responsável, interagem de forma conjunta, realizando cuidados mútuos, possibilitando a troca de saberes e a construção de sua própria autonomia.

A Auto-imagem surge da interação da pessoa com seu contexto social e é consequência de relações estabelecidas com os outros e para consigo mesmo. É o reconhecimento que fazemos de nós mesmos, como sentimos nossas potencialidades, sentimentos, atitudes e idéias, a imagem o mais realista possível que fazemos de nós mesmos (MOSQUERA; STOBÄUS, 2006).

Dessa forma, a auto-imagem pode ser caracterizada como o quadro que o indivíduo tem de si mesmo e é a chave que o ser humano tem para compreender seu comportamento e a consistência que ele oferece. O auto-conceito refere-se especialmente a situações vivenciadas que levam o indivíduo a ter experiências de conhecimento (FRAQUELLI, 2008).

As oficinas terapêuticas são atividades de encontro de vidas entre pessoas em sofrimento psíquico, pro-

movendo o exercício da cidadania, a convivência e a expressão de liberdade dos diferentes através da inclusão (VALLADARES et al, 2003).

É nesse enfrentamento do cotidiano mediado pelo uso do tempo, espaço, objetos e inter-relações, que se deve processar o cuidar, ajudando e encorajando o sujeito que precisa readquirir ou adquirir a habilidade para efetuar suas trocas e suas escolhas (BARROS et al, 2007).

Ao possibilitar o (re)conhecimento de si mesmos, e a liberdade de expressão, a oficina de Belezoca promove a reabilitação psicossocial e reafirma a importância do cuidado igualitário, integral e em liberdade.

Conclusão

As oficinas terapêuticas possibilitam o exercício da autonomia do usuário e constituem-se de importantes dispositivos na busca da cidadania e da efetivação da inclusão social plena.

Ao valorizar a auto-imagem do usuário, possibilita-se o aumento da auto-confiança e, consequentemente, da sua capacidade em lidar com as situações de vida.

Diante disso, pode-se dizer que avançamos em direção às transformações nos modos de cuidar o indivíduo com transtorno mental, entendendo a importância de atividades que desmistifiquem a loucura – e todas as suas amarras –, que considerem o sujeito como único e também a sua visão sobre si mesmo.

Referências

- BARROS, S; OLIVEIRA, M. A. F; SILVA, A.L.A. Práticas inovadoras para o cuidado em saúde. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v.41, p.815-9, 2007.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Saúde mental no SUS: os Centros de Atenção Psicossocial. Brasília, 2004.
- FRAQUELLI, Ângela Aita. Relação entre auto-estima, auto-imagem e qualidade de vida em idosos participantes de uma oficina de inclusão digital. / Ângela Aita Fraquelli. Dissertação (Mestrado em Gerontologia Biomédica) – Instituto de Geriatria e Gerontologia, PUCRS. Porto Alegre, 2008.

MOSQUERA J; STOBÄUS C. Auto-imagem, auto-estima e auto-realização: qualidade de vida na Universidade. *Psicologia – Saúde & Doenças*, v.7, n.1, p. 83-88, 2006.

VALLADARES, A. C. A.; LAPPANN-BOTTI, N. C.; MELLO, R.; KANTORSKI, L. P.; SCATENA, M. C. M. Reabilitação psicossocial através das oficinas terapêuticas e/ou cooperativas sociais. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 5, n. 1 p.04–09, 2003.

PAPEL DO GRUPO CLINPET – GRUPO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO EM CLÍNICA DE PEQUENOS ANIMAIS DA FACULDADE DE VETERINÁRIA/UFPEL

LIMA, Camila Moura de

Aluna do Curso de Medicina Veterinária/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

PEREIRA, Sergiane Baes

Aluna do Curso de Medicina Veterinária/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

FORLANI, Gustavo Soares

Mestrando Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária/UFPEL, bolsista CAPES/UFPeI

TILLMANN, Mariana Teixeira

Doutoranda Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária/UFPeI, bolsista CAPES/UFPeI

NOBRE, Márcia de Oliveira

Professor Dr, Associado da Faculdade de Veterinária/FacVet/UFPeI, orientador, coordenador.

A relação entre os seres humanos e os animais domésticos cresceu, consideravelmente, nos últimos anos, acredita-se que essa ligação ocorreu devido aos benefícios que os animais podem proporcionar a saúde humana (DOTTI, 2005). Conforme PFUETZENREITER (2004) deve-se enfatizar a população a importância de manter um controle e medidas profiláticas na saúde desses animais, a fim de prevenir doenças que possam ser transmitidas aos seres humanos e também os danos que essas doenças podem ocasionar a saúde animal. Segundo LIMA (2010) zoonoses são doenças que podem ser transmitidas entre homens e animais, devido sua importância no âmbito social e econômico deve-se investir em métodos explicativos para a população. Como, por exemplo, informar as pessoas quais são as principais zoonoses, a forma de transmissão e os métodos de prevenção, estabelecendo assim uma relação saudável entre homens e os animais.

Desta forma, o ClinPet – Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em clínica de pequenos animais da Faculdade de Veterinária/UFPeI realiza atividades de extensão, desde o ano de 2006, em pequenos animais com ênfase em clínica médica de cães e gatos através de atendimentos para a comunidade de Pelotas e atendimentos para Organizações não governamentais. Essas atividades contribuem para a formação acadêmica dos alunos devido ao acompanhamento dos casos clínicos, gerando assim um aprendizado de medidas práticas necessárias ao profissional. As atividades realizadas são direcionadas tanto aos proprietários dos animais quanto ao restante da população devido à ação do grupo que possui como objetivo orientar sobre o controle populacional de cães, a saúde de cães e gatos e de possíveis zoonoses.

Metodologia

Neste projeto há colaboração de professores, alunos da graduação e pós-graduação, técnicos de nível superior, membros externos a instituição. Os alunos integrantes do projeto participam de atividades envolvendo atendimentos clínicos de cães e gatos da rotina

do Hospital de Clínicas Veterinárias, de animais abrigados em ONGs e já acompanharam atendimentos de cães da Brigada militar. Os acadêmicos acompanham o atendimento clínico dos pacientes que compreende segundo FEITOSA (2008) a identificação do animal, a investigação da história (anamnese), exame físico geral e específico, solicitação e interpretação de exames, diagnóstico, prognóstico e tratamento. Além disso, os integrantes desenvolvem um programa de incentivo a população voltada para a posse responsável, que compreende os cuidados necessários que os animais necessitam para uma vida saudável, o esclarecimento do controle populacional de cães e gatos com incentivo a castração e organização de feiras de adoção.

Resultados

Desde 2006 o ClinPet desenvolve atividades envolvendo os alunos de graduação e pós-graduação com prestações de serviços a comunidade, através de exames clínicos, complementares a cães e gatos e orientações sobre o manejo com os animais. Com o passar dos anos o projeto foi aperfeiçoando seus métodos e percebeu a necessidade de informações sobre saúde pública para os proprietários. Considerando esse tópico foram confeccionados folder explicativos sobre as principais zoonoses e sua prevenção.

As principais zoonoses enfatizadas à comunidade foram giardíase, larva migrans cutânea, larva migrans visceral, raiva, leptospirose devido à maior ocorrência na região (JOUGLARD, 2000; DIAS, 2005; RISSI, 2008; LOPES, 2014). Essas doenças foram abordadas de forma didática por meio de folhetos explicativos com o intuito de informar os principais meios de transmissão, sinais clínicos e a forma de controle. Dessa forma, a população possui informações necessárias para prevenir de forma eficaz as doenças.

Por fim, o projeto proporciona a prestação de serviços à comunidade além do envolvimento dos alunos com a realidade profissional, permitindo assim atividades de rotina clínica de grande importância no crescimento e aperfeiçoamento profissional dos discentes. Assim como ações de saúde pública aos proprietários de animais como, por exemplo, orientações sobre posse responsável, prevenção de doenças, vacinações, informações a população das necessidades de bem estar dos animais, incentivo às doações de cães e gatos e prevenção de zoonoses.

Conclusão

O projeto proporciona aos alunos de graduação e pós-graduação um envolvimento prático que contribui no crescimento profissional. Esse envolvimento gera uma prestação de serviços à comunidade, pois com as orientações sobre o controle populacional de cães, a saúde de cães e gatos e de possíveis zoonoses, o incentivo no bem estar animal, o grupo consegue informar e incentivar a população nos cuidados necessários que os animais necessitam para uma vida saudável.

Referências

DIAS, Denise Gamio. Prevalência estacional de enteroparasitoses em uma população de zero a quatorze anos do bairro Cohab tablada, pelotas- RS. Pelotas, RS, 2005. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pelotas.

DOTTI, Jerson. Terapia & animais. 1.ed. São Paulo, 2005, p. 294.

FEITOSA, Francisco Leydson F. Semiologia Veterinária A Arte do Diagnóstico. 2.ed. São Paulo, 2008, p. 752.

JOUGLARD, S D D; BROD, C S. Leptospirose em cães: Prevalência e fatores de risco no meio rural do município de Pelotas. Arquivo do Instituto Biológico. São Paulo, 2000, p.181-185.

LIMA, A.M.A.; ALVES, L.C.; FAUSTINO, M.A.G.; LIRA, N.M.S.. Percepção sobre o conhecimento e profilaxia das zoonoses e posse responsável em pais de alunos do pré-escolar de escolas situadas na comunidade localizada no bairro de Dois Irmãos na cidade de Recife (PE). Ciência & Saúde Coletiva, Recife, 2010.

LOPES, T.V.; FERNANDES, C.P.M.; MICHELON, L.; HIJANO, A.; FÉLIX, S.R.; SCHONS, S.V.; NOBRE, M.O.. Parasitas zoonóticos em fezes de cães de praças públicas em municípios da região sul do Rio Grande do Sul, Brasil. Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal, 2014, p. 242-250.

PFUETZENREITER, M.R.; ZYLBERSZTAGN, A.; AVILA-PIRES, F.D. Evolução histórica da medicina veterinária preventiva e saúde pública. Ciência Rural, Santa Maria, 2004, p. 1661-1668.

PARTICIPAÇÃO DA MEDICINA VETERINÁRIA JUNTO AO PROGRAMA VIZINHANÇA: RETROSPECTIVA DE 4 ANOS

BOTELHO, Laura Silveira

Aluna do curso de Medicina Veterinária/UFPeI

RATSLAFF, Kassia

Aluna do Curso de Medicina Veterinária, bolsista PRO-BEC/UFPeI

ALBUQUERQUE, Gabriela

Aluna do Curso de Medicina Veterinária/UFPEL, voluntária

GIESTA, Luana

Aluna do Curso de Medicina Veterinária/UFPEL, voluntária

MORAES, Tassiane

Aluna do Curso de Medicina Veterinária, bolsista PRO-BEC/UFPeI

KASPER, Elisabete

Professora Faculdade de Odontologia/UFPeI, coordenador Programa Vizinhança

CLEFF, Marlete Brum

Professora do Departamento de Clínicas Veterinárias/HCV/UFPeI, orientador.

A pesar do desenvolvimento do país em diversas áreas, ainda vivenciamos a desigualdade social. Na cidade de Pelotas, existem muitas comunidades em vulnerabilidade social, como em torno do campus Anglo, onde vem sendo desenvolvido vários projetos de extensão da UFPeI ligados ao Programa Vizinhança (Kantorski, 2009). Com o intuito de produzir o conhecimento e melhorar a qualidade de vida da população na região onde a Universidade instalou-se, foi criado o “Programa de Extensão Vizinhança” em 2009, que envolve vários cursos, incluindo a Medicina Veterinária (Caetano, et al., 2011). Dentro da rotina do projeto da Veterinária, faz-se atendimento ambulatorial semanal, em dois turnos, dos animais provenientes destas comunidades. Os proprietários de animais são cadastrados por assistente social e incluídos após avaliação da renda das famílias. Como objetivo também, realizam-se campanhas de castração dos animais, que são encaminhados para o setor cirúrgico do HCV/UFPeI, visando o controle populacional dos animais atendidos. Além disso, são feitas ações pontuais, através da promoção de eventos, buscando a integração, conscientização e formação de vínculos com as crianças, jovens e adultos das comunidades. Devido esse projeto envolver vários estudantes de graduação e pós-graduação que vivenciam experiências variadas, propicia o enriquecimento da formação acadêmica e pessoal dos envolvidos (Serrano). Além disso, trabalha-se a educação em saúde, e acredita-se que, dessa forma, seja possível melhorar a qualidade de vida da comunidade e formar indivíduos conscientes para o futuro, com preocupações a respeito da saúde e do ambiente.

Metodologia

Desde a inserção da Medicina Veterinária no Programa, participa-se de forma coletiva quando ocorrem encontros pontuais dos extensionistas participantes. A primeira ação realizada junto ao Programa foi no ano de 2010, visando a promoção e prevenção da saúde de pequenos e grandes animais das comunidades vizinhas ao campus Porto da UFPeI. Neste dia, foram distribuídas 50 fichas para atendimento veterinário, e os animais foram levados por seus proprietários para

atendimento clínico junto ao pátio do Campus Anglo, onde foram colocadas tendas, nas quais os extensionistas trabalharam diversos temas. Em 2011, outra ação do Programa foi organizada no evento “Piquenique Cultural”, e a Veterinária trabalhou com a conscientização sobre controle populacional, posse responsável, e campanhas de adoção dos animais do HCV-UFPEL. Nessa ação foram utilizados panfletos e pôsteres com orientações sobre os temas tratados. Em 2012, o grupo da Veterinária trabalhou a importância dos recursos naturais para a população animal e humana. Contou-se com a distribuição de mudas de plantas medicinais e suas indicações de uso, mostrando a grande utilidade destas. Alguns manuais sobre uso e cuidados com plantas medicinais também foram distribuídos. Banners explicativos foram utilizados, contendo informações sobre plantas medicinais e tóxicas que são possíveis de se encontrar em Pelotas. Os temas posse responsável e controle populacional também seguiram sendo tratados, que são objetivos principais do Projeto. Dessa forma, proprietários de animais interessados em castrações tiveram seus dados anotados, para que fossem incluídos na rotina cirúrgica do HCV/UFPEL. No ano de 2013, realizou-se duas ações que buscam a educação em saúde, através de palestras e panfletos informativos, nas quais foram trabalhados temas como posse responsável, importância de vermifugação e vacinação, campanhas de prevenção de doenças e zoonoses, e a 1ª campanha de prevenção ao câncer de mama em animais, chamando atenção para esse último tema com camisetas, banners e animais utilizando bandanas com o símbolo do câncer. Com as crianças das escolas atendidas pelos Projetos e pelo Programa, buscou-se a difusão do conhecimento através de brincadeiras e jogos interativos utilizando figuras de ectoparasitas.

Resultados

Como resultados mensuráveis, tivemos dentre os 50 animais examinados, sendo que a grande maioria foi de cães (99%) e somente 1% foi de felinos, proporção de população que condiz com estudo realizado (DIAS, et al., 2004). Em torno de 60% dos animais apresentavam pulgas e carrapatos, seguidos pela presença e identificação de 15% de sarnas e 10% de fungos nos raspados cutâneos e culturas. Dentre as dermatopatias fúngicas diagnosticadas, se destacou a dermatofitose, grupo de micoses cutâneas (CAVALCANTI, et al., 2003 apud NEVES, et al. 2011), com

grande importância já que dados a colocam como uma das zoonoses mais comuns no mundo (MURRAY, et al., 1994 apud PINHEIRO, et al., 1997). Os exames de fezes realizados apontaram como principais gêneros de endoparasitas: *Ascaris*, *Ancylostoma*, *Dipylidium* e *Trichuris*. A presença de cães e gatos infectados com endoparasitas evidencia o potencial risco de transmissão de zoonoses a que estão expostas as pessoas que convivem com esses animais.

A partir desta primeira ação, surgiu a ideia de trabalhar com a informação acerca dos temas recorrentes nos atendimentos, programando as próximas ações, como a vermifugação, vacinação e zoonoses. Os temas trabalhados de forma pontual tem um alcance limitado, pois para que se possa contribuir para a transformação social, é preciso que se tenha clareza dos problemas da sociedade sobre os quais se pretende atuar, do sentido e dos fins dessa atuação, para que as atividades a serem desenvolvidas não se tornem vazias e infrutíferas no sentido dos impactos sociais (Kantorski, 2009). Assim, acreditamos que somente após a avaliação e conhecimento dos problemas das comunidades, a extensão possa ser realizada em sua plenitude.

Do contato com as pessoas destas comunidades, percebeu-se a grande quantidade de animais errantes nas proximidades do Campus Anglo. Assim, desenvolveu-se o trabalho de conscientização sobre a importância do controle populacional através de panfletos informativos, banners, e orientações acerca das castrações dos animais que são realizadas no HCV/UFPEL. Entendendo-se a importância do tema, conseguimos assegurar, assim, o bem-estar e saúde dos animais, bem como reduzir os riscos a saúde pública, através da minimização de animais errantes e, desta forma, a transmissão de doenças zoonóticas. O mesmo ocorreu com a 1ª campanha de prevenção ao câncer de mama em animais, chamando atenção para a problemática em fêmeas caninas que recebem hormônios contraceptivos, o que acontece devido aos proprietários não procurarem cirurgias de castração nos animais.

Acredita-se que a combinação de diferentes especializações são um ponto positivo das ações junto ao Programa Vizinhança, em virtude da riqueza de diversidade dos extensionistas participantes oriundos de diversas áreas do conhecimento da UFPEL.

Permite-se assim, uma integração entre professores, alunos, sociedade e Universidade como um todo.

Acredita-se ainda, que as atividades de Extensão contribuem sobremaneira na formação dos estudan-

tes, seja pela ampliação do universo de referência, como pelo enriquecimento através do contato direto com a realidade que os cercam. Neste sentido, a incorporação de estudantes de pós-graduação em ações extensionistas também é muito benéfica e desejável, pois proporciona a qualificação tanto das ações extensionistas quanto dos cursos de pós-graduação. A Extensão universitária, pode transformar não apenas a sociedade, mas também a própria Universidade, integrando as práticas extensionistas às atividades curriculares (Lobo & Silva, 2001).

Conclusão

Baseado nos resultados obtidos, pode-se concluir que é de suma importância continuar a aproximar o atendimento veterinário dessas comunidades, visando a melhoria na saúde da população, já que ocorre o contato direto dos animais com as pessoas, podendo levar a disseminação de zoonoses, e também da saúde dos animais através do controle populacional, vacinação, vermifugação e instrução dos proprietários. Conclui-se também que esse Programa contribui para a formação acadêmica de vários estudantes de diversos níveis acadêmicos, já que proporciona experiências enriquecedoras.

Referências

- CAVALCANTI, M.D.P. et al. Frequência de dermatófitos e fungos saprófitas em caninos e felinos com sintomatologia sugestiva de dermatopatia micótica atendidos no Hospital Veterinário da UFRPE. *Revista clínica Veterinária*, v.56, p.24-28, 2003.
- DIAS, R. A.; GARCIA, R. C.; SILVA, D. F.; AMAKU, M.; NETO, J. S. F.; FERREIRA, F. Estimativa das populações canina e felina domiciliadas em zona urbana do estado de São Paulo. *Revista de Saúde Pública*, v. 4, n. 38, p.565 - 570, 2004.
- KANTORSKI, L. P. et al. Programa Vizinhança-Revitização do em torno Campus Porto – UFPel. Jun 2009.
- MURRAY, P. R.; DREW, W.L.; KORBAY, J.G.S. Superficial, Cutaneous, and Subcutaneous Mycoses. In: *Microbiology Medical*, Mosby Co., St. Louis, Chapter 43, 1994.

NEVES, R. C. S. M.; CRUZ, F. A. C. S.; LIMA, S. R.; TORRES, M. M.; DUTRA, V.; SOUSA, V. R. F. Retrospectiva das dermatofitoses em cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Mato Grosso, nos anos de 2006 a 2008. *Ciência Rural* 41 (8): 1405-1410, 2011.

PINHEIRO, A.D.Q.; MOREIRA, J. L. B.; SIDRIM, J. J. C. Dermatofitose no meio urbano e a coexistência do homem com cães e gatos. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, v.30, n.4, p.287-294, 1997.

Referências eletrônicas

- CAETANO, J.H.; SANTOS, E.O.; TIMM, N.; KANTORSKI, L.P.; KASPER, E. ProgramaVizinhança: Ações Interdisciplinares na Comunidade. In: XX Congresso de Iniciação Científica UFPel, 20, 2011, Pelotas. Anais...Pelotas: Disponível em: < http://www2.ufpel.edu.br/cic/2011/anais/pdf/CS/CS_00974.pdf>. Acesso em: 01 de agosto de 2014.
- SERRANO, R.M.S.M. Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire. Disponível em: <http://www2.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf>. Acesso em: 01 de agosto de 2014.
- LOBO, R.L. & FILHO, S. A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: DEFINIÇÃO, PROPÓSITOS, ESTRATÉGIAS E FERRAMENTAS. 2001. Disponível em: <http://www.institutolobo.org.br/imagens/pdf/artigos/art_023.pdf>. Acesso em: 01 de agosto de 2014.

PENSÃO ASSISTIDA: POR UMA SAÚDE INTEGRADA

HEEMANN, Isabella Maciel

Aluna do Curso de Psicologia/UFPel

PROIETTE, Flora Beatriz

Aluna do Curso de Psicologia/UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

PEREZ, Camila do Canto

Aluna do Curso de Psicologia, bolsista PROBEC/UFPel

COSTA, Luis Artur

Professor do Curso de Psicologia colaborador do Projeto/UFPel, orientador

NOGUEIRA, Maria Teresa Duarte

Professora do Curso de Psicologia/UFPel, coordenadora.

O projeto de extensão intitulado “Pensão Assistida: por uma saúde integrada” teve seu início no primeiro semestre de 2012. A Pensão Assistida é uma casa de assistência social, administrada pela Prefeitura Municipal de Pelotas, Secretaria da Cidadania. A casa abriga um público adulto, em situação de vulnerabilidade e risco social, portadores de doença e deficiência mental. Os usuários chegam à Pensão, remanejados a partir do Hospital psiquiátrico, Casa de passagem, através de ofício da promotoria ou denúncia na própria secretaria, geralmente por sofrerem maus-tratos ou moravam nas ruas.

A maioria dos usuários, além da doença mental, apresenta várias DCNTs, descritas por documento oficial da OMS, como diabetes, obesidade, hipertensão, bem como os comportamentos de risco vinculados a estas doenças, como fumo, uso excessivo de álcool por muito tempo, estresse, pobreza extrema, sedentarismo e alimentação inadequada. A estratégia, adotada para lidar com essas manifestações crônicas de doença, é via medicina convencional e medicamentos químicos, receitados através de Posto de Saúde e CAPS, o que tem efeito paliativo sobre as mesmas, contribuindo para o estado cronicado destas pessoas.

Outro fator de risco é o encarceramento que muitos usuários experimentam, pela falta de recursos, humanos e materiais, disponibilizados para a recreação, o lazer, os passeios, uma vez que muitos indivíduos na casa, não apresentam condições mínimas de se autogerar e sair da casa, sozinhos, sem por em risco sua própria segurança. Soma-se a este último fator o efeito de décadas de construção de uma noção de periculosidade atrelada aos indivíduos em sofrimento mental, o que produz na comunidade a tendência a evitar o contato com esta população.

Desde o momento que compreendemos que um dos maiores males dos chamados transtornos psiquiátricos é a solidão, isolamento e suspensão dos direitos do cidadão que estes provocam, passamos a compreender a amplitude da dimensão social dos referidos transtornos. Percebemos que os fatores ambientais têm caráter preponderante na formação da realidade intrapsíquica e orgânica de todos. O indivíduo em sofrimento mental não é uma realidade isolada do seu meio-ambiente, da cultura, da política, etc., antes ele se constitui em conjunto com nossa realidade sociopo-

lítica. Não podemos, portanto, ignorar essa complexa realidade no momento em que pensamos os tratamentos voltados para esta população. Uma clínica aberta ao social compreende que mais do que uma “cura” da doença, devemos buscar a promoção de cidadania, de melhores condições de alimentação, educação e moradia.

Nossa proposta neste projeto é desenvolver uma ação comprometida em gerar ecofatores positivos, de forma a reestruturar o modelo de manejo desses espaços, gerando saúde-cidadania e transformar uma instituição, que atualmente trata da doença, em uma casa que cultive a expansão da vida. É buscar novas estratégias de assistência em saúde mental e promoção da cidadania que prescindam da lógica centrada no hospital psiquiátrico e possam garantir oportunidades de saúde integral e direitos humanos em vários âmbitos da vida dos usuários, abarcando sua integração à comunidade, acesso aos direitos individuais e coletivos.

Metodologia

Primeiramente realizamos um reconhecimento do local, com objetivo de identificar as necessidades da demanda e a possibilidade real de desenvolvimento de atividades, que contribuíssem para uma melhor qualidade de vida destas pessoas asiladas. Posteriormente planejamos uma estratégia inicial de atividades de passeios (figura 1), oficinas e confraternizações (figura 2), eventos culturais e festivos (figura 3 e 4).

Realizamos vários encontros semanais buscando trabalhar individualmente e coletivamente a união de esforços para transformar o foco na doença em energia suficiente para que cada um encontre o prazer de viver. Para tanto, realiza-se oficinas atreladas a diferentes meios de expressão artística, as quais visam ampliar o horizonte afetivo, cognitivo e social dos moradores da Pensão. Esta ação tem como objetivo possibilitar o trânsito de pessoas na Pensão, favorecer os vínculos interpessoais afetivos, através da conversação, música, dança, desenho, pintura, reciclagem e passeios (figura 5 e 6). Criou-se um blog (<http://pensaoassistidapelotas.blogspot.com.br/>) que tem o intuito de representar um meio de comunicação entre a população em geral e os moradores da Pensão.

Além das atividades citadas acima, realizamos reuniões semanais para reflexões sobre o trabalho, auto-avaliação e propostas de adequação para melhor desempenho.



Figura 1: Fotografia do grupo aguardando o transporte para um passeio

Fonte: Fotografia da autora, 2012/3



Figura 2: Fotografia de um piquenique

Fonte: Fotografia da autora, 2013



Figura 3: Fotografia do baile de carnaval

Fonte: Fotografia da autora, 2013



Figura 4: Fotografia da festa de São João

Fonte: Fotografia da autora, 2013



Figura 5: Fotografia de momento de expressão artística

Fonte: Fotografia da autora, 2013



Figura 6: Fotografia da oficina de desenho e reciclagem

Fonte: Fotografia da autora, 2013

Resultados

Como resultados até o momento, percebe-se que o mesmo, promove de forma efetiva um acolhimen-

to possibilitando a reorganização e autorregulação de acordo com a natureza de cada um, minimizando o sofrimento psíquico, atualmente preponderante.

Sabe-se que os resultados são lentos, exige-nos muita paciência, motivação e principalmente muita persistência, pois ressignificar a Pensão, de forma que esta deixe de representar a instituição que trata da doença e passe a ser uma casa que promova o bem-estar, em bom estado, com aspecto saudável e artístico, promovendo um movimento motivador aos seus moradores, exige uma série de novas estratégias de promoção da saúde, não mais atrelada a uma dinâmica biomédica, mas integrada aos mais diversos aspectos da vida do usuário: afetiva, comunitária, social, econômica, etc.

Conclusão

Com o presente trabalho desenvolvido até o momento, conclui-se que é possível dar um suporte adequado para a sustentabilidade da vida desta comunidade, ou seja, promovendo experiências diversificadas, buscando alternativas para que cada um se organize subjetivamente a partir de seus modos de existência singulares, para que expressem seus potenciais latentes de saúde sem serem tolhidos pelas duras cisões científico-sociais entre o normal e o patológico. Conclui-se que a aposta na diferença de certas subjetividades consideradas doentias podem nos fazer ver outros modos de saúde possíveis.

Referências

- CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. Saúde pública e saúde coletiva: campo e núcleo de saberes e práticas. *Ciênc. saúde coletiva* 2000, vol.5, n.2, pp. 219-230.
- LIMA, T. O. Tecendo a rede de saúde mental: A inter-setorialidade como aposta. *Caderno Saúde Mental* 4, Minas Gerais, v.4, 35-50, 2011.
- LOBOSQUE, Ana Marta. Clínica em movimento: Por uma sociedade sem manicômios. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.
- RICKES, S. M. A loucura (E/In)scrita: Um ensaio. *Educação, Subjetividade & Poder*, v.3, n.3, p.84-87, 1996.

SILVA, S. B. Saúde mental na atenção básica: Direito à singularidade, à convivência e ao tratamento humanizado em um espaço aberto e público. Caderno Saúde Mental 4. Minas Gerais, v.4, 21-33, 2011.

BASAGLIA, F. et. Al. A instituição negada – relato de um hospital psiquiátrico. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BRASIL. Ministério da Saúde. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Brasília: MS, 1990.

BRASIL. Ministério da Saúde. Lei nº 10.216, de 06 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Brasília: MS, 2001.

PERFIL DE CONSUMO ALIMENTAR EM UMA ESCOLA PÚBLICA DA CIDADE DE PELOTAS-RS

KAEZYNSKI, Juliana Rojahan

Aluna do curso de Nutrição/UFPel, voluntária PET Saúde/UFPel

CARDOZO, Dieli Selayaran

Aluna do Curso de Nutrição/UFPel, voluntário do PET Saúde/UFPel

NOGUEIRA, Camila Rodrigues

Aluna do Curso de Nutrição/UFPel, voluntária do PET Saúde/UFPEL

CASTILHOS, Cristina Bossle

Nutricionista Prefeitura Municipal de Pelotas, preceptora Pet Saúde, orientador

MINTEN, Gicele Costa

Professora do curso de Nutrição/UFPel, coordenador.

Nas últimas décadas, o Brasil vem passando por um processo de transição nutricional, acompanhado por mudanças nos hábitos alimentares da população, que se caracterizou por um aumento no consumo de gorduras e açúcares e redução no consumo de leguminosas, legumes, verduras e frutas. (VITOLLO, 2008).

O excesso de peso e obesidade já na infância poderá ser um fator de risco para a obesidade na vida adulta, além de estar relacionada a várias complicações e a também maior taxa de mortalidade (MELLO, et al; 2004). Hábitos alimentares adquiridos na infância poderão se perpetuar até a vida adulta. (VITOLLO, 2008).

Avaliar o consumo alimentar de crianças e adolescentes é imprescindível devido à associação com o estado de saúde de indivíduos. As pesquisas de consumo alimentar são eficientes e de baixo custo operacional para a obtenção de informações sobre características alimentares de grande parte da população e também para demonstrar a relação da dieta com a ocorrência de doenças crônicas não transmissíveis, eventos de morbidade e mortalidade (PRADO, 2011). A escola é um importante espaço para o desenvolvimento de um programa de educação para a saúde entre crianças e adolescentes (MS/2009).

O presente estudo tem como objetivo analisar o perfil alimentar de escolares matriculados em uma escola pública localizado na cidade de Pelotas, para diagnosticar um possível risco nutricional, com a finalidade de elaborar práticas de promoção à saúde escolar.

Metodologia

O projeto foi desenvolvido em uma escola pública de nível fundamental, com alunos de 1º à 3º ano, que está localizada na área de abrangência de uma das equipes de saúde da família (ESF) da unidade básica de saúde (UBS) Simões Lopes. A amostra foi constituída por 86 alunos matriculados na escola. Foram realizadas entrevistas e aplicação de um questionário de marcadores de consumo alimentar do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional (SISVAN), para indivíduos com idade igual ou maior que cinco anos. Também foi realizada uma roda de conversa com os pais e responsáveis com o tema “alimentação saudável e seus benefícios”.

Nos últimos 7 dias, em quantos dias você comeu os seguintes alimentos ou bebidas?								
ALIMENTO/ BEBIDA	Não comi nos últimos sete dias	1 dia nos últimos sete dias	2 dias nos últimos sete dias	3 dias nos últimos sete dias	4 dias nos últimos sete dias	5 dias nos últimos sete dias	6 dias nos últimos sete dias	Todos os 7 últimos dias
1. Salada crua (alface, tomate, cenoura, pepino, repolho, etc)								
2. Legumes e verduras cozidos (couve, abóbora, chuchu, brócolis, espinafre, etc) (não considerar batata e mandioca)								
3. Frutas frescas ou salada de frutas								
4. Feijão								
5. Leite ou iogurte								
6. Batata frita, batata de pacote e salgados fritos (coxinha, quibe, pastel, etc)								
7. Hambúrguer e embutidos (salsicha, mortadela, salame, presunto, lingüiça, etc)								
8. Bolachas/ biscoitos salgados ou salgadinhos de pacote								
9. Bolachas/ biscoitos doces ou recheados, doces, balas e chocolates (em barra ou bombom)								
10. Refrigerante (não considerar os diet ou light)								

Figura 1: Formulário de marcadores de consumo alimentar - indivíduos com cinco anos de idade ou mais (SISVAN)

Fonte: Elaborado pelos autores, 2014

Resultados

Da amostra de 86 alunos matriculados de 1º à 3º ano, compareceram à intervenção 16 pais ou responsáveis. Os quais responderam o formulário de marcadores de consumo do SISVAN, tendo uma perda de 81,39%. Desses 16 alunos 50 % eram do sexo feminino e 50% do sexo masculino.

Na tabela 1, está evidenciada a frequência de consumo alimentar dos escolares, nos últimos sete dias, em porcentagem, de acordo com o inquérito alimentar do SISVAN.

O guia alimentar para a população brasileira recomenda o consumo diário de frutas, verduras e legumes, o presente estudo apontou que 18,5% dos escolares da amostra atingia a recomendação para o consumo de saladas cruas, 6,2% para legumes e para frutas encontramos uma adequação em 81,2% da amostra.

Em relação ao feijão, 87,5% consumiram todos os dias, sendo o alimento mais consumido. Ao considerar o consumo de leite e derivados, este foi o terceiro alimento mais consumido com 75% dos escolares atingindo a recomendação do consumo diário.

Quanto aos alimentos não saudáveis, durante o período de 7 dias, o mais consumido pelas crianças,

foram os salgadinhos com 56,2%. O segundo mais consumido foram os doces com 50%. Refrigerantes e embutidos ficaram em terceiro lugar com 18,7%. Já as frituras ficaram em ultimo lugar, com 6,2%.

A recomendação para esses alimentos é consumir o mínimo possível, como regra da alimentação. Segundo as autoras POLLA e SCHERER, o consumo de doces deve ser no máximo 2 vezes/semana e alimentos gordurosos no máximo 1 vez/semana. Porém o estudo demonstra que o consumo de doces e salgadinhos vai muito além do recomendado e o consumo de frituras também é alto, entre os escolares. O alto consumo de alimentos ricos em carboidratos simples foi associado à baixa ingestão de nutrientes essenciais como cálcio, vitaminas como A e E, leite e derivados, frutas e hortaliças. O excesso de peso esta relacionado a alterações no perfil lipídico, elevação da pressão arterial, hiperglicemia, que são fatores de risco para o desenvolvimento doenças crônicas, como também doenças cardiovasculares e estas doenças tem suas raízes na infância. (POLLA, et al; 2011).

Alimentos	(n)	Consumo diário nos últimos 7 dias em %
Saladas cruas	3	18,5
Legumes	1	6,2
Frutas	13	81,2
Feijão	14	87,5
Leite e derivados	12	75
Frituras	1	6,2
Embutidos	3	18,7
Salgadinhos	9	56,2
Doces	8	50
Refrigerantes	3	18,7

Tabela 1: Marcadores de consumo alimentar saudável e não saudável nos últimos 7 dias, dos escolares matriculados na Escola Estadual Nossa Senhora Aparecida
Fonte: Elaborado pelos autores, 2014

Conclusão

Foi possível constatar que os escolares avaliados possuem uma alimentação inadequada. Embora o consumo de alguns alimentos tenha atingido a recomendação, há um excesso de doces, salgadinhos, embutidos e refrigerantes, enquanto há um baixo consumo de verduras e legumes, que são ricos em fibras. Para que crianças consumam alimentos saudáveis na vida adulta, é necessária uma exposição contínua a alimentos variados e a escola é um dos ambientes favoráveis para aumentar o conhecimento sobre alimentação adequada com estratégias que proporcionem à melhoria da saúde dos escolares.

Referências

- BRASIL. Ministério da Saúde. Caderno de atenção básica nº 24, Saúde na Escola. Brasília, 2009.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Guia alimentar para a população brasileira. Brasília, 2006, p. 53-83.
- DAMÉ, P. K.V.; PEDROSO, M.R.; MARINHO, C.L.; GONÇALVES, V.M.; DUNCAN, B.B.; FISHER, P.D.; ROMERO, A.L.C.; CASTRO, T.G.; Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional (SISVAN) em crianças do Rio Grande do Sul, Brasil: cobertura, estado nutricional e confiabilidade dos dados. Caderno de Saúde Pública Rio de Janeiro, 2011.

MELLO, E.D.; LUFT, V.C.; MEYER, F.; Obesidade infantil: como podemos ser eficazes? Sociedade Brasileira de Pediatria. Jornal de Pediatria. Vol. 80, nº 3, Rio de Janeiro, 2004.

POLLA, S. F.; SCHERER, F.; Perfil alimentar e nutricional de escolares da rede municipal de ensino de um município do interior do Rio Grande do Sul. Caderno de Saúde coletiva, Rio de Janeiro, 2011.

PRADO, B.G.; Consumo alimentar de escolares antes e após ações de educação nutricional, em Cuiabá-MT. Cuiabá, 2011.

VITOLO, M.R.; Nutrição da gestação ao envelhecimento. Rio de Janeiro, 2008, p. 167-239.

PERFIL DO CÃO TERAPEUTA PARA AS DIFERENTES INSTITUIÇÕES DE TRABALHO

VASCONCELLOS, Daniel Azevedo

Graduando em Medicina Veterinária/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

WAICHEL, Gabriela Soares

Graduando em Medicina Veterinária/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

SAFONS, Mariane Fernandes

Graduando em Medicina Veterinária/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

CAPELLA, Sabrina de Oliveira

Mestranda, programa de pós-graduação em Veterinária/UFPeI

NOBRE, Márcia de Oliveira.

Professora Departamento de Clínicas Veterinária/UFPeI, orientador, coordenador

A Terapia Assistida por Animais é uma técnica empregada por profissionais da área da saúde no tratamento de patologias em pacientes no âmbito da saúde física, mental ou social. Tem objetivos terapêuticos específicos, sendo a terapia adaptada e direcionada à demanda clínica do profissional que a promove e utiliza o animal de estimação como ferramenta do processo terapêutico (MONTEIRO, 2007). Estudos demonstram que o uso de animais contribui no tratamento de crianças com paralisia cerebral, portadores da síndrome de Down, pacientes de Alzheimer e deficientes físicos. (POTECHI, 2011; PRIANTI & CABANAS, 2007; MONTEIRO, 2010)

Este trabalho atua na reabilitação, adestramento, re-socialização de animais no apoio psicossocial e motor de pacientes com necessidades especiais. No caso dos cães terapeutas, a escolha dos indivíduos para o trabalho em determinada instituição varia de acordo com o temperamento, nível de energia, nível de sociabilidade e aceitabilidade ao afeto, devido aos diferentes tipos de pacientes com os quais irão trabalhar (FLÔRES, 2009). Tendo em vista maior compatibilidade cão-paciente para que a terapia seja mais efetiva. O objetivo deste trabalho foi determinar o temperamento ideal do cão para a realização de terapia/educação assistida por animais em instituições distintas.

Metodologia

O grupo Pet Terapia da faculdade de veterinária/UFPeI, realiza a Atividade/Terapia/Educação Assistida por Animais com auxílio de cães terapeutas, que ficam alojados no canil da Faculdade de Veterinária e, semanalmente, realizam terapia/educação em diversas instituições. A determinação do temperamento ideal do cão para o trabalho em diferentes instituições leva em conta principalmente o tipo de pacientes com o qual este cão irá trabalhar. O critério para determinar o temperamento ideal do cão para as diferentes instituições são as avaliações de seu temperamento, que envolvem o nível de dominância/submissão do indivíduo, nível de sociabilidade, aceitabilidade ao afeto e disposição para brincadeiras/atividades que requerem um alto nível de docilidade. Estas avaliações foram realizadas através da leitura da linguagem corporal dos

cães, primeiramente durante o seu convívio diário com outros cães e treinadores, como por exemplo posicionamento da cabeça, orelhas e cauda quando o animal se aproxima de outro, para determinar seu nível de dominância/submissão, comportamento apresentado quando exposto a pessoas estranhas e situações desconfortáveis, como barulhos ou “puxões” de cauda, orelha e pelos, para determinar seu nível de sociabilidade, aceitabilidade ao afeto e adaptabilidade a diversas situações que possam ocorrer durante a terapia/educação.

Posteriormente foram analisados os mesmos fatores junto ao público alvo nas instituições parceiras do projeto, Centro de Reabilitação de Pelotas (Cerenepe) e o Asilo de Mendigos de Pelotas, que atendem respectivamente crianças e adultos com necessidades especiais e idosos.

Resultados

A escolha do cão para o trabalho terapêutico nessas duas instituições difere em alguns pontos. Os cães selecionados para o trabalho com os idosos foram aqueles com temperamento calmo e submisso e com nível de energia relativamente baixo, devido ao contato com idosos que possuem limitações físicas e psicológicas, desta forma facilitando a interação cão-paciente, resultando no cão como um mediador para as atividades propostas pelos terapeutas ocupacionais. Nestas visitas os cães realizam atividades que estimulam a cognição, memória e coordenação motora dos idosos, interagindo e motivando os pacientes a seguir com a terapia. Com a utilização de cães com temperamento calmo e submisso, pôde-se observar uma interação mais harmônica na relação cão-idoso. Os cães com este perfil caminham ao lado dos idosos sem causar transtornos, parando quando é solicitado e atendendo aos comandos de forma tranquila, sem se agitar, devido ao seu baixo nível de energia. Possibilitando assim uma atividade mais prazerosa para os idosos, que a cada visita se sentiram mais próximos dos cães, lembrando seus nomes e perguntando por eles.

Para o trabalho com crianças e adultos especiais, os cães que apresentam um temperamento mais ativo e dominante, com nível de energia de médio a alto e possuem alta adaptabilidade a situações diversas e disposição para brincadeiras/atividades são os indicados. Essas características devem ainda estar associadas a um alto nível de docilidade, devido ao contato frequente com crianças e adultos que na maioria das

vezes apresentam uma grande vontade de interação com o animal. Desta forma os cães tornam-se os mediadores das atividades propostas pelo educador responsável pela turma através de atividades lúdicas e cognitivas, visando o desenvolvimento do aluno. As atividades tornam-se mais interessantes e prazerosas tendo o cão como mediador do trabalho terapêutico, agindo como motivador em pacientes com pouco ou nenhum interesse nas atividades. Foi importante a utilização de cães com um temperamento mais ativo e nível de energia elevado para que as atividades propostas pudessem ocorrer da forma esperada, pois na maioria das vezes elas se baseavam em circuitos na qual as crianças e adultos caminhavam ou corriam com os cães. Também foi importante a seleção de cães com docilidade muito alta e adaptabilidade elevada as diversas situações, devido as atividades nas quais os pacientes escovavam, brincavam, e interagiam com os cães de maneira livre, possibilitando assim um fortalecimento no laço cão -paciente, fazendo com que a cada visita o interesse aumente e a terapia se torne mais efetiva.

Conclusão

Podemos observar com este estudo a importância da escolha do perfil ideal do cão para o trabalho com diferentes públicos. A escolha do animal de temperamento calmo e submisso possibilita uma atividade segura e prazerosa ao idoso, enquanto que um cão de temperamento mais ativo e confiante tem energia suficiente para a interação com as crianças.

Referências

- MONTEIRO, A. M. F. Terapia a serviço do homem. *Plenitude*, p 31 – 31, 01 mar. 2007. POTECHI, R. C. A intervenção da Terapia Assistida com Animais nas atividades de vida diária de crianças com Paralisia Cerebral. *Anuário da Produção de Iniciação Científica Discente*, Vol. 14, Nº 28. Limeira, Ano 2011.
- PRIANTI, S. M. & CABANAS, A. A Psicomotricidade utilizando a Terapia Assistida por Animais como recurso em adolescente Down: Um estudo de caso. In: VII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – São José dos Campos: Univap, 2007.

MONTEIRO, A. M. F. Reabilitação Neuropsicológica: O uso de animais de estimação como ferramenta para redução de alterações de comportamento da doença de Alzheimer. In: I Reunião anual do IBNeC, Rio de Janeiro, 2010.

FLÔRES, L. N. Os benefícios da interação homem-animal e o papel do Médico Veterinário. Porto Alegre, 06 mar. 2009.

PERFIL DOS PARTICIPANTES DE PROJETO DE MUSCULAÇÃO PARA 3ª IDADE: IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA SEGUNDO AS RECOMENDAÇÕES ACSM E SBC

SILVA, Kevin Cavalheiro da

Aluno do Bacharelado em Educação Física/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

MENDES, Alexsander W.

Aluno do Bacharelado do Curso de Educação Física/UFPeI

TERRA, Júlia Pereira

Aluna da Licenciatura do Curso de Educação Física/UFPeI

SANTOS, Tanise Leal dos

Aluna da Licenciatura em Educação Física/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

CAVALLI, Adriana Schüller

Professora ESEF/UFPeI, orientadora, coordenadora

A população acima dos 60 anos vem crescendo no Brasil e segundo dados do IBGE (2008), em 2030, a estimativa de pessoas nessa faixa etária será de aproximadamente 35 milhões, 18,7%, da população brasileira. Quanto mais próximo desta idade pode ser observado a diminuição significativa no desempenho motor, aumento na massa gorda, perda de força e massa muscular, além de uma importante perda da densidade de cálcio nos ossos (MAZO, LOPES & BENEDETTI, 2004; GARCIA et al., 2006). Por estas razões se torna importante que o idoso procure meios para desacelerar o processo de envelhecimento, e assim, melhore a sua qualidade de vida e saúde.

Segundo dados da American College of Sports Medicine (ACSM, 2014) e da Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC), a participação em um programa de exercício regular é um meio de intervenção efetivo para reduzir e prevenir declínios funcionais associados ao envelhecimento. Conforme recomendações destas entidades, o treino da capacidade aeróbica, por exemplo, pode ajudar a manter e melhorar vários aspectos da função cardiovascular (VO_{2max} , e débito cardíaco), reduzindo assim, fatores de risco associados com os estados de doença, melhorando a condição de saúde e contribuindo para o incremento na expectativa de vida. Em relação ao treinamento de força, é considerado que o mesmo ajuda a compensar a redução na massa e força muscular tipicamente associada ao envelhecimento normal, incluindo a melhora da saúde óssea, e então, decréscimo no risco de osteoporose, melhora da estabilidade postural, reduzindo assim, o risco de quedas, lesões e fraturas associadas. Para tanto, as entidades referenciadas advogam que são consideradas pessoas ativas, aquelas que praticam pelo menos 150 minutos de atividade física regular por semana, com recomendação da prática de exercícios de força, aeróbicos e de flexibilidade (ACSM, 2014). O envolvimento em exercícios regulares pode também fornecer vários benefícios psicológicos relacionados a preservação da função cognitiva, alívio dos sintomas de depressão e, quando praticada em grupo, proporciona aos idosos a possibilidade de socialização, promovendo assim, motivação, apoio social e melhora na

autoestima (MEURER, BENEDETTI e MAZO 2009).

Com isso, o objetivo do presente estudo é traçar o perfil dos idosos que participam do projeto Atividade Física na Terceira Idade na modalidade de musculação feminina e masculina, da Escola Superior de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

Metodologia

Este estudo possui delineamento descritivo observacional com uma amostra intencional com 30 participantes do projeto “Atividade Física na Terceira Idade” nas modalidades de musculação feminina (13) e masculina (17) ofertadas na ESEF/UFPEL. Para traçar o perfil dos participantes foi utilizada ficha sociodemográfica e econômica formulada pelo Grupo de Pesquisa em Estudos Sociológicos em Educação Física e Esporte – GPES/UFPEL, preenchida no ingresso de cada participante no projeto e atualizada semestralmente, contendo dados sobre a idade, etnia, ocupação, estado civil, religião, escolaridade, renda mensal familiar e ano de início no projeto.

Resultados

Os dados dos participantes da musculação masculina podem ser observados na Tabela 1 a seguir. Pode ser observado que a maior parte dos idosos está na faixa etária dos 60 e 69 anos (70,58%, n=12), são casados (76,47%, n= 13), são caucasianos (70,58%, n=12) e são aposentados (82,35%, n=14). Quanto ao nível de escolaridade houve praticamente uma divisão entre quem possui um número menor ou igual a oito anos (47,05%, n=8) e um número bastante significativo que possui ensino superior completo ou incompleto (41,17%, n=7). Houve uma divisão também com relação à renda mensal dos participantes, sendo que 7 idosos (41,17%) possuem renda menor ou igual a 2 salários mínimos e 10 idosos (58,82%) maior ou igual a 3, podendo esta característica estar relacionada diretamente ao nível de escolaridade dos participantes. Quanto a adesão ao projeto pode ser observado que 5 idosos (29,41%) ingressaram no projeto em 2007, 6 idosos (35,29%) entre 2008 e 2010, e o mesmo para quem ingressou entre 2011 e 2014.

Na musculação feminina, a amostra se mostrou muito semelhante a masculina com relação a faixa etária e etnia, com 10 idosas (76,92%) entre 60 e 69 anos e, 11 idosas (84,61%) caucasianas. Diferente-

CARACTERÍSTICAS SOCIO-DEMOGRÁFICAS	n	%	Idade
50-59	1		5,88
60-69	12		70,58
70-79	4		23,52
Etnia			
Caucasiano	12		70,58
Negro/Pardo	5		29,41
Estado Civil			
Casado	13		76,47
Solteiro e outros	4		23,52
Ocupação			
Aposentado	14		82,35
Outro	3		17,64
Escolaridade			
≤ 8	8		47,05
9-12	2		11,76
≥ 13	7		41,17
Religião			
Católico	15		88,23
Espírita	2		11,76
Classe Econômica			
≤ 2 salários mínimos	7		41,17
≥ 3 salários mínimos	10		58,82
Ano de início no projeto			
2007	5		29,41
2008-2010	6		35,29
2011-2014	6		35,29

Tabela 1: Características sócio-demográficas dos participantes da musculação masculina do projeto
Fonte: Elaborado pelos autores, 2014

mente da amostra masculina com relação a ocupação das participantes o percentual de aposentadas foi inferior (46,15% nas mulheres e 82,35% nos homens). Já com relação ao nível de escolaridade e a renda, a amostra feminina também se mostrou diferente, com percentual superior de idosas com nível de escolaridade menor ou igual a 8 (53,84% nas mulheres e 47,05% nos homens) e com renda mensal menor ou

igual a 2 salários mínimos (84,61% nas mulheres e 41,17% nos homens). Outra diferença encontrada foi com relação ao ingresso no projeto, com a maior parte, 8 idosas (61,53%), sendo entre os anos de 2008 e 2010, conforme a Tabela 2 a seguir.

CARACTERÍSTICAS SOCIO-DEMOGRÁFICAS	n N	%
Idade		
60-69	10	76,92
≥70	3	23,07
Etnia		
Caucasiana	11	84,61
Negra/Parda	2	15,38
Estado Civil		
Casada	6	46,15
Solteira e outros	7	53,84
Ocupação		
Aposentada	6	46,15
Outros	7	53,84
Escolaridade		
≤ 8	7	53,84
9-12	4	30,76
≥13	2	15,38
Religião		
Católica	10	76,92
Outras	3	23,07
Classe Econômica		
≤ 2salário mínimos	11	84,61
≥ 3 salários mínimos	2	15,38
Ano de inicio no projeto		
2007	2	15,38
2008-2010	8	61,53
2011-2014	3	23,07

Tabela 2: Características sócio-demográficas dos participantes da musculação feminina do projeto
Fonte: Elaborado pelos autores, 2014

Conclusão

Indo ao encontro das recomendações da ACSM e o Departamento de Ergometria, Exercício, Cardiologia Nuclear e Reabilitação Cardiovascular da Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC/DERC) os idosos mostraram estar adeptos a atividade física regular e realizam treinamento concorrente nas aulas, ou seja, treinamento da capacidade aeróbica, exercícios de força e alongamentos em todas as sessões do projeto. Os participantes são incentivados a realizarem outras atividades físicas nos outros dias da semana, visto que o projeto oferece atividades duas vezes na semana. Os dados indicam que tanto os homens como as mulheres demonstram estar conscientes da importância da prática de atividade física e gostar do trabalho que vem sendo realizado visto que participam do projeto há muitos anos.

Referências

- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica. Projeção da população do Brasil por Sexo e Idade para o Período 1980-2050 – Revisão 2008.
- Departamento de Ergometria, Exercício, Cardiologia Nuclear e Reabilitação Cardiovascular da Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC/DERC). Atividade Física na Terceira Idade. Revista do DERC, v. 18, n.2, 2012.
- MAZO, G.Z.; LOPES, M.; BENEDETTI, T. Atividade Física e o Idoso: Conceção Gerontológica. 2ª Ed. Porto Alegre: Sulinas, 2004.
- MEURER, S. T.; BENEDETTI, T. R. B.; MAZO, G. Z. Aspectos da autoimagem e autoestima de idosos ativos. Motriz, Rio Claro, v.15, n.4, p.788-796, 2009.

Referências eletrônicas

- AMERICAN COLLEGE OF SPORTS MEDICINE (ACSM). Exercise and Physical Activity for older adults. Disponível em: <http://journals.lww.com/acsm.msse/Fulltext/2009/07000/Exercise>. Acesso em: 20 de julho de 2014.

GARCIA, A.; PASSOS, A.; CAMPO, A.T.; PINHEIRO, E.; BARROSO, F.; COUTINHO, G.; MESQUITA, LF; ALVES, M; SHOLL-FRANCO, A. A depressão e o processo de envelhecimento. Revista Ciências & Cognição, 2006. v. 7, p. 111-121. Disponível em: <http://cienciasecognicao.org>. Acesso em: 20 de julho de 2014.

PERFIL DOS PARTICIPANTES DO CURSO DE EXTENSÃO – PLANTAS MEDICINAIS NO CUIDADO À SAÚDE

BONOW, Camila Timm

Aluna da Faculdade de Enfermagem/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

VARGAS, Nívea Shayane Costa

Aluna da Faculdade de Enfermagem/UFPeI, bolsista de iniciação científica/UFPeI

MINUTO, Janáina do Couto

Aluna da Faculdade de Enfermagem/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

CEOLIN, Silvana

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/UFPeI, bolsista CAPES

CEOLIN, Teila

Professora da Faculdade de Enfermagem/UFPeI, coordenadora e orientadora.

A capacitação através de cursos relacionados à manipulação, uso e prescrição de plantas medicinais e produtos fitoterápicos, é preconizado para profissionais da saúde de nível superior, de acordo com cada categoria profissional. É essencial que esses profissionais obtenham informações em relação às plantas medicinais durante sua formação acadêmica ou ao longo da sua trajetória profissional, com especializações em instituições públicas (SENA et al., 2006; SOUZA et al., 2012), pois a qualificação destes é indispensável para o fortalecimento do SUS (LEMOS; FONTOURA, 2009).

Atendendo esta necessidade a Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI) oferece anualmente o Curso de Extensão – Plantas Medicinais no Cuidado à Saúde, direcionado aos profissionais de saúde que atuam na atenção primária à saúde (APS). Esta capacitação tem como intuito instrumentalizar os profissionais e acadêmicos da saúde para intervirem na orientação das plantas medicinais, delimitando a promoção da saúde, prevenção e tratamento de doenças.

No Sistema Único de Saúde (SUS), em 2006, foram implantadas as Políticas Nacionais de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF). Estas têm como alvo realizar ações preconizadas ao acesso seguro, uso coerente de plantas e fitoterápicos no país, planejando a integralidade do cuidado (BRASIL, 2006).

A PNPIC (BRASIL, 2006) preconiza para todas as práticas complementares a definição local das necessidades de capacitação, sendo que para Plantas medicinais e Fitoterapia recomenda um curso específico para profissionais da saúde de nível universitário, detalhando os aspectos relacionados à manipulação, uso, prescrição de plantas medicinais e produtos fitoterápicos, de acordo com as categorias profissionais.

O presente trabalho tem como objetivo relatar o perfil dos participantes do Curso de Extensão – Plantas Medicinais no Cuidado à Saúde, de 2014.

Metodologia

O Curso é desenvolvido pelo Laboratório de Cuidado em Saúde e Plantas Bioativas, da Faculdade de En-

fermagem da Universidade Federal de Pelotas, e tem como objetivo capacitar os profissionais de saúde em relação as plantas medicinais.

O curso é realizado anualmente para profissionais que atuam na atenção básica dos municípios da 3ª Coordenadoria Regional de Saúde (CRS) e acadêmicos da área da saúde. São disponibilizadas 50 vagas, com desenvolvimento de atividades práticas e teóricas no decorrer dos cinco módulos. Os encontros são realizados mensalmente, com duração de 8h, totalizando 40h.

Em 2014 o curso está com 40 participantes, entre acadêmicos e profissionais de saúde. Colaboram na organização e execução das atividades docentes, discentes e pós-graduandos vinculados ao Laboratório de Cuidado em Saúde e Plantas Bioativas da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Resultados

Participaram do curso acadêmicos de enfermagem, nutrição e medicina veterinária; enfermeiros, farmacêuticos, professores, veterinários, agrônomos, técnicos de enfermagem, auxiliar em saúde bucal e agente comunitário de saúde, atuantes em Unidades Básicas de Saúde (UBS) com ou sem Estratégia de Saúde da Família (ESF).

No primeiro módulo do curso, os participantes responderam um questionário semiestruturado auto aplicado (pré-teste), que possibilitou analisar o perfil e o conhecimento prévio sobre o tema. No último módulo preencherão outro instrumento auto aplicado (pós-teste), objetivando avaliar o aproveitamento do curso e sugestões.

No decorrer do curso foram abordados diversos temas, como: plantas medicinais no cuidado à saúde e as políticas em relação às plantas medicinais e fitoterápicos; identificação taxonômica das plantas medicinais; cuidados para o bom uso de plantas medicinais (coleta, preparação, conservação e uso) e controle de qualidade; 12 fitoterápicos fornecidos no SUS; identificação das propriedades terapêuticas e princípios ativos; plantas tóxicas; Resolução da Diretoria Colegiada 10/2010 - 66 plantas medicinais indicadas pelo SUS; plantas medicinais utilizadas para o tratamento de infecções respiratórias e cicatrização de feridas; estudos etnobotânicos e clínicos sobre plantas medicinais; uso das plantas medicinais na Atenção Primária à Saúde; plantas medicinais nativas do Bioma Pampa; relato de

experiência da implantação da Política Municipal de Plantas Medicinais em Rio Grande e a construção de propostas para implementação das plantas medicinais nos serviços de saúde. Além das atividades teóricas, foram realizadas práticas no laboratório de informática, ferramentas de pesquisa; no laboratório de plantas bioativas, oficinas de sabonete medicinal, xarope, pomada, soro nasal, spray para garganta, sal temperado; e visita ao horto de plantas medicinais.

Os 40 participantes eram oriundos de cinco municípios da região Sul do Rio Grande do Sul (Jaguarão, Morro Redondo, Pelotas, Piratini e São Lourenço do Sul), sendo 36 do sexo feminino, com faixa etária entre 19 e 65 anos.

Comparando com os participantes do curso realizado em 2013, esses eram oriundos de nove municípios da região Sul (Canguçu, Capão do Leão, Pedro Osório, Pelotas, Pinheiro Machado, Piratini, Rio Grande, Santana da Boa Vista, São Lourenço do Sul) a maior parte dos integrantes também eram do sexo feminino, sendo 33 mulheres e a faixa etária variou de 18 a 69 anos.

Para que o uso das plantas medicinais possa ser orientado de forma segura, é imprescindível que os profissionais de saúde respaldem o conhecimento em evidências científicas, tendo em vista os possíveis efeitos tóxicos e interações medicamentosas que o emprego desta terapia pode ocasionar à saúde (CEOLIN et al., 2013).

Conclusão

O curso possibilitou aos participantes ampliar o conhecimento sobre plantas medicinais no cuidado à saúde e as políticas governamentais em relação ao tema, além de uma rica troca de experiências entre os participantes. Dessa forma proporcionou opções de assistência no cuidado à saúde da população em geral, podendo beneficiar uma parcela significativa de usuários, em especial as mais carentes economicamente.

Nesse modo, ações como essas devem ser difundidas em outros municípios com o objetivo de capacitar novos profissionais, pois eles devem se familiarizar melhor com as práticas utilizadas pela população, para poder ter uma maior proximidade com o sistema informal de saúde e concretizar as orientações explícitas na PNPI, fortalecendo os princípios do SUS.

Referências

- BRASIL. Ministério da Saúde. Decreto nº 5.813. Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: <http://dtr2004.saude.gov.br/dab/docs/legislacao/decreto5813_22_06_06.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2014.
- CEOLIN, T.; CEOLIN, S.; HECK, R.M.; NOGUEZ, P.T.; SOUZA, A.D.Z. Relato de experiência do Curso de Plantas Medicinais para Profissionais de Saúde. Revista Baiana de Saúde Pública, v.37, n.2, p.501-511, 2013.
- LEMOS, M.; FONTOURA, M.S. A integração da educação e trabalho na saúde e a política de educação permanente em saúde do SUS-BA. Revista Baiana Saúde Pública, v.33, n.1, p.113-20, 2009.
- SENA J.; SOARES M.C.F; CEZAR-VAZ M.R.; SENA A.; MUCCILLO-BAISH A.L. Visão docente sobre plantas medicinais como um saber e sua utilização como medicamento. Revista de Enfermagem UERJ, v.14, n.1, p.196-201, 2006.
- SOUZA A.; HECK R.; CEOLIN T.; BORGES A.; CEOLIN S.; LOPES A. O cuidado com as plantas medicinais relacionadas às infecções do trato urinário – um desafio à enfermagem. Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online, v.4, n.2, p.2367- 76, 2012.

PLADECOM – PLANEJANDO, DESENVOLVENDO E AVALIANDO AÇÕES EM UMA COMUNIDADE

FURTADO, Marcieli Dias

Acadêmica do Curso de Odontologia/UFPel, bolsista

MARTINS, Caroline Pagani

Acadêmica do Curso de Odontologia/UFPel, bolsista

CASTILHOS, Eduardo Dickie

Professor da Unidade de Saúde Bucal Coletiva do Departamento de Odontologia Social e Preventiva/UFPel, colaborador

BIGHETTI, Tania Izabel

Professora da Unidade Saúde Bucal Coletiva do Departamento de Odontologia Social e Preventiva/UFPel, coordenadora

A Unidade de Saúde Bucal Coletiva (USBC) da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) foi contemplada com recursos financeiros pelo Programa de Extensão Universitária (PROEXT 2013) com o projeto “Planejando, Desenvolvendo e Avaliando Ações em uma Comunidade” (PLADECOM). Tal projeto encontra-se cadastrado do Sistema de Informação de Extensão (SiEx) da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC) da UFPel com número de registro 52.182.014 e conta com o envolvimento de dois docentes, quatro profissionais de saúde do município de Pelotas/RS e vinte acadêmicos, sendo seis bolsistas.

Envolve ações em diferentes cenários: escola de formação profissional, instituição filantrópica, unidade básica de saúde e escola estadual de ensino fundamental, na lógica de integrar acadêmicos de diferentes semestres no diagnóstico, planejamento, desenvolvimento e avaliação de ações multiprofissionais e interdisciplinares de saúde.

Na escola estadual de ensino fundamental estão envolvidos dois bolsistas (4º. e 5º. semestres) e nove voluntários (4º., 5º., 7º. e 8º. semestres).

O objetivo deste trabalho é descrever a estratégia de atuação dos acadêmicos em atividades de triagem de risco de cárie, planejamento e desenvolvimento de atividades educativas, escovação supervisionada e aplicação de gel fluoretado, bem como apresentar resultados parciais.

Metodologia

A escola estadual de ensino fundamental está vinculada a uma Unidade Básica de Saúde (UBS) que conta com Equipe de Saúde Bucal (ESB) na Estratégia de Saúde da Família (ESF), e isto significa que o cirurgião-dentista e o auxiliar de saúde bucal também se responsabilizam pelas atividades educativas e preventivas na escola. Na escola há 6 salas no turno da manhã e 10 no turno da tarde.

Ficou acordado que a ESB seria responsável por 4 salas do turno da tarde para atividade educativa e escovação supervisionada e os acadêmicos pela triagem de todas as salas e todas as atividades nas salas restantes.

De acordo com as orientações da direção e coordenação pedagógica da escola, foi montado um cronograma de atividades, organizados os materiais disponibilizados pela UBS, pela USBC e pelos acadêmicos, visto que o processo de compra ainda está sendo efetuado pela PREC/UFPEl.

Os acadêmicos foram divididos em duplas, de acordo com suas disponibilidades de turnos e etapa de desenvolvimento na graduação, de forma que as duplas tivessem estudantes de diferentes semestres atuando juntos e supervisionados por docentes.

Resultados

Até o momento, foi realizada triagem de risco de cárie dentária em 225 escolares do 1º. ao 8º. ano, atividades educativas com 105 escolares e escovação supervisionada com 87 escolares.

Os resultados relativos ao risco de cárie estão apresentados na Figura 1, onde se observa proporções semelhantes de escolares com risco moderado e alto.

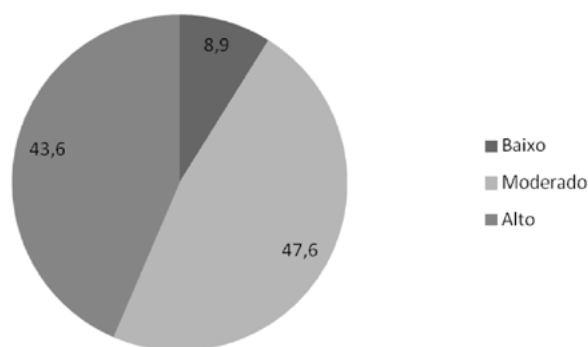


Figura 1 – Percentual de escolares segundo risco de cárie dentária
Fonte: PLADECOR, 2014

Observaram-se proporções semelhantes entre os riscos alto e moderado.

Em relação à classificação de risco de cárie dentária, os resultados estão apresentados na Figura 2.

A presença de biofilme (códigos A1, B1, C1) apareceu em 33,8% dos escolares, reforçando a necessidade de ações educativas e escovação supervisionada.

A presença de mancha branca de cárie (código D) foi observada em 15,6% dos escolares, que necessitam que sejam intensificadas as aplicações de gel fluoretado para evitar a progressão das lesões.

Uma pequena parcela (8,9%) dos escolares apresentou dentes restaurados (códigos B e B1) e, associado ao percentual (40,4%) de escolares com cavidades ativas (código E), cavidades inativas (códigos C e C1) e

urgências (código F), é possível destacar a necessidade de acesso à assistência odontológica.

Parte das cavidades ativas será selada com o Tratamento Restaurador Atraumático (TRA) a ser conduzido pelo projeto no segundo semestre de 2014, bem como a organização de encaminhamento dos outros casos para assistência odontológica na UBS de referência.

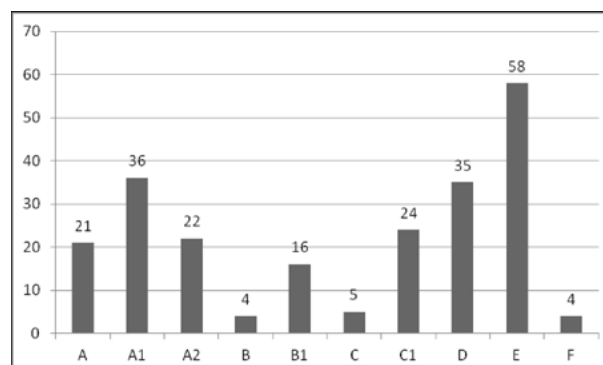


Figura 2 – Número de escolares segundo classificação de risco de cárie dentária
Fonte: PLADECOR, 2014

Algumas tecnologias estão sendo desenvolvidas pelos acadêmicos. No que diz respeito à triagem de risco, foi analisada a produtividade com a parceria de acadêmicos do 4º. e 7º. semestres atuando juntos (média de 13 exames por hora).

Para as atividades educativas, foi utilizada a técnica qualitativa de análise de conteúdo e categorização de relevância no diagnóstico do conhecimento dos alunos para planejamento dos temas a serem abordados.

Para a escovação supervisionada, propostas de abordagem individual e acolhimento, para estabelecer vínculo com os escolares estão sendo testadas, principalmente no que diz respeito a mudanças na técnica de escovação e uso do fio dental.

Conclusão

Embora com resultados parciais, pode-se observar que o trabalho que envolve acadêmicos de diferentes semestres está permitindo que eles sejam capazes de diagnosticar a situação de saúde de um público alvo, planejar ações e avaliá-las; além de perceber a importância do “empoderamento” deste público e consequente mudança de comportamento, de forma a contribuir para a manutenção da saúde.

Neste sentido, a criação de vínculo permite que a comunidade se torne protagonista no processo.

Referências

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1997. 229p.

BÖNECKER, M; SHEIHAM, A. Promovendo saúde bucal na infância e adolescência: conhecimentos e práticas. São Paulo: Santos; 2004. 195p.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES de 3 de fevereiro de 2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Odontologia (Online). Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES032002.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Guia de recomendações para o uso de fluoretos no Brasil. Brasília: Ministério da Saúde, 2009, 56 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Coordenação Nacional de Saúde Bucal. Diretrizes da Política Nacional de Saúde Bucal. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. 16p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde Bucal. Cadernos de Atenção

GOMES, D.; DA ROS, M. A. A etiologia da cárie no estilo de pensamento da ciência odontológica. Ciência & Saúde Coletiva, v. 13, n. 3, p.1081-1090, 2008.

PEREIRA, A.C. Odontologia em Saúde Coletiva- Planejando ações e promovendo saúde. Porto Alegre: Artmed; 2003. 440p.

SÃO PAULO. Secretaria de Estado de Saúde de São Paulo. Recomendações sobre uso de produtos fluorados no âmbito do SUS/SP em função do risco de cárie dentária. 2000, 10p.

POTENCIALIDADES DE ENCONTROS VIRTUAIS EM ATIVIDADES DE EXTENSÃO

OLIVEIRA, Aline Daiane Leal de

Aluna do Bacharelado em Enfermagem/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

GARCIA, Raquel Pötter

Aluna do Curso de Pós-graduação em Enfermagem (Doutorado)/UFPeI, bolsista CAPES

PEREIRA, Patrícia Milhapalheta

Aluna do Curso de Pós-graduação em Enfermagem (Doutorado)/UFPeI, bolsista CAPES

CORREIO, Andressa Hoffmann Pinto

Aluna do Curso de Pós-graduação em Enfermagem (Mestrado)/UFPeI, bolsista CAPES

FERNANDES, Helen Nicoletti

Aluna do Curso de Pós-graduação em Enfermagem (Mestrado)/UFPeI, bolsista CAPES

OLIVEIRA, Stefanie Griebeler

Professor Assistente I da Faculdade de Enfermagem/UFPeI, coordenador.

Na sociedade em que vivemos, a era tecnológica se propagou de maneira rápida, fazendo com que as redes sociais sejam utilizadas na busca por informações, para estudos em grupo ou para a vida pessoal. Segundo Lorenzo (2011) a utilização das redes sociais como estratégia de ensino é uma opção para a construção do relacionamento entre os alunos e professores, e elas podem ser utilizadas como troca de informação e como meio de comunicação. Ainda, conforme Costa e Mattos (2013), o espaço virtual confere autonomia criativa e armazenamento de informações.

A construção de grupos para criar comunidades das disciplinas é um bom recurso para discussão de temas específicos (LORENZO, 2011). Essa literatura encontrada informa que o espaço virtual tem sido bastante considerado nas práticas de ensino atuais e, por isso, acredita-se que, tal ambiente pode ser aproveitado também para atividades extensionistas. Assim, esse espaço foi utilizado como estratégia metodológica do Curso de Extensão de Leitura Crítica de Artigos Científicos, o qual trata de um projeto realizado em sete encontros, sendo quatro desses virtuais. A partir disso, destaca-se a relevância de compartilhar tal experiência, apontando suas potencialidades e formas de manejo com os grupos inseridos nessa atividade de extensão. Assim, objetivou-se relatar a experiência dos encontros virtuais em atividade de extensão.

Metodologia

O projeto Curso de Extensão de Leitura Crítica de Artigos Científicos originou-se na Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI), sobre a supervisão e orientação de docentes, doutorandos e mestrandos sendo direcionado a acadêmicos e profissionais da área da saúde. O número de vagas limita-se a 50 por edição, sendo que já ocorreram duas edições, a primeira em 2013 e a segunda em 2014.

Neste relato de experiência o foco foi os encontros virtuais, para destacar suas potencialidades. Eles foram operacionalizados pela criação de um grupo do curso na rede social Facebook, uma vez que esta tem sido comumente utilizada. Todos os participantes foram inseridos em tal grupo, favorecendo a troca de

informações e participação nos debates. Como disparadores para discussão foram utilizadas seções que compõem um artigo científico, tais como: introdução/objetivos, metodologia, resultados e discussão e/ou conclusão. Os participantes deveriam comentar cada atividade dentro do período programado pelos facilitadores do curso, demonstrando sua percepção acerca do que havia sido compartilhado.

Na segunda edição do curso, 51 pessoas se inscreveram, entretanto, 34 foram assíduas. Os encontros foram realizados no período de maio a junho de 2014.

Resultados

O encontro virtual A, foi realizado entre os dias 26 e 29 de maio e o encontro virtual B, entre os dias 30 de maio e 03 de junho. Tais encontros foram realizados no grupo do curso na rede social Facebook. No primeiro, foi postado o título e o resumo de um artigo científico, para que os participantes pudessem fazer comentários sobre esses elementos, totalizando 40 participações. Ocorreu a socialização de ideias entre facilitadores e participantes, bem como explicações de dúvidas, sobretudo no que tange a opção de títulos e resumos breves, que retratem com fidedignidade o conteúdo do artigo, instigando o leitor para a leitura do texto na íntegra.

No encontro seguinte, foi postada a introdução e a metodologia de outro artigo. Neste, um total de 32 participantes comentaram e curtiram a atividade, expondo considerações acerca da construção desses itens em um artigo científico. Os principais itens destacados foram à importância da elaboração de introduções mais enxutas e métodos que detalhem a forma de realização da, sendo frequente, apontamentos como: tema instigante e atual, porém com introdução frágil, por não apresentar revisão de estudos já realizados sobre o assunto; falta de clareza do título em relação ao tema desenvolvido no texto; objetivo confuso; método coerente, respeitando os princípios éticos.

O encontro virtual C, foi realizado entre os dias 09 e 17 de junho e o encontro virtual D, foi realizado entre os dias 19 e 26 de junho. No encontro C, foi postado o método e resultados de um artigo científico, para que os participantes pudessem fazer comentários sobre a estrutura de tal seção, destacando se os resultados e discussões estavam separados ou não, as características dessa seção em pesquisas quantitativas ou qualitativas, dentre outros, com frequência, foi evidenciado que o método apresentava fragilidades por não conter

o delineamento do estudo, o qual só foi compreendido com a apresentação dos dados da pesquisa. Esse encontro foi bastante produtivo também no sentido de clarear aspectos relativos ao método, os quais ainda ficaram pendentes do encontro virtual B. No encontro D, foram postadas as conclusões de um artigo, para que fossem possíveis comentários acerca da estrutura e da coerência. Dentre os participantes, 30 comentaram que a conclusão estava de acordo com o objetivo e resultados do artigo.

Entre as potencialidades do espaço virtual neste projeto de extensão, aponta-se a facilidade de participação no mesmo, uma vez que, cada encontro virtual teve duração de quatro a sete dias, o que permitia ao participante a familiarização com a atividade e um tempo para se organizar, responder e trocar ideias. Isso foi perceptível devido à comparação das médias de participação entre encontros presenciais e virtuais, sendo os presenciais com a média de 21 participantes e nos virtuais de 32. Diferenciando o encontro virtual com o presencial, destaca-se que este último, requer deslocamento físico, o qual depende de fatores ambientais, disponibilidade de tempo e presença, pois esse tem data e hora marcada. Já o virtual, possui data e hora marcada, mas em um prazo maior, também podendo ser acessado de qualquer lugar apropriado. Estar offline e online no ciberespaço se confunde, pois conforme Félix (2012) estar perto e estar longe passam a ter significados similares e diferentes bastando apenas um click no mouse para estar em comunicação com os outros.

Outra potencialidade foi à utilização do recurso, criação de grupos do Facebook, pois nesse espaço criado pode-se anexar arquivos, como materiais didáticos e fotos, realizar postagens, possibilitando que colaboradores e participantes, curtam e comentem as atividades postadas. Conforme Lorenzo (2011) as redes sociais com base nos inúmeros recursos que a Internet proporciona apresentam sua relevância, porém o desafio para os educadores é a incorporação dos recursos da internet em redes sociais com uma finalidade de beneficiar o processo de ensino e aprendizagem.

O grupo, após o término do curso não foi desativado para que os participantes ainda mantenham contato com os organizadores do projeto, objetivando a permanente troca de informações e esclarecimento de dúvidas.

Conclusão

Com este trabalho conclui-se que se torna cada vez mais fácil aproximar a comunidade acadêmica da comunidade externa, devido às facilidades relacionadas ao tempo e espaço que a internet proporciona. Com o auxílio dessa ferramenta foi possível expandir a discussão de artigos científicos e inserir pessoas que não necessariamente estavam ligadas a academia. Salienta-se que os encontros presenciais também são indispensáveis para atividades extensionistas, mas as potencialidades dos virtuais são inegáveis.

Referências

COSTA, J. W.; MATTOS, M. J. V. M. Utilização de recursos da web 2.0 por professores de graduação no processo ensino-aprendizagem. In: COSTA, J. W; VALLE, L. E. L. R; MATTOS, M. J. V. M. (Org.). Educação digital: a tecnologia a favor da inclusão. Porto Alegre: Penso Editora, 2013. p. 263-278.

FÉLIX, J. Entrevistas on-line ou algumas pistas de como utilizar bate-papos virtuais em pesquisas na educação e na saúde. In: MEYER, D. E; PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 131- 152.

LORENZO, E. M. A utilização das Redes Sociais na Educação. [S.l.]: Books Google, 2011. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=PGk3AgA-AQBAJ&pg=PA264&dq=o+uso+do+facebook+-na+educa%C3%A7%C3%A3o+virtual&hl=pt-BR&sa=X&ei=E8jKU63cMZHksQTd_oG4DQ&ved=0CCEQ6AEwAQ#v=onepage&q&f=false se>. Acesso em: 19 jul. 2014.

PROGRAMA DE ATENDIMENTO INTERDISCIPLINAR AO PACIENTE COM HIV/AIDS (PAI-HIV/AIDS): O PAPEL DA NUTRIÇÃO

CANTO, Nathália Engroff do

Aluna do Curso de Nutrição/UFPeI, bolsista PROEXT/UFPeI

RIBAS, Bruna Luiza

Aluna do Curso de Nutrição/UFPeI, bolsista PROEXT/UFPeI

ORLANDI, Silvana Paiva

Professor do Departamento de Nutrição/UFPeI

BORGES, Lucia Rota

Professor do Departamento de Nutrição/UFPeI, orientador

SILVEIRA, Marysabel Pinto Telis

Professor do Departamento de Fisiologia e Farmacologia/UFPEL, coordenador.

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa, de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade (BRASIL, 1987). Partindo deste conceito, entende-se que a universidade tem o compromisso de produzir conhecimentos e propor ações para a melhoria da qualidade de vida da população onde está inserida. Este compromisso torna-se imperativo no caso da Universidade Pública, por ser esta, mantida pelo poder público. Desta forma, esta comunidade tem direito de ser ressarcida através de tecnologias, de práticas e de conhecimentos, que sejam voltados para o benefício da população (BRASIL, 1987).

Na área de saúde, a Extensão Universitária busca a integração entre a atenção à saúde e a formação de profissionais, propondo a implementação de estratégias e mecanismos de cooperação entre provedores de serviços, comunidade usuária e universidade, a fim de melhorar qualidade do sistema de serviços de saúde (BRASIL, 1987).

Neste contexto, o presente grupo atuou na implantação de um projeto de extensão, tendo em vista a importância de ações interdisciplinares, no cuidado integral de pacientes portadores do Vírus da Imunodeficiência Humana/Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (HIV/AIDS). Assim, promove a atuação direta de acadêmicos da Nutrição, juntamente com os cursos de Farmácia e Medicina, de forma integrada e interdisciplinar, na prestação de cuidados junto a estes pacientes.

Os cuidados com a alimentação e o estado nutricional de pacientes portadores de HIV/AIDS são necessários, sob vários aspectos: pela relação entre o estado nutricional e a imunidade do paciente, pelo sinergismo entre desnutrição e infecções, pela necessidade de prevenção da contaminação alimentar, pela atenuação de sintomas através de adaptações dietéticas e, em última instância, por serem a alimentação e o estado de nutrição, alternativas para prolongar a sobrevida com qualidade, dignidade, conforto e prazer. Tais aspectos beneficiam tanto o estado de saúde físico como psicológico (GARCIA et al, 2000).

Principalmente, a perda de peso e a desnutrição são complicações frequentes em pacientes infectados pelo

HIV (BERNEIS et al, 2000). A origem desses problemas é multifatorial, envolvendo nos mecanismos primários, distúrbios na ingestão alimentar, alterações metabólicas e má absorção de nutrientes (HECKER; KOTLER, 1990). Além disso, o aumento no gasto energético durante respostas às infecções oportunistas, bem como à infecção pelo HIV em si, podem conduzir a desnutrição (WILLIAMS; WALTERS; PARKER, 1999).

Assim, espera-se que o acompanhamento nutricional garanta aos pacientes um adequado estado nutricional, melhore nos parâmetros bioquímicos, hábitos alimentares mais saudáveis, com repercussões positivas na qualidade de vida. Portanto, o objetivo do projeto é disponibilizar o acompanhamento nutricional a fim de evitar a desnutrição, principalmente a perda de peso corporal, minimizar os sintomas e prevenir as manifestações do HIV e doenças oportunistas, além de melhorar a tolerância ao tratamento com terapia antirretroviral (TARV) e promover a melhor qualidade de vida.

Metodologia

A atuação da nutrição é desenvolvida junto ao Serviço de Assistência Especializada em HIV/AIDS da UFPEL. As consultas são agendadas no serviço, pelo paciente que pode procurar atendimento ou quando o mesmo é encaminhado pelo atendimento médico. Os atendimentos pela equipe de nutrição ocorrem em dias e horários fixos, previamente acordados com a equipe do serviço.

Foram criados protocolos nutricionais específicos para este público alvo, contemplando: 1) avaliação nutricional através de parâmetros objetivos e subjetivos que proporcionam não só a avaliação ponderal, mas também a perda de massa magra e diminuição da função muscular; 2) reconhecimento de efeitos colaterais decorrentes do tratamento, principalmente o diagnóstico da lipodistrofia e prevenção de doenças metabólicas secundárias; 3) manejo de sintomas gastrintestinais, decorrentes do uso da terapia antirretroviral (TARV); 4) plano dietético individualizado, atendendo de forma completa as necessidades de micro e macronutrientes, levando em consideração a rotina dos indivíduos, hábitos alimentares, disponibilidade e condição financeira de cada paciente; 5) monitoramento nutricional dos pacientes atendidos, garantindo a adesão ao tratamento. Assim, a cada consulta as dificuldades na adesão ao plano alimentar são questionadas, há o reforço de orientações dietéticas e o esclarecimento

de dúvidas, com a atualização do plano alimentar conforme a necessidade.

Os pacientes têm os retornos no serviço de nutrição agendados no momento da consulta, que leva em consideração sua disponibilidade, com um tempo entre uma consulta e outra de um mês. Um resumo da evolução das consultas é disponibilizado nos prontuários dos pacientes, garantindo o acesso por outros profissionais da área da saúde, promovendo um atendimento multiprofissional para cada paciente. Tais estratégias foram elaboradas a fim de garantir um atendimento de qualidade e sua respectiva adesão ao tratamento.

Resultados

O PAI-HIV/AIDS foi submetido ao edital do Programa de Extensão Universitária do Ministério da Educação do Brasil 2014, tendo sido contemplado com o recurso financeiro necessário à implantação do programa. O PAI-HIV/AIDS está em andamento desde janeiro do presente ano, atuando no atendimento integrado destes pacientes.

Pacientes infectados com o Vírus da Imunodeficiência Humana ou com AIDS frequentemente apresentam desnutrição proteico-energética e como consequência desta desnutrição, estes pacientes apresentam menor tolerabilidade ao tratamento, maior incidência de complicações e mortalidade, ou seja, pior prognóstico. Uma alimentação saudável é fator importante para a saúde e consequentemente para a qualidade de vida destes indivíduos (PAULA et al, 2010).

Para as pessoas que vivem com HIV/AIDS, a alimentação deve ser balanceada e adequada às necessidades de cada um, assim, melhora os níveis de células T-CD4, melhora a absorção intestinal, diminui os problemas provocados pela diarreia, síndrome da lipodistrofia e todos os outros sintomas, que podem ser minimizados ou mesmo revertidos (BRASIL, 2006). Desta forma a avaliação feita pela nutrição é uma importante ferramenta para estabelecer o estado nutricional do paciente, pois possibilita a implantação precoce da intervenção nutricional prevenindo ou revertendo a perda de peso.

Recomenda-se atuar de imediato em qualquer indivíduo HIV positivo (HIV+), assintomático ou na vigência de AIDS, que apresente perda de peso. Essa vigilância contribui para sobrevida destes pacientes, ao retardar a imunodepressão de origem nutricional e a ocorrência de infecções oportunistas (PROJETO

DIRETRIZES, 2011).

Desta forma torna-se de extrema importância o aconselhamento nutricional adequado a cada paciente, com o objetivo de evitar a desnutrição, principalmente a perda de peso corporal, minimizar os sintomas e prevenir as manifestações do HIV e as doenças oportunistas, melhorar a tolerância ao tratamento antirretroviral, ajudar a manter a composição corporal e promover melhor qualidade de vida.

Junto ao recurso disponibilizado esta prevista a publicação do protocolo nutricional desenvolvido para o atendimento do paciente portador do HIV/AIDS, possibilitando a divulgação do material desenvolvido para uso em outras instituições de forma que se possa padronizar um protocolo específico para o atendimento nutricional destes pacientes.

Conclusão

O trabalho em equipe multiprofissional é um importante pressuposto para a reorganização do processo de trabalho em saúde, enfrentando o intenso processo de especialização nessa área, que tem tendência a aprofundar verticalmente o conhecimento e a intervenção em aspectos individualizados das necessidades de saúde, sem contemplar os saberes simultâneos.

Além disso, através das ações multidisciplinares será possível melhorar a qualidade do serviço prestado ao paciente, assim como aumentar a adesão aos antirretrovirais, melhorar o estado clínico, laboratorial e nutricional, promovendo o autocuidado com a doença e resultando em uma melhor qualidade de vida do paciente.

Referências

BERNEIS, K, et al. Nutritional supplements combined with dietary counseling diminish whole body protein catabolism in HIV-infected patients. *Eur J Clin Invest*, Oxford, v. 30, n. 1, p.87-94, 2000.

BRASIL. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras- FORPROEX. Conceito de extensão, institucionalização e financiamento. Disponível em: <http://www.renex.org.br/documentos/Encontro-Nacional/1987-I-Encontro-Nacional-do-FORPROEX.pdf>

BRASIL. Ministério da Saúde, 2006. Alimentação e nutrição para pessoas que vivem com HIV e AIDS. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha_alimentacao_nutricao.pdf. Acesso em: 24 de julho de 2014.

GARCIA, Rosa Wanda Diez; QUINTAES, Késia Diego; LEANDRO-MERHI, Vânia Aparecida. Nutrição e Aids. *Rev. Ciênc. Méd.* 2000, v. 9, n. 2, p. 52-73.

HECKER, L.M.; KOTLER, D.P. Malnutrition in patients with AIDS. *Nutri Rev*, New York, v.48, n.11, p.393-399, 1990.

PAULA, Emmyline; NERES, Samara; SANTINI, Eliana; REIS FILHO, Adilson. Considerações nutricionais para adultos com HIV/AIDS. Mato Grosso, 2010 v.1 n.2, p.148-165).

Projeto Diretrizes, 2011. Terapia nutricional na síndrome da imunodeficiência adquirida hiv/aids. Disponível em: www.projetodiretrizes.org.br/9_volume/terapia_nutricional_na_sindrome_da_imunodeficiencia_adquirida_hiv_aids.pdf> Acesso em 24 de Julho de 2014. v. 9, n. 2, p. 52-73, maio/ago. 2000.

WILLIAMS, B., WALTERS, D., PARKER, K. Evaluation and treatment of weight loss in adults with HIV disease. *Am Fam Physician*, Kansas City, 1999, v.60, n.3, p.843-854.

PROGRAMA DE ATENDIMENTO INTERDISCIPLINAR AO PACIENTE COM HIV/AIDS (PAI-HIV/AIDS)

GIUSTI, Ana Laura Buchweitz

Aluna do Curso de Farmácia, UFPEL, bolsista PROEXT/UFPEL

BOTESELLE, Giordana Pereira

Aluna do Curso de Farmácia, UFPEL, voluntária

NEUMANN, Letícia Gonçalves

Aluna do Curso de Farmácia, UFPEL, bolsista PROEXT/UFPEL

MÜLLER, Cristina Heloísa

Aluna do Curso de Farmácia, UFPEL, bolsista PROEXT/UFPEL

SILVEIRA, Marysabel Pinto Telis

Professora Doutora do Departamento de Fisiologia e Farmacologia, Universidade Federal de Pelotas, coordenadora

O trabalho em equipe multiprofissional é um importante pressuposto para a reorganização do processo de trabalho em saúde, enfrentando o intenso processo de especialização, que tem tendência a aprofundar verticalmente o conhecimento e a intervenção em aspectos individualizados das necessidades de saúde, sem contemplar os saberes simultâneos (PEDUZZI, 2001; FERREIRA, et al, 2009).

O estado nutricional do paciente com HIV/AIDS adquiriu importância na prática clínica devido à desnutrição e às reações adversas da terapia antirretroviral (TARV). Assim, recomenda-se atuar de imediato em qualquer indivíduo HIV positivo que apresenta perda de peso, contribuindo na sobrevivência ao retardar a imunodepressão de origem nutricional e a ocorrência de infecções oportunistas (PROJETO DIRETRIZES, 2011).

No contexto de equipe multiprofissional e atenção integral à saúde, a assistência farmacêutica é um conjunto de ações voltadas à promoção, proteção e recuperação da saúde, em nível individual e coletivo, sendo o medicamento o insumo essencial, visando seu uso seguro e racional (FOPPA et. al., 2009; OPAS, 2002). O papel do farmacêutico consiste na informação quanto ao uso correto da medicação, acondicionamento dos medicamentos, duração do tratamento, além de detectar, qualificar e quantificar possíveis Problemas Relacionados aos Medicamentos (PRMs), assim como Resultados Negativos Associados aos Medicamentos (RNMs).

Através da Atenção Farmacêutica (AF) tem-se a provisão da farmacoterapia responsável visando alcançar resultados concretos que melhorem a qualidade de vida do paciente. (SEVERO e SEMINOTTI, 2010; SOUZA e BERTONCIN, 2008).

Estudo anterior realizado no SAE/Pelotas demonstrou que a expectativa de auto-eficácia para utilizar a medicação corretamente foi o principal preditor de adesão (PINHEIRO, C.AT. et al, 2002). Portanto, a AF poderia atuar diretamente neste fator para aumentar a adesão. Outro estudo verificou que quanto mais complexo o regime terapêutico, menores são os índices de adesão, talvez, por dificuldade de adaptação à rotina diária (SILVEIRA, V.L. et al, 2003). Estes dois estudos também demonstraram que a percepção de efeitos colaterais diminui a adesão.

Ensaio clínico realizado pela coordenadora desta proposta, também no SAE/Pelotas, para avaliar a efetividade da AF sobre a adesão à TARV, obteve resultados positivos na melhora da adesão ao tratamento e na diminuição da carga viral e aumento da contagem de células CD4 (SILVEIRA, 2011).

Outro ponto importante na análise da farmacoterapia destes pacientes é quanto ao uso popular de plantas medicinais. A utilização destas concomitantemente com medicamentos prescritos é muito comum em pessoas infectadas pelo HIV, pois a ocorrência dos efeitos adversos clássicos ad TARV incita-os à busca alternativas para amenizar estes desconfortos. Essa autoadministração implica em grande preocupação devido às potenciais interações entre medicamentos usados na TARV e as plantas, resultando, em inúmeras vezes, na falha do tratamento, seja por ineficácia (concentrações subterapêuticas) ou toxicidade (acúmulo no organismo) dos fármacos.

Conhecer as interações entre plantas medicinais e antirretrovirais permite identificar interações potenciais ou já instaladas e assim recomendar ajuste da dose ou indicar a descontinuidade do uso da planta medicinal. Por outro lado, quando a utilização da planta for relevante pode se ter uma ferramenta alternativa para o manejo farmacoterapêutico.

O presente programa tem como objetivo promover o atendimento inter e transdisciplinar a pacientes portadores de HIV/AIDS com a finalidade de melhorar sua saúde e qualidade de vida, na reabilitação e prevenção de danos e agravos, além de promover uma maior qualidade no atendimento a pacientes portadores de HIV/AIDS cadastrados no SAE-Pelotas. Desenvolver ações sócio-educativas; promover maior adesão dos pacientes ao tratamento antirretroviral; identificar potenciais interações medicamentosas entre os fármacos usados na terapia da AIDS e plantas medicinais de uso popular; realizar avaliação nutricional; envolver a equipe de saúde do local e a Universidade na promoção da saúde; além de promover ações de ensino e pesquisa integrados a este programa de extensão, são objetivos também propostos pelo programa.

Metodologia

As atividades realizadas são supervisionadas pelos docentes de Farmácia, Medicina e Nutrição, e pela equipe do serviço participante deste programa. Estas ações estão voltadas a pacientes com HIV/AIDS cadastrados no Serviço de Assistência Especializada em

HIV/AIDS de Pelotas. Antes de iniciar as atividades, os bolsistas foram submetidos a uma capacitação.

Os usuários são escolhidos para as ações interdisciplinares de acordo com suas necessidades. O atendimento farmacêutico consiste de aferição da adesão à TARV por auto-relato, qualidade de vida e seguimento farmacoterapêutico seguindo o Método Dáder de AF. O objetivo é identificar, prever e resolver Problemas Relacionados aos Medicamentos que possam ser causa de Resultados Negativos associados aos medicamentos (HERNANDEZ e col, 2007).

O atendimento nutricional baseia-se na avaliação dietética e antropométrica para determinação do estado nutricional, promovendo a recuperação através da implantação de um plano nutricional individualizado.

No que compete ao atendimento médico, realiza-se a consulta habitual buscando atualizar os dados do prontuário, assim como a checagem da realização periódica dos exames complementares necessários para o acompanhamento clínico. Outra ação do projeto é a criação de uma disciplina optativa para todos os cursos de graduação da área da saúde, com o tema: Cuidados Interdisciplinares aos pacientes com HIV/AIDS.

Resultados

Partindo do conceito “A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade” (PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA), entende-se que a universidade tem o compromisso de produzir conhecimentos e propor ações para a melhoria da qualidade de vida da população onde está inserida. O programa tem permitido maior inserção de acadêmicos no âmbito profissional e a aproximação da academia à comunidade. A oferta da disciplina optativa para acadêmicos da área da saúde, tem a finalidade de fornecer conhecimento multidisciplinar sobre o cuidado ao paciente com HIV/AIDS, principalmente relativo ao cuidado médico, farmacêutico e nutricional, área que na maioria das vezes esta fora da grade curricular acadêmica.

O programa esta em andamento, mas como principais resultados iniciais, tem se observado, nos pacientes atendidos, maior adesão e compreensão sobre o tratamento antirretroviral e melhora do seu estado nutricional. Pretende-se também, com mais tempo de acompanhamento, melhorar a qualidade de vida dos pacientes. Com a criação e execução deste programa,

também foi possível ampliar e melhorar a qualidade dos serviços prestados no local.

Conclusão

Apesar do projeto estar em andamento e ter sido recentemente implantado, através das ações multidisciplinares promovidas por este programa foi possível melhorar a qualidade do serviço prestado aos pacientes atendidos, aumentar a adesão aos antirretrovirais, melhorar o estado clínico, laboratorial e nutricional dos mesmos, aumentando o vínculo do paciente com a equipe do serviço, seu conhecimento sobre sua doença e seu tratamento e promover o autocuidado, o que esperamos, futuramente, resulte em uma melhor qualidade de vida do paciente.

Referências

- FERREIRA, R.C., VARGA, C.R.R., SILVA, R.F. Trabalho em equipe multiprofissional: a perspectiva dos residentes médicos em saúde da família. In: *Ciência & Saúde Coletiva*, vol. 14 supl. 1 pp.1421-1428, 2009.
- FOPPA, A.A., BEVILAQUA, G., PINTO, L.H., BLATT, C.R. Atenção farmacêutica no contexto da estratégia de saúde da família. In: *Rev. Bras. Ciênc. Farmaceut.*, vol. 44 no. 4 Out./Dez. 2008.
- HERNÁNDEZ, D. S., M. S. CASTRO, et al., Eds. (2007). *Método Dáder Guía de Seguimiento Farmacoterapéutico*.
- ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). Proposta: consenso brasileiro de atenção farmacêutica. *Atenção farmacêutica no Brasil: "trilhando caminhos"*. Brasília: OPAS; 2002.
- PEDUZZI, M. Equipe multiprofissional de saúde: conceito e tipologia. In: *Rev. Saúde Pública*. Vol. 35 no. 1 pp.103-109, 2001.
- SEVERO, S.S., SEMINOTTI, N. Integralidade e transdisciplinaridade em equipes multiprofissionais na saúde coletiva. In: *Ciênc. Saúde Coletiva* vol.15 supl.1 Jun. Rio de Janeiro, 2010.

SILVEIRA MPT, PINHEIRO CAT, GUTTIER MC, PEREIRA TVS, MOREIRA LB. Atención Farmacéutica para pacientes HIV-positivos con ARV, Brasil. *Boletín Informativo de La Organización Panamericana de La Salud - PAHO- Experiencias exitosas em el manejo de La adherencia al tratamiento antirretroviral em Latinoamérica*. June, 2011:24-26.

SILVEIRA VL, DRACHLER ML, LEITE JCC, PINHEIRO CAT. Characteristics of HIV antiretroviral regimen and treatment adherence. *Braz J InfectDis* 2003;7 (supl 3):194-201.

SOUZA, V.V., BERTONCIN, A.L.F.F. Atenção farmacêutica para pacientes hipertensos - nova metodologia e a importância dessa prática no acompanhamento domiciliar. In: *Rev. Bras. em Promoção da Saúde* vol 21 no. 3 pp. 224-230, 2008.

PINHEIRO CAT, LEITE JCC, DRASCHLER ML, SILVEIRA VL. Factors associated with adherence to antiretroviral therapy in HIV/AIDS patients: a cross-sectional study in Southern Brazil. *Brazilian Journal of Medical and Biological Research*, 2002;35(suppl10):1173-1181.

Referências eletrônicas

- PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, Disponível em: <http://www.renex.org.br/documentos/Colecao-Extensao-Universitaria/01-Plano-Nacional-Extensao/Plano-nacional-de-extensao-universitaria-editado.pdf>. Acesso em: junho de 2014.
- PROJETO DIRETRIZES. TERAPIA NUTRICIONAL NA SÍNDROME DA IMUNODEFICIÊNCIA ADQUIRIDA HIV/AIDS. 2011. Disponível em: www.projetodiretrizes.org.br/9_volume/terapia_nutricional_na_sindrome_da_imunodeficiencia_adquirida_hiv_aids.pdf. Acesso em: junho de 2014.

PROGRAMA DE PRIMEIROS SOCORROS PARA A COMUNIDADE — RELATO DE EXPERIÊNCIA

LEAL, Ediléia Strelow

Aluna do Bacharelado em Enfermagem/UFPeI, bolsista PROBEC Programa de Treinamento de Primeiros Socorros para a Comunidade /UFPeI

RADTKE, Tamires Stiff

Aluna do Curso de Enfermagem/UFPeI, bolsista de monitoria UCE VI: Atenção Básica e Hospitalar na área Materno e Infantil voluntária do Programa de Treinamento de Primeiros Socorros para a Comunidade /UFPeI

FERMINO, Veridiana

Aluna do Curso de Enfermagem/UFPEL, voluntária do Programa de Treinamento de Primeiros Socorros para a Comunidade

NUNES, Caroline Witte

Aluna do Curso de Enfermagem/UFPEL, voluntária do Programa de Treinamento de Primeiros Socorros para a Comunidade

AZEVEDO, Norlai Alves

Professor do Departamento de Enfermagem/UFPeI, orientador.

Os primeiros socorros denominam o tratamento aplicado de imediato ao acidentado ou portador de mal súbito, antes da chegada do médico. Estes surgiram durante o período de guerras do século XIX por intermédio do suíço Jean Henry Dunant (NOVAES; NOVAES, 1994).

A deficiência no conhecimento de ações de primeiros socorros acarretam prejuízo no atendimento a vítimas, a inserção de projetos que estimulem o tema, começando já na infância, trabalhando o atendimento e a prevenção é de grande importância. Pois acidentes podem ocorrer a qualquer momento em qualquer lugar, especialmente na escola devido ao grande número de pessoas e atividades, tornando o risco de acidente maior.

Conforme Júnior, Júnior e Toledo (2013) trazem, é essencial também o profissional da educação infantil ter o mínimo de conhecimento para socorrer seu corpo discente nessas situações, através da pesquisa que realizaram com professores da rede municipal de ensino de São Paulo, 80% dos entrevistados não tiveram nenhuma disciplina voltada a primeiros socorros durante a sua formação, e 100% já presenciou ou teve que socorrer um aluno, dados que só ressaltam a importância da introdução de assuntos ligados ao atendimento de primeiros socorros.

Os primeiros socorros são definidos como um atendimento temporário e imediato de uma pessoa que está ferida ou que adoecer repentinamente, bem como, se insere o atendimento no domicílio quando não se pode ter acesso a uma equipe de resgate ou enquanto os técnicos em emergência médica não chegam ao local (FIORUC; MOLINA; JUNIOR; LIMA, 2008).

A sociedade globalizada traz consigo uma grande demanda de doenças que envolvem situações emergenciais repercutindo no sistema de saúde (VENTORINI et al.2012). Somando-se à isso, nos últimos anos, com o aumento de acidentes e da violência urbana, torna-se necessário o conhecimento da população sobre certos procedimentos que podem ser executados por qualquer pessoa que esteja junto à vítima (MARTINS; PRADO, 2003). Pois ao se depararem com situações de emergências os leigos que realizam os primeiros socorros quando não capacitados podem vir a agravar ainda mais a condições de saúde

das vítimas (VENTORINI et al.2012). Deste modo, este trabalho tem como objetivo relatar a experiência de acadêmicos de enfermagem e da monitória do projeto de extensão “Programa de Treinamento em Primeiros Socorros Para a Comunidade”.

Metodologia

Atualmente o projeto é coordenado por uma docente e tem como integrantes duas docentes e dezoto discentes. O grupo se reúne uma vez por semana, durante quatro horas, nestes encontros os alunos são treinados pela professora e a monitória sobre os assuntos a serem abordados, utilizamos os manequins, materiais e equipamentos de imobilizações e transporte.

O projeto atua ainda com apoio nos CIC's atendendo as intercorrências básicas que podem surgir, e realiza palestras e cursos em escolas, faculdades, hospitais e população em geral.

Resultados

Através deste projeto abrangemos uma população diversa que engloba cursos da universidade tais como agronomia, veterinária, engenharia agrícola, engenharia da produção, odontologia e institutos educacionais professoras de escolas infantis da secretaria municipal de saúde, escolas particulares e de ensino técnico profissionalizantes.

Através de um feedback feito no final de cada encontro foi possível avaliar que todos os participantes consideraram os treinamentos como “muito bom”, referindo que acrescentou nos seus conhecimentos.

Enquanto participantes deste projeto acreditamos que o mesmo contribui sobre maneira positiva para o nosso crescimento acadêmico e para o aprendizado das pessoas que participam dos cursos, vindo a elaborar o conhecimento em primeiros socorros.

Conclusão

Concluímos que as ações desenvolvidas ao longo deste projeto ressaltam o quanto o mesmo contribui para com os nossos conhecimentos a respeito dos primeiros socorros e nos subsidia para transmiti-los toda a população que atingimos e a que vier a ser treinada.

Acreditamos que as vítimas em necessidade de receberem os primeiros socorros, carecem de pessoas que tenham noções básicas para as auxiliarem durante este momento de aflição, pois na maioria das vezes,

contam com o auxílio de pessoas leigas.

Deste modo, este projeto também nos demonstrou o quanto é fundamental levar o conhecimento sobre este tema ao maior número de pessoas, para poder aumentar as chances de um melhor prognóstico das vítimas evitando-se consequências mais graves do que aquelas já causadas pelos incidentes.

Sendo assim, entendemos que as situações de intercorrências e agravo à saúde são inesperadas e assim devemos estar sempre preparados para atendê-las, pois o atendimento inicial bem realizado pode salvar uma vítima que venha a sofrer qualquer agravo.

Referências

FIORUC, B. E.; MOLINA, A.C.; JUNIOR, W. V.; LIMA, S. A. M. Educação em saúde: abordando primeiros socorros em escolas públicas no interior de São Paulo. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, Goiânia (GO), v.10, n.3, p.695-702, 2008.

MARTINS, P.P.S.; PRADO, M.L. Enfermagem e serviço de atendimento pré-hospitalar: descaminhos e perspectivas. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília (GO), v.56, n.1, p.71-5, 2003.

NOVAES, J. S, NOVAES, G. S., Manual de Primeiros Socorros para Educação Física, 1ª ed, Rio de Janeiro, Sprint, 1994. 274 p.

Referências eletrônicas

JÚNIOR, M.A.O.; JÚNIOR.C.J.S.; TOLEDO, E.M. O Conhecimento em Pronto-Socorrismo de Professores da Rede Municipal de Ensino do Ciclo I de Cruzeiro-SP. *ECCOM*, v. 4, n. 7, 2013. 10 p. Disponível em: <http://publicacoes.fatea.br/index.php/eccom/article/viewFile/591/421>. Acessado em 02 de julho de 2014.

VENTORINI, J. A. O.; BADKE, COGO, S. B.; COSENTINO, S. F.; SANTOS, V. O. *Revista Enfermagem UFSM*, Santa Maria (RS), v.2, n.2, p.353-364, 2012. Acessado em 22 de julho de 2014. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reufsm/article/view/5232/3760>

PROJETO BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

MELLO, Vinicius Dias de

Aluno da Licenciatura em Educação Física/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

AZEVEDO, Mario Renato

Professor Doutor ESEF/UFPeI, coordenador.

A prática esportiva há muito vem sendo considerada elemento importante como meio de promoção da saúde. Quando a mesma é direcionada a populações historicamente desfavorecidas, seu potencial de impacto é ainda maior, como é o caso da população com deficiência física. Além do bem-estar físico, o ganho afetivo- emocional que a pessoa com deficiência pode ter a partir de uma oportunidade de inserção social é um dos objetivos principais a ser alcançado com projetos voltados a esta população.

Neste contexto, a Universidade Federal de Pelotas vem procurando cumprir seu papel de buscar a aproximação com a comunidade onde está inserida e, através de suas ações de ensino e extensão, vem abrindo espaços e proporcionando oportunidades. A Escola Superior de Educação Física (ESEF) há mais de quinze anos oportuniza crianças e jovens com diferentes tipos de deficiência a prática orientada de atividades físicas, esportivas e culturais e, desde 2010, vem possibilitando a jovens e adultos com deficiência física a prática do basquetebol em cadeira de rodas.

Coordenado pelo professor Mario Renato de Azevedo Júnior, docente da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, o projeto conta atualmente com a participação de três bolsistas e doze acadêmicos de Educação Física. Entre os objetivos específicos do projeto destacam-se: possibilitar o acesso à prática esportiva orientada para pessoas com deficiência física; desenvolver atividades voltadas ao treinamento técnico e tático do basquetebol em cadeira de rodas; e oportunizar aos acadêmicos envolvidos a vivência da prática pedagógica com o basquetebol em cadeira de rodas.

Metodologia

As atividades são desenvolvidas às segundas e quintas-feiras, das 18:00 às 20:30 horas no ginásio da ESEF. Além dos recursos humanos e do espaço físico, o projeto disponibiliza as cadeiras específicas para a prática da modalidade, bolas de basquetebol e outros materiais esportivos. Considerando as características dos alunos, desenvolvem-se atividades em dois grupos com objetivos distintos: a) grupo iniciação - voltado às pessoas com deficiência motora acentuada e/ou outra

deficiência associada; b) grupo desempenho, voltado às pessoas com condições físicas e motoras para a prática da modalidade de basquetebol em cadeira de rodas propriamente dita. O grupo desempenho vem participando de competições em nível estadual desde 2012.

Resultados

Apesar dos contínuos esforços de divulgação, incluindo rádios, jornais, telejornais locais, bem como através do convite feito por conhecidos e visitas a associações das pessoas com deficiência, o projeto ainda conta com uma demanda inferior à sua capacidade de atendimento. Atualmente, oito alunos no grupo iniciação e nove no grupo desempenho tem frequentado sistematicamente as aulas.

Entre os resultados obtidos no curto prazo, conforme relato dos participantes ou familiares pode destacar: os benefícios da prática regular da atividade esportiva, ganhos na autoestima e favorecimento do convívio social.

KRUG (2012), acredita que a diversidade humana é muito ampla, contudo, existem pessoas que não conseguem compreender as deficiências que alguns indivíduos possuem, gerando assim estigmas e preconceitos com pessoas com deficiência física e necessidades educativas especiais. Entretanto, mesmo sendo um processo lento, nos dias de hoje podemos perceber que a educação brasileira está desenvolvendo iniciativas para a inclusão de pessoas com deficiência.

O esporte vem servindo de grande exemplo no que se refere à oportunidades de realização pessoal e convívio social para a população com deficiência. Um exemplo disso é o evento mais importante do Estado, os Jogos Abertos Paradesportivos do Rio Grande do Sul (PARAGIRGS), que tem por objetivo desenvolver uma política pública de inclusão que viabilize a participação de atletas (pessoas com deficiências físicas, visuais e/ou intelectuais) representantes dos municípios do estado, potencializando o paradesporto no âmbito nacional e internacional. Este evento é realizado anualmente em diferentes cidades e a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), com o apoio da Secretaria de Esportes do município, vem oportunizando a participação da equipe de basquete em cadeira de rodas neste evento.

Fernandes e Júnior (2008) defendem que é inadmissível um indivíduo ser excluído ou ter acesso res-

trito a prática de atividades físicas pelo fato de possuir algum tipo de deficiência, seja ela qual for. Desta forma surge um questionamento: será que o professor ou profissional de educação física sabe lidar e incluir pessoas com deficiência dentro do âmbito da atividade física? Nesse sentido a UFPEL, mais especificamente o curso de Educação Física, possibilita aos acadêmicos a vivência de diferentes situações relacionadas aos processos de ensino- aprendizagem envolvendo pessoas com deficiência, como o exemplo do projeto em questão. Ferreira, Benfica e Rodrigues (2012), ao analisarem uma disciplina (Práticas Pedagógicas em Educação Física Adaptada) do curso de graduação em educação física concluíram que a formação fornecida por um curso superior desta área está possibilitando uma preparação mais sólida no que diz respeito à educação física adaptada, com o intuito de melhorar os serviços prestados a sociedade. Com isso, acredita-se que o acadêmico durante sua formação tem a disposição conhecimento e experiências fundamentais para desenvolvimento de práticas pedagógicas futuras que favoreçam a inclusão social na sua vida profissional.

Conclusão

Conclui-se que a experiência de fazer parte do projeto de basquetebol em cadeira de rodas é importante pelo fato de oportunizar a aproximação entre o conhecimento sobre o esporte adaptado e aspectos gerais do trato pedagógico com pessoas com deficiência.

Referências

- KRUG, Hugo Norberto. A inclusão de pessoas portadoras de necessidades educativas especiais na educação física escolar. Revista Centro de Educação, ed. 2002, n.19, 2012.
- FERNANDES, Carla Andréia Fabiani; JUNIOR, Rubens Venditti. Educação física adaptada na formação universitária: Reflexões sobre a preparação para a atuação com pessoas com necessidades especiais. Movimento & Percepção. SP, Espírito Santo do Pinhal, v.9, n.12, jan/jun, 2012.
- FERREIRA, Elizângela Fernandes; BENFICA, Dallila Tamara; RODRIGUES, Aurora Corrêa. Prática pedagógica em educação física adaptada: Relato de experiência. Revista da FEF da UNICAMP, Campinas, v.10, n.1, p.154-164, jan./abr. 2012.

PROJETO DE EXTENSÃO EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA COMUNIDADE

LUBINI, Vanusa Thaine

Aluna do Curso de Enfermagem/UFPeI, bolsista PRO-BEC/UFPeI

BRAGA, Gabriele de Brito

Aluna do Curso de Enfermagem/UFPeI, bolsista PRO-BEC /UFPeI

WILLRICH, Janaína Quinzen

Professor do Departamento de Enfermagem/UFPeI, coordenador.

A educação em saúde, segundo BRASIL (2007), faz parte de todas as práticas desenvolvidas na esfera do Sistema Único de Saúde (SUS), sendo realizada por intermédio do desenvolvimento de ações dialógicas, participativas, criativas e que contribuam para a autonomia dos usuários no que se refere à sua condição de autor de sua trajetória de saúde e doença. Além disso, proporciona autonomia aos profissionais diante da possibilidade de reinventar modos de cuidado mais humanizados, compartilhados e integrados.

Nessa perspectiva a Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI) desenvolve o projeto de extensão “Educação em Saúde na Comunidade”, vinculado às ações do Programa Vizinhança, o qual objetiva atender às necessidades socioculturais e de saúde da comunidade da Balsa, vizinha ao Campus Porto.

O projeto iniciou suas atividades no ano de 2010 e desde então busca manter vínculo com a comunidade por intermédio da realização de visitas domiciliares, contato com lideranças, palestras em escolas e em um grupo de mulheres. As atividades de educação em saúde têm a intenção de minimizar algumas das necessidades que a comunidade apresenta, visto que neste bairro são observadas vulnerabilidades quanto a condições socioeconômicas e de saúde.

Portanto, a inserção do projeto de extensão nesta comunidade possibilita ao estudante de enfermagem uma formação crítica e voltada para o envolvimento social, desenvolvendo o exercício de pensar soluções para os problemas que afetam o bem estar da população, além de oferecer aos moradores ideias e informações que estimulem a escolha por hábitos saudáveis e qualidade de vida.

Assim, este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados obtidos por meio das ações realizadas desde o início do projeto.

Metodologia

Em 2009 os discentes da Faculdade de Enfermagem foram inseridos na Unidade Básica de Saúde da Comunidade da Balsa a fim de desenvolver suas atividades acadêmicas. No entanto, com a alteração do currículo do curso, que preconizava estágios em unidades de saúde com Estratégia de Saúde da Família, os alunos tiveram de ser remanejados. Em decorrência

disso, no ano de 2010, com a intenção de trazer melhorias à comunidade e qualificar o saber acadêmico, iniciaram as atividades do projeto de extensão “Educação em Saúde na Comunidade”, que se vinculou ao Programa Vizinhança no mesmo ano.

Desde então as ações do projeto são desenvolvidas por acadêmicos e docentes da Faculdade de Enfermagem que se reúnem para planejar e elaborar práticas de educação em saúde que serão realizadas na comunidade.

Dentre as ações desenvolvidas, estão inclusas visitas domiciliares a 150 famílias, cadastradas na época dos estágios curriculares, que tem o propósito de atualizar o cadastro, observar o contexto familiar, seus aspectos de saúde, moradia, segurança e higiene. Durante as visitas também são avaliados os sinais vitais e teste de glicemia capilar, sendo o material utilizado estetoscópio, esfigmomanômetro, termômetro, glicosímetro e folders informativos elaborados pelos discentes.

Outra prática é realização de oficinas mensais à escola municipal do bairro e em um grupo de mulheres. Na escola são desenvolvidas atividades com turmas do pré I ao nono ano, abordando temas que são escolhidos a partir do interesse de professores e alunos por contato prévio. Já o grupo de mulheres ocorre no clube da associação de moradores e conta com a participação de mulheres do bairro. Para essas atividades são utilizados recursos audiovisuais, maquetes anatômicas, caixa de dúvidas, questionários sobre os assuntos abordados nas oficinas, dinâmicas musicais, além de relatos pessoais de convidados.

Resultados

Desde o início das atividades do projeto, foram realizadas mais de 600 visitas domiciliares e cerca de 35 oficinas educativas na comunidade. Durante as visitas, priorizou-se a divulgação de informações acerca de alimentação saudável, controle e prevenção de doenças crônicas e doenças sexualmente transmissíveis, sempre com o intuito de fornecer orientações que estivessem ao alcance de serem realizadas pelas famílias, a fim de promover melhoria na qualidade de vida da população assistida.

A ação é oportuna para que os componentes das famílias sejam comovidos quanto à relevância do autocuidado por meio do fornecimento de informações acerca do manejo de doenças crônicas e transmissíveis, além da importância em buscarem as unidades

de saúde compatíveis com o grau de complexidade, dando prioridade para a atenção básica como principal porta de entrada para a assistência de saúde (FERNANDES; ALVES; NITSCHKE, 2008).

Sobre as oficinas, o projeto realiza as atividades coletivas de educação em saúde em escolas e nos espaços de discussão na associação do bairro. São abordados temas distintos e variados, em conformidade com os interesses da comunidade, o que dá as atividades caráter efetivo, além de proporcionar lazer e interação entre os participantes.

Durante a prática, são propostas rodas de conversa para que os envolvidos sejam estimulados ativamente a interagir, compartilhar suas experiências, solucionar as dúvidas e assim participar das dinâmicas desenvolvidas.

Portanto, a inserção dos acadêmicos na realização de oficinas educativas proporciona a aproximação desses com estudantes e grupos da comunidade, facilitando a criação de vínculos e a transmissão de informações.

Em relação as intervenções realizadas na comunidade, é importante ressaltar que as ações universitárias não visam substituir as responsabilidades governamentais, mas sim produzir saberes científicos e torná-los acessíveis à população, compreendendo que a natureza pública da universidade se confirma no momento em que a população usufrui dos resultados obtidos pela academia (REDE NACIONAL DE EXTENSÃO, s/d).

Conclusão

Compreende-se que o projeto Educação em Saúde na Comunidade tem a pretensão e a responsabilidade de atender da melhor forma possível a população a qual assiste, visto que proporciona aos moradores a possibilidade de transformação e desenvolvimento da cidadania, responsabilidade social e compromisso com a sua condição de saúde.

Durante os quatro anos de projeto sempre houve um comprometimento mútuo entre acadêmicos e comunidade, com uma participação efetiva nas atividades desenvolvidas e interesse pelo aprendizado.

Além destes aspectos, cabe ressaltar que as atividades extensionistas possibilitam ao estudante uma formação crítica e voltada para o envolvimento social, desenvolvendo o exercício de pensar soluções para os problemas que afetam o bem estar da comunidade, e acima de tudo estimula o comprometimento e o

respeito com cada indivíduo, o que exige dos participantes bom preparo, ética profissional, facilidade de comunicação e principalmente conhecimento sobre a assistência prestada.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Caderno de educação popular e saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

FERNANDES, J. V.; ALVES, C.; NITSCHKE, R. G. Ser bolsista de extensão: relatando a experiência de promover saúde familiar no cotidiano de uma comunidade de Florianópolis. Rev. bras. Enferm. Brasília, v. 61, n. 5, p. 643-646, 2008.

Referências Eletrônicas

REDE NACIONAL DE EXTENSÃO. Plano Nacional de Extensão Universitária. Acessado em 28 jul. 2014. Disponível em <http://www.renex.org.br/documentos/Colecao-Extensao-Universitaria/01-Plano-Nacional-Extensao/Plano-nacional-de-extensao-universitaria-editado.pdf>.

PROJETO DE EXTENSÃO PRÓ-SORRISO

VIANA, Chayane de Souza

Aluna de Graduação do curso de Odontologia-UFPEL,
Bolsista PROBEC/UFPEL

KONZEN, Tássia Maria

Aluna de Graduação do curso de Odontologia-UFPEL,
Bolsista PROBEC – Permanência/UFPEL

SUCA-SALAS, Mabel Miluska

Aluna do Programa de Pós-Graduação em Odontologia
(UFPEL), nível Doutorado, área de concentração em Den-
tística

BALDISSERA, Rudimar Antônio

Professor do Departamento de Odontologia Restaura-
da da Faculdade de Odontologia- UFPEL

LEITES, Antônio César Bortowski Rosa

Professor do Departamento de Morfologia do Instituto
de Biologia/UFPEL, orientador

A cárie dentária é caracterizada por ser uma do-
ença multifatorial e de origem polimicrobiana
(VIRELLA, 2008), altamente prevalente na po-
pulação, sendo classificada como um problema de
saúde pública (OLIVEIRA, et al, 2008).

A doença cárie ocorre a partir de um desequilíbrio
entre os fatores predisponentes como o tipo de micro-
biota existente no biofilme dental, dieta cariogênica,
susceptibilidade do hospedeiro e período em que o
desequilíbrio permanece (VIRELLA, 2008). Por outro
lado, a cárie dentária pode ser modulada por diversos
fatores sociodemográficos, comportamentais e bioló-
gicos (COSTA, et al, 2013).

No Brasil, a prevalência de cárie dentária tem sido
reduzida nas crianças com 12 anos de idade. No pri-
meiro levantamento de saúde bucal, realizado a nível
nacional em 1986, foi observado um CPOD (média de
dentes permanentes cariados, perdidos e restaurados)
de 6,7. Em 2003, o CPOD foi 2,78 e no ano de 2010 a
média foi de 2,07. Em contrapartida segue ocorrendo
o aumento do número de dentes cariados conforme se
acentua a idade. Assim, segundo o levantamento epi-
demiológico de saúde bucal de 2010 (SB Brasil, 2010),
os indivíduos de 12 anos apresentaram 2,07 dentes
afetados, enquanto aqueles entre 15 e 19 anos pos-
suíam 4,25, dos 35 aos 44 anos o CPOD era de 16,7
e em idosos de 65 a 74 anos a média ficou em 27,5.

Da mesma forma, a proporção de indivíduos livres
de cárie diminui conforme a idade, o índice de crianças
brasileiras livres de cárie aos 12 anos com dentição
permanente foi de 43,5% enquanto aos 15 e 19 anos
apenas 23,9% adolescentes estão isentos de cárie.

Embora os dados demonstrem diminuição da preva-
lência da cárie dentária ao longo dos anos, os mesmos
revelam a desigualdade existente na distribuição da
cárie dentária, pois 20% dos escolares brasileiros pos-
suem 60% da carga desta doença. Os fatores sociais
tem sido apontados como responsáveis pelo quadro de
distribuição da cárie dentária na população brasileira
(NARVAI, et. al, 2006).

Essa iniquidade exige a necessidade da implemen-
tação de estratégias de prevenção, controle e trata-
mento da cárie dentária, para promover a saúde bucal
destes indivíduos.

Baseado nessas evidências o projeto de extensão
Pró-Sorriso atua na atenção à saúde bucal a escolares
de escolas públicas do município de Pelotas/RS pro-

porcionando atendimento clínico odontológico para esses adolescentes. Considerando que a cárie dentária é uma doença influenciada pelo comportamento e como forma de motivação para o cuidado com a saúde bucal o tratamento clínico odontológico é disponibilizado para a família do adolescente incluído no PRÓ- SORRISO, bem como, professores e funcionários de escolas abordadas pelo projeto.

O projeto pretende diminuir o número de dentes cariados e perdidos devido à cárie dentária, na população alvo, e para atingir esse objetivo oferece o tratamento odontológico dentro das mais diversas especialidades e complexidades para atendimento das necessidades curativas acumuladas.

Metodologia

O projeto de extensão Pró-Sorriso tem como população alvo adolescentes de escolas públicas do município de Pelotas/RS. As escolas, na maioria dos casos, são selecionadas de acordo com a proximidade da Faculdade de Odontologia, interesse e motivação da Direção, professores, escolares e pais. Entretanto qualquer adolescente que procure a triagem da Faculdade de Odontologia pode ser integrado ao projeto.

Os extensionistas são alunos matriculados no curso de graduação da Faculdade de Odontologia/UFPel selecionados de acordo com a função a ser exercida no projeto, auxiliar clínico ou operador clínico, e atuam nas atividades clínicas ambulatoriais desenvolvidas nas clínicas da Faculdade de Odontologia (FOP-UFPel), no turno da noite. Professores de diferentes especialidades odontológicas orientam essas atividades, assim como alunas do doutorado do Programa de Pós-Graduação em Odontologia (UFPel). Alunas bolsistas PROBEC/UFPel atuam no planejamento e/ou desenvolvimento de atividades educativas, preventivas e no âmbito escolar através de palestras sobre o auto cuidado bucal. Também atuam na orientação e motivação da higiene bucal e aplicação de flúor nos escolares diagnosticados como cárie ativos.

Além disso, são realizadas triagens para através do exame clínico odontológico identificar necessidades odontológicas dos adolescentes, encaminhando-os para a realização do tratamento necessário para recuperação da saúde bucal, o qual pode incluir controle individual dos fatores etiológicos da cárie dentária (como controle da higiene bucal e dieta, fluoroterapia), reconstituições dentárias, tratamento endodôntico e cirurgia periodontal, de acordo com a necessidade de

QUANTIDADE	PROCEDIMENTOS
04	CLAREAMENTOS
10	MOLDAGENS SUPERIOR E INFERIOR
69	RESTAURAÇÕES
TOTAL: 83	

Tabela 1: Quantidade e descrição de procedimentos de Dentística Estética e Restauradora realizados no projeto de extensão Pró-Sorriso, no período de Jan/2013 a Fev/2014

Fonte: Tabela elaborada pelo autor a partir de dados do projeto de extensão Pró-Sorriso

QUANTIDADE	PROCEDIMENTOS
18	CIRURGIA PERIODONTAL
57	RASPAGEM SUPRAGENGIVAL E SUBGENGIVAL
13	EXODONTIA
TOTAL: 88	

Tabela 2: Quantidade de procedimentos periodontais e cirúrgicos realizados no projeto de extensão Pró-Sorriso, no período de Jan/2013 a Fev/2014

Fonte: Tabela elaborada pelo autor a partir de dados do projeto de extensão Pró-Sorriso

QUANTIDADE	PROCEDIMENTOS
06	APLICAÇÃO PROFISSIONAL INDIVIDUAL DE FLÚOR
49	ENDODONTIA
TOTAL: 55	

Tabela 3: Quantidade de procedimentos de Cariologia/Dentística e Endodontia realizados no projeto de extensão Pró-Sorriso, no período de Jan/2013 a Fev/2014

Fonte: Tabela elaborada pelo autor a partir de dados do projeto de extensão Pró-Sorriso

cada adolescente. As consultas são agendadas, pelas bolsistas, por contato telefônico e dessa forma os pais são informados quanto à necessidade de tratamento do seu filho. Após o atendimento é aplicado um instrumento de avaliação e sugestões sobre o projeto, o qual será respondido pela população alvo e seus responsáveis, com o intuito de melhorias no atendimento e no acesso ao serviço.

Resultados

O projeto de extensão Pró-Sorriso está atuando na Faculdade de Odontologia (FO), com o intuito de proporcionar atenção a saúde bucal de escolares adolescentes na cidade de Pelotas-RS.

O projeto integrou também a pesquisa científica na busca de terapias que possam ser mais acessíveis, de menor custo, utilizando menor tempo de execução, comparando ao tratamento restaurador convencional, e que possa diminuir o número de extrações dentárias. No período de janeiro de 2013 a fevereiro de 2014, foram realizados 227 procedimentos envolvendo as seguintes áreas: Cariologia/Dentística, Dentística Estética, Periodontia, Endodontia e Cirurgia, os quais constam nas tabelas 1, 2 e 3.

O projeto também atende as demandas de emergências no atendimento de adolescentes em tratamento na Unidade Clínica Odontológica I da Faculdade de Odontologia, disciplina que não tem possibilidade de atendimento das necessidades de tratamento com exigências técnicas mais complexas, do que aquelas executadas nos semestres iniciais profissionalizantes do curso de Odontologia, como endodontias e cirurgias periodontais.

Aliado a isso, os alunos extensionistas auxiliam em projetos de pesquisa vinculados diretamente à população alvo e relacionados com as linhas de pesquisa direcionadas aos problemas de saúde bucal pertinentes à faixa etária dos indivíduos atendidos no projeto e que sejam orientados por professores colaboradores ou coordenador do referido projeto de extensão.

Conclusão

O projeto promove a saúde bucal de escolares, adolescentes, sanando as necessidades de tratamento odontológico dos mesmos. Dessa forma, conclui-se que o trabalho executado durante o período foi de suma importância para melhorias na saúde bucal da população alvo.

Referências

- VIRELLA, D., *Acta Pediátrica Portuguesa. Rev de medicina da criança e do adolescente*, vol.39, no. 6, Nov/Dez 2008.
- OLIVEIRA, A. F., CHAVES, A. M., et al. The influence of enamel defects on the development of early childhood caries in a population with low socioeconomic status: a longitudinal study. *Caries Res*, v.40, n.4, p.296-302. 2006.
- COSTA, S. M., NOGUEIRA M. H., et al., Inequalities in the distribution of dental caries in Brazil: a bioethical approach. *Ciênc. saúde coletiva* vol.18 no.2 Rio de Jan /Fev. 2013.
- NARVAI, P. C., FRAZÃO P., et al., Cárie dentária no Brasil: declínio, polarização, iniquidade e exclusão social. *Rev. Panam Salud Publica*. 19(6); 385-96. 2006

Referências Eletrônicas

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. SB Brasil 2010: Pesquisa Nacional de Saúde Bucal: resultados principais / Ministério da Saúde. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pesquisa_nacional_saude_bucal.pdf. Acesso em 21 de Julho de 2014.

PROJETO DE EXTENSÃO “ZOOTERAPIA: CÃES COMO AUXILIARES NA REABILITAÇÃO DE PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS” E A INSERÇÃO DA PSICOLOGIA COM A PRÁTICA DA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS PARA CRIANÇAS AUTISTAS

PEREIRA, Maria Paula Soares

Aluna do Curso de Psicologia/UFPeI

SAFONS, Mariane Fernandes

Aluna do Curso de Medicina Veterinária/UFPeI

SILVA, Marta Solange S. Janeli da

Professora do Curso de Psicologia FAMED/UFPeI, co-laboradora

NOGUEIRA, Maria Teresa D.

Professora do Curso de Psicologia FAMED/UFPeI, orientadora

NOBRE, Márcia Oliveira

Professora, Coordenadora do PPGV/UFPeI, coordenadora.

Percebe-se que desde muito tempo os animais fazem parte do cotidiano e da história das pessoas. Os animais são citados no folclore, nos contos infantis, nas artes, nos desenhos, nas estampas de roupas, entre muitas outras coisas. Além disso, são companheiros de milhões de pessoas nas casas, nos apartamentos, no trabalho, como cães guia e de guarda (CAETANO, 2010). O Projeto de extensão coordenado pela Faculdade de Medicina Veterinária da UFPeI “Zooterapia: cães como auxiliares na reabilitação de pessoas com necessidades especiais” tem como objetivo geral estabelecer uma relação mais ampla entre a Medicina Veterinária e a comunidade através da zooterapia. A Psicologia se insere neste projeto com objetivo de desenvolver a prática da Terapia Assistida por Animais (TAA) com crianças autistas.

O autismo é classificado pelo Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais - DSM-IV-TR (American Psychiatric Association, 2002) dentro da categoria dos Transtornos Globais do Desenvolvimento. Três transtornos compartilham características e compõem o espectro do autismo: o Transtorno Autista, o Transtorno de Asperger e o Transtorno Global do Desenvolvimento Sem Outra Especificação. O Transtorno do Espectro Autista caracteriza-se pela presença de prejuízos envolvendo três domínios, sendo comum a presença de comprometimentos acentuados das áreas de interação social e comunicação, bem como de comportamentos estereotipados (American Psychiatric Association, 2002).

A TAA é um tipo de intervenção em que o animal é parte integrante do tratamento psicológico, visando promover melhora da função física, social, emocional e cognitiva das pessoas (MACHADO et al., 2008). Trata-se de uma intervenção direcionada com critérios específicos, objetivos, claros e dirigidos, realizada com acompanhamento de um profissional da área da saúde, que utiliza o animal como auxiliar em processo terapêutico (CAPOTE E COSTA, 2011).

Metodologia

A atividade é realizada semanalmente no Centro de Atendimento a Crianças Autistas Dr. Danilo Rolim, mantido pela Prefeitura Municipal de Pelotas. Participam do projeto seis crianças com diagnóstico de autismo, três cães, duas professoras Psicólogas, dois pós-graduandos da Faculdade de Medicina Veterinária, cinco alunas do Curso de graduação em Psicologia e três alunas do curso de graduação em Medicina Veterinária. Os cães que auxiliam a terapia são sempre os mesmos, duas fêmeas e um macho, mantidos no canil do projeto, localizado na Faculdade de Veterinária da UFPel. Estes animais passam por avaliação médica veterinária, são adestrados, treinados e preparados constantemente para a realização das atividades previstas na instituição.

As crianças são trabalhadas individualmente, cada uma com um cão e duas acadêmicas (uma do Curso de Veterinária e outra do Curso de Psicologia). Os Psicólogos e pós-graduandos da Veterinária participam como observadores e quando necessário, realizam alguma intervenção. O tempo estimado é de 30 minutos para cada criança. As Figuras 1 e 2 mostram algumas das atividades sendo realizadas com as crianças.



Figuras 1 e 2: Fotografias de uma atividade da TAA
Fonte: Fotografia da autora, 2014.

Resultados

Considerando que o autismo afeta duas grandes áreas (dificuldade na interação social e prejuízos na comunicação), pode-se dizer que até o momento já percebe-se indícios de mudança na expressão emocional facial, nos gestos e no estabelecimento de vínculo com o cão. Isso nos reporta as palavras de CAPOTE E COSTA (2011) quando afirmam que a TAA é uma prática que parte do princípio de que o amor e amizade entre animais e seres humanos promovem a saúde e trazem benefícios para a qualidade de vida do assistido.

MACHADO et. al. (2008) relatam que esse tipo de terapia pode ser inserida nas áreas relacionadas ao desenvolvimento psicomotor, desenvolvimento sensorial, distúrbios físicos e emocionais e em tratamentos destinados a melhora da socialização, ou ainda na recuperação da autoestima.

O cão, animal mais utilizado em TAA, destaca-se por ser facilmente adestrado, sociável e por criar respostas positivas ao toque. A afeição por estes animais ocorre com facilidade, sendo difícil a não aceitação, por parte das pessoas, deste contato humano- cão (CAETANO, 2010).

Conclusão

Concluindo, verifica-se que a TAA promove a socialização e afetividade através do contato direto entre criança-animal; facilita o desenvolvimento de vínculos e estimula a cognição, a sensibilidade e a coordenação motora. As atividades que são realizadas dando enfoque às necessidades da criança autista, como a convivência e o contato direto com o cão, facilita a criação de vínculo, o que posteriormente poderá se desenvolver com as pessoas que fazem parte do contexto de vida do paciente autista.

Sabe-se que muitas outras questões ainda terão que ser trabalhadas e acredita-se que através da TAA estas possam ser estimuladas de forma que, com o passar do tempo, se estabeleçam aquisições funcionais significativas a estas crianças.

Referências

American Psychiatric Association. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 4 ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

CAETANO, E.C.S. As contribuições da TAA – Terapia Assistida por Animais à Psicologia. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação) – Curso de Psicologia, Universidade do Extremo Sul Catarinense (UDESC)Criciúma, 2010.

CAPOTE, P.S.O.; COSTA, M.P.R. Terapia assistida por animais: aplicação no desenvolvimento psicomotor da criança com deficiência intelectual. São Carlos: EDUFSCAR, 2011.

DORNELAS, K.; DORNELAS, O. A. A.; VIEIRAS, F.T. Terapia Assistida por Animais (TAA) como recurso terapêutico. PUBVET, Londrina, v.3, n. 31, ed. 92, 2009

MACHADO, J.A.C.; ROCHA, J.R.; SANTOS, L.M.; PICCININ, A. Terapia assistida por animais (TAA). Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária. Ano VI, número 10, janeiro de 2008.

PEREIRA, M.J.F.; PEREIRA, L.; FERREIRA, M.L. Os benefícios da Terapia Assistida por Animais: uma revisão bibliográfica. Revista Saúde Coletiva. v. 04 n.14, p 62-66, 2007

PROJETO DE EXTENSÃO “ZOOTERAPIA: CÃES COMO AUXILIARES NA REABILITAÇÃO DE PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS” E A INSERÇÃO DA PSICOLOGIA COM A PRÁTICA DA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS PARA PESSOAS COM TRANSTORNOS MENTAIS

ZAMBARDA, Taís Teixeira

Aluna do Bacharelado em Medicina Veterinária/UFPeI, colaboradora

SILVA, Rafaella Masseron Laviaguerre da

Aluna do Curso de Psicologia /UFPeI

YURGEL, Cynthia Luz

Psicóloga, coordenadora da Saúde Mental da SMS/PeIotas, colaboradora

NOGUEIRA, Maria Teresa Duarte

Professora do Curso de Psicologia FAMED/UFPeI, orientadora

NOBRE, Márcia Oliveira

Professora, Coordenadora do PPGV/UFPeI, coordenadora.

O projeto de extensão coordenado pela Faculdade de Medicina Veterinária da UFPeI “Zooterapia: cães como auxiliares na reabilitação de pessoas com necessidades especiais” tem como objetivo geral estabelecer uma relação mais ampla entre a Medicina Veterinária e a comunidade através da zooterapia. A Psicologia se insere neste projeto com objetivo de desenvolver a prática da Terapia Assistida por Animais (TAA) com pessoas portadoras de transtornos mentais.

A TAA trata-se de uma intervenção direcionada com critérios específicos, objetivos claros e dirigidos, realizada com o acompanhamento de profissionais da saúde com objetivo de desenvolver e melhorar aspectos sociais, físicos, emocionais e cognitivos das pessoas envolvidas neste processo terapêutico, onde o animal é parte integrante do processo de tratamento (CAPOTE E COSTA, 2011). A TAA originou-se intuitivamente, em 1792, na Inglaterra por William Tuke, em uma instituição especializada para tratamento de pessoas com transtornos mentais. Em 1867, na Alemanha, as terapias com pacientes psiquiátricos utilizaram-se dos animais e em 1942 foram conhecidos os benefícios deste tipo de terapia em pessoas com deficiências físicas e mentais (SANTOS, 2006).

Segundo DOTTI (2005), no Brasil a partir de 1955, os trabalhos da Dra. Nise da Silveira no hospital psiquiátrico Dom Pedro II, em Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, constituem parte das primeiras tentativas nacionais do uso dos animais com fins terapêuticos. De acordo com CAPOTE E COSTA (2011) a doutora Nise já acreditava na possibilidade do sofrimento psíquico ser passível de expressão simbólica. Ela criou ateliês de pintura e modelagem, onde permitia que gatos e cachorros circulassem entre os pacientes. A partir de uma vivência experienciada pela doutora, quando encontrou uma cadela abandonada no hospital e entregou-a aos cuidados de um doente, este assumiu o cuidado ao animal e esta atitude fez com que este doente reatasse os vínculos com a realidade.

Dentre vários estudos realizados, constatou-se que a TAA vem sendo utilizada por muitos profissionais,

como psicólogos, médicos, enfermeiros, pedagogos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, veterinários, terapeutas ocupacionais e outros, e deve preferencialmente ser aplicada por uma equipe multidisciplinar, pois cada profissional possui conhecimentos específicos de sua área (JULIANO, 2008).

Muitas vezes as doenças psíquicas podem ser bastante incapacitantes e podem comprometer o funcionamento social e ocupacional de modo significativo. Em muitos casos, mesmo com a melhora dos sintomas com uso de medicamentos, o indivíduo não consegue retornar ao seu funcionamento normal, podendo se tornar isolado, apático, sem motivação e dependente. Observa-se que, por mais eficaz que sejam os fármacos, o tratamento puramente medicamentoso nem sempre é suficiente para evitar a deterioração que ocorre no indivíduo portador de doença mental grave. Portanto, outras técnicas terapêuticas devem ser inseridas a fim de obter melhores resultados, incluindo-se neste contexto a TAA.

Metodologia

As atividades são realizadas no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) – Fragata – Pelotas/RS. Semanalmente são realizados encontros, com duração de uma hora, com os usuários que demonstram interesse em participar destas atividades. Inicialmente é realizada uma visita a todas as dependências do centro, com objetivo de motivar mais pessoas a participarem do projeto. Após, todos são encaminhados para uma sala ou pátio, onde são conduzidas algumas atividades, sejam elas lúdicas, passeio, cuidados com o cão (pentear, escovar dentes, colocar roupa), ou seja, atividades que desenvolvam as habilidades de vida diária destes pacientes.

Os cães que auxiliam a terapia são sempre os mesmos, fêmeas, os quais são mantidos em um canil específico do projeto, localizado na Faculdade de Veterinária da UFPel. Estes animais passam por avaliação médica veterinária periodicamente, são adestrados, treinados e preparados constantemente para a realização das atividades previstas na instituição.

Os usuários do CAPS são trabalhados cada um com um cão específico. Na Figura 1 e 2 podemos visualizar algumas das atividades realizadas na instituição e na Figura 3 observa-se um usuário na companhia de um dos cães utilizados no projeto.



Figura 1: Fotografia dos cães que trabalham no projeto com os usuários

Fonte: Elaborada pelos autores, 2014



Figura 2: Fotografia de uma das atividades sendo desenvolvidas

Fonte: Elaborada pelos autores, 2014



Figura 3: Fotografia de um dos participantes do projeto

Fonte: Elaborada pelos autores, 2014

Resultados

A presença de animais com pessoas portadoras de problemas psíquicos tem funcionado como promotor de bem estar desses. Os benefícios da interação com animais vão além de um processo lúdico, como também parecem interferir positivamente na neurofisiologia cerebral, com a liberação de endorfinas e outros hormônios que produzem sensação de bem-estar (ODENDALL; LEHMANN, 2001). Sabe-se que o trabalho ainda é muito recente, mas acredita-se que a TAA possa funcionar como um elemento terapêutico complementar no tratamento destas pessoas com transtorno mental.

De acordo com CAETANO (2010), a TAA reduz a agressividade, previne a depressão e a ansiedade em pacientes com distúrbios psiquiátricos. Ainda de acordo com o mesmo autor, diversos efeitos benéficos mentais, sociais e físicos podem ser atingidos com o uso da TAA. Entre os benefícios mentais, podemos citar o estímulo à memória da pessoa levando em conta as diversas observações relativas à sua própria vida e dos animais que ela tem contato, e exercícios de cognição por meio de material usual do animal, da alimentação e de higiene.

Conclusão

Com base nos estudos e resultados obtidos até o presente momento, conclui-se que a Terapia Assistida por Animais pode ser aplicada em várias faixas etárias e em diferentes tipos de pacientes com necessidades especiais, visto que a relação ser humanos versus animal trás vários benefícios, tanto para o homem como para o animal. Os benefícios são inúmeros, incluindo a melhora nos aspectos físicos, sociais, cognitivos, emocionais e no sistema imunológico.

Referências

CAETANO, E.C.S. As contribuições da TAA – Terapia Assistida por Animais à Psicologia. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação) – Curso de Psicologia, Universidade do Extremo Sul Catarinense (UDESC)Criciúma, 2010.

CAPOTE, P.S.O.; COSTA, M.P.R. Terapia assistida por animais: aplicação no desenvolvimento psicomotor da criança com deficiência intelectual. São Carlos: EDUFSCAR, 2011.

DOTTI, J. Terapia e Animais. 1. ed. São Paulo: Noética, 2005.

ODENDALL, J.; LEHMANN, S. Journal of the American Association of Human-Animal Bond Veterinarian (AAHABV). 2001.

SANTOS, K.C.P.T. Terapia assistida por animais: uma experiência além da ciência. São Paulo: Paulinas, 2006.

Referências Eletrônicas

JULIANO, R.S., JAYME, V.D.S., FIORAVANTI, M.C.S., PAULO, N.M., ATHAYDE, I.B. Terapia Assistida por Animais (TAA): Uma Prática Multidisciplinar para o Benefício da Saúde Humana. Disponível/em: <http://www.vet.ufg.br/Bioetica/Arquivos%20PDF/Terapia%20assistida%20por%20animais.pdf>. (acessado em 03/08/2014).

PROJETO INSPIRA - A LINGUAGEM ARTÍSTICA NA ATENÇÃO À SAÚDE

HALLAL, Celina Pereira

Aluna do Bacharelado em Medicina/UFPeI, voluntária

PEREIRA, Juliana Gamalho

Aluna do Curso de Medicina, voluntária

SOARES, Fernanda Bifano

Aluna do Curso de Medicina, voluntária

WERKA, Hellen Meiry Grosskopf

Aluna do Curso de Medicina, voluntária

YURGEL, Cynthia Luz

Professora ICH/UFPeI, orientadora e coordenadora

Através da Constituição de 1988, o conceito de cuidado em saúde ultrapassou a fronteira dos processos biológicos de saúde-doença, incorporando uma visão holística em relação às enfermidades. Portanto, as atuais diretrizes curriculares preconizam a atenção ao paciente, de forma a humanizar a educação médica por meio de discussões sobre o papel do médico e sobre a relação entre o médico e o paciente.

Desta forma, o projeto Inspira pretende: promover cuidado atencioso ao paciente, a fim de melhorar a qualidade de vida e tornar o fenômeno de internação menos estressante; estimular o vínculo entre estudante e paciente, a fim de criar uma relação menos mitificada e mais compreensível; além de disseminar uma visão humanizadora do cuidado em saúde e de integração entre diferentes profissionais da saúde nas unidades atendidas pelo projeto.

O projeto contará com três grupos de trabalho, que farão uso de diversas ferramentas de expressão corporal, tais como música, palhaçoterapia, dança, contação de histórias. As atividades serão desenvolvidas em estabelecimentos de cuidado em saúde da cidade de Pelotas, que autorizem a atuação dos estudantes em suas instalações, contando como público crianças e adultos que procuram atendimento médico ou que estão hospitalizados, conforme o grupo de trabalho atuante. A avaliação será controlada em cada grupo por um estudante responsável que registrará a frequência nos encontros semanais e corrigirá um relatório escrito por cada estudante sobre seu progresso nas atividades, visando ao alcance dos objetivos propostos pelo projeto.

Metodologia

Os participantes podem ser estudantes de qualquer semestre dos cursos da saúde, e serão selecionados por meio de entrevista, que levará em conta o interesse do candidato, sua disponibilidade e seu compromisso pessoal.

A capacitação do participante englobará exercícios de desinibição e expressão corporal, visando desenvolver atividades e brincadeiras para o público alvo, desde pacientes pediátricos até geriátricos. Após uma semana inicial de atividades de capacitação, ocorrerão

reuniões semanais para a sua continuidade, durante o período da noite. Tais reuniões podem contar com a participação de outros docentes e discentes da UFPel, não só da área da saúde, mas também de áreas como Teatro, Artes Visuais, Cinema e Música, bem como de pessoas não vinculadas à universidade, com a finalidade de enriquecer o debate; deverão apresentar também métodos de controle de infecção hospitalar, regras e condutas dentro de tal ambiente, além das atividades próprias do projeto (técnicas de aproximação, comportamento diante de situações adversas entre outros).

Intercaladas com as reuniões semanais, a atuação do voluntário ocorrerá em estabelecimentos de cuidado de saúde devidamente autorizados, semanalmente, objetivando a formação de vínculo com o paciente por meio das quatro atividades dentro do projeto, propiciando situações de divertimento. Sendo assim, capacitação em uma semana e atuação na semana seguinte.

A coordenação geral do projeto irá se reunir mensalmente com os coordenadores dos quatro núcleos para o planejamento de atividades futuras e análise dos resultados já obtidos, orientando-os de forma a cumprir com os objetivos estabelecidos. Também ocorrerão reuniões com todos os participantes e eventuais profissionais e palestrantes convidados para a troca de experiências. Cada núcleo contará com dois coordenadores responsáveis pelo acompanhamento das atividades desenvolvidas, organização de escalas, e ensaios, visando fundamentalmente o desenvolvimento de habilidades pertinentes ao participante e a manutenção da viabilidade e organização das atividades.

Haverá controle de frequência, com a exigência de pelo menos 75% de participação. A avaliação do desenvolvimento das atividades, bem como de sua qualidade, será qualitativa e participativa, levando em consideração a responsabilidade de cada participante para com o projeto. Será estimulada a análise sistemática das atividades propostas e seus resultados, por meio da elaboração de relatórios e trabalhos científicos sobre o projeto. Também serão realizadas entrevistas com os pacientes e profissionais presentes, buscando o enriquecimento das avaliações e suporte para os trabalhos científicos.

Resultados

Pretendemos contribuir para a formação de um futuro profissional de saúde mais interativo, consciente,

humano, crítico, reflexivo e ético. Visamos, com isso, melhorar o atendimento, colaborar para a eficácia de tratamentos, confortar pacientes, proporcionar interação entre diferentes profissionais da área de saúde e reduzir o estresse no ambiente hospitalar, criando um ambiente mais receptivo para todos os agentes e os beneficiados do órgão de cuidado em saúde.

Conclusão

O ensino da saúde se volta cada dia mais para um modelo biopsicossocial. No entanto, muito ainda deve ser feito. A humanização do ambiente hospitalar é passo essencial nessa transição. Iniciativas acadêmicas contribuem não só para a formação do discente, como também para a qualidade na internação do paciente e para o ambiente de trabalho dos funcionários em serviço.

Referências

- ALMEIDA, MJ – A educação médica e as atuais propostas de mudança: alguns antecedentes históricos. *Rev Bras Educ Méd.*, 25(2): 42---52, 2001.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução no. 4/2001 que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina. Brasília, 2001.
- FEUERWERKER, L – Além do discurso de mudança na educação médica: processos e resultados. São Paulo, Hucitec, 2002. 306 p.
- BRIANI, MC – O ensino médico no Brasil está mudando? *Rev Bras Educ Méd*, 25(3): 73--77, 2001.
- MASETTI, M – Palhaços em hospitais – Brasil. Mimeo. Pesquisa realizada pelo Centro de Estudos Doutores da Alegria. São Paulo, 2003.
- ORNISCH, D – Amor e Sobrevivência: a base científica para o poder curativo da intimidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1998
- NÜCHTERN, M – Crítica da Medicina científica e o atrativo dos métodos de cura alternativos” no mundo ocidental. In: *Concilium: Doença e Cura*. v. 278, n. 5. Petrópolis: Vozes, 1998.

GALLIAN, DMC – A re---humanização da medicina.
Psiquiatria na prática médica, 34(3), 2001.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO. Programa nacional de Reorientação
da Formação Profissional em Saúde – Pró---Saúde.
Brasília : DF, 2007.

CAPRARA, A; FRANCO, ALS – A relação paciente---
médico: para uma humanização da prática médica.
Cad Saúde Pública, 15(3): 647---654, 1999

MASETTI, M – Soluções de palhaços: transformações
na realidade hospitalar – São Paulo : Palas Athena,
1998.

CHEREM, A. – Medicina e Arte: observações para um
diálogo interdisciplinar. ACTA FISIATR 2005, 12(1):
26---32

RAVELLI, A; MOTTA, M – O lúdico e o desenvolvimen-
to infantil: um enfoque na música e no cuidado de
enfermagem. Rev. Bras. Enferm., Brasília, v. 58, n.
5. Out 2005

PROJETO UBS+ATIVA: ADERÊNCIA DE HOMENS E MULHERES ÀS PRESCRIÇÕES DE ATIVIDADE FÍSICA REALIZADAS POR PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ROCHA, Juliana Quadros Santos

Aluna do Bacharelado em Educação Física/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

GALLIANO, Leony Morgana

Aluna do Curso de Doutorado em Educação Física/ESEF-UFPEL, voluntária

SIQUEIRA, Fernando Carlos Vinholes

Professor do Departamento de Ginástica e Saúde/ESEF/UFPeI, coordenador

DEL VECCHIO, Fabrício Boscolo

Professor do Departamento de Ginástica e Saúde/ESEF/UFPeI, orientador

Os efeitos benéficos da prática regular de atividade física (AF) são diversos, como aprimoramento da composição corporal, fortalecimento muscular, aumento da densidade óssea e condicionamento cardiorrespiratório (BLAIR E CONNELLY, 2013). Além disso, a melhora da autoestima e diminuição de ansiedade e depressão também são relatadas na literatura (CHEIK et al., 2003; PEREIRA, 2013). Adicionalmente, indica-se que a associação da atividade física com promoção e recuperação da saúde é evidente, e são necessárias mais estratégias de promoção da saúde para a população em geral (U.S, 2007; CARVALHO, 2004).

Neste contexto, e em âmbito nacional, os profissionais de Educação Física podem dividir as responsabilidades quanto a prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde individual e coletiva (SCABAR et al., 2012), e as Unidades Básicas de Saúde (UBS) são locais adequados para sua integração. Ademais, de acordo com estudos prévios, a atividade física pode atuar de modo eficiente na atenção primária (COELHO; BURINI, 2009). Apesar dos benefícios da atividade física serem amplamente relatados, uma das dificuldades encontradas para sua promoção decorre da inserção da prática no cotidiano das pessoas (CHECA et al., 2006). Segundo Saba (2001), isto é denominado de aderência, e diz respeito ao comprometimento dos praticantes de exercício físico com a rotina programada de treinamento.

Com efeito, vale dizer que parece haver diferenças entre gêneros e aderência às atividades físicas (SALLES-COSTA et al., 2003). Pelo exposto, o objetivo deste trabalho é descrever a aderência às prescrições de atividade física e compará-la segundo gêneros entre os pacientes atendidos por profissionais de educação física na UBS Areal Leste – Pelotas/RS.

Metodologia

O Projeto UBS+Ativa (Código DIPLAN/PREC: 52837042) é intervenção que acontece a partir de programa de AF em área de abrangência da UBS Areal Leste, em Pelotas, RS. O projeto, existente há mais de

um ano, possui três níveis de ação: 1) divulgação ativa e passiva do projeto; 2) aulas coletivas para população; 3) atendimento ambulatorial com o profissional de educação física. Através deste último nível, foram sistematizadas informações de 34 pacientes que haviam consultado com o profissional de educação física e então, avaliou-se a aderência às atividades prescritas aos participantes.

Durante o atendimento ambulatorial, são coletadas informações a respeito da saúde, qualidade de vida, uso de medicamentos e AF atual. Para a operacionalização do desfecho, foram avaliados os pacientes que compareceram na segunda e na terceira consulta. Além disso, apresentam-se dados referentes à prática de AF, coletada a partir do International Physical Activity Questionnaire (IPAQ), domínio de lazer, a fim de se investigar o nível de AF atual do paciente e compará-lo nas consultas subsequentes. Após a realização da consulta, o paciente recebia orientações sobre exercício físico de acordo com diagnóstico situacional. A aderência ao programa foi avaliada através de ligações telefônicas estruturadas em que se averiguava o comportamento do indivíduo em relação aos exercícios prescritos. Foram realizadas análises descritivas dos dados. As informações coletadas foram digitadas em planilha Excel e analisadas no programa estatístico Stata 12.0.

Resultados

No período do estudo, nas consultas ambulatoriais foram atendidas 34 pessoas, 27 do sexo feminino e 7 do sexo masculino. A faixa etária da população foi de 60 ± 12 anos. Em relação à aderência às atividades prescritas entre a primeira e a segunda consulta, observou-se que todos os indivíduos estavam cumprindo integralmente as atividades, sendo que as 34 pessoas compareceram em duas consultas, mas metade delas, 17 pessoas, fizeram-se presentes em três consultas. A prevalência de mulheres que compareceram à segunda consulta foi de 79%, e este dado indica que a presença de mulheres em atendimento na atenção primária é maior do que homens, o que é amplamente relatado na literatura científica (PINHEIRO et al., 2002, GOMES et al., 2007).

A aderência às atividades prescritas entre o primeiro e segundo atendimento foi de 70%, ao passo que entre o segundo e terceiro mês foi de 82,4%. Segundo os dados relacionados à aderência por sexo, indica-se que, no primeiro mês, 86% dos homens e 65% das

mulheres relataram ter realizado as prescrições fornecidas. No segundo mês, todos os indivíduos do sexo masculino relataram aderência ao programa contra 81% das mulheres. De acordo com dados, os homens aderiram mais às atividades prescritas que as mulheres, indicando que os homens foram mais ativos no tempo de lazer. Tais achados confirmam o relatado na literatura científica (PITANGA; LESSA, 2005; FLORINDO et al., 2009).

Os resultados do IPAQ mostraram discrepâncias em relação à quantidade de minutos semanais de atividade física. Os dados da primeira consulta indicaram que os pacientes realizavam, em média, $86 \pm 123,5$ min de AF semanais, passando para $113 \pm 99,8$ min semanais na segunda consulta. No terceiro atendimento, os resultados do IPAQ indicam queda para $84 \pm 149,4$ min de AF semanais. Estudos indicam que as informações obtidas com o IPAQ não são semelhantes às avaliadas de forma objetiva, como com uso de pedômetro ou acelerômetro, sendo que os dados do IPAQ são superestimados entre ativos, podendo ser uma explicação para tal queda (COLPANI et al., 2014). No entanto, uma possibilidade para esta variação é a sazonalidade que, de acordo com a literatura, pode ser fator determinante de atividade física (CHAN; RYAN, 2009).

Conclusão

A partir dos dados expostos, observa-se grande aderência pelo público masculino a programas de atividade física. Apesar das mulheres aderirem menos, nota-se um aumento na realização das atividades de conforme o decorrer do processo. Por fim, a atuação do profissional de educação física em unidades básicas de saúde faz-se necessária, já que resultados positivos em relação à prática de AF são observados de acordo com os resultados deste estudo.

Referências

- BLAIR, S.N.; CONNELLY, J.C. How much physical activity should we do? The case for moderate amounts of intensities of physical activity. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, Washington, v.67, n.2, 1996.
- PEREIRA, A.L.S. Exercício físico no controle e prevenção da ansiedade e depressão. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Educação Física do UNIFOR, bacharelado em Educação Física. Formiga/Minas Gerais. 2013.

- CHEIK, N.C.; REIS, I. T.; HEREDIA, R. A. G.; VENTURA, M. L.; TUFIK, S.; ANTUNES, H. K. M.; MELLO, M. T. Efeitos do exercício físico e da atividade física na depressão e ansiedade em indivíduos idosos. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*. Brasília v. 11 n. 3 p. 45-52 jul./set. 2003
- U.S. Department of Health & Human Service. Physical activity and health: a report of surgeon general. Available from: <<http://www.surgeongeneral.gov/library/reports.htm>>
- CARVALHO, S.R. As contradições da promoção à saúde em relação à produção de sujeitos e a mudança social. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9(3):669-678, 2004
- SCABAR, T.G.; PELICIONI, A.F.; PELICIONI, M.C.F. Atuação do Profissional de Educação Física no Sistema Único de Saúde: uma análise a partir da Política Nacional de Promoção da Saúde e das Diretrizes do Núcleo de Apoio à Saúde da Família-NASF. *Journal of the Health Science Institute*. v.30(4) p.411-8. São Paulo, 2012.
- COELHO C. F, BURINI R.C. Atividade física para prevenção e tratamento das doenças crônicas não transmissíveis e da incapacidade funcional. *Revista de Nutrição*, Campinas, 22(6):937-946, nov./dez., 2009
- CHECA, F.M; FURLAN, T.E; JÚNIOR, A.F. Fatores Determinantes para a Aderência em Programas de Atividade Física em Academias de São Caetano do Sul. *Revista Brasileira de Ciências da Saúde*, ano III, no 10, out/dez 2006
- SABÁ, F. Aderência à prática do exercício físico em academias. Edição 1. São Paulo: Manole, 2001. Cap. 4, p. 61-70.
- SALLES-COSTA R, HEILBORN M.L, WERNECK G.L, FAERSTEIN E, LOPES C. S. Gênero e prática de atividade física de lazer. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 19(Sup. 2):S325-S333, 2003
- PITANGA FJG, LESSA I. Prevalência e fatores associados ao sedentarismo no lazer em adultos. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21(3) p. 870-877, mai-jun, 2005.
- COLPANI V., SPRITZER M.P, LODI A.P, DORIGO G.G, MIRANDA, I.A.S, HAHN L.B, PALLUDO L.P, PIETROSKI R.L, OPPERMANN K. Atividade física de mulheres no climatério: comparação entre auto-relato e pedômetro. *Revista de Saúde Pública* 48(2):258-265; 2014.
- GOMES R., NASCIMENTO E.F, ARAÚJO F.C. Por que os homens buscam menos os serviços de saúde do que as mulheres? As explicações de homens com baixa escolaridade e homens com ensino superior. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 23(3):565-574, mar, 2007.
- CHAN C.B, RYAN D.A. Assessing the Effects of Weather Conditions on Physical Activity Participation Using Objective Measures. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 2009.
- PINHEIRO RS, VIACAVAL F, TRAVASSOS C, BRITO AS. Gênero, morbidade, acesso e utilização de serviços de saúde no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 7(4) p.687-707, 2002.

PROMOÇÃO DA SAÚDE NO TERRITÓRIO: ACOMPANHAMENTO DE CRIANÇAS FILHAS DE USUÁRIOS DE ALCOOL, CRACK E OUTRAS DROGAS

ESPÍRITO SANTO, Milena Oliveira

Aluna da Faculdade de Enfermagem UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

HERREIRA, Lieni Fredo

Aluna da Faculdade de Enfermagem UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

JUNIOR-SANTOS, José Ricardo Guimarrães

Aluno da Faculdade de Enfermagem UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

CAMARGO, Paola de Oliveira

Pedagoga, Mestranda do Programa de Pós Graduação em Enfermagem UFPel, bolsista CAPES

OLIVEIRA, Michele Mandagará

Professora Dra da Faculdade de Enfermagem UFPEL, coordenadora do projeto.

Usuários de drogas são constantemente excluídos e estigmatizados pela sociedade, e sendo do sexo feminino a tendência é que a desaprovação da sociedade seja ainda maior. Este preconceito frente às mulheres usuárias contribui para que as mesmas se encontrem em situação de vulnerabilidade e correndo riscos à saúde, por não se sentirem acolhidas ao procurar os serviços de saúde (OLIVEIRA; PAIVA; VALENTE, 2006).

A ideia para a elaboração do projeto de extensão surgiu a partir da realização da pesquisa Perfil dos usuários de crack e padrões de uso no Município de Pelotas- RS, financiada pelo MCT/CNPq 041/2010, que teve seu início em janeiro de 2011 sob a responsabilidade do Grupo de Pesquisa Enfermagem, Saúde Mental e Saúde Coletiva da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas.

O projeto tem por objetivo geral, acompanhar crianças filhas de usuários de álcool, crack e outras drogas no seu domicílio e território, identificando e intervindo possíveis vulnerabilidades, com vistas à promoção da saúde da criança e da família.

Metodologia

O grupo é composto por três bolsistas, três voluntárias, duas mestrandas, uma doutoranda e a professora coordenadora do projeto. O trabalho se dá através do acompanhamento a estas famílias e crianças, a partir de visitas domiciliares semanais/quinzenais, realizadas pela equipe. Realiza-se orientações, elaboração do Genograma e Ecomapa, acompanhamento da situação vacinal e da curva de crescimento, identificação de acompanhamento pela UBS, verificação e orientação sobre o registro de nascimento da criança (certidão de nascimento) e mapeamento dos equipamentos sociais do território que possam servir de apoio à família.

São estabelecidas parcerias com a UBS de referência no território e com os demais serviços sociais da comunidade, conforme trabalho de redes também proposto pelo Ministério da Saúde (2009). Após as visitas são realizadas anotações em diário de campo.

Resultados

O projeto acompanha sete famílias, onde se tem dez crianças, entre um mês e quatorze anos de idades. As idades das mães variam de dezoito a trinta e cinco anos. Embora haja uma circulação livre, cada família possui um integrante do projeto como referência, o que favorece a criação e o fortalecimento do vínculo, assim como uma sequência no acompanhamento e nas intervenções. A seguir apresentaremos as famílias, onde serão citadas de acordo com a ordem que começamos o acompanhamento, sem identificá-las.

Família 1 - A primeira família é composta pela mãe de 30 anos, usuária de crack e que também faz uso abusivo de álcool, o pai presidiário e a menina de 1 ano e dois meses, que não apresentou sinais de síndrome de abstinência e vem se desenvolvendo normalmente para a idade. Esta família é acompanhada pelo grupo já há mais de 1 ano. Acompanhamentos à UBS para consultas, festa de aniversário da criança, exame físico e verificação semanal da pressão arterial são algumas das intervenções já realizadas junto à família pela equipe.

Família 2 - Na segunda família o acompanhamento iniciou desde a 30ª semana de gestação, com a participação de alguns membros da equipe no chá de bebê da gestante. Realizou-se acompanhamento na última consulta de pré-natal e visita no hospital após o nascimento. A mãe está com 23 anos, o bebê com 11 meses e aos cuidados da avó materna. Pelo observado o menino não apresentou síndrome de abstinência e está se desenvolvendo dentro do esperado para a faixa etária. Os cuidados se estendem também a irmã mais nova, que é usuária e esteve internada.

Família 3 - A terceira família é composta pela mãe de 29 anos, companheiro e duas crianças, com 11 e 14 anos. A mãe usou cocaína durante a primeira gestação e atualmente é tabagista. As crianças frequentam a escola, a menina repetiu o ano pela primeira vez e o menino repetiu o ano por três vezes, ambos apresentam algumas dificuldades no aprendizado. A mãe está novamente gestante com aproximadamente 25 semanas. O pré-natal começou por intervenção do grupo e está sendo acompanhada durante as consultas e realização de exames. Ainda por intermédio do grupo foi encaminhada para acompanhamento psicológico e está participando de grupo de gestantes. Em função de a gestante necessitar de medicações para controle da ansiedade, o caso foi levado para discussão no Hospital Escola da UFPel, onde participaram

uma obstetra, uma psicóloga, um psiquiatra e uma acadêmica de enfermagem, que é bolsista do projeto.

Família 4 - A quarta família a ser acompanhada é composta pela mãe de 32 anos, usuária de crack, em abstinência há quase 6 meses, a avó e filha de 08 anos, diagnosticada pela “escola” com déficit cognitivo, por este motivo vem sendo realizadas atividades de reforço e acompanhamento psicopedagógico por uma mestrandia da equipe. Realiza-se aferição da pressão arterial da avó, pois a mesma referiu estar preocupada com a sua saúde, devido a problemas com o filho menor e a filha usuária, que também toma diversas medicações. Iniciaram-se atividades para o lazer da usuária, como desenhos e bordados que foram realizadas junto à equipe, como forma de incentivo e melhora da autoestima.

Família 5 - A quinta família é composta pela mãe de 29 anos, duas filhas, uma de 6 anos e outra de 4 meses. Atualmente moram com a mãe, e está há aproximadamente 3 meses sem fazer uso do crack, o companheiro que também era usuário parou o uso do crack e pretendem continuar sem usar para que possam voltar a morar juntos. O bebê está em amamentação exclusiva desde o nascimento. A filha mais velha frequenta a escola e não apresenta nenhuma dificuldade escolar.

Família 6 - A sexta família que estamos tentando nos aproximar para que possamos efetivamente acompanhar, é composta pela mãe de 19 anos, usuária de crack, HIV positiva e com histórico de tratamento para tuberculose. Na casa reside a mãe, que no momento, segundo a avó, “voltou para a rua”, à avó da criança e mais alguns filhos e netos. O bebê está com 4 meses e nasceu de 34 semanas, foi acompanhada pela equipe desde a maternidade e não está sendo amamentada. A criança nasceu com alguns problemas de saúde, e é acompanhada desde o nascimento por profissionais de saúde de um ambulatório pertencente à Universidade. Durante a primeira semana de vida a menina ficou aos cuidados da Casa do Carinho, pois a família estava em acompanhamento para a tuberculose, sendo entregue de volta aos familiares após 8 dias no abrigo da cidade.

Família 7 - A última família foi convidada a participar do projeto, durante o trabalho de parto do segundo filho. A mãe tem 30 anos e faz uso abusivo de crack e tabaco. Utilizou crack um dia antes do parto por cesárea. O RN nasceu positivo para sífilis e foi medicado. A mãe também recebeu tratamento. A família é composta pela mãe, um filho de 4 anos, o RN, o pai da

usuária e uma irmã. O pai da criança também é usuário de crack. A usuária teve complicações pós-cesárea e precisou de reintervenção cirúrgica. O RN não foi amamentado e não apresenta sinais de abstinência. O Filho de 4 anos ainda não frequenta escola e é criado pela avó materna com apoio do pai e família paterna. Atualmente o bebê está sendo criado pelo avô materno, enquanto a mãe e o pai estão em situação de rua.

Dos bebês acompanhados durante as visitas nas residências, não observamos crise de abstinência. As mesmas estão se desenvolvendo dentro do esperado para a idade, visto que além de observações há também o acompanhamento da curva de crescimento, seguindo dados como peso e medidas.

Entre as crianças que as idades variam de quatro a quatorze anos, percebe-se que aquelas que já estão em idade escolar apresentaram algumas dificuldades de aprendizagem e alfabetização. Das quatro crianças em idade escolar três apresentam algumas dificuldades na leitura, na escrita ou matemática e duas já reprovaram de ano, entretanto, há de se considerar as difíceis condições sociais e de vida.

Não podemos dizer que episódios de reprovação escolar estejam relacionados ao fato da mãe ter feito uso de algum tipo de substância durante a gestação, pois dificuldades em algumas áreas do conhecimento podem ocorrer com qualquer criança, principalmente nos primeiros anos escolares. Observando as famílias através de acompanhamento contínuo, é possível relacionar o que alguns autores falam sobre não haver evidências e comprovações científicas de que o uso de substâncias psicoativas possam causar danos às crianças cujas mães fizeram este uso durante a gestação (SIMPSON; MCNULTY, 2008).

Conclusão

O projeto de extensão permite a realização de ações e intervenções que servem de aprendizado para o grupo e de apoio para as famílias acompanhadas. A equipe tem o privilégio de acompanhar essas famílias e poder conviver em seu ambiente domiciliar. Com o tempo e a construção do vínculo, as trocas ficam evidentes a cada visita, onde se leva muito mais que orientações, leva-se também o cuidado de forma integral e humanizada.

Algumas mães não realizaram o pré-natal durante a gestação, outras foram fazer após intervenção da equipe do projeto, pois mulheres usuárias de drogas geralmente encontram barreiras para chegar aos ser-

viços de saúde. Sabe-se da existência de preconceito, que muitas vezes parte até mesmo dos profissionais da saúde, que não estão preparados para lidar com este público.

Ainda não é possível dizer qual o verdadeiro impacto do uso das drogas durante a gestação nas crianças nascidas nessa condição, e percebemos o quanto são escassos estudos que abordem esse tema de maneira integral, longe dos olhos e do preconceito da mídia e do pragmatismo da área da segurança pública.

Acreditamos ser para eles, mais que integrantes de um projeto, e sim uma extensão do que eles vivem, pois estamos em suas residências, junto a elas em seu território. O principal disso é que fazemos sem preconceitos, com ouvidos e coração abertos para suas histórias de vida e também compartilhando as nossas, assim transformando as perspectivas de vida dessas famílias e das nossas próprias vidas.

Referências

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde na escola / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. — Brasília: Ministério da Saúde, 2009.
- OLIVEIRA, J.F.; PAIVA, M.S.; VALENTE, C.L.M. Representações sociais de profissionais de saúde sobre o consumo de drogas: um olhar numa perspectiva de gênero. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.11 n.2, p. 473-81, 2006.
- SIMPSON, M.; MCNULTY, J. Different needs: women's drug use and treatment in the UK. *International Journal of Drug Policy*, Liverpool, v. 19, 2008.

PROMOVENDO EDUCAÇÃO EM SAÚDE: PREVENÇÃO DE DOENÇAS ATRAVÉS DA LAVAGEM DAS MÃOS

ARGENTA, Thamyras Barreto

Aluna do Curso de Farmácia/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

BORDINI, Fernanda Weber

Aluna do Curso de Nutrição/UFPeI, bolsista PROBEC/UFPeI

COSTA, CRUZ, Michele da

Aluna do Curso de Nutrição/UFPEL, voluntária

GAMARO, Giovana Duzzo

Professor Bioquímica/CCQFA/UFPeI

TAVARES, Rejane Giacomelli

Professor Bioquímica/CCQFA/UFPeI, coordenador e orientador

Educação para a saúde na escola significa a formação de atitudes e valores que levam a criança ao comportamento inteligente. Não se limita a dar conhecimentos, mas sim, preocupa-se em motivar a criança para aprender, e torná-la capaz de desenvolver novos hábitos. Para tanto, as atividades lúdicas tem muito a contribuir, uma vez que garante a criança o seu direito de brincar, bem como, estimula o desenvolvimento sócio-cognitivo das mesmas (AGUIAR, 2001; AGUIAR, 2007). São utilizados métodos e processos participativos e problematizadores, preconizados e consolidados, buscando práticas inovadoras a partir da realidade num processo dialógico e horizontalizado de construção e reconstrução compartilhada do conhecimento e na ação coletiva para a transformação social. Os profissionais dos serviços, os parceiros e a população são sujeitos (atores), que debruçados sobre a realidade procuram conhecê-la, compreendê-la, desvendá-la e atuar sobre ela para transformá-la. E à medida que vão transformando-a, os sujeitos se transformam dentro deste processo, num respeito mútuo de saberes (científico e popular) que não sobrepuja um ao outro, mas se reconstróem (CYRINO, 2004). E é baseado nesta premissa que o projeto de extensão “PROMOVENDO EDUCAÇÃO EM SAÚDE: DA LAVAGEM DAS MÃOS À PREVENÇÃO DE DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS” tem como objeto a promoção da saúde através do seu elemento mais básico: a higiene pessoal. O mesmo apresenta como objetivos o aumento da adesão à higienização de mãos, permitindo a diminuição dos índices de infecções relacionadas à assistência à saúde, além da formação do grupo executor quanto ao cuidado da “Higienização das mãos” e implementação de estratégias de promoção da saúde (BRASIL-MS, 2005; BRASIL-MS, 2007), através da integração com a comunidade escolar da Escola Municipal Ferreira Viana. Esta é uma Instituição Municipal de Ensino que compreende cerca de 200 alunos de ensino fundamental. Oferece excelente espaço e desenvolve uma parceria com UFPeI no campo da educação e da capacitação. O trabalho desenvolvido representa uma complementação educacional das crianças na área da saúde, através de atividades lúdicas, com brincadeiras que estimulam a aprendizagem e o desenvolvimento individual de cada criança.

Metodologia

Durante o ano 2013 e 2014 foram realizadas palestras educativas sobre higiene básica, técnicas de lavagem de mãos e atividade prática com tinta guache (TIPPLE, 2010), em horários disponibilizados pela Coordenação da Escola, para turmas da primeira e segunda séries do ensino fundamental, abrangendo um total de 40 crianças, com idades entre 6 e 10 anos. Para esta atividade as crianças tiveram seus olhos vendados e as mãos pintadas com tinta guache, de maneira a colorir toda a superfície, com especial atenção para os espaços interdigitais (Figura 1).



Figura 1: Pintura das mãos com tinta guache
Fonte: Arquivo pessoal do coordenador, 2014

Após, as mesmas foram conduzidas até o local de lavagem das mãos, disponível no pátio da escola, onde foi disponibilizado sabão líquido. No primeiro momento, as crianças foram convidadas a fazer a lavagem das mãos da sua maneira habitual, e foram observadas nesta atividade. Quando julgaram estar finalizada a atividade, as mesmas tiveram a sua venda retirada e foi feita a observação da eficácia da lavagem realizada. Neste momento, com a observação dos restos de tinta existentes nas mãos, a técnica correta de lavagem foi demonstrada, e as crianças puderam refazer a higienização das mãos, agora seguindo a técnica proposta.

Resultados

Para a avaliação da atividade, as crianças responderam um questionário estruturado antes e após a execução da atividade central do projeto (palestra seguida de atividade lúdica), buscando identificar qual foi o real aprendizado das mesmas. Na Figura 2 podemos observar a mudança de conhecimento em relação à qual atitude deve ser tomada, quando questionados em relação à pergunta “Quando você lava as mãos?”.

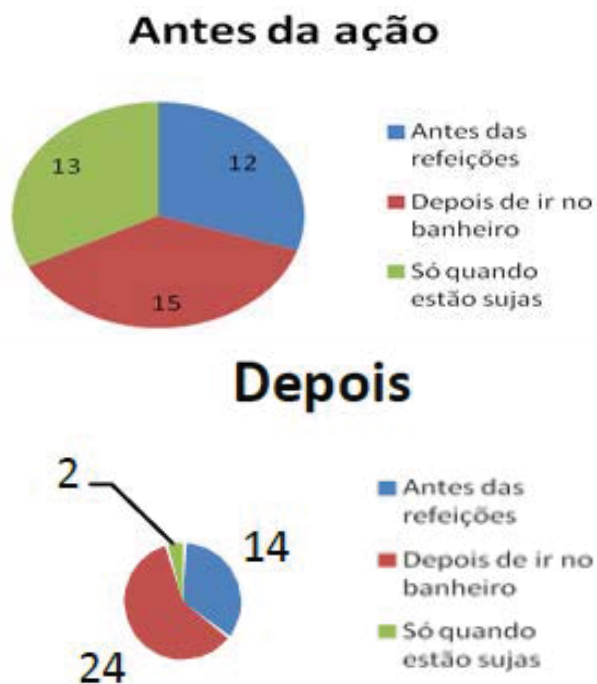


Figura 2: Número de respostas para cada uma das alternativas propostas à pergunta “Quando você lava as mãos?”, avaliadas em dois momentos distintos- antes e depois da ação extensiva (n= 40)

Fonte: Elaborado pelos autores, 2014

Conclusão

Assim, pode-se verificar a importância do desenvolvimento de atividades permitam um ganho de conhecimento, contribuindo para a melhoria das condições de saúde da população. Adicionalmente também se pode verificar a integração de alunos e professores da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) com a comunidade escolar, através das capacitações propostas e o contato com realidade das comunidades locais, incentivando os estudantes a olharem criticamente cada fato e a realidade que os acerca, promovendo o desenvolvimento técnico-científico e profissional, aliado à melhoria da realidade social da comunidade atendida.

Referências

- AGUIAR, J. S. Jogos para o ensino de conceitos. 3ª edição. Campinas: Editora Papyrus, 2001.
- AGUIAR, J. S. Educação inclusiva: jogos para o ensino de conceitos. 4ª edição: Papyrus, 2007.
- CYRINO, E. G.; TORALLES-PEREIRA, M. L.. Trabalhando com estratégias de ensino-aprendizado por descoberta na área da saúde: a problematização e

a aprendizagem baseada em problemas. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.20, n. 3, p. 780-788, mai-jun, 2004.

TIPPLE, A.F.V et al. Técnica de higienização simples das mãos: a prática entre acadêmicos da enfermagem. Ciencia Y Enfermeria, v. XVI, n.1, p. 49-58, 2010.

Referências eletrônicas

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. A educação que produz saúde / Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2005. Disponível em <[http://www.fiocruz.br/redeblh/media/a_educacao_que_produz_saude\[1\].pdf](http://www.fiocruz.br/redeblh/media/a_educacao_que_produz_saude[1].pdf)>.

BRASIL. FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE. Diretrizes de educação em saúde visando à promoção da saúde: documento base - documento I/Fundação Nacional de Saúde - Brasília: Funasa, 2007. Disponível em <http://www.funasa.gov.br/site/wp-content/files_mf/dir_ed_sau.pdf> em relação à pergunta “Quando você lava as mãos?”.

QUALIDADE DE VIDA DE ESPORTISTAS AMADORES DE PELOTAS/RS

DEL PONTE, Rodrigo

Aluno do Bacharelado em Educação Física/ESEF/UFPeI,
bolsista PROBEC/UFPeI

DALL' AGNOL, Cristiano

Aluno do Curso de Educação Física/ESEF/UFPeI, volun-
tário

DEL VECCHIO, Fabrício Boscolo

Professor do Departamento de Ginástica e Saúde/ESEF/
UFPeI, coordenador e orientador

Os escores de qualidade de vida relacionada à saúde (QVRS) têm sido bastante discutidos no âmbito acadêmico considerando diferentes populações (DEL VECCHIO et al., 2007). Destacam-se informações de portadores de câncer (FÄRKILÄ et al., 2014), doentes cardíacos (ARNOLD et al., 2014), sujeitos que sofreram acidente vascular cerebral (DHAMMOON et al., 2014), idosos (BARCELOS-FERREIRA et al., 2013), assim como praticantes de atividade física (GILL et al., 2013). Acerca destes últimos, indica-se relação íntima entre QV e saúde, sendo que já se reconhece a relevância da atividade física (AF) na determinação da QV (MARTIN et al., 2009). Isto se dá, pois a prática regular de AF é capaz de prevenir doenças crônicas (KUIJPERS et al., 2013) e de proporcionar melhorias na saúde e na aptidão física (ACMS, 2013).

Por outro lado, demonstrara-se que prática de AF em excesso pode se tornar prejudicial (MABWEAZA-RA et al., 2014) e ser deflagradora de vários tipos de lesões musculoesqueléticas. Além do mais, tal fenômeno foi relatado como dependência do exercício físico (MODOLO et al., 2009). Com efeito, atletas acabam exacerbando a obsessão por resultados, inclusive incorrendo na utilização de medicamentos ilícitos, o que afetaria negativamente sua QV (NIDA, 2012). Sendo assim, as relações entre aptidão física, atividade física e saúde são próximas (BOUCHARD et al., 1990). Já se percebeu que dependendo da situação, do objetivo e da intensidade, o exercício físico pode modificar positivamente a QV de seus praticantes (MELLO et al., 2005) e, neste contexto, o esporte tem sido empregado para a melhoria da saúde e da aptidão física inclusive de não atletas (RIBEIRO et al., 2013). Porém, são escassas informações sobre a QV de atletas amadores, dos quais o tempo e intensidade de prática de AF são superiores aos do nível populacional (INTERDONADO e GREGUOL, 2010) e, simultaneamente, menores dos de atletas profissionais (DE PAUW et al., 2013).

Ainda, poucos estudos focaram em avaliar a expressão da QV a partir da prática de diferentes modalidades, considerando frequência e duração das sessões, sendo que a maioria das ações se restringiram às divergências entre modalidades individuais e coletivas (MODOLO et al., 2009) e entre gêneros (SANTOS, 2013). Deste modo, os objetivos do estudo foram:

i) identificar diferenças entre hábitos de esportistas amadores de diferentes modalidades esportivas, ii) avaliar os níveis de QV e iii) compará-los segundo grupo de modalidades, frequência e duração das sessões.

Metodologia

População e caracterização das variáveis: a ação, de caráter observacional descritiva e decorrente de projetos de extensão devidamente cadastrados na PREC/UFPEL (códigos 52837052, 52837040 e 52837042), envolveu 88 atletas amadores do sexo masculino de diferentes modalidades, com idades entre 18 e 35 anos. Os indivíduos deveriam realizar, pelo menos, três sessões semanais da modalidade e de forma interrompida por, no mínimo, dois anos. Esportistas que não se envolveram em nenhuma competição nos últimos seis meses foram excluídos do estudo. Para participação, todos foram informados sobre os objetivos do estudo (aprovado no comitê de ética local, 003/2012) e, então, leram e assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Como variáveis dependentes, elencam-se os domínios da qualidade de vida relacionada à saúde aferida via WHOQOL-bref. Como independentes, o tipo de modalidade (lutas, individuais ou coletivas), tempo de treinamento em anos, duração e quantidade de sessões de treinamento por semana, idade, e objetivo principal no esporte.

Delineamento do estudo: após permissão dos treinadores e contato prévio com os esportistas, os pesquisadores responsáveis pelo estudo compareceram aos locais de treinamento dos atletas, onde lhes informaram a respeito da pesquisa que estava sendo realizada, explicaram e entregaram os instrumentos a serem preenchidos. O participante poderia receber o material diretamente dos pesquisadores ou de seu técnico, o qual foi previamente habilitado para realizar dupla checagem e solucionar possíveis dúvidas.

Para análise da qualidade de vida, os indivíduos preencheram o questionário World Health Organization Quality of Life-Bref (WHOQOL-bref). As entregas e recolhimentos dos formulários ocorreram sob duas formas: no local de treinamento, ou na sessão de treino seguinte em que o material havia sido entregue. Desta forma, os atletas poderiam levá-lo para casa e finalizarem o preenchimento, porém, foi solicitado que o preenchessem em situação de privacidade, evitando qualquer forma de interferência externa. Para análise dos dados, empregou-se distribuição de frequências,

teste de proporções e análise de variância de um caminho. Assumiu-se 5% como nível de significância estatística.

Resultados

No estudo foram envolvidos esportistas de 12 modalidades ($n = 88$), sendo que 25 deles eram praticantes de lutas (28,4% do total, sendo cinco de muay-thai, cinco de karatê, seis de Brazilian jiu-jitsu e nove de judô), 30 estavam envolvidos com modalidades individuais (34,1%, com 11 no tênis, sete no pádel, sete no ciclismo, cinco no triatlon) e 33 com coletivas (37,5%, sete no voleibol, sete no futebol, nove no futsal e dez no rugby).

Nenhum dos sujeitos fumava, 38,6% não ingeriam bebidas alcoólicas, 40,9% bebiam de duas a três vezes na semana e 20,5% exibiam frequência semanal única. Destaca-se que os envolvidos com modalidades coletivas exibiram percentual superior (81,8%, $\chi^2 = 9,81$, $p = 0,007$) quando comparados a praticantes de modalidades individuais (53,3%) e lutas (44%). Apenas oito sujeitos indicaram uso de medicamentos regulares com prescrição médica. O uso de suplementos foi relatado por 29,5% dos envolvidos no estudo.

Acerca do tempo de prática, envolvidos com modalidades de lutas detinham $8,7 \pm 6,6$ anos, os praticantes de modalidades individuais exibiam $8,9 \pm 5,2$ anos e os esportistas de modalidades coletivas atingiram $11,2 \pm 7,6$ anos, sem diferenças significantes entre grupos ($F_{2,85} = 1,42$; $p = 0,24$). De modo geral, 75% dos esportistas treinavam entre 3 e 4 vezes na semana e 25% chegavam a 5 sessões ou mais. Sessões de até 1h eram praticadas por 25% da amostra, até 2h por 72,7% e com 3h por 2,3%; porém, foram registradas diferenças entre grupos de modalidades ($\chi^2 = 12,33$, $p = 0,01$). Sessões com até 1h foram mais frequentes em modalidades individuais quando comparadas às lutas, ao passo que lutas exibem maior frequência de sessões com até 2h de duração quando comparadas às modalidades individuais. Quanto à prevalência de lesões nos últimos seis meses, 32% dos praticantes de lutas, 40% de esportistas de modalidades individuais e 54,5% dos envolvidos com as coletivas relataram algum tipo de agravo, sem diferenças das proporções entre modalidades ($\chi^2 = 3,13$, $p = 0,21$). Acerca da qualidade de vida, o escore geral do WHOQOL-bref, para todos os envolvidos, é de $77,76 \pm 7,9$ pontos, com diferenças entre modalidades ($F_{2,85} = 5,1$; $p = 0,008$). Não foram observadas correlações entre tem-

po de prática, quantidade de treinos semanais e duração da sessão de treino.

Conclusão

Os resultados apresentados pelo estudo permitem a visualização das divergências relatadas por atletas amadores de diferentes modalidades, em que esportistas de modalidades individuais demonstram melhor percepção dos domínios físico e ambiental. Maior exigência física e classe econômica dos indivíduos podem estar relacionadas à melhora destes fatores. Além do mais, a prática esportiva de modo amador por si só, independente do esporte, quantidade e duração de sessões de treinamento parece atuar de forma expressiva nos níveis de QV.

Referências

- AMERICAN COLLEGE OF SPORTS MEDICINE et al. ACSM's guidelines for exercise testing and prescription. Lippincott Williams & Wilkins, 2013.
- ARNOLD, Suzanne V. et al. Derivation and Validation of a Risk Standardization Model for Benchmarking Hospital Performance for Health-Related Quality of Life Outcomes After Acute Myocardial Infarction. *Circulation*, v. 129, n. 3, p. 313-320, 2014.
- BARCELOS-FERREIRA, Ricardo et al. Quality of life and physical activity associated to lower prevalence of depression in community-dwelling elderly subjects from Sao Paulo. *Journal of affective disorders*, 2013.
- BOUCHARD, Claude et al. Exercise, fitness, and health: the consensus statement. In: Bouchard C, Shephard RJ, Stephens T, Sutton JR, McPherson BD (org.) *Exercise, Fitness, and Health*. Champaign, Human Kinetics, 1990:3-28.
- DE PAUW, Kevin et al. Guidelines to classify subject groups in sport-science research. *International journal of sports physiology and performance*, v. 8, n. 2, p. 111-122, 2013.
- DEL VECCHIO, Fabricio B. et al. [Multivaried analysis of the interaction between quality of life and physical capacities for people occupationally intoxicated by mercury]. *Acta medica portuguesa*, v. 20, n. 2, p. 131-137, 2007.
- DHAMOON, Mandip S. et al. Quality of Life after Lacunar Stroke: The Secondary Prevention of Small Subcortical Strokes Study. *Journal of Stroke and Cerebrovascular Diseases*, v. 23, n. 5, p. 1131-1137, 2014.
- FÄRKKILÄ, Niilo et al. Health-related quality of life among breast, prostate, and colorectal cancer patients with end-stage disease. *Quality of Life Research*, v. 23, n. 4, p. 1387- 1394, 2014.
- GILL, Diane L. et al. Physical activity and quality of life. *Journal of Preventive Medicine and Public Health*, v. 46, n. Suppl 1, p. S28-S34, 2013.
- INTERDONATO, Giovanna C.; GREGUOL, Márcia. Qualidade de vida percebida por indivíduos fisicamente ativos e sedentários. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v. 18, n. 1, p. 61-67, 2010.
- KUIJPERS, Wilma et al. A systematic review of web-based interventions for patient empowerment and physical activity in chronic diseases: relevance for cancer survivors. *Journal of medical Internet research*, v. 15, n. 2, 2013.
- MABWEAZARA, S. Z. et al. Changes in state anxiety prior to competition: sport and exercise psychology. *African Journal for Physical Health Education, Recreation and Dance*, v. 20, n. 2.1, p. 492-499, 2014.
- MARTIN, Corby K. et al. Exercise dose and quality of life: a randomized controlled trial. *Archives of Internal Medicine*, v. 169, n. 3, p. 269-278, 2009.
- MELLO, Marco T. et al. O exercício físico e os aspectos psicobiológicos. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, p. 197-207, 2005.
- MODOLO, Vladimir B. et al. Dependência de exercício físico: humor, qualidade de vida em atletas amadores e profissionais; Physical exercise dependence: mood, quality of life in amateur and professional athletes. *Rev. bras. med. esporte*, v. 15, n. 5, p. 355-359, 2009.
- RIBEIRO, Yuri et al. Revisão sistemática dos efeitos do futebol recreacional em adultos não atletas. *Revista*

Brasileira de Atividade Física & Saúde, v. 18, n. 6, p. 655, 2014.

SANTOS, Ana Lúcia P. Quality of Life in Professional, Semiprofessional, and Amateur Athletes An Exploratory Analysis in Brazil. SAGE Open, v. 3, n. 3, p. 2158244013497723, 2013.

WHOQOL GROUP et al. Development of the World Health Organization WHOQOL-BREF quality of life assessment. Psychological medicine, v. 28, n. 03, p. 551-558, 1998.

SALVAR VIDAS AO ALCANCE DE TODOS: AS PRÁTICAS DE UM PROJETO DE EXTENSÃO SOBRE ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITAL

LEITE, Caroline Lemos

Aluna do curso de Enfermagem/UFPeI, bolsista PRO-BEC/UFPeI

KABKE, Vágner

Aluno do Curso de Enfermagem/UFPEL, voluntário

RIBEIRO, Bruna Ferreira

Aluna do Curso de Enfermagem/UFPEL, voluntária

LANGE, Celmira

Professora do Departamento de Enfermagem/UFPeI, orientadora e coordenadora.

A extensão universitária é caracterizada como uma das formas de atuação mais importantes do meio acadêmico, pois por meio das práticas de extensão a universidade consegue inserir-se em diversos campos, sejam eles políticos, sociais ou educacionais (SANTOS, 2011). Para JEZINE (2004), a universidade tem como função promover espaços de interação entre a comunidade acadêmica e a sociedade, através de ações que visem a integração social a partir das necessidades emergentes. Com isso, as ações extensionistas tem como prioridade desenvolver programas, atividades e eventos que capacitem e visem uma melhor qualidade de vida à população que abrangem.

Segundo AMESTOY et al (2010), os processos de formação dos profissionais da área da enfermagem sofreram diversas mudanças ao decorrer dos tempos por consequência de diversos fatores históricos, que consequentemente modificaram o perfil de formação destes profissionais, caracterizando a formação de profissionais generalistas, humanos, críticos e reflexivos, capazes de compreender as necessidades da população. No entanto, a partir desta perspectiva percebeu-se a carência do aprofundamento de temas específicos, como do Atendimento Pré-Hospitalar (APH) na Faculdade de Enfermagem (FEn) da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI), sendo assim, foi proposto a criação de um projeto de extensão que se caracterizasse pela área do APH.

A partir da necessidade evidenciada pelos alunos da FEn, no ano de 2009, três acadêmicos vinculados a instituição criaram a Liga de Atendimento Pré-Hospitalar (LAPH), sob a orientação da Professora Dr.^a em Enfermagem Celmira Lange e dirigida por um corpo de acadêmicos integrantes da mesma. A formação das ligas acadêmicas é uma iniciativa do corpo estudantil que visa a promoção de conhecimentos científicos, bem como práticas que incentivem o trabalho em equipe e a prática da pesquisa e extensão por discentes e docente (VERONESE e MORONA, 2004). Anualmente o grupo visita entidades vinculadas aos serviços de Urgência e Emergência locais, como o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) e a Ecosul – Empresa Concessionária de Rodovias do Sul S.A., demonstrando a importância do papel do enfermeiro

no primeiro atendimento. Desde sua criação a liga tem como objetivo transmitir das mais variadas formas a importância do APH e suas técnicas para pessoas, sejam elas profissionais da área da saúde ou não, visando a diminuição dos agravos e de possíveis sequelas que estes indivíduos vítimas de mal súbito possam apresentar. Quando o profissional enfermeiro se insere na comunidade como educador ele acaba se tornando uma peça essencial para a construção da cidadania. Estes profissionais possuem competências nas áreas de saúde e educação, tornando-os capacitados aos processos de ensino e aprendizagem nos locais em que forem inseridos (SILVA et al, 2012). Frente a isso, percebe-se a importância do papel do enfermeiro na comunidade e de capacitar a população na abordagem do primeiro atendimento.

Partindo desse princípio, o presente trabalho tem como objetivo apresentar os dados alcançados durante as capacitações realizadas no segundo semestre ano anterior, por meio de oficinas e palestras sobre atendimento pré-hospitalar.

Metodologia

Atualmente a Liga é composta por 24 estudantes da Faculdade de Enfermagem da UFPel distribuídos entre o primeiro e o oitavo semestre dos dez semestres do curso, todavia a seleção é aberta para todos os semestres.

Os estudantes interessados em ingressar no projeto devem estar devidamente matriculados no curso de enfermagem e passar por um processo de seleção coordenado pelos alunos já vinculados ao projeto, na forma de prova teórica e entrevista. No primeiro encontro do semestre os estudantes coordenadores da Liga estipulam os temas que serão discutidos ao longo do semestre e os demais componentes dividem-se para estudar sobre o conteúdo e elaborar apresentações para os demais colegas e comunidade em geral. Essas apresentações podem ser apenas de caráter teórico ou combinadas com práticas, oficinas, simulações, entre outras modalidades.

Para a construção das oficinas, simulações e palestras, os estudantes elaboram as atividades a serem apresentadas na comunidade sob a supervisão da docente coordenadora do projeto utilizando uma metodologia horizontal de ensino e atendendo aos interesses do público que solicitou a capacitação em atendimento Pré Hospitalar. No desenvolvimento das atividades são empregados recursos audiovisuais, folhetos informati-

vos, oficinas práticas e ao final uma avaliação em grupo sobre as propostas trabalhadas.

Resultados

Os dados aqui apresentados são do segundo semestre de 2013, quando a LAPH trabalhou com a proposta de capacitações sobre Suporte Básico de Vida (SBV) para a comunidade, tendo início em Setembro para alunos do curso de Eletrotécnica do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSul) de Pelotas. Logo em seguida foram realizadas outras capacitações para o curso de Edificações do IFSul Pelotas, para funcionários administrativos da UFPel, Distribuidora Pelotense de Materiais Elétricos (DISPEL), Serviço Social do Comércio do Rio Grande do Sul (SESC RS), Unidade Básica de Saúde Bom Jesus e Hospital Santa Casa de Misericórdia de Pelotas.

Geralmente as oficinas têm duração de 4 a 8 horas divididas em aulas teóricas e práticas, nas quais são abordados os seguintes temas: avaliação da cena do acidente, cinemática do trauma, ABC do trauma, engasgo, queimaduras, fraturas e imobilizações, hemorragias, empalamento, parada cardiorrespiratória, acidentes com animais venenosos e peçonhentos, intoxicações e tipos de transporte. As palestras/oficinas sempre são direcionadas o mais próximo possível para a realidade em que participantes estão inseridos, seja em escolas, empresas, serviços de saúde ou até mesmo na rua.

Foram realizadas 10 capacitações sobre SBV realizadas no período de Setembro a Dezembro de 2013 a população direta total atingida totalizou 324 indivíduos que foram capacitados pelos discentes e coordenadora do projeto. Para contabilizar o número indireto atingido durante as palestras levou-se em consideração o trabalho que cada um dos indivíduos capacitados exercia. Em média, os indivíduos presentes nas capacitações exercem sua atividade profissional em equipes compostas por aproximadamente 4 pessoas, consequentemente podemos entender que, de forma indireta 972 indivíduos foram beneficiados com as capacitações.

Dentro do atendimento de SBV estão as paradas cardíacas respiratórias (PCR) e de acordo com Granzotto et al. (2008), o fator conhecimento humano é o mais relevante no sucesso do atendimento a uma PCR, portanto, destaca-se a importância de investimentos em treinamento e atualizações periódicas dos profissionais da saúde e da população em geral. A literatura é categórica ao afirmar que o tempo para a reanimação

é fundamental para o prognóstico da vítima de PCR (MORETTI, et al, 2007). Daí a importância do projeto Liga de Atendimento Pré Hospitalar em levar conhecimento sobre SBV a toda a população em geral.

Conclusão

As oficinas desenvolvidas permitiram grandes trocas de experiência e de saberes, permitindo a atuação da enfermagem nas mais diversas áreas. Através das capacitações realizadas pode-se perceber a importância do papel do enfermeiro como educador e sua atuação direta na prevenção de acidentes e promoção da saúde. Considera-se importante que qualquer profissional, independentemente de sua área de atuação deve ter noções básicas sobre Suporte de Vida. Portanto, pode-se concluir que a inserção de estudantes em projetos de extensão que atuem diretamente na sociedade é essencial, gerando o desenvolvimento de todos os envolvidos.

Dessa forma, espera-se que as capacitações contribuam ativamente na construção social de cada um dos participantes, disseminando os conhecimentos básicos para a realização do primeiro atendimento à uma vítima, além de proporcionar aos estudantes a oportunidade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo de sua formação profissional.

Referências

- VERONESE, E. T.; MORONA, I. K. Ligas acadêmicas do curso de medicina da Universidade do Vale do Itajaí. In: Congresso Brasileiro de Educação Médica, XLII, 2003, Vitória. Resumo dos trabalhos do XLII COBEM. Rio de Janeiro: Revista digital de educação permanente em saúde, Editora, v.1, nº 1, supl. 2, 2004. p. 203.
- MORETTI MA, CESAR LAM, NUSBACHER A, KERN KB, TIMERMAN S, RAMIRES JAF. Advanced cardiac life support training improves long-term survival from in-hospital cardiac arrest. *Resuscitation* 2007; (72): 458-65.

Referências eletrônicas

- AMESTOY, Simone Coelho; CESTARI, Maria Elisabeth; THOFEHRN, Maira Buss; MILBRATH, Viviane Marten; TRINDADE, Letícia de Lima; BACKESES, Vânia Marli Schubert. Processo de Formação de Enfermeiros Líderes. *Rev. Bras. Enfermagem*, Brasília 2010, Nov-Dez; 63(6):940-5. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v63n6/11.pdf> Acesso em: 15 de julho de 2014.
- JEZINE, Edineide. As práticas curriculares e a extensão universitária. *Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária*. Belo Horizonte. Set. 2004. Disponível em: <https://www.ufmg.br/congrext/Gestao/Gestao12.pdf> Acesso em: 18 de julho de 2014.
- SANTOS, Marcos Pereira dos. Extensão universitária: espaço de aprendizagem profissional e suas relações com o ensino e a pesquisa na educação superior. UEPG: Ponta Grossa, 2011. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/viewFile/4547/3091> Acesso em: 20 de julho de 2014.
- SILVA, Priscilla Oliveira da; OLIVEIRA, Thamara Gago Senos de; MARTA, Cristiano Bertolossi; FRANCISCO, Márcio Tadeu Ribeiro; MARTINS, Elizabeth Rose Costa; SAMPAIO, Carlos Eduardo Peres. Os alunos do ensino médio e o conhecimento sobre o Suporte básico de vida. *Rev. enferm. UERJ*, Rio de Janeiro, 2012 dez; 20(esp.1):621-4. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v20nesp1/v20e1a12.pdf>. Acesso em: 15 de julho de 2014.
- JOSÉ A. GRANZOTTO, JÁ; SCHNEID, S; VECCHI, MA; LANGE, C; AZEVEDO, NA; PADILHA, A; MEDEIROS, C; BEBBER, F; PILOWNIC, C; MENDES, L; LUDTKE, IN. Capacitação em suporte básico de vida em um hospital universitário. *Revista da AMRIGS*, Porto Alegre, 52 (1): 24-28, jan.-mar. 2008. Disponível em: <http://www.amrigs.com.br/revista/52-01/ao04.pdf> Acesso em: 20 de julho de 2014.

TEMPO E VELOCIDADE DE CHUTE NO TAEKWONDO E FATORES CORRELACIONADOS

OLIVEIRA, Luis Felipe Nobre

Aluno do bacharelado em educação física ESEF/UFPEL

KIRST, Tomas Ferguston

Aluno do bacharelado em educação física ESEF/UFPEL

ANTUNEZ, Bruno Fernandes

Aluno de mestrado em educação física ESEF/UFPEL

DEL VECCHIO, Fabricio Boscolo

Professor na ESEF/UFPEL, coordenador e orientador

O taekwondo é uma modalidade coreana de combate, que emprega golpes de percussão, principalmente, com os membros inferiores (Antunez et al., 2012). Para competidores de alto nível, é necessário ter uma boa capacidade física e técnica para obtenção da excelência na modalidade (Chan, 2003). Neste contexto, Markovic et al. (2005) perceberam que atletas medalhistas em campeonatos mundiais e europeus possuíam maior capacidade aeróbia, quando comparados aos que não ganharam. Além disso, quanto menor o percentual de gordura e mais elevado o percentual de massa magra, maior possibilidade de êxito na modalidade (Shaw; Kavanal, 1995).

No entanto, destaca-se que poucas investigações focaram seus esforços no entendimento de quais fatores que influenciam nos gestos específicos da modalidade, os quais definem os combates, visto que a pontuação se dá em decorrência de sua aplicação qualificada. Por isso, o objetivo desse estudo foi investigar a correlação entre variáveis demográficas e físicas diversas, tempo de chute e número máximo de golpes aplicados em dez segundos em lutadores de taekwondo.

Metodologia

Este estudo se caracteriza como observacional transversal descritivo, e decorre do projeto de extensão intitulado “Quem Luta Não Briga”, da ESEF/UFPEL (código DIPLAN/PREC = 52837040) que atende à cerca de cem atletas de diferentes idades. Os atletas assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido e foram informados de como se procederiam as etapas do estudo. Para coleta de dados, foram recrutados 19 lutadores de taekwondo do projeto “Quem Luta, Não briga”, veiculado na Escola Superior de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal de Pelotas. Após os esclarecimentos das dúvidas e assinados os termos de consentimento, as avaliações foram conduzidas no mês de junho de 2014.

O preenchimento de formulário padronizado e os testes foram realizados em dojang específico da modalidade, por avaliadores, estudantes de educação física da ESEF/UFPEL e previamente treinados, após aquecimento de intensidade moderada, com duração entre

cinco e sete minutos. Foram conduzidos os seguintes testes: teste de potência aeróbia yo-yo, que consiste em corridas intermitentes e progressivas, nas quais o atleta deve correr 20 metros, e voltar dentro de tempo determinado; teste de resistência de força abdominal em 60 segundos, atleta em decúbito dorsal no solo, joelhos flexionados, pés no chão, mãos no peito, realizava-se flexão do tronco; teste específico da modalidade máximo de chutes em 10 segundos, e teste específico de tempo de chute, utilizando uma câmera de alta velocidade; além de medidas antropométricas para avaliar o percentual de gordura corporal dos atletas.

Os valores são apresentados com média e desvio padrão. Para análise dos dados, após a verificação da normalidade através do teste de Shapiro-Wilk, utilizou-se correlação bivariada de Pearson, com o objetivo de comparar a variação de conjuntos de observações. Valores de correlação até 0,29 foram considerados como magnitude fraca, entre 0,3 e 0,49, moderada, entre 0,5 e 0,69, forte e acima de 0,7 como muito forte (TRITSCHLER, 2000).

Resultados

Segundo o apresentado na tabela 1, todas as variáveis se mostram com correlações significantes. Dentre elas, observa-se que há correlação entre o percentual de gordura e o chute máximo em 10 segundos ($r=0,47$ e $p=0,049$). Indica-se que chute máximo em 10 segundos se correlacionou com todas as outras variáveis. Teste de abdominais e chutes em 10 segundos ($r=0,50$ e $p=0,028$) se correlacionam de modo forte. Por fim, pontua-se o tempo de chute e o abdominal também exibiram forte relação.

Capacidade física	Variáveis	r	Magnitude	p
Capacidade aeróbica	Teste de yo-yo e chute em 10 seg.	0,58	Forte	0,008
Resistência de força	Teste de abdominal e chute em 10 seg.	0,50	Forte	0,028
Chute em 10 s	Chute em 10	0,53	Forte	0,019
Tempo de prática (anos)	Velocidade de chute	0,57	Forte	0,027
Tempo de chute e abdominal		0,47	Moderada	0,049
Percentual de gordura	Percentual de gordura e chute em 10 seg.			

Tabela 1: Correlação entre variáveis de atletas de taekwondo
Fonte: Elaborado pelos autores, 2014

Conclusão

No cenário internacional, foram localizados outros estudos que analisaram a aptidão física de atletas de Taekwondo. Campos et al. (2009), com sete atletas masculinos medalhistas em competições nacionais e internacionais, observaram baixo percentual de gordu-

ra. Assim, para ser atleta de elite no taekwondo, parece que quanto menor o percentual de gordura, maior a chance de marcar pontos e obter êxito nos chutes.

Ao observar que, dentre os sujeitos da presente investigação, os que fizeram maior quantidade de abdominais em 60 segundos foram os que realizaram a maior quantidade de chutes em 10 segundos, pode-se perceber que o chute Bandal tchagui tem como primeiro músculo ativado o tibial anterior, e, em seguida, os músculos eretores da espinha e do cor (Silva, 2009), provavelmente pois o tronco é estabilizado logo antes da realização da tarefa, mecanismo protetor da coluna vertebral e da espinha dorsal, uma vez que reduz a oscilação das mesmas (Hodges; Richardson, 1976). Indica-se, também, que estes atletas precisam de resistência de força abdominal considerável para realizar sequências de golpes com precisão, potência e velocidade.

Sendo assim, com os dados do presente estudo, conclui-se que o tempo de chute (velocidade) e a quantidade de chutes máximos em 10 segundos (quantidade) aumentam de acordo com as outras variáveis obtidas. Explicita-se que maior potência aeróbia está relacionada com maior a quantidade de tempo que o atleta conseguirá manter sequências de chutes.

Referências

- ANTUNEZ, B.F.; JUNIOR, J.P.; DEL VECCHIO, A.H.M.; DEL VECCHIO, F.B.; Perfil Antropométrico e aptidão física de lutadores de elite de taekwondo; Campinas, revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, 2012, p. 61-76.
- CHAN, K.; PIETER, W.; MOLONEY, K. Kinanthropometric profile of recreational taekwondo athletes. Oregon, Biology of Sport, 2003, p.175-179.
- MARKOVIC, G.; MISIGOJ-DURAKOVIC, M.; TRNINIC, S. Fitness 3. Profile of elite Croatia in taekwondo athletes. Collegium Antropologicum. [s.l.:s.n.], 2005, p.93-99.

TRITSCHLER, K. Medida e avaliação em Educação Física e esporte de Barrow e McGee. Barueri, Manole, 2000.

CAMPOS, F.A.D. et al. Perfil antropométrico de atletas de taekwondo de alto rendimento. Campinas, ANAIS DO SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIA DO DESPORTO, 2009.

DA SILVA, V.F.. Análise biomecânica do chute ap bal ap dolio tchagui do taekwondo. São Paulo, Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação da Universidade São Judas Tadeu; 2009.

HODGES, P.W.; RICHARDSON, C.A.. Inefficient muscular stabilization of the lumbar spine associated with low back pain. A motor control evaluation of transversus abdominis. [s.l.] Spine, 1976, p.2640-50.

TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS EM CRIANÇAS COM AUTISMO

SAFONS, Mariane Fernandes

Graduanda do Curso de Medicina Veterinária/UFPel,
bolsista PROBEC/UFPel

NUNES, Natália Kern

Graduanda do Curso de Medicina Veterinária/UFPel

ZAMBARDA, Taís Teixeira

Graduanda do Curso de Medicina Veterinária/UFPel

CAPELLA, Sabrina de Oliveira

Mestranda, Programa de Pós Graduação em Veterinária

NOBRE, Márcia de Oliveira

Professora Departamento de Clínicas Veterinárias/
UFPel, orientador, coordenador

A Terapia Assistida por Animais (TAA) é um recurso terapêutico que visa a utilização de animais como principal método de tratamento de pacientes humanos, visando otimizar o desenvolvimento social, emocional, físico e/ou cognitivo (MACHADO et al., 2008) através de visitação, recreação e atividades com procedimentos e métodos previamente estipulados por meio do contato do animal com a pessoa. Envolve os serviços profissionais de áreas médicas humanas, que acompanham a evolução do paciente, e medicina animal, responsável por conduzir e zelar o animal terapeuta. (DOTTI, 2005)

Os benefícios proporcionados através da aplicação da TAA são diversos e acometem grande parte dos pacientes que desfrutam desta terapia. Comprova-se bem-estar, encorajamento das funções da fala e das funções físicas, estímulo à memória, afastamento do isolamento, oportunidade de comunicação e sentido de convivência, sentimento de segurança, socialização e motivação, redução da solidão, diminuição da ansiedade, relaxamento, estabilização da pressão arterial e reações químicas positivas, bem-estar e afastamento do estado de dor (DOTTI, 2005).

Portadores de Distúrbios de Contato Afetivo, como os autistas, são caracterizados pela inaptidão, desde a infância, em estabelecer relações normais interpessoal e em reagir normalmente às situações cotidianas a partir do nascimento. São pacientes detentores de perturbações que se manifestam em três áreas de domínio: a área social, a comunicação e a do mental e comportamental (MARINHO, 2009). Pelo fato de estas características enquadrarem-se ao perfil do programa de terapia com animais, observou-se a oportunidade de implementar a TAA em centros de atendimento à autistas na cidade de Pelotas.

Metodologia

O projeto Pet Terapia, da Universidade Federal de Pelotas, atua em terapia/educação e atividade assistida por animais, reabilitando cães para que atuem em instituições pelotenses que visam o bem estar de adultos e crianças com necessidades especiais. Para tal o projeto conta com a participação de docentes e discentes de diversas áreas afins, que unidas, visam a evolução de pacientes através da TAA. Hoje contamos com dez cães que habitam o canil do Hospital de Clí-

nicas Veterinárias-UFPEL e recebem cuidados quanto a alimentação, higiene e sanidade, além de treinamento de comandos básicos e específicos para que estejam capacitados a trabalhar com crianças especiais.

A TAA foi implantada no Centro de Atendimento ao Autista Dr. Danilo Rolim de Moura, localizado na cidade de Pelotas-RS, que possui como principal objetivo auxiliar no bem estar de crianças portadoras de autismo e suas famílias. Houve preferência pela utilização de cães que atendessem as necessidades das crianças, caracterizados como animais calmos, de fácil relacionamento, que não se perturbam com o manuseio de crianças possuidoras de déficit no controle motor e cognitivo. Empregou-se três cães, um macho e duas fêmeas, sem raça definida, com pelagem, tamanho e idade distintos, para que as crianças pudessem distingui-los e caracterizá-los como forma de atividade.

São realizadas visitas semanais e as atividades são elaboradas por alunos e professores do curso de psicologia participantes do projeto. Estas concentram-se no desenvolvimento do relacionamento entre a equipe e a criança, focando principalmente na interação homem-cão. Propõe-se exercícios com atividades lúdicas, que estimulam a fala e a comunicação, a sensibilidade tátil e motora, e a rotina e o cotidiano, através de demonstrações de situações, como com higiene, alimentação e passeio.

Resultados

Durante o período de terapia, verificou-se que, gradualmente, as crianças tornaram-se mais receptivas a ida ao Centro de Atendimento ao Autista e criaram vínculo, principalmente com o animal que preferiram trabalhar, recordando seu nome e as atividades que mais gostaram solicitando sua repetição em outros dias de visita, demonstrando-se mais alegres e um pouco mais atentas. Conforme DOTTI (2005), a presença de animais têm efeito sobre os aspectos físicos, mentais e sociais e há possibilidade de melhora através da união das duas espécies.

Observou-se a importância da tranquilidade, silêncio e permanência de apenas um grupo no ambiente em que realiza-se a terapia, pois diminui perceptivelmente a distração da criança autista, aumentando o tempo de contato com o animal e consequentemente o rendimento da terapia. Além disso, notou-se a indispensabilidade de visitas periódicas para o progresso. BECKER (2003) afirma que as visitas semanais dos animais de terapia apresentam um sucesso extraor-

dinário com crianças autistas, pois proporcionam-lhes vínculo de realidade e os estimula a sorrir, tocar e falar.

Conclusão

Através deste trabalho é possível expor a importância da Terapia Assistida por Animais em crianças portadoras de autismo e observar que os animais podem agir como poderosos catalisadores sociais, facilitando o contato social. Para isso, é importante ressaltar a imprescindibilidade de um trabalho contínuo, para que se possa analisar adequadamente o progresso do relacionamento do cão com o paciente autista.

Referências

BECKER, M.; MORTON, D., O Poder Curativo dos Bichos: como aproveitar a incrível capacidade dos bichos de manter as pessoas felizes e saudáveis. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CAPELLA, S. O.; GOMES, B.C.K.; ISQUIERDO, V.S.; ROSA, R.; NOBRE, M.O. Pet Terapia: Cães Auxiliando no Tratamento de Pacientes com Necessidades Especiais. In: IV Salão de Extensão e Cultura, 2011 Abr. 25-27; Pelotas: UFPEL; 2011.

DOTTI, J. Terapia & Animais. São Paulo: Livrus, 2014. 304 p.

MACHADO, J.D.A.C; ROCHA, J.R.; SANTOS, L.M.; PICCININ, A. Terapia Assistida por Animais (TAA). Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária, Garça, n.10, Jan. 2008.

MARINHO, E.A.R.; MERKLE, V.L.B., Um Olhar Sobre o Autismo e sua Especificação. In: IX EDUCERE e III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 2009 Out 26-29; Paraná: PUCPR; 2009.

Referências eletrônicas

MACHADO, J.D.A.C; ROCHA, J.R.; SANTOS, L.M.; PICCININ, A. Terapia Assistida por Animais (TAA). Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária, São Paulo, n.10, Jan. 2008. Disponível em: <<http://faef.revista.inf.br/site/e/medicina-veterinaria-10-edicao-janeiro-de-2008.html#tab821>>. Acesso em: 14 ago. 2014.

USO DA EPIDEMIOLOGIA COMO FERRAMENTA DE PLANEJAMENTO DE ATIVIDADES DE EXTENSÃO

AMARAL, Luana Pereira

Acadêmico do Curso de Odontologia/UFPel, voluntário

LEVIEN, Juliano

Acadêmico do Curso de Odontologia/UFPel, voluntário

FORMOZO, Thais Freitas

Acadêmico do Curso de Odontologia/UFPel, Bolsista do Projeto de Extensão PLADECOR

MARTINS CASTILHOS, Eduardo Dickie

Professor da Unidade de Saúde Bucal Coletiva do Departamento de Odontologia Social e Preventiva/UFPel, colaborador

BIGHETTI, Tania Izabel

Professora da Unidade Saúde Bucal Coletiva do Departamento de Odontologia Social e Preventiva/UFPel, coordenadora

As Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Odontologia apontam a necessidade de inserção de acadêmicos nos serviços públicos de saúde. Na Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pelotas (FO-UFPel), até 2010, esta inserção acontecia somente no quinto e sexto semestres. Com base em demandas geradas pelos próprios acadêmicos, surgiu o Projeto de Reestruturação e Avaliação em Saúde Bucal Sanga Funda (PRASB Sanga Funda). Está cadastrado no Sistema de Informação da Extensão (Siex) da Divisão de Planejamento e Apoio Técnico da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) sob o número 52.650.012.

A primeira etapa do projeto foi o diagnóstico da Unidade Básica de Saúde (UBS) Sanga Funda com base nas seguintes “estações de trabalho”: atividades educativas; ações programáticas; acolhimento; recepção; cuidados médico; de enfermagem; odontológico e cuidado domiciliar; planejamento; gestão; coordenação; supervisão; gestão da informação e participação no Conselho Local de Saúde e no Conselho Municipal de Saúde.

Ao concluírem o diagnóstico, identificaram como prioridade a necessidade de conhecer a situação de saúde bucal da população da área de abrangência da UBS, bem como comparar a utilização do serviço odontológico com sua necessidade, considerando a percepção do usuário. Esta demanda gerou um estudo observacional descritivo que gerou um Trabalho de Conclusão de Curso no ano de 2013, cujos resultados podem auxiliar o planejamento das ações de saúde bucal para a UBS.

O objetivo deste trabalho é descrever a metodologia utilizada na pesquisa, seus principais resultados e os principais aspectos a serem considerados no planejamento das ações da UBS e as atividades em que os acadêmicos do projeto poderão contribuir.

Metodologia

Foram coletados dados primários e secundários. Os dados secundários eram referentes às famílias cadastradas no período de janeiro a agosto de 2012 no Sistema de Informação da Atenção Básica (SIAB)

e foram solicitados à Secretaria Municipal de Saúde de Pelotas. Os dados primários foram obtidos a partir de uma amostra de conveniência, constituída de todas as pessoas presentes em suas residências no período previsto para os exames bucais e entrevistas, considerando-se microáreas pré-definidas. A amostra ideal deveria ter o mínimo de 10 exames das seguintes faixas etárias: menores que 1 ano, 1 a 4 anos, 5 a 6 anos, 7 a 9 anos, 10 a 14 anos, 15 a 19 anos, 20 a 39 anos, 40 a 49 anos, 50 a 59 anos e mais de 60 anos.

Os examinadores utilizaram o instrumental recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) (sonda CPI e espelho bucal). Na ficha de exame as variáveis sociodemográficas foram: número da ficha, nome, endereço, idade, sexo do examinado, bem como uso de serviço, presença de cálculo supragengival e fluorose dentária (para crianças e adolescentes até 12 anos). Além disso, constou na ficha um diagrama representando os arcos dentários com dois espaços para cada dente (relativos à condição do dente e à necessidade de tratamento em relação à cárie dentária), sendo que a necessidade foi registrada na ficha imediatamente após o preenchimento da condição do dente examinado, conforme critérios da OMS. Os indivíduos foram examinados sob luz natural, sem escovação prévia ou profilaxia e sem secagem prévia dos dentes, em suas respectivas residências em cadeiras, macas ou camas, sempre com a cabeça apoiada.

O questionário que foi aplicado contemplou perguntas fechadas para coleta da percepção do usuário sobre o serviço e sobre a saúde bucal. As questões foram sobre: benefício do Programa Bolsa Família; saúde geral, procura pelo serviço odontológico da UBS; opinião sobre o atendimento odontológico através da distribuição de fichas; opinião sobre mudança da distribuição de fichas para o agendamento de consultas odontológicas; resolução dos problemas bucais quando precisou do atendimento no posto de saúde; tempo da última consulta com o dentista; tipo de serviço procurado na última consulta odontológica; principal motivo dessa última consulta; necessidade ir ao dentista nas próximas semanas; problemas odontológicos a serem resolvidos; ter recebido orientação do dentista sobre higiene bucal; autoclassificação da saúde bucal; Influência da saúde bucal na qualidade de vida; forma a qualidade de vida é afetada pela saúde bucal.

Resultados e discussão

Foram entrevistados 170 indivíduos (5,5% da população cadastrada na UBS). Consideraram a saúde bucal boa/regular 136 indivíduos (80,0%) e que a saúde bucal afeta muito sua vida 122 (71,7%). O exame bucal foi autorizado por 160 indivíduos (94,1% da população cadastrada), dos quais 61 se referiram às idades-índice da OMS.

Em relação à prevalência de cárie, observou-se que aos 5-6 anos, 4 das 10 crianças estavam livres de cárie, e aos 12 anos o valor do CPOD foi de 1,5. O tipo de serviço mais utilizado foi público (n= 88,6%).

Avaliaram como péssima a distribuição de fichas 97 indivíduos (57%) e 163 indivíduos (95,8%) gostariam que as consultas fossem agendadas. Os resultados deste estudo apontaram que metade dos entrevistados faz uso do serviço da UBS para atendimento odontológico, o que reforça a necessidade de buscar a lógica da Política Nacional de Atenção Básica (PNAB) e da Política Nacional de Saúde Bucal (PNSB); que vem sendo colocada em prática com a incorporação da Equipe de Saúde Bucal (ESB) na Estratégia de Saúde da Família (ESF).

Não foram atingidos os 25 exames de indivíduos de cada idade-índice recomendada pela OMS para levantamentos de cárie dentária. Assim, buscou-se a garantia de pelo menos 10 indivíduos de cada faixa etária para cadastro no SIAB, considerando-se a distribuição da população. Como a amostra examinada e entrevistada teve tamanho reduzido, os intervalos de confiança das médias apresentaram valores negativos ou sem variabilidade, sugerindo que as verdadeiras médias estimadas possam não refletir a realidade da população. Apesar disto, podem ser indicativos da atual situação de saúde bucal da população da área.

Ao se analisar os resultados para as idades-índice da OMS, observou-se que a amostra de pré-escolares apresentou o componente “cariado” do índice ceod correspondendo a 75% do valor; o que aponta para a necessidade de investir em ações educativas com mães usuárias do serviço, destacando a importância de se investir nos cuidados com a dentição decídua, bem como em ações coletivas em creches e pré-escolas. Por outro lado, observou-se que o componente “obturado” do índice representou apenas 9,8% do índice, o que, associado à representação do componente “cariado” pode indicar a necessidade de organizar a demanda de saúde bucal através de busca ativa das crianças nas atividades da puericultura. Isso também

é reforçado devido à ocorrência de 7 casos de fluorose dentária (questionável e muito leve), o que pode indicar a necessidade de vigilância sobre o uso adequado de dentífrico fluoretado.

Aos 12 anos, o CPOD observado foi de 1,5, sendo o componente “cariado” 80% desse índice, reiterando a necessidade da implementação de ações preventivas nessa faixa etária. Porém, a fluorose apareceu em 66,7% dos examinados, de forma questionável e muito leve, sugerindo não ser um problema nessa faixa etária. Estes dados exploratórios diferem dos encontrados no Levantamento das Condições de Saúde Bucal da População Brasileira – SB Brasil, concluído em 2010, onde se observou 19,3% de prevalência das formas questionável e muito leve. Porém também foram observados casos que apontaram uma prevalência de fluorose leve (4,3%) e moderada (1,5%). O percentual de examinados com fluorose em grau severo pode ser considerado nulo.

Na faixa etária 15-19 anos o CPOD encontrado foi 0,8 enquanto que no SB Brasil 2010 foi de 4,25, destacando-se no estudo proposto bem como no SB Brasil, houve uma representação nula do componente “perdido” no índice. Na faixa 35-44 anos, o aspecto mais relevante foi a representação do componente “perdido” do CPOD de 71,4%, sendo significativamente maior do que o resultado do SB Brasil de 44,7% para a mesma faixa etária. Estes resultados sugerem a falta de instrução dos desses indivíduos que priorizam a extração como tratamento de escolha ou ainda refletem sequelas de uma prática odontológica mutiladora. Neste sentido, a incorporação do Laboratório Regional de Prótese Dentária em janeiro de 2013 no município de Pelotas, pode ser uma estratégia a ser adotada para atendimento da demanda reprimida. O CPOD na faixa de 65-74 anos, não apresentou grande divergência com média observada no SB Brasil 2010.

No ano de 2012, na UBS foram realizados principalmente os seguintes procedimentos: restaurações em 272 dentes; intervenção pulpar seguida de restauração em 32 dentes; exodontia em 73 dentes; remineralização de mancha branca em 30 dentes e selamento provisório de cavidade dentária em 137 dentes. No que se refere ao enfrentamento da cárie dentária, as principais necessidades de tratamentos encontradas foram: restauração de uma, duas ou mais superfícies em 124 dentes; exodontia em 57 dentes; remineralização de mancha branca em 6 dentes e aplicação de selante em 1 dente. Analisando o CPOD encontrado, percebe-se que há grande necessidade de inter-

venções restauradoras, principalmente na faixa etárias dos 5 e 6 anos.

Observando-se todos os procedimentos realizados no período de 2012, percebe-se que a prática odontológica vigente na UBS caracteriza-se por um modelo inovado de atenção em saúde bucal por possuir maior quantidade de procedimentos individuais do que coletivos, conforme proposto por Pires em 1996; apesar de haver um ligeiro aumento na quantidade de procedimentos coletivos, que pode ser explicada devido à transição para o modelo de inclusão da ESB na ESF.

Conclusão

O uso da epidemiologia permitiu observar que a população da área de abrangência da UBS tem idade média de 30 anos, concentrados entre 20-39 anos, sendo que metade utiliza o serviço público. A organização atual do serviço com distribuição de fichas foi considerada péssima e a maioria prefere consultas agendadas. Foi elevada a quantidade de dentes cariados aos 5-6 anos e de dentes perdidos em maiores que 65 anos.

A adequação do processo de trabalho ao modelo de atenção proposto na PNAB e PNSB requer principalmente interdisciplinaridade e multiprofissionalismo, integralidade da atenção, intersetorialidade, ampliação e qualificação da assistência.

Em relação à integralidade e qualificação da atenção, o PRASB pode contribuir com a ampliação das atividades educativas e preventivas em sala de espera e com os grupos das áreas programáticas (pré-natal, puericultura e hiperdia) e na incorporação de novas tecnologias na assistência odontológica. No que diz respeito ao multiprofissionalismo e intersetorialidade, também é possível contribuir com as atividades educativas e preventivas desenvolvidas pela ESB na escola da área de abrangência da UBS.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES de 3 de fevereiro de 2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Odontologia (Online). Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES032002.pdf>>. Acesso em abr. 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria no. 2.488 de 21 de outubro de 2011. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes e normas para a organização da Atenção Básica, para a Estratégia Saúde da Família (ESF) e o Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS). Disponível em http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt2488_21_10_2011.html. Acesso em 9 jul 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Coordenação Nacional de Saúde Bucal. Diretrizes da Política Nacional de Saúde Bucal. Brasília, Ministério da Saúde, 2004. Disponível em http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_brasil_sorridente.pdf. Acesso em jul. de 2013.

MENDES, Débora Moura; SANGUEBSCH, Thiago Soares. Caracterização da saúde bucal e uso do serviço odontológico em uma unidade básica de saúde de Pelotas/RS. 2013. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Odontologia) – Faculdade de Odontologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

PIRES, F.M. A Construção Interativa do Saber e do Fazer Acadêmicos: o Desafio da Prática Odontológica Integral. Tese (Doutorado em Odontologia) Universidade Federal Fluminense, 1996. Cap.3. p. 73-93

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Oral health surveys: basic methods. Geneva, 4th ed. p. 4-9; 21-52, 1997.

VER-SUS EXTREMO SUL – DISPOSITIVO DE (TRANS)FORMAÇÃO EM SAÚDE

MARTINS, Juliana Bessa

Aluna do Curso de Enfermagem/UFPeI, bolsista PRO-BEC/UFPeI

UBESSI, Liamara Denise

Psicóloga, Enfermeira, Sanitarista, mestre em Educação nas Ciências pela UNIJUÍ, acadêmica de Filosofia e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/UFPeI

LEMÕES, Marcos Aurélio Matos

Enfermeiro, Mestre em Enfermagem, Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/UFPeI

VASEM, Mariana Luchese

Aluna do Curso de Enfermagem/UFPeI

SANTOS, Celeste Pereira dos

Enfermeira, mestre em Enfermagem pela UFSC, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e docente na UFPeI, coordenadora do projeto de extensão VER- SUS Extremo Sul

O Sistema Único de Saúde (SUS) necessita de trabalhadores preparados para atuar com competência na rede de saúde pública. No entanto, ao se analisar a formação desses futuros profissionais, constata-se que a mesma se dá, principalmente, através das Instituições de Ensino Superior. Dessa forma, com o predomínio do modelo biomédico, ainda hegemônico dentro dessas instituições, e com um sistema educacional voltado mais para o mercado que para o público, identificam-se lacunas na formação em saúde desses trabalhadores. Formar para o SUS é um desafio e o significado da formação precisa ser retomado para fins de atender as reais necessidades de saúde do povo (BATISTA, GONÇALVES, 2011).

Com o intuito de preencher essa lacuna para fins de formar profissionais mais críticos e comprometidos com a saúde da população, surge o Projeto VER-SUS (Vivências e Estágios na Realidade do SUS). Consiste em uma atividade de Educação Permanente em Saúde que visa proporcionar aos estudantes, principalmente dos cursos de graduação na área da saúde e afins, experimentar espaços de aprendizagem no SUS, trazendo à tona o conceito ampliado de saúde e aproximando os estudantes às políticas de saúde, educacionais e de proteção social. Aposta na potência da efervescência estudantil em questionar e mudar o status quo da formação, com estímulo a mudanças curriculares na graduação e pós-graduação dos cursos da área da saúde, por meio de práticas inovadoras de educação para formar os profissionais do sistema público.

Essa aposta deve-se também ao fato de que a interferência estudantil organizada, não apenas é capaz de mobilizar poderes e interpor conceitos à sociedade como também marca um modo peculiar de existir no mundo que exige transformações sociais (BRASIL, 2004). Neste sentido, influenciado por estes movimentos, surge em 2002, o projeto VER-SUS no Rio Grande do Sul, e representou a ampliação da experiência de estágio e vivência na área de saúde, agregando diferentes cursos e áreas. Em 2003, contando com o apoio do Ministério da Saúde, junto ao movimento estudantil dos cursos das áreas da saúde, foi planejada a realização do projeto em vários estados brasileiros, fato que se concretizou em 2004, com a implantação do projeto VER-SUS/Brasil (MENDES et. al., 2010).

A partir de 2012, em parceria com o Diretório Acadêmico Anna Nery da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Diretório Central dos Acadêmicos (DCE), e com significativo apoio da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – UFPel, articulados com a Comissão de Integração Ensino Serviço- CIES 3ª Região, Associação Brasileira Rede Unida, foram desenvolvidas quatro edições de vivências no município de Pelotas e região.

Desta forma, esse relato busca identificar o significado da extensão através do projeto VER-SUS Extremo Sul na formação de acadêmicos da área da saúde pela descrição das implicações dessa experiência para si e na região de saúde extremo sul do RS.

Busca discutir a Vivência e Estágio na realidade do Sistema Único de Saúde realizada no Extremo Sul como um dispositivo de (trans)formação em saúde.

Metodologia

Trata-se de um relato de experiência, como uma forma de vocalizar o vivido para fins de ampliar a ‘clínica’ do discurso escrito. A mesma decorre da atuação de uma acadêmica de enfermagem no projeto de extensão VER-SUS Extremo Sul, vinculado a Faculdade de Enfermagem/UFPel, como bolsista, e de outros acadêmicos da graduação e pós-graduação como voluntários sob uma coordenação docente.

A atuação no projeto centrou-se no agenciamento de encontros para seguir com a realização das Vivências em âmbito local e estadual. As Vivências se articulam a políticas de governo estadual e nacional no campo da saúde e da educação.

Deste modo, o VER-SUS Extremo Sul realizou até o presente momento quatro edições, uma em fevereiro e outra em julho de 2012 e em abril e setembro de 2013. Cada edição contemplou de forma interdisciplinar a participação de 20 viventes, estudantes, e quatro facilitadores de diversas áreas. As vivências tiveram como município sede Pelotas, e foram visitados aproximadamente 12 municípios da região Extremo Sul. Em cada município foram visitados dispositivos de atenção à sociedade e houve diálogo com gestores, trabalhadores e usuários.

Resultados

A partir das vivências do VER-SUS Extremo Sul, formou-se um coletivo interessado em realizar mudanças na formação em saúde de estudantes interessados em

participar do projeto e realizar as vivências denominado de Extremo_SUS. É composto por estudantes da área da saúde, vinculados as Universidades Federal de Pelotas – UFPel e Universidade Católica de Pelotas – UCPel.

O Extremo_SUS é o promotor e executor da atividade de Extensão Universitária Vivências e Estágios na Realidade do Sistema Único de Saúde – VER_SUS/Brasil, vinculado a Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil. O mesmo funciona como um grupo. Reúne-se sistematicamente uma vez por semana, todas as terças-feiras e sempre que necessário em qualquer outro dia da semana. Os encontros acontecem na estrutura física do Diretório Central dos Estudantes da UFPel. As pautas são construídas coletivamente, é discutida, e as decisões são consensuais. Opera em auto e co- gestão.

Também são organizados a partir deste grupo a participação em eventos, divulgação das Vivências, publicação de resumos. A produção acadêmica escrita é um dos exercícios de aprendizado, mas principalmente de problematização do vivido, no caso, a realização do VER-SUS Extremo SUS.

Ademais, são desenvolvidas como principais atividades, levantamentos bibliográficos das temáticas que envolvem o desenvolvimento teórico e prático do projeto, com o intuito de qualificar os trabalhos apresentados em eventos; participação em oficinas de temas relacionados como propostas pelo projeto, abordagem metodológica, capacitação em educação popular em saúde.

Também, realiza-se a divulgação em diversos meios eletrônicos, ofícios a entidades e departamentos e movimentos sociais na Universidade e município de Pelotas, participa-se de eventos nacionais e internacionais para divulgação das atividades desenvolvidas no projeto, organização do Estágio de Vivência na realidade do SUS em 2014, junto com os demais participantes do projeto, com registros em ata com vistas a uma memória destes acontecimentos, construção do relatório dos estágios de Vivência.

Mas, principalmente, a participação no projeto produz interferências na formação singular em saúde, pois se tem a oportunidade de discutir o SUS e entender as necessidades de saúde e sociais das pessoas. Também por proporcionar aos estudantes identificar a gestão em serviço, encontro com gestores, trabalhadores e usuários do sistema, sendo possível provocar reflexões sobre a função do estudante, futuro profissional da rede SUS, como agente transformador da

realidade social e das organizações de saúde.

Assim, o VER-SUS, aliado a criação do coletivo, vai além da realização de estágios de Vivências. Se ocupa da defesa do direito a saúde, pela participação de estudantes no Conselho Municipal de Saúde e no grupo contrário a privatização dos hospitais Universitários.

Entretanto, possui como grande desafio a permanência dos estudantes que se envolvam no processo de formação de um Coletivo e participação no Projeto, e que mantenham o foco em uma formação que acrescente outras vertentes além da profissionalização técnica, que consiste em fortalecer os aspectos sociais, políticos e democráticos, buscando assim uma formação cidadã e de caráter crítico social.

Conclusão

Desse modo, esse Projeto consagrou-se como uma estratégia positiva, sensibilizante e de aproximação dos estudantes universitários aos constantes desafios do SUS, estendendo suas experiências para além da universidade.

Pressupõe-se que as vivências e experiências proporcionadas aos estudantes universitários através do Projeto VER-SUS, são de suma importância para a construção e consolidação da Saúde Pública em nosso país. O projeto VER- SUS Extremo Sul construiu coletivamente com os participantes uma visão comprometida com a transformação desta realidade.

Deste modo, pode-se dizer que tem potência como dispositivo de (trans)formação em saúde, pois ao interferir na formação, qualifica os futuros profissionais do SUS em diálogo com os novos processos organizativos, possibilitando aos estudantes um espaço privilegiado de interação e imersão no cotidiano do SUS e das necessidades das pessoas.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão de Educação na Saúde. VER-SUS Brasil: Caderno de Textos. Brasília: Ministério da Saúde; 2004.

MENDES et al. VER-SUS: Relato de vivências na formação de Psicologia. Psicologia, ciência e profissão. V. 31, n. 1, p. 174-187, 2012.

BATISTA, K. B. C.; GONÇALVES, O. S. J. Formação dos Profissionais de Saúde para o SUS: significado e cuidado. Saúde Soc.; v. 20, n. 4, p. 884-99, 2011.

VIVÊNCIA DE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM NA IMPLANTAÇÃO DA ESTRATÉGIA NACIONAL DE VACINAÇÃO CONTRA HPV EM UMA UBS DO MUNICÍPIO DE PELOTAS

BARRETO, Camila Braga

Aluna do Curso de Enfermagem/UFPel, bolsista do PET Saúde da Família-UFPel

HOHENBERGER, Glaucia Fragoso

Aluna do curso de Enfermagem/UFPEL

DE CASTRO, Taiane Mecking

Enfermeira da Secretaria Municipal de Saúde de Pelotas, preceptora do PET Saúde da Família-UFPEL

VAZ, Jéssica Cardoso

Aluna do Curso de Enfermagem/UFPel, voluntária do PET Saúde da Família-UFPel

CASARIN, Sidnéia Tessmer

Professora do Departamento de Enfermagem/UFPel, tutora do PET-Saúde da Família e do PET Gestão/UFPEL, orientadora

O Ministério da Saúde, por meio do Programa Nacional de Imunizações (PNI), em 2014 ampliou o Calendário Nacional de Vacinação com a introdução da vacina para HPV (Papiloma Vírus Humano), no Sistema Único de Saúde (SUS). A vacinação, conjuntamente com as atuais ações para o rastreamento do câncer do colo do útero, possibilitará, nas próximas décadas, prevenir esta doença que representa, hoje, a segunda principal causa de morte por neoplasias entre mulheres no Brasil (BRASIL, 2013).

O papiloma vírus humano (HPV) é sexualmente transmissível, estando relacionado com o desenvolvimento de aproximadamente 98% dos casos de câncer de colo do útero, sendo condição necessária, apesar de não suficiente para o surgimento da neoplasia (LINHARES; VILLA, 2006). Ele é capaz de infectar a pele e mucosas, sendo que já foram identificados 150 tipos diferentes desse vírus, dos quais 40 podem infectar o trato genital, sendo que 12 são de alto risco oncogênico (BRASIL, 2013).

Os que apresentam maior risco oncogênico, quando o portador tiver associado a outros fatores, podem causar câncer de colo de útero, vagina, vulva e região anal (BRASIL, 2006). Outros subtipos podem causar verrugas genitais. Também estão associados à infecção pelo HPV os cânceres de pênis e de orofaringe, bem como a Papilomatose Respiratória Recorrente (PRR) (BRASIL, 2013). A infecção pode ser assintomática por anos, apresentando apenas lesões subclínicas (BRASIL, 2006).

A vacina ofertada pelo SUS é quadrivalente, contemplando os tipos 6, 11, 16 e 18 do vírus; os tipos 16 e 18 causam 70% dos casos de câncer de colo do útero em todo mundo, sendo também responsáveis por 90% dos casos de câncer de ânus, 60% dos cânceres de vagina e 50% dos casos de câncer vulvar (BRASIL, 2013).

A produção da vacina está sendo nacional, resultado da parceria para transferência de tecnologia entre o laboratório público Instituto Butantan e o laboratório privado Merck Sharp Dohme (MSD), detentor da tecnologia (BRASIL, 2013).

A vacina está sendo ofertada gratuitamente para

adolescentes de 9 a 13 anos nas unidades básicas de saúde e em escolas públicas e privadas, tendo em vista que a vacina é altamente eficaz nessa faixa etária, induzindo a produção de anticorpos em quantidade dez vezes maior do que a encontrada em infecção naturalmente adquirida num prazo de dois anos. A vacinação é preferível antes do início da vida sexual, ou seja, antes da exposição ao vírus. Portanto, para que a estratégia de vacinação seja efetiva, é necessário focar a vacinação neste grupo etário (BRASIL, 2013).

O esquema vacinal adotado foi o estendido, composto por três doses (0, 6 e 60 meses). Mundialmente, 51 países já usam a vacina como estratégia de saúde pública (BRASIL, 2013).

No Brasil a meta é vacinar pelo menos 80% do grupo alvo, o que representa 4,16 milhões de adolescentes no primeiro ano de implantação da vacina HPV. O impacto da vacinação, em termos de saúde coletiva, só se dá pelo alcance de altas coberturas vacinais, portanto, para se atingir o objetivo de reduzir a incidência do câncer de colo de útero nas próximas décadas, o SUS deve concentrar seus esforços na vacinação dessa população (BRASIL, 2013).

A incorporação da vacina HPV no Calendário Nacional de Vacinação da Adolescente como uma estratégia de saúde pública reforça as atuais ações de prevenção do câncer do colo do útero e, é desta forma, que o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET - Saúde) está inserido no trabalho de prevenção nas Unidades Básicas de Saúde visando uma educação em saúde primária, na qual acadêmicos de diferentes cursos, neste enfoque principalmente a Enfermagem, tem a possibilidade de participar de programas de saúde.

Metodologia

Este trabalho é um relato de experiência, no qual acadêmicos de Enfermagem, através do PET - Saúde e do próprio currículo da graduação podem participar de programas e ações realizadas nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), como a vacinação das adolescentes na comunidade, avaliando as redes de atenção primária através das experiências das discentes dentro do cenário do trabalho em uma Unidade de Saúde.

O Programa de Educação pelo Trabalho em Saúde (PET - Saúde) é um programa governamental lançado em agosto de 2008, para viabilizar aperfeiçoamento e especialização em serviço dos profissionais da saúde, iniciação ao trabalho, assim como estágios e vivências,

de acordo com as necessidades do Sistema Único de Saúde (BRASIL, 2010).

A Unidade referida é a Unidade Básica de Saúde Dunas, localizada no município de Pelotas/RS, onde foram realizadas as vacinações.

Foram utilizados os dados da Escola Municipal de Ensino Fundamental Jornalista Deogar Soares da área de abrangência da equipe de saúde, a qual as acadêmicas estão inseridas. Dentre as adolescentes de 11 a 13 anos, as quais foram ofertadas a vacina HPV, houve uma demanda de 72 meninas nesta faixa etária, na qual apenas uma adolescente se recusou a fazê-la. Todas as jovens que participaram da vacinação apresentaram um termo de consentimento livre e esclarecido assinado por seus responsáveis.

Resultados

A organização da campanha de vacinação se iniciou através de reuniões com a Secretaria de Saúde e Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul/Pelotas, nestas estavam presentes as equipes de saúde das Unidades Básicas de Saúde e os coordenadores e dirigentes das escolas. Através dessas ficou definido que cada equipe de saúde interviria nas escolas de sua área de abrangência.

Desta maneira, a equipe de saúde, da qual fazemos parte, se reuniu com os coordenadores da escola para organizar a vacinação, tendo como meta vacinar todas as adolescentes que optaram por recebê-la.

Inicialmente foram marcados dois dias para a campanha, sendo um pelo horário da manhã e outro pelo horário da tarde, no entanto para que fossem contempladas todas as jovens tivemos que vacinar em mais um turno da tarde.

Houve grande adesão ao programa de vacinação, mesmo com a negação de uma adolescente. Porém sabemos que devido à falta de conhecimento da população, diante dos efeitos da vacina, muitas pessoas preferem não fazê-la.

É essencial reconhecer e reafirmar a vacinação como ação intrinsecamente vinculada à atenção básica em saúde, como um cuidado preventivo de promoção e de proteção da saúde, oferecido, de modo geral, na porta de entrada do SUS, concebendo a vacinação nessa perspectiva como imprescindível a todos os envolvidos: equipes, gestores e profissionais, sendo esta uma ação de Saúde Pública que se concretiza a partir de uma unidade básica de saúde que integra um sistema municipal que compõe o sistema nacional de

saúde, portanto é uma ação realizada por uma equipe na qual o vacinador é peça-chave, mas que não prescinde da atuação e intervenção dos demais profissionais (BRASIL, 2013).

Para incentivar a participação na campanha foram realizadas poucas intervenções, mas foram apresentados os pontos positivos aquelas pessoas que se mostraram com dúvidas ou aquelas que se apresentaram em negação à realização da vacina. Portanto, a promoção e prevenção em saúde requerem do enfermeiro e sua equipe um trabalho em longo prazo e alcançado diariamente, que se inicia desde as primeiras consultas até o vínculo gerado com a comunidade.

São atribuições dos membros das equipes de atenção básica realizar o cuidado da saúde da população adscrita, prioritariamente na unidade, e, quando necessário, no domicílio e nos demais espaços comunitários (escola, associações, entre outros) (BRASIL, 2012).

Os programas de saúde no ambiente escolar fornecem serviços aos estudantes, pois as crianças e adolescentes em idade escolar apresentam-se vulneráveis a vários problemas de saúde, como as lesões, infecções (principalmente influenza e pneumonia), desnutrição, doença dentária, câncer, abuso de drogas, doença sexualmente transmissíveis e outros problemas que põem em risco a aprendizagem e o podem levar ao fracasso na escola (SMELTZER, 2012).

Considera-se que tal interferência proporcionou a reflexão e uma percepção diferenciada pelos gestores de saúde envolvidos, com o intuito de gerar novas intervenções e linhas de cuidado e com o objetivo de melhorar as ações e campanhas na comunidade.

Conclusão

Percebemos, contudo, a grande importância no papel da enfermagem e do acadêmico dentro deste cenário, visto que a promoção e prevenção da saúde são garantidas por estes membros e demais profissionais da equipe de saúde básica, que além de levar qualidade de vida e saúde aos adolescentes participantes também permite ao acadêmico exercer a prática do cuidado, exercer um pensamento crítico a respeito da realidade vivenciada e pensar em abordagens e possíveis intervenções na comunidade.

Referências

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2012, 110p.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Programa Nacional de Imunizações (PNI): 40 anos. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. 236p.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Informe técnico sobre a vacina contra o Papilomavírus Humano (HPV) na atenção básica: adaptado pelo programa estadual de imunizações – RS. Brasília: Ministério da Saúde, nov. 2013, 36p.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Controle dos cânceres do colo do útero e da mama: caderno de atenção básica nº13. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 132p.
- LINHARES, A. C.; VILLA, L. L. Vaccines against rotavirus and human papillomavirus (HPV). *Jornal de Pediatria*, v. 82, n. 3, p. 25-34, 2006.
- SMELTZER, S. C. Et al. Brunner & Suddarth, tratado de enfermagem médico- cirúrgica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012, 481 p.

Referência eletrônica

- BRASIL. Ministério da Saúde. Portal Pró-Saúde Pet-Saúde. Belo Horizonte: Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: <http://www.portalprosaudebh.ufmg.br/> Acesso em 15 de julho de 2014.

VIVENCIANDO A UTILIZAÇÃO DO BRINQUEDO TERAPÊUTICO COM CRIANÇAS HOSPITALIZADAS

MENA, Lizarb Soares

Aluna do Curso de Enfermagem/UFPEL, voluntária;

BORGES, Ananda Rosa

Bolsista PROBEC/UFPeI

SALDANHA, Mariana Domingos

Aluna do Curso de Enfermagem/UFPEL, voluntária

BARBOZA, Michele Cristiene Nachtigall

Professor do Departamento de Enfermagem/UFPeI, co-orientador

ABATZ, Ruth Irmgard Bärtschi

Professor do departamento de Enfermagem/UFPeI, orientador

A hospitalização infantil, comumente, gera medo e ansiedade em relação ao ambiente e todas as atividades desenvolvidas nesse contexto, havendo muitas dúvidas das crianças acerca do tratamento e procedimentos aos quais serão submetidas. Crianças no ambiente hospitalar são afastadas do seu cotidiano e perdem o contato com a maioria de seus familiares e amigos, deixam de realizar as atividades de rotina como ir à escola, brincar com os amigos e interagir com seus familiares (MUSSA; MALERBI, 2008).

Neste contexto, o presente resumo tem como finalidade apresentar as atividades utilizando o brinquedo terapêutico no trabalho com crianças hospitalizadas em Hospital Escola de médio porte do sul do Brasil. O objetivo das atividades é de oferecer opções de lazer e distração para as crianças enquanto estão hospitalizadas, fazendo com que seus medos, ansiedades e dúvidas diminuam por meio da utilização de brincadeiras educativas sobre diversas temáticas relacionadas à saúde. Entre temáticas abordadas está a desmitificação do profissional de saúde com o uso do jaleco, favorecendo a compreensão das crianças sobre o tratamento de saúde que estão recebendo, facilitando a aceitação ao mesmo, bem como a cooperação da criança na adoção de cuidados de saúde necessários para o reestabelecimento da saúde. Somando-se a isso, o uso de brinquedo auxilia a criança a se preparar para procedimentos invasivos e dolorosos, replicando os cuidados aplicados a si, como curativos, imobilizações com uso de talas, acessos venosos nos brinquedos (ALMEIDA, 2012).

Metodologia

Trata-se do relato de experiência de atividades vivenciadas no projeto de extensão “Aprender/Ensinar Saúde Brincando”. As atividades são realizadas semanalmente, após uma reunião prévia para planejar e organizar o material a ser utilizado. As acadêmicas, depois das combinações iniciais, se encaminham até a Unidade Pediátrica e passam nas enfermarias/quartos, já devidamente caracterizadas com jalecos coloridos, nariz de palhaço e adereços, convidando as crianças e seus acompanhantes para participarem das atividades

na sala de recreação da unidade. Existem ainda reuniões quinzenais do grupo para organizar materiais e o cronograma das atividades juntamente com as coordenadoras do projeto, onde também são discutidas as atividades já realizadas avaliando-as.

As atividades descritas neste resumo foram desenvolvidas por um grupo de cinco acadêmicas durante o primeiro semestre de 2014.

Resultados

Realizou-se diversas atividades, durante o referido período, com as crianças e suas famílias na unidade de internação pediátrica. Uma das atividades foi um teatro com marionetes sobre o tema 'vacinação', realizado a fim de desmistificar alguns conceitos trazendo os benefícios desta, para as crianças. Foi uma atividade bastante divertida e interessante, uma vez que possibilitou a compreensão das crianças acerca da importância da vacinação para a manutenção da saúde e prevenção de doenças. Além disso, a atividade trouxe gratas surpresas como o conhecimento acerca da temática apresentada por uma das crianças participantes, que aos cinco anos já sabia reconhecer os benefícios da vacinação.

Em outro encontro, trabalhou-se o tema 'reciclagem', por meio de desenhos de diferentes produtos que deveriam ser desprezados corretamente nos respectivos lixos, confeccionados com garrafas pet. A atividade foi guiada pelo questionamento acerca do tempo de decomposição dos materiais, da importância do descarte correto e dos efeitos nocivos ao meio ambiente pelo armazenamento incorreto. Esta atividade teve grande envolvimento das crianças, que mostraram compreender a necessidade da reciclagem solicitando inclusive para permanecerem com o material trabalhado, o que demonstra o envolvimento com a atividade realizada.

Além dessas atividades também foram realizadas outras sobre os hábitos de higiene oral e corporal, alimentação saudável, corpo humano, cuidados com os animais domésticos, cuidados com escabiose e com fogos de artifício em festividades. Também foram realizadas atividades relacionadas à copa do mundo, sobre as profissões existentes, e, especialmente em homenagem ao dia das mães, confeccionou-se com as crianças um presente reciclável para as mães. Todas essas atividades foram realizadas utilizando-se gravuras, canções, materiais de reciclagem, massa de modelar, cartazes entre outros, buscando favorecer a

visualização e compreensão das crianças.

O projeto "Aprender/Ensinar Saúde Brincando" é bem aceito pelas crianças e por toda a equipe da unidade, as crianças maiores engajam-se nas brincadeiras e tarefas, enquanto as menores ficam encantadas com os jalecos diferenciados e adereços utilizados pelo grupo, os quais favorecem uma maior interação com este público. Percebe-se que o uso de objetos lúdicos auxilia na interação e confiança das crianças e de sua família para com os profissionais, pois as crianças compreendem que por meio destes as acadêmicas oferecem uma atenção diferenciada, proporcionando uma assistência mais humanizada.

Destaca-se a participação das mães nas atividades desenvolvidas pelo grupo na unidade pediátrica, elas se mostram alegres com a chegada das acadêmicas, sentam-se junto com seus filhos na sala de recreação e motivam os mesmos na elaboração das atividades. O trabalho com as crianças permite aprender a melhor forma de assisti-las possibilitando compartilhar saberes com as crianças e seus familiares. Nas atividades desenvolvidas ao longo do primeiro semestre as expectativas foram sempre superadas pela participação surpreendente e espontânea das crianças, o que é gratificante e estimulante, pois a cada novo encontro, um novo desafio é proporcionado.

Conclusão

Conclui-se que as atividades com o brinquedo terapêutico são extremamente importantes no tratamento hospitalar das crianças, pois proporcionam alegria, confiança e diversão a elas. Além de serem estimulantes para estas também são para os pais que se tranquilizam ao verem seus filhos contentes, amenizando a sobrecarga que a hospitalização infantil impõe à criança e sua família. As crianças também ficam mais confiantes em relação aos profissionais de saúde, favorecendo-se por meio do brinquedo terapêutico uma familiarização entre o ambiente hospitalar e o mundo da criança.

Por fim, ressalta-se que o referido projeto além do significado que tem para as crianças e suas famílias, também proporciona às acadêmicas um grande aprendizado, que ao interagir com as crianças aproximam-se do seu universo e aprendem a prestar assistência à saúde destas de forma simples, efetiva e extremamente gratificante.

Referências

ALMEIDA, FA. O brinquedo na pesquisa em enfermagem pediátrica. Revista da Sociedade Brasileira de Enfermeiros Pediatras, São Paulo, v. 12, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://www.sobep.org.br/revista/component/zine/article/147-o-brinquedo-na-pesquisa-em-enfermagem-peditrica.html>> Acesso em: 28 jul. 2014.

MUSSA, C.; MALERBI, F. E. K. O impacto da atividade lúdica sobre o bem-estar de crianças hospitalizadas. Psicologia: Teoria e Prática, São Paulo. v. 10, n. 2, p. 83-93. 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v10n2/v10n2a07.pdf>> Acesso em 28 jul. 2014.

